DA ASIA

DE

JOÃO DE BARROS

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NO DESCUBRIMENTO, E CONQUISTA DOS MARES, E TERRAS DO ORIENTE.

DECADA PRIMEIRA

PARTE SEGUNDA.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXVII.

INDICE
DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE II.
DA DECADA I.

LIVRO VI.

LIVRO VII.

que

LIVRO VIII.

CAP.

LI-

LIVRO IX.

que

LIVRO X.

DECADA PRIMEIRA.
LIVRO VI.

Dos feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente, em que se contém o que fez o Almirante D. Vasco da Gama, com huma Armada, que o anno de quinhentos e dous partio deste Reyno pera a India.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Manuel, depois que Pedralvares Cabral veio da India, por razão deste descubrimento, e conquista della, tomou o titulo, que ora tem a Coroa deste Reyno de Portugal, e a razão, e causa delle.

NTES que João da Nova viesse desta viagem, que fez á India, (segundo neste precedente livro fica,) per quem ElRey D. Manuel soube como fora recebido nella, e nossas cousas eram acce-

ptas ácerca do Gentio, e Mouros daquellas partes, já defte Reyno no Março paffado de quinhentos e dous era partido D. Vafco da Gama com huma frota de vinte vélas a efta conquifta. Antes da partida do qual teve ElRey muitos confelhos; porque como a fua ida affi poderofamente fe caufou por razão dos trabalhos do mar, e perigos da terra, que Pedralvares Cabral paffou, e por outras coufas que vio, e experimentou na communicação, que teve com os Principes daquellas partes, fizeram todas eftas coufas muita dúvida no parecer de peffoas notaveis defte Reyno, fe sería proveitofo a elle huma conquifta tão remota, e de tantos perigos; peró que algumas deftas peffoas, quando ElRey teve confelho na primeira ida de D. Vafco da Gama, approváram efte defcubrimento, que elle hia fazer, e depois a ida de Pedralvares. Porque neftas primeiras viagens não moftrou o negocio tanto de fi, como com a vinda delles, pofto que a fua informação ainda foi mui confufa, pera o que nas feguintes Armadas fe foube da grandeza daquella conquifta. Porém fómente com as coufas, que Pedralvares paffou, faziam efta differença, dizendo, que huma coufa era tratar fe sería bem defcubrir terra não fabida, parecendo-lhe fer habitada de Gentio tão pacifico, e obediente, como

mo eram de Guiné, e de toda Ethiopia, com que tinhamos communicação, que ſem armas, ou outro algum apercebimento de guerra, per commutação de couſas de pouco valor haviamos muito ouro, eſpeciaria, e outras de tanto preço: e outra couſa era conſultar ſe ſería conveniente, e proveitoſo a eſte Reyno, por razão do commercio das couſas da India, emprender querellas haver per força d'armas. Porque, ſegundo a experiencia moſtrava, e os Mouros defendiam, que as não houveſſemos da mão do Gentio da terra, mais havia de valer ácerca delles grande numero de náos, e muita gente d'armas, que outra mercadoria alguma. E ainda a muitos, vendo ſómente na carta de marear huma tão grande coſta de terra pintada, e tantas voltas de rumos, que parecia rodearem as noſſas náos duas vezes o Mundo ſabido, por entrar no caminho d'ouro novo, que queriamos deſcubrir, fazia nelles eſta pintura huma tão eſpantoſa imaginação, que lhes aſſombrava o juizo. E ſe eſta pintura fazia nojo á viſta, ao modo que faz ver ſobre os hombros de Hercules o Mundo, que lhe os Poetas puzeram, que quaſi a noſſa natureza ſe move com affectos a ſe condoer dos hombros daquella imagem pintada, como ſe não condoeria hum prudente homem em ſua conſideração ver eſte Reyno, (de

que elle era membro,) tomar ſobre os hombros de ſua obrigação hum Mundo, não pintado, mas verdadeiro, que ás vezes o podia fazer acurvar com o grão pezo da terra, do mar, do vento, e ardor do Sol, que em ſi continha: e o que era mais grave, e pezado que eſtes elementos, a variedade de tantas gentes, como nelle habitavam. Porque ainda que a experiencia tinha moſtrado quão grandes trabalhos eram os daquelle caminho, pois de treze náos d'Armada de Pedralvares, as quatro levåram carga de homens pera mantimento dos peixes daquelles mares incognitos que navegáram, as quaes em hum inſtante foram mettidas no profundo do mar, iſto furia foi dos elementos, que tem ſeus impetos a tempo; e como são effectos da natureza que he regulada, levemente ſe evitam os taes perigos, quando os homens tem prudencia pera ſaber eleger o curſo dos temporaes. Peró communicar, converſar, e contratar com gente da India, cujas idolatrias, abuſos, vicios, opiniões, e ſectas, hum Apoſtolo de Chriſto Jeſus per elle enviado, como foi S. Thomé, temeo, e receou ir a ella, ſómente a lhe dar doctrina de paz, e ſalvação pera ſuas almas; como ſe podia eſperar que a noſſa doctrina, ainda que Catholica foſſe, por ſer com mão armada, e não per boca de Apoſtolos, mas de

de homens ſubjectos mais a ſeus particulares proveitos, que á ſalvação daquelle povo Gentio, podia fazer nelles impreſsão, principalmente ácerca dos Mouros, que por razão deſta doctrina Evangelica eram noſſos capitaes imigos; os quaes eram já tantos entre aquelle Gentio, aſſi dos naturaes da terra, a que elles chamam Naiteas, como eſtrangeiros, que não contando os de toda a coſta da India, ſómente começando da Cidade Goa, que eſtará quaſi no meio della té Cochij, que ſerão pouco mais, ou menos cento e vinte leguas per coſta, (ſegundo ſe dizia, e depois ſe ſoube em verdade;) havia mais Mouros que em toda a coſta de Africa, que temos defronte entre a noſſa Cidade Cepta, e Alexandria. A maior parte dos quaes, principalmente os eſtrangeiros, como tinham uſurpado do Gentio d'aquellas partes todo o navegar das eſpeciarias, e comiam eſte fruto dellas, eram feitos tão abſolutos ſenhores de toda a riqueza dos portos de mar, que alguns delles em ſubſtancia de fazenda eram tão podéroſos, que mais levemente podiam fazer huma guerra, e comportar as deſpezas della per muito tempo, do que o podem fazer os Reys de Belez, Tremecem, Ourão, Argel, Bugia, e Tunes, que he a flor de todolos Principes, que tem a coſta de Africa que vizinhamos.

E

E como com a noſſa entrada na India eſtes Mouros tão poderoſos perdiam o trato das eſpeciarias, e commercio, que lhes dava eſte grão poder; todos conjuráram em noſſa deſtruição, e pera iſſo convocavam as adjudas do Gentio da terra, como fizeram per mão do grande Çamorij de Calecut. Outros homens do meſmo conſelho d'ElRey D. Manuel, e peſſoas mui notaveis do Reyno, tambem faziam eſtas conſiderações, e tenteavam eſtas couſas que apontamos; porém contra ellas punham outros bens, que prevaleciam ſobre eſtes temores, os quaes eram a denunciação do Evangelho, ainda que não foſſe per boca dos Apoſtolos, nem per o modo com que elles o denunciavam, porque então aſſi conveio pera gloria de Chriſto no principio da congregação da ſua Igreja; mas o preſente per qualquer modo, e peſſoa Catholica que foſſe, muito havia de accreſcentar no eſtado da Igreja Romana a noſſa entrada na India. E quanto ás contradicções que tinhamos nos Mouros, e Çamorij por parte delles, tambem tinhamos dous Reys pola noſſa mui amigos, e leaes, como eram ElRey de Cochij, e Cananor, e aſſi o Reyno de Coulão; os quaes deſejavam tanto noſſa amizade, que começavam entre ſi contender a quem nos daria carga de eſpeciaria, e nos teria por amigos, por verem logo naquel-

quella primeira ida de Pedralvares Cabral quão proveitoſo lhes era o noſſo commercio, aſſi no que recebiam, como no que davam. E mais, como a ſubſtancia da guerra he o dinheiro, e eſte adjunta náos, artilheria, homens, e toda outra munição dellas, era tamanho o proveito que ſe havia da mão daquelles dous Reys noſſos amigos, por elles ſerem ſenhores da flor della, que deſte grande proveito ſe podiam ſupprir as neceſſidades da guerra, (quando os Mouros a quizeſſem comnoſco,) e mais faria eſte Reyno de Portugal mui rico. Porque foi tamanho o ganho das mercadorias, que foram naquella Armada de Pedralvares, que em muitas couſas com hum ſe fez de proveito no retorno, ſinco, dez, vinte, e trinta até ſincoenta; per experiencia das quaes couſas ficavam todalas outras razões ſubditas a eſte bem de proveito, que ſempre prevaleceo em todo conſelho. Porém as primeiras, nem as ſegundas razões, que aſſima apontámos, que procediam do parecer, e juizo dos homens principaes do Reyno, não tinham no coração d'ElRey D. Manuel tanta parte pera o mover a eſte deſcubrimento, e conquiſta, quanta tiveram as inſpirações de Deos, que o demoviam pera effecto della. E ainda parece que o meſmo Deos permittia as razões, e dúvidas movidas, pera com mais cuida-

do,

do, e providencia ſe proverem as couſas pera eſte deſcubrimento, e conquiſta. Finalmente ElRey ſe determinou, que pois Noſſo Senhor lhe abríra eſte caminho nunca deſcuberto, no qual ſeus anteceſſores tanto trabalháram per continuação de ſetenta e tantos annos, elle o havia de proſeguir; e mais vendo ſer já maior o fruto delle naquella primeira ida de Pedralvares, do que eram os trabalhos paſſados, e temores do que eſtava por vir. Quanto mais que as grandes couſas, (e principalmente eſta, de que toda a Europa ſe eſpantou,) não ſe podiam conſeguir ſenão per muitos, e mui varios caſos, e perigos, dos quaes exemplos o Mundo eſtava cheio, por ſer couſa mui racional, que os grandes edificios pera ſerem perpétuos, e firmes, ſobre profundos alicerces de trabalho ſe fundam. A qual determinação, que foi logo como Pedralvares veio, obrigou tambem a ElRey fazer outra obra de muita prudencia, e de tal animo, como convem aos Principes, que ſe prézam de leixar nome de feitos glorioſos. Nenhum dos quaes ſe póde comparar áquelles, em que a Coroa do ſeu Reyno he augmentada, não per accreſcentamento de rendas delle, nem per ſumptuoſidade de grandes, e magníficos edificios, ou qualquer outra util, e proveitoſa obra, mas per accreſcentamento de algum

no-

novo titulo a ſeu Eſtado. Porque como ácerca dos homens, a que Deos não concede eſta dignidade real, poſto que adquiram muita ſubſtancia de fazenda, e com ella ſe façam poderoſos em edificar, plantar, e obras mecanicas, que procedem mais da cópia do dinheiro, que da grandeza do animo, e forças do engenho; e em ſua vida, e depois da morte, nenhuma obra, por grande que ſeja, lhes dá mais louvor, que mudar o nome, com que naſcêram, com alguma denotação de honra, ſegundo o Reyno onde vive: aſſi ácerca dos Reys, por muitas couſas que façam, de qualquer genero que ſejam, nenhumas lhes dá maior nome que aquella, pela qual accreſcentáram á ſua Coroa algum juſto, e illuſtre titulo. E he eſte deſejo de creſcer em nome tão natural aos homens de claro entendimento, que té adquirir, e ajuntar dinheiro, o fim delle he pera eſte creſcer em nome; poſto que os meios ás vezes o fazem diminuir, e de todo perder, porque poucas ſe adjunta o muito ſem infamia. Porém como de couſa ſuſpeitoſa fazem os homens eſta differença do dinheiro, na vida he mui accepto, porque ſabem que a elle obedecem todalas couſas; e que não ha monte, por alto que ſeja, a que hum aſno carregado d'ouro não ſuba, como dizia Filippe pai de Alexandre. Mas quando vem á hora da mor-

morte, onde eſte dinheiro já não ſerve, não querem os homens que na chronica de ſua vida, que he a campa de ſua ſepultura, ſe faça menção delle, (poſto que a capella, em que ella eſtá, com elle ſe fizeſſe, e o morgado applicado a ella delle ſe conſtituiſſe.) Sómente querem que naquelle ſummario de todalas honras ſe ponha, e ſe eſcreva algum bom nome de honra, ſe o tiveram na vida, por ſaberem per ſentença daquelle ſapientiſſimo Salamão, que mais val o bom nome, que todalas riquezas da terra. E que iſto aſſi ſeja ácerca do geral dos homens, entre elles, e os Reys ha eſta differença. Os homens como são ſubditos, pera terem nome baſta qualquer obra, com que aprazem a ſeu Rey, porque eſta complacencia lhes póde dar o que elles eſtimam pera ſua ſepultura. Peró os Reys como não tem ſuperior, de quem poſſam receber algum novo, e illuſtre nome pera a campa de ſua ſepultura, que he a chronica do diſcurſo de ſua vida, lançam mão não de obras communs, e poſſiveis a todo homem poderoſo em dinheiro, mas de feitos excellentes, que lhes podem dar titulos, não em nome, mas em accreſcentamento d'algum juſto, e novo eſtado, que per ſi ganháram. Aſſi que fallando propriamente, os homens como são ſubditos, e não Soberanos, toda a honra que ac-

acquirem he nelles nome; e nos Reys, quanto conquiſtarem he nelles titulo. Pois vendo ElRey D. Manuel eſta univerſal regra do Mundo, e que ſeus Anteceſſores ſempre trabalháram per conquiſta dos infieis, mais que per outro injuſto titulo, accreſcentar o de ſua Coroa, e ElRey D. João ſeu Primo como de caminho, por razão da empreza, que eſte Reyno tomou em deſcubrir a India, tinha tomado por titulo Senhor de Guiné; continuando com elle, accreſcentou eſtes tres, *Senhor da Navegação, Conquiſta, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Perſia, e India.* O qual titulo não tomou ſem cauſa, ou acaſo, mas com muita aução, juſtiça, e prudencia; porque com a vinda de D. Vaſco da Gama, e principalmente de Pedralvares Cabral em effecto per elles tomou poſſe de tudo o que tinham deſcuberto, e pelos Summos Pontifices lhe era concedido, e dado. A qual doação ſe fundou nas muitas, e grandes deſpezas, que neſte Reyno eram feitas, e no ſangue, e vidas de tanta gente Portuguez, como neſte deſcubrimento per ferro, per agua, doenças, e outros mil generos de trabalhos, e perigos perecêram. E porque póde ſer que algumas peſſoas não entenderáõ eſte titulo, que ElRey tomou, antes que ſe mais proceda, faremos huma declaração, dizendo, que couſa he titulo, e

que

que direito comprehende em ſi eſte delRey. Eſte nome Titulo, ácerca dos Juriſtas, tem diverſos ſignificados, por ſer hum nome commum, que lhe ſerve de genero, debaixo do qual eſtam muitas eſpecies de couſas, porque ás vezes ſignifica preeminencia de honra, a que chamam Dignidade, como he a do Duque, Marquez, Conde, &c. e outras vezes ſignifica Senhorio de propriedade, donde as meſmas eſcrituras, que cada hum tem de ſua fazenda, ſe chamam Titulos. Porém fallando propriamente, e a noſſo propoſito, Titulo não he outra couſa, ſenão hum ſinal, e denotação do direito, e juſtiça, que cada hum tem no que poſſue, ora ſeja por razão de dignidade, ora por cauſa de propriedade. O uſo dos quaes Titulos, ácerca dos Reys, he hum; e toda outra peſſoa, que vive ſubdita a elles, tem niſſo outro modo: cá o titulo dos Reys não requere mais eſcritura do ditado com que ſe elles intitulam; que ſuas proprias Cartas, quando no principio dellas ſe nomeam, e os homens pera ſe lhes guardar o Titulo de ſua Dignidade, (ſe a tem,) hão de ter eſcritura dos Reys, de cuja mão recebêram a tal honra; e ſe forem propriedades, apreſentaráõ eſcritura donde as houveram. Aſſi que, fallando propriamente, ao Titulo da honra podemos-lhe chamar Dignidade, e ao Titu-

tulo da propriedade Senhorio, per este seguinte exemplo. Este nome Rey tem dous respectos: quando se refere á dignidade Real, denota jurisdicção sobre todos que vivem no seu Reyno; e referido ao Reyno, e não aos vassallos, denota Senhorio, como cada hum o tem sobre as propriedades de sua fazenda, as quaes póde dar, vender, &c. o que elle não póde fazer dos vassallos, fallando conforme a Direito. Assi que quanto a este nome Rey, se havemos de guardar a etymologia do verbo, donde elle procede, que he de reger, propriamente diremos Rey dos Portuguezes, Rey dos Castelhanos, e Senhor de Portugal, Senhor de Castella; e porque per este nome Rey elles se intitulam do melhor subjecto, que he da jurisdicção dos homens, chamam-se Reys, e não Senhores, ou diremos que o fazem, porque nomeando-se por Reys da terra, entende-se que o são dos homens que vivem nella. Isto seja dito quanto á declaração deste titulo de Rey, e Senhor. Conforme ao qual direito, e propriedade de nome, El-Rey D. João o Segundo, (como atrás fica,) se intitulou por Senhor, e não Rey de Guiné, porque sobre os póvos da terra não tinha jurisdicção, e porém teve Senhorio della. Cá ninguem lha defendeo, nem entre os Negros havia demarcação de estados, e pude-

dera-ſe eſta terra conceder ao primeiro occupante, quanto mais a elle, que tinha a doação dos Summos Pontifices, que são Senhores univerſaes pera diſtribuir pelos Fieis da Catholica Igreja as terras que eſtam em poder daquelles, que não são ſubditos ao jugo della. Per o qual modo, e aução ElRey D. Manuel tambem ſe chamou Senhør da Conquiſta, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Perſia, e India, porque, (como já repetimos per vezes,) os Summos Pontifices tinham concedido a eſte Reyno tudo o que deſcubriſſem do Cabo Bojador, té a Oriental Plaga, em que ſe comprehendia toda a India, Ilhas, mares, portos, peſcarias, &c. ſegundo mais compridamente ſe contém nas proprias doações. E como elle neſte deſcubrimento, que mandou fazer per D. Vaſco da Gama, e Pedralvares Cabral, deſcubrio tres couſas, as quaes nunca nenhum Rey, nem Principe de toda a Europa cuidou, nem tentou deſcubrir; deſtas tres, que eram as eſſenciaes de todo Oriente, quiz tomar titulo. Deſcubrio Navegação de mares incognitos, per os quaes ſe navega deſtas partes de Portugal pera aquellas Orientaes da India: tomou poſſe deſte caminho da navegação per o titulo della: deſcubrio terras habitadas de Gentio idólatra, e Mouros hereticos, pera ſe poderem

con-

conquiſtar, e tomar das mãos delles, como de injuſtos poſſuidores, pois negam a gloria que devem a ſeu Creador, e Remidor, intitulou-ſe por Senhor dellas: deſcubrio o commercio das eſpeciarias, as quaes eram tratadas, e navegadas per aquelles póvos infieis, per o meſmo modo; pois era Senhor do caminho, e da conquiſta da terra, tambem lhe convinha o Senhorio do Commercio della. Pera os quaes titulos não houve miſter mais eſcritura que a primeira doação Apoſtolica, e trazellos elle em ſeu ditado, quanto mais que ao preſente já são confirmados per o Direito de *Uſucapionis*, (como dizem os Juriſtas,) de mais de ſincoenta e tantos annos de poſſe, ſegundo ſe verá no proceſſo deſta noſſa hiſtoria per eſte modo. Quanto á Navegação, foi ſempre tão grande a potencia de noſſas Armadas naquellas partes Orientaes, que por ſermos com ellas ſenhores dos ſeus mares, quem quer navegar, ora ſeja Gentio, ora Mouro, pera ſegura, e pacificamente o poder fazer, pede hum ſalvo conducto aos noſſos Capitães que lá andam, ao qual elles commummente chamam Cartaz; e ſe eſte infiel he achado, não ſendo dos lugares onde temos fortalezas, ou que eſtam em noſſa amizade, com juſto titulo o podemos tomar de boa guerra. Porque ainda que per direito com-

mum

mum os mares são communs, e patentes aos navegantes, e tambem per o meſmo direito ſomos obrigados dar ſervidão ás propriedades, que cada hum tem confrontadas comnoſco, ou pera que lhe convenha ir, por não ter outra via pública, eſta lei ha lugar ſómente em toda a Europa, ácerca do povo Chriſtão; que como por Fé, e Baptiſmo eſtá mettido no gremio da Igreja Romana, aſſi no governo de ſua policia ſe rege pelo Direito Romano. Não que os Reys, e Principes Chriſtãos ſejam ſubditos a eſte direito imperial, principalmente eſte noſſo Reyno de Portugal, e outros, que são immediatos ao Papa per obediencia, e não por ſerem feudatarios, mas acceptam eſtas leis em quanto são juſtas, e conformes á razão, que he madre do Direito. Peró ácerca dos Mouros, e Gentios, que eſtam fóra da Lei de Chriſto Jeſus, que he a verdadeira que todo homem he obrigado ter, e guardar, ſobpena de ſer condemnado a fogo eterno, quem no principal, que he alma, eſtá condemnado, a parte que ella anima não póde ſer privilegiada nos beneficios das noſſas leis, pois não são membros da Congregação Evangelica, poſto que ſejam proximos por racionaes, e eſtam, em quanto vivem, em potencia, e caminho pera poderem entrar nella. E ainda conformando-nos com o meſmo

Di-

Direito commum, não fallando neftes Mouros, e Gentios, que tem perdida efta aução por não receberem noffa Fé, mas qualquer membro della não pode pera aquellas partes Orientaes pedir fervidão, porque ante da noffa entrada na India, com a qual tomámos poffe della, não havia algum que lá tiveffe propriedade herdada, ou conquiftada; e onde não ha aução precedente, não ha fervidão prefente, ou futura. Porque como todo acto, pera fe continuar per muito tempo, requere principio natural; affi as auções pera ferem juftas, dependem de hum principio de precedente juftiça, que no Direito Commum he hum centro univerfal, a que hão de concorrer todolos actos dos homens, que vivem fegundo a Lei de Deos. Quanto ao titulo da Conquifta, hoje per ella são mettidos na Coroa defte Reyno eftes Reynos, Çofala, Quiloa, Mombaça, Ormuz, Goa, Malaca, Maluco com todalas Ilhas do feu eftado, e os Senhorios da Cidade Dio, e Baçaim, com todas fuas terras, que são do Reyno de Cambaya, e adiante Chaul, Baticalá, em todalas quaes partes temos noffas fortalezas com Officiaes, e Miniftros do governo da terra. Peró ao prefente temos leixado Quiloa, e Mombaça, por ferem partes mui doentias, cuftofas, e fem fructo, como leixámos a

 Ilha

Ilha Çocotorá, e Anchediva por não ferem neceſſarias. E aſſi temos tambem outras muitas terras, poſto que não ſejam intituladas em Reynos, cujos portos eſtam á noſſa obediencia, e recebem noſſas náos com revencia, como ſuas ſuperioras. Do titulo do Commercio, como elle requere duas vontades contrahentes em huma couſa, o qual acto preſuppõe paz, amizade, e obediencia; o teſtemunho que temos da poſſe delle, são quantas náos cada anno vem carregadas daquellas partes a eſte Reyno com muita eſpeciaria, e todo genero de couſas, que ſe nellas produzem, e fazem; iſto he, fallando em geral, que em particular deſte commercio temos uſo per tres modos. O primeiro he, quando ſe faz nas terras, e ſenhorios aſſima nomeados, que houvemos per conquiſta, contratamos com os póvos da terra, como vaſſallo com vaſſallo de hum Senhor, cujos direitos das entradas, e ſahidas são da Coroa deſte Reyno. O ſegundo modo he, termos contractos perpétuos com os Reys, e Senhores da terra de a certo preço nos darem ſuas mercadorias, e receberem as noſſas, aſſi como eſtá aſſentado com os Reys de Cananor, de Challe, de Cochij, de Coulão, e Ceilão, os quaes são ſenhores da flor de toda a eſpeciaria, que há na India. E porém eſte modo de

con-

contractar he sómente ácerca das especiarias, que elles dam aos Officiaes d'ElRey; que alli residem em suas Feitorias pera carga das náos, que vem a este Reyno; e todalas outras cousas, que não são especiaria, estas taes são livres, e commuas pera todo Portuguez, e natural da terra poder tratar; o preço das quaes cousas está na vontade dos contrahentes, sem ser atado, nem taxado a huma justa valia. O terceiro modo, he navegarem nossas náos, e navios per todas aquellas partes, e conformando-nos com o uso da terra, contrahemos com os naturaes della per commutação de huma cousa per outra ao seu preço, e ao nosso. E posto que estes tres titulos, Conquista, Navegação, e Commercio sejam actos em tempo não terminados, e finitos, e em lugar tão grandes, que comprehendem tudo o que jaz do Cabo Bojador té o fim da terra Oriental, &c. e neste anno de quinhentos e hum, ElRey D. Mauuel se intitulou delles, não podia tomar outros mais proprios á justiça, e aução que tinha naquella Oriental propriedade, ao presente salvos elles bem se póde a Coroa deste Reyno intitular destes Reynos, que tem conquistado: Na Ethiopia de Çofala, Quiloa, e Mombaça; e na Arabia, e Persia do grande Reyno Ormuz, cujo estado com muitas Villas,

e Lugares eſtá neſtas duas partes de terra. E na India dos Reynos de Goa, Malaca, e Maluco, com todolos mais ſenhorios; que neſtas quatro Provincias tem navegado, e conquiſtado; e aſſi na Provincia de Sancta Cruz occidental a eſtas, a qual ao preſente ElRey D. João o Terceiro Noſſo Senhor repartio em doze capitanías dadas de juro, e herdade ás peſſoas que as tem, como particularmente eſcrevemos em a noſſa parte intitulada *Sancta Cruz*. Os feitos da qual, por eu ter huma deſtas capitanías, me tem cuſtado muita ſubſtancia de fazenda, por razão de huma Armada, que em praçaria de Aires da Cunha, e Fernão Dalvares d'Andrade Theſoureiro mór deſte Reyno, todos fizemos pera aquellas partes o anno de quinhentos trinta e ſinco. A qual Armada foi de novecentos homens, em que entravam cento e treze de cavallo, couſa que pera tão longe nunca ſahio deſte Reyno, da qual era Capitão mór o meſmo Aires da Cunha; e por iſſo o principio da milicia deſta terra, ainda que ſeja o ultimo de noſſos trabalhos, na memoria eu o tenho mui vivo, por quão morto me leixou o grande cuſto deſta Armada, ſem fructo algum.

CA-

CAPITULO II.

Como o Almirante D. Vaſco da Gama partio deſte Reyno o anno de quinhentos e dous com huma grande frota: e o que paſſou neſte caminho té chegar a Moçambique.

POr as cauſas, que atrás apontámos, com que ſe ElRey D. Manuel determinou proſeguir o deſcubrimento, e conquiſta da India, e tomar os titulos della, quiz neſte anno de quinhentos e dous mandar vinte vélas, ſinco dellas haviam de ficar d'Armada na India em favor de duas Feitorias, huma em Cananor, outra em Cochij, que haviam de eſtar em terra com Officiaes a ellas ordenados, por cauſa da amizade, e commercio, que eſtes dous Reys deſejavam ter com elle, como lhe enviáram dizer per ſeus Embaixadores, que Pedralvares Cabral trouxe. E além deſtas ſinco vélas ficarem pera favor deſtas duas Feitorias, tambem no verão alguns mezes haviam de ir guardar a boca do eſtreito do mar Roxo, pera defender que não entraſſem, e ſahiſſem per elle as náos dos Mouros de Méca, que eram aquelles, que maior odio nos tinham, e que mais impediam noſſa entrada na India, por cauſa de trazerem entre as mãos o maneio

das

das especiarias, que vinham a estas partes da Europa per via do Cairo, e Alexandria. A capitanía mór das quaes vélas deo ElRey a Vicente Sodré tio de D. Vasco da Gama, irmão de sua mãi; e os outros Capitães, que haviam de andar com elle, eram Braz Sodré seu irmão, e Alvaro de Taíde natural do Algarve, e Fernão Rodrigues Badarças d'alcunha, filho de Ruy Fernandes d'Almada, e Antonio Fernandes, o qual posto que logo daqui não fosse em navio, em Moçambique lhe havia de ser dada huma caravela, que se alli havia de armar, da qual a madeira hia daqui lavrada, como se fez. E por razão que esta Armada havia de ficar na India pera este fundamento que ElRey fazia, quiz que partisse diante das outras quinze vélas, que aquelle anno tambem hiam. Pedralvares Cabral, a quem ElRey tinha dada a capitanía mór de toda esta Armada, quando vio este apartamento de vélas, e ainda o Regimento, que ElRey dava a Vicente Sodré, em modo que quasi o fazia izento delle, não ficou contente. E como elle era homem de muitos primores ácerca de pontos de honra, teve sobre este negocio alguns requerimentos, a que ElRey lhe não satisfez. Finalmente elle não foi, e a Armada toda deo ElRey a D. Vasco da Gama, com o qual juntamente partio Vi-

cen-

cente Sodré, que levava a ſucceſsão delle; e porque ao tempo da ſua partida outras ſinco vélas não eram de todo preſtes, ficáram, e partíram o primeiro dia d'Abril, a capitanía mór das quaes levou Eſtevão da Gama, filho d'Aires da Gama, e primo com irmão delle D. Vaſco da Gama. E os Capitães, que hiam debaixo de ſua bandeira, eram Lopo Mendes de Vaſconcellos filho de Luiz Mendes de Vaſconcellos, Thomaz de Carmona, Lopo Dias criado de D. Alvaro irmão do Duque de Bragança, e João de Bonagracia Italiano. E os Capitães, que partíram a dez de Fevereiro juntamente com D. Vaſco da Gama, eram D. Luiz Coutinho, filho de D. Gonçalo Coutinho, d'alcunha Ramiro o ſegundo Conde de Marialva: Franciſco da Cunha das Ilhas terceiras, João Lopes Pereſtrello, Pedraffonſo d'Aguiar filho de Diogo Affonſo d'Aguiar: Gil Matoſo, Ruy de Caſtanheda, Gil Fernandes, Diogo Fernandes Correa, que hia por Feitor pera ficar em Cochij, e Antonio do Campo. E ſómente eſte, de todas eſtas vinte vélas, aquelle anno não foi á India, do qual ao diante faremos relação. E antes de partir eſta frota, eſtando ElRey em Lisboa, a trinta de Janeiro foi ouvir Miſſa á Sé, e depois de acabada, com ſolemne falla, relatando os meritos de D. Vaſco da

Ga-

Gama, o fez Almirante dos mares de Arabia, Perſia, India, e de todo o Oriente. No fim do qual acto ElRey lhe entregou a bandeira do cargo que levava, e dahi foi levado per todolos principaes Senhores, e Fidalgos, que eram preſentes, com grande pompa té o cais da ribeira, onde embarcou. Partido de reſtello, fazendo ſua derrota via do Cabo Verde, o derradeiro dia de Fevereiro ſurgio no roſto delle, onde os noſſos chamam Porto Dale, no qual eſteve ſeis dias fazendo ſua aguada, e alguma peſcaria, e alli veio ter com elle huma caravela, que vinha da Mina, de que era Capitão Fernando de Montaroyo, o qual trazia duzentos e ſincoenta marcos d'ouro todo em manilhas, e joias, que os Negros coſtumam trazer. O Almirante, porque levava comſigo Gaſpar da India, que elle tomou em Anchediva, e aſſi os Embaixadores d'ElRey de Cananor, e d'ElRey de Cochij, quiz-lhe dar moſtra delle; não tanto pola quantidade, quanto porque o viſſem aſſi, como vinha por lavrar, e ſoubeſſem ſer ElRey D. Manuel Senhor da Mina delle, e que ordinariamente em cada hum anno lhe vinham doze, e quinze navios, que traziam outra tanta quantidade. A' viſta do qual ouro houveram eſtes Indios por tão grande couſa, que vieram deſcubrir a D. Vaſco da

Ga-

Gama huma prática, que em Lisboa tiveram com elles huns Venezeanos, em que lhe fizeram crer que as cousas deste Reyno de Portugal eram bem differentes do que elles viam naquella somma d'ouro; e o caso foi per esta maneira. Ao tempo que esta Armada da India se fazia em Lisboa prestes, estava nella hum Embaixador dos Venezeanos, homem nobre, e prudente, a vinda do qual a este Reyno era pedirem elles a ElRey D. Manuel ajuda contra o Turco, que lhe tinha tomado Modon, e procedia na guerra contra elle, de que se esperava poder sobrevir grão damno á Christandade, o qual soccorro lhe elle mandou, segundo escrevemos em a nossa Africa. E como este negocio do commercio das especiarias era huma grão parte de que o estado de Veneza se sustentava, vendo estes Embaixadores da India em Lisboa, ou per mandado do Embaixador Venezeano, ou per qualquer outro modo que fosse, alguns familiares seus, mostrando curiosidade de querer saber as cousas da India, foram fallar com elles. Tendo secretamente prática sobre o tracto da especiaria, assi os induziam, que lhes fizeram crer que o Embaixador de Veneza era vindo a este Reyno a dar adjutorio de dinheiro, e mercadorias pera se fazer aquella Armada, em que elles haviam de tornar

pe-

pera a India; porque este Reyno de Portugal era mui pequeno, e pobre, e não se atrevia a tamanho negocio, como era o tracto da especiaria, e a senhoria de Veneza era a maior potencia de toda a Christandade; a qual senhoria desque houve tracto no Mundo, sempre negociára com os Mouros do Cairo, que traziam esta especiaria pelo mar Roxo do Reyno de Calecut, e de toda a costa Malabar, donde elles eram naturaes. Que o sinal desta verdade elles o podiam lá ver, e saber, porque quanta moeda d'ouro os Mouros levavam pera a compra della, tudo eram ducados Venezeanos; e as sedas escarlatas com todalas outras policias, que estes Mouros levavam da mão dos Venezeanos, se havia em os portos de Alexandria, e Barut, onde elles mandavam suas náos a fazer com os Mouros commutação destas cousas com a especiaria que alli traziam. Que se espantavam muito como os Reys, e Principes d'aquellas partes leixavam de contractar com os Mouros, como té li fizeram, pois per elles podiam haver todalas cousas, que a Senhoria de Veneza tinha per modo tão pacífico, como sempre usáram. O qual modo elles eram testemunha não terem os Portuguezes; porque como eram homens de guerra, e não usados na mercadoria, todo o seu negocio per este no-

novo, e comprido caminho, que tinham descuberto, havia de ser á força de armas, e trabalharem por destruir os Mouros d'aquellas partes, por serem seus capitaes imigos nestas Occidentaes de Africa, por andarem em contínua guerra com elles. Finalmente per este modo assi enchêram os Venezeanos as orelhas dos Embaixadores, que levavam elles maior opinião do estado de Veneza que deste Reyno, e que o mais d'aquella Armada era adjudas desta grande Senhoria. Peró quando elles víram o ouro, que lhe o Almirante D. Vasco da Gama amostrou, ainda que não era muito em pezo, como vinha em manilhas, e joias parte delle, e outro assi como nasce, fazia tão grande volume, que houveram elles que Portugal em ter aquella Mina era mais poderoso, e rico, que todolos Reys da India, porque nella principalmente em todo o Malabar não ha ouro, e todo lhe vai de fóra. O Almirante, porque ElRey D. Manuel soubesse gratificar ao Embaixador de Veneza, que ficava em Lisboa, esta informação, que os seus deram a estes Indios, per o mesmo Capitão Fernão de Montaroyo lho escreveo. E acabada de fazer sua aguada, hum Domingo seis de Março com a maior parte da gente sahio em huma Ilha, a que chamam Palma, pegada no porto de Bezeguiche, onde ou-

vio

vio Miſſa, e prégação, e ao ſeguinte dia ſe fez á véla, fazendo ſua viagem. Na qual té o parcel de Çofala teve alguns temporaes, que lhe deſapparelháram algumas náos; e chegado áquelle parcel na paragem della, mandou a Vicente Sodré ſeu tio que ſe foſſe a Moçambique com todalas náos groſſas, em quanto elle hia dar huma viſta a Çofala com quatro navios pequenos, por lho ElRey mandar em ſeu Regimento. Na qual ida elle Almirante não fez mais que algum reſgate de ouro com os Mouros, que eſtavam na povoação: por iſſo a relação das couſas deſta terra leixamos pera outro lugar, e continuamos com Vicente Sodré, que chegou a Moçambique, onde armou huma caravela, de que a madeira hia de cá lavrada, a qual quando o Almirante chegou a Moçambique, que foi a quatro de Junho, achou já quaſi de todo acabada, havendo quinze dias que Vicente Sodré era chegado.

CAPITULO III.

Como partido o Almirante de Moçambique, foi ter á Cidade Quiloa, onde se vio com o Rey della, e o fez tributario, e dahi se partio pera a India, onde ante de chegar a Cananor, tomou a náo Merij do Soldão do Cairo.

O Almirante D. Vasco da Gama, depois que chegou a Moçambique, deo pressa a se lançar ao mar a caravela, que estava armada, e fez Capitão della a João Serrão, hum cavalleiro da casa d'ElRey. E em quatro dias que se alli deteve, por algumas náos fazerem agua pelo costado, lhe mandou dar pendor, e tambem assentou paz com hum Xeque da povoação, que já era outro, e não aquelle, com quem tinha passado o que atrás fica, quando descubrio aquelle caminho. Na mão do qual achou huma carta de João da Nova, em que dava conta a qualquer Capitão que per alli passasse do que lhe acontecêra per toda aquella costa, e na India, dando-lhe aviso de algumas cousas. Por razão da qual Carta, o Almirante leixou na mão do Xeque huma pera Estevão da Gama, que partíra deste Reyno com sinco náos, e ainda não era chegado; e outra pera Luiz Fernandes, e An-

e Antonio do Campo, dous Capitães, que antes de chegar ao Cabo das Correntes, com hum temporal que alli teve, se apartáram delle Almirante, nas quaes cartas dava Regimento a todos do que haviam de fazer, que era differente do que lhe dera antes que partisse deste Reyno, e isto por causa dos que achou na carta de João da Nova. Feitas estas cousas, partio-se pera Quiloa, onde chegou a doze de Julho, a qual Cidade ficou assombrada, vendo o terror com que o Almirante entrou, por ser tudo fogo, e hum contínuo torvão da artilheria; porque como o Rey desta Cidade estava mui izento, e com Pedralvares Cabral, e João da Nova tinha usado de cautelas de muita maldade que nelle havia, quiz o Almirante entrar com este furor pelo assombrar. E posto que tambem com elle quizera andar em dilações, em quanto mettia dentro na Ilha gente pera se defender; o Almirante lhe não deo tempo pera usar destes seus modos; cá teve com elle outros de mais conclusão, com que o fez vir á praia, e se metteo em hum batel com sinco homens principaes a lhe fallar aos bateis, em que o Almirante já vinha pera sahir em terra, e metter a Cidade a fogo, e sangue. Ao qual Rey, per nome Habrahemo, o Almirante fez mais gazalhado, e hon-

honra do que elle merecia, pelo que tinha feito aos Capitães passados, e por quão revel fora em querer vir alli. Finalmente o Almirante lhe deo huma carta d'ElRey D. Manuel; sobre ella tratou com elle, que se fizesse seu vassallo pera ficar em sua amizade, e debaixo de sua protecção com tributo de quinhentos miticaes de ouro, pezo que amoedado podiam ser da nossa moeda quinhentos oitenta e quatro cruzados, isto mais em sinal de obediencia, que por a quantidade delle. Em retorno do qual, o Almirante lhe mandou huma Patente em nome d'ElRey D. Manuel, em que relatava acceptallo por vassallo com aquelle tributo, promettendo de o defender, e amparar, &c. e mais lhe mandou huma bandeira das Quinas Reaes deste Reyno, como sinal da honra da vassallagem que recebia; e algumas peças pera sua pessoa. A qual bandeira foi arvorada em huma aste, e levada em hum batel acompanhada de outros com muita gente vestida de festa, e trombetas, e ElRey a veio receber á praia, fazendo-lhe reverencia, como quem reconhecia aquelle sinal de sua protecção. E tomada per suas proprias mãos, a levou hum bom pedaço; e de si a entregou a hum Mouro dos principaes, o qual andou per toda a Cidade, e o povo trás elle bradando *Portugal, Portu-*

tu-

tugal, e per derradeiro foi poſta á viſta das noſſas náos em huma torre das caſas d'ElRey. Acabado eſta ſolemnidade, eſpedio-ſe o Almirante delle, e aſſi de Mahamede Enconij, que foi parte mui principal pera ElRey vir áquella obediencia, e o Almirante folgou muito de o ver, por quão fiel amigo ſempre ſe moſtrou aos Capitães que alli foram. E poſto que elle Almirante, depois que partio deſta Cidade Quiloa, levaſſe determinado de paſſar per Melinde pera ver ElRey, e lhe gratificar o gazalhado, que delle recebeo, quando per alli paſſou, eram tão grandes as correntes que o eſcorreo, e foi tomar huma enſeada abaixo, que ſería de Melinde oito leguas. ElRey, quando ſoube que elle eſtava alli, eſcreveo-lhe huma carta per mão de Luiz de Moura, que era hum dos degredados, que Pedralvares alli leixou, e elle lhe reſpondeo, dizendo a cauſa de ir ter áquella parte, não trazendo couſa que mais deſejaſſe ver que ſua peſſoa; mas pois o tempo lhe não deo lugar, quando embora tornaſſe da India, eſperava em Deos de o ter melhor pera ſe ver com elle. Partido o Almirante daquella enſeada, atraveſſou o grão golfão caminho da India, no qual foi dar com elle Eſtevão da Gama com tres náos; e depois que chegáram á Ilha de Anchediva, vieram as mais
de

de toda aquella Armada, sómente Antonio do Campo, que não passou aquelle anno á India. E nesta Ilha convalesceo toda a gente que levava enferma, e dahi se foi lançar ao monte Delij, por ser hum Cabo mui notavel, que está no principio da costa Malabar. Na qual parte ordenou suas náos, huma em vista d'outra, começando no rosto do Cabo, té quinze leguas ao mar, porque não passasse véla alguma sem ser vista, e per outros navios pequenos mandou correr toda a costa daquella paragem. E como achavam té hum barco, era logo levado ante elle Almirante a dar razão de si; a maior parte dos quaes, que alli foram tomados, por serem de Cananor, mandou soltar, e aos de Calecut reter por causa de ser nosso imigo. ElRey de Cananor tanto que soube parte destas obras, que elle andava fazendo tão vizinhas ao seu porto, o mandou visitar, e assi lhe escrevêram os nossos, que lá estavam com elle, dando-lhe novas do estado da terra, aos quaes elle respondeo, e a ElRey de Cananor, dando-lhe agradecimento pelo bom tratamento delles. Tambem nestes dias que alli andou, respondeo a certos mercadores de Calecut, que lhe escrevêram per mão de hum Portuguez chamado Fernão Gomes, que era dos cativos que lá ficáram do tempo de Pedralva-

res, e a reſpoſta foi mui differente do que elles eſperavam. Porque a ſubſtancia da carta, que elles eſcrevêram, era eſpantarem-ſe como elle tratava mal as couſas de Calecut, o qual eſtava com grande deſejo de o receber pera aſſentar paz, amizade, e commercio da maneira que elle quizeſſe, por terem ſentido que o Çamorij nenhuma couſa mais deſejava; e elle Almirante reſpondeo-lhe, que ainda não fizera couſa contra Calecut igual á maldade, que commettêra na morte, e roubo dos Portuguezes; e que té não haver emenda diſto, elle não cumpria o que ElRey D. Manuel ſeu Senhor lhe mandava fazer ſobre iſto. Que eſtas novas podiam dar ao ſeu Çamorij, em quanto lhe não mandava outras ácerca de algumas náos de Méca, que elle alli andava eſperando, e a primeira ſería a chamada Merij, tão eſperada de todos. Paſſados alguns dias, nos quaes ſempre o Almirante teve que fazer em dar audiencia a Mouros, que lhe levavam eſtes navios, que andavam ao longo da terra, veio-lhe cahir na mão huma náo, que elle eſperava, de que tinha nova per algumas perguntas, que fazia a eſtes Mouros, que, ſegundo lhe tinham dito, era do Soldão do Cairo, Capitão, e Feitor hum Mouro per nome Joar Fiquim, a qual, partida de Calecut carregada de eſpeciaria, e

por

por ſer mui grande, e ſegura, foram nella muitos Mouros honrados em romaria á ſua abominação de Méca, e tornava com eſtes romeiros, e tambem carregada de muita riqueza. O Almirante como vio, que o navio Capitão Gil Matoſo a tinha rendido, por vir dar primeiro com elle quaſi á viſta de todos, metteo-ſe em o batel grande da ſua náo com o Feitor Diogo Fernandes Correa, Diogo Godinho, e Diogo Lopes Eſcrivães, e foi-ſe ao navio de Gil Matoſo, porque o tempo acalmou, e não podia vir a elle. E tanto que foi em o navio, per o batel mandou vir ante ſi o Capitão da náo, e os principaes mercadores della, a que fez algumas perguntas, entre as quaes foi ſaber que cabedal traziam pera empregar em eſpeciaria; e levemente ſem os forçar muito, diſſe, que ſe tornaſſem á náo, e que as couſas de pouco volume, que traziam pera eſte emprego, que lhas trouxeſſem. Os Mouros parecendo-lhes que iſto era huma honeſta maneira, que o Capitão tinha de lhe pedir alguma couſa, aſſentáram terem feito hum grande ſizo em ſe render ao navio, porque com algum preſente que levaſſem ao Capitão mór acabariam tudo: cá ſe elles preſumíram o que depois paſſou, caro houvera de cuſtar ſua entrega. Finalmente tornados ante o Almirante com huma ſomma de dinheiro amoe-

dado em ouro, e alguma prata lavrada, brocados, ſedas, que tudo poderia valer té doze mil cruzados, mandou elle Almirante entregar tudo ao Feitor; e elles que ſe tornaſſem á ſua náo, que ao outro dia os deſpacharia por ſer já mui tarde. Quando veio a manhã, que as náos da frota eſtavam já ahi juntas derredor deſta, que todos andavam eſperando, entrou o Almirante com algumas peſſoas nella, e mandou-lhe tirar ſobre a cuberta mais fazenda, e entregalla a Diogo Fernandes; e depois que per eſte modo não pode haver mais dos Mouros, tornou-ſe á ſua náo S. Jeronymo. E vindo pera ſe pôr ao longo do coſtado da náo dos Mouros, e mandar baldear della na ſua toda a fazenda que trazia, per deſaſtre ficou hum criado delle Almirante entalado entre os coſtados das náos, de que morreo, com que elle houve tanto pezar, que ſe affaſtou da náo, e mandou a Eſtevão da Gama, e ao Feitor Diogo Fernandes Correa que a levaſſem mais ao pégo por não fazer nojo ás noſſas vélas, e depois que lhe fizeſſem baldear quanta fazenda trazia, lhe puzeſſem o fogo. Haveria neſta náo duzentos e ſeſſenta homens de peleja, e mulheres, e meninos mais de ſincoenta; os quaes Mouros, em quanto lhe tomáram a fazenda, e armas, vendo tanta náo derredor de ſi, ſoffrê-

frêram o que té alli lhes foi feito. Peró quando elles víram que os bateis das noſſas náos eſtavam em torno da ſua, poendo-lhes fogo, que era perigo da vida, e não damno da fazenda, determinados de morrer, como cavalleiros, com algumas armas que eſcondêram, e ás pedradas fizeram apartar os bateis. A eſte tempo hum dos noſſos navios, que andava em vigia de outras náos, vinha á véla demandar a náo capitania; e quando vio os bateis andar derredor deſta náo, veio inveſtir com ella. Mas como o navio era pequeno, e a náo mui grande, e os Mouros não faziam já conta das vidas, e queriam morrer vingados, em o navio chegando, ſaltáram no caſtello davante, mettendo-ſe tão rijo com os noſſos, que os fizeram recolher aos caſtellos da popa grão parte delles, de que feríram muitos, e matáram tres, ou quatro. Na qual entrada havendo elles algumas armas dos noſſos, peró que andavam mui feridos, a furia os trazia tão vivos, que lhe houvéra de ficar o navio em poder. Porém ſobreveio a náo Julioa Capitão Lopo Mendes de Vaſconcellos, com que os Mouros ſe recolhêram á ſua náo, e em eſta de Lopo Mendes, prepaſſando per ella, cuidando que a afferrava, lançáram-lhe dentro huma chuva de pedras, que lhe eſcalavrou muita gente. O Almi-

mirante, que eſtava de largo, vendo como eſta náo eſpedia de ſi os que chegavam a ella, paſſou-ſe ao navio S. Gabriel de Gil Matoſo, e chegando a ella, achou que a tinha afferrado D. Luiz Coutinho com a ſua náo Lionarda, ao qual ſe elle paſſou, donde pelejáram tanto com ella, matando-lhe muita gente, té que a noite apartou a peleja. Quando veio ao outro dia, ainda com muito trabalho, e perigo dos noſſos, a poder de fogo acabáram com ella, e ſómente deſte incendio, por lhe quererem dar vida, mandou o Almirante recolher vinte e tantos meninos, e hum Mouro corcovado, que era Piloto, os quaes meninos elle mandou fazer Chriſtáos. E porque no feito deſta náo, Antonio de Sá moço da camara d'ElRey D. Manuel, foi o primeiro que entrou nella, e fez como homem de ſua peſſoa que elle era, o armou Cavalleiro.

CA-

CAPITULO IV.

Como o Almirante se recolheo pera Cananor, e das vistas que houve entre elle, e ElRey: e depois sobre o assentar o preço das especiarias, se partio pera Cochij desavindo delle, e o que sobre isso succedeo.

ACabando o Almirante de se desapressar desta náo, que era a principal cousa que o fazia andar naquella paragem pola fama que tinha della, assi de sua riqueza, (da qual elle houve mui pouca em comparação do que trazia,) como dos Mouros de Calecut, que vinham nella, recolheo-se dentro no porto de Cananor, onde, depois que foi visitado d'ElRey per recados, assentou com elle, que se vissem em huma ponte tão mettida dentro no mar, que pudesse elle Almirante estar em huma caravela, e elle na ponte praticando ambos. Feita esta ponte, e assentado o dia destas vistas, sahio o Almirante das náos na sua caravela toldada de veludo verde, e roxo, com muitas bandeiras de seda, e per derredor todolos bateis tambem embandeirados, e nelles, e na caravela a mais limpa gente da Armada, e em guarda de sua pessoa vinha outra caravela, que tudo era artilheria, e gente armada, porque quem olhas-

olhasse pera a galanteria das cores dos vestidos, tambem visse reluzir armas, e se ouvisse trombetas, ouviria bombardas. ElRey como soube que o Almirante D. Vasco da Gama partia das náos com este apparato, tambem por lhe mostrar o seu, sahio de suas casas, que estavam a hum cabo da povoação, tomando ao longo da praia pera lhe verem os nossos sua pompa. Diante do qual vinha muita gente solta, cujo officio nas taes cousas he poer-se onde melhor possa ver, e detrás deste povo vinham dous Elefantes adestrados per dous Indios, que de sima delles em modo de porteiros faziam affastar a gente, leixando hum grande terreiro ante a pessoa delRey. E de quando em quando remettiam os Elefantes ao cardume dos homens, como que os queriam fazer apartar; e em modo de prazer, tomavam hum com a tromba, e andava volteando com elle no ar, e per derradeiro o lançavam em sima da outra gente. ElRey vinha em hum andor dos que elles usam, ás costas de certos homens, mui bem vestidos a seu modo com pannos de seda, e per sima o cubriam tres, ou quatro sombreiros de pé de copa de hum grande esparravel, que faziam sombra, não sómente á pessoa d'ElRey, mas ainda aos homens, que o traziam aos hombros. Outros traziam huns

abanos altos com que abanavam, como quem lhe queriam refrescar o ar per onde passava; e junto delle vinha hum homem, que lhe trazia hum vaso de prata dourado a modo de cópa pera lançar a seiba, que fazem do batel, que o mais do tempo andam remoendo entre os dentes, cousa entre elles mui costumada, do qual em os Livros do nosso Commercio no Capitulo deste batel mui particularmente tratamos delle, e deste uso geral daquellas partes. Toda a outra gente, que acompanhava ElRey, vinha posta em ordenança, parte detrás, e parte diante, os quaes seriam quatro mil homens de espada, e adarga, e delles alguns por festa em boa ordem se sahiam do fio do seu lugar, e jogavam de esgrima mui leve, e soltamente, quasi ao som dos instrumentos, que traziam pera animar o furor da guerra, como vemos usar na Ordenança dos Soiços nesta nossa Europa. Posto cada hum em seu lugar, ElRey no cadafalso da ponte, e o Almirante na popa da caravela, tão chegados hum a outro, que parecia estar em hum mesmo assento, fallá-ram hum pedaço per meio de seus Interpretes. Na qual prática não houve mais que offerecimentos de parte a parte, e apresentar hum ao outro o que traziam pera se darem, segundo o uso da terra. ElRey co-

mo

mo era homem, que parecia de ſeſſenta annos, debilitado em ſuas carnes, e mui eſcrupuloſo em ſua religião, por ter huma certa dignidade ácerca dos Bramanes, a quem ſob grave excommunhão he defezo tocar-ſe com outra gente por averem que he profana, e ſobre tudo mui temeroſo das noſſas armas, e medos, que lhe os Mouros faziam ter de nós, eſpedio-ſe do Almirante, dizendo, que como homem velho já não podia ſoffrer a grande calma, que lhe perdoaſſe, que ſe queria recolher. Que quanto ao negocio do trato da eſpeciaria, elle mandaria logo ao outro dia os ſeus Officiaes, e aſſi os principaes mercadores da terra pera eſtarem com elle niſſo, e que tudo ſe faria, pera que ElRey de Portugal ſeu irmão foſſe ſervido: e ſem mais prática ElRey ſe recolheo a ſeus Paços na ordem em que veio, e o Almirante pera as náos, dando tambem ſua moſtra. Tanto que paſſáram eſtas viſtas, quiz o Almirante eſcrever ao Çamorij por lhe confundir ſeus propoſitos, e artificios, dando modo como os mercadores de Calecut lhe eſcreveſſem a carta, que ante da tomada da náo Merij elles lhe eſcrevêram, moſtrando ſer feita ſem o Çamorij o ſaber. A ſubſtancia da qual era denunciar-lhe elle Almirante como ficava naquelle porto delRey de Cananor; e por

quanto elle tinha mandado dizer a alguns ſeus naturaes, que lhe eſcrevêram, andando naquella paragem de Cananor, que como acabaſſe huma obra que alli tinha por fazer, logo lhe havia de mandar recado della; a obra era ter queimada a náo Merij do Soldão, e que aquelle Mouro portador da carta, que fora Piloto della, lhe daria razão do caſo. E porque per ventura elle não contaria todalas novas, lhe fazia ſaber, que de duzentos e ſeſſenta homens que vinham nella, ſómente áquelle mandou dar vida, e a vinte e tantos meninos. Os homens foram mortos á conta dos quarenta e tantos Portuguezes, que matáram em Calecut; e os meninos foram baptizados á conta de hum moço, que os Mouros leváram a Méca a fazer Mouro. Que iſto era huma moſtra do modo, que os Portuguezes tinham em tomar emenda do damno que recebiam, que o mais ſería na propria Cidade Calecut, onde elle eſperava ſer mui cedo. Dada eſta carta ao Mouro, que o Almirante mandou veſtir de cores, foi levado per Pedraffonſo d'Aguiar Capitão da náo S. Pantalião, que o poz em Pandarane, que era perto de Calecut; o qual quando chegou ante o Çamorij, elle era ſabedor da tomada da náo Merij per cartas de Mouros de Cananor. Ao dia ſeguinte, que ElRey de

Ca-

Cananor disse ao Almirante, que lhe havia de mandar homens, que assentassem com elle o negocio do trato, vieram quatro dos principaes da terra, dous Mouros, e dous Gentios, aos quaes o Almirante recebeo com honra, e gazalhado. E começando de praticar com elles em os preços da especiaria, achou-os em suas palavras mui differentes do que lhe ElRey tinha dito, dizendo elles, que ElRey não tinha das especiarias, assi das que se davam na terra, como das que vinham de fóra, sómente os direitos dellas, tudo o mais era dos mercadores que nisso tratavam. Que elle não podia pôr preço á fazenda alheia, e mais per este preço, que lhe elles diziam, levava o Capitão João da Nova as que alli carregou, e em Calecut, antes que fosse o alevantamento, as que Aires Correa houve, a este preço foram. O Almirante posto que replicou, repetindo sempre que per os preços porque as davam aos Mouros de Méca, a esse lhe haviam de ser dadas, espedíram-se estes Mouros delle, dizendo, que iriam dar disso conta a ElRey. O que elle Almirante não houve por estranho, parecendo-lhe serem modos de contratar a seu prazer, segundo o tinha avisado Gonçalo Gil, que estava em Cochij, e assi Payo Rodrigues, que ficava alli em Cananor d'Armada de João da Nova. Porém

rém

rém depois que elle vio que não tomavam conclusão, e que tudo era querer dilatar o negocio pera ſe chegar o tempo de ſua partida, e que ElRey eſtava dalli duas leguas, com titulo que ſe affaſtava do mar por lhe fazer nojo á ſua má diſpoſição, mandou a elle Antonio de Sá, acompanhado de tres, ou quatro homens, com huns apontamentos, pedindo-lhe que ſe determinaſſe ſegundo fórma delles. Em reſpoſta dos quaes Antonio de Sá trouxe, que pois elle Almirante não era contente dos preços, e modo per que ſe lhe dava a eſpeciaria, podia ir em boa hora a Cochij, e ſegundo o partido que lá fizeſſe, aſſi o fariam os mercadores de Cananor. Da qual reſpoſta o Almirante ficou tão indignado, que mandou logo chamar a Payo Rodrigues, e os que ficáram com elle, dizendo que ſe recolheſſem, por quanto elle ſe mandava per huma carta eſpedir delRey com taes palavras, que não convinha ficar alli algum Portuguez. Payo Rodrigues vendo a determinação do Almirante, pedio-lhe que houveſſe por bem ſer elle a peſſoa, que havia de enviar a ElRey, com tanto que a carta foſſe hum pouco moderada, porque ſendo aſſi, eſperava tomar com elle alguma boa concluſão, por ſaber já o modo de negociar com aquella gente. O Almirante, porque lhe pareceo que não

ſe

ſe perdia muito tempo em tentar ElRey outra vez per Payo Rodrigues, o mandou a elle, aqueixando-ſe da mudança que achava em ſuas palavras, tomando por concluſão, que pois os Mouros de Cananor tinham tanto poder em ſua vontade, que lha faziam mudar, elle tambem pela manhã ſe mudava dalli pera Cochij, onde eſtava hum Rey de muita verdade, e que tinha mais conta com os Portuguezes que com os Mouros. Que leixava alli huma caravela pera recolher aquelle menſajeiro, e os outros de ſua companhia; e lhe fazia ſaber, que onde quer que achaſſe Mouros de Cananor, havia de tratar como aos de Calecut, e lhe havia por alevantados os ſeguros que lhes tinha dado pera poderem navegar, porque gente perturbadora de paz, e concordia, não merecia que alguem a tiveſſe com elles; e com eſte recado eſpedio Payo Rodrigues, e elle Almirante partio-ſe ante manhã, leixando naquelle porto de Cananor a Vicente Sodré em ſua náo, e huma caravela pera recolher Payo Rodrigues.

CA-

CAPITULO V.

Como o Almirante ſe partio via de Calecut: e o que fez chegando a elle, e dahi ſe partio caminho de Cochij, ficando em maior quebra com o Çamorij do que eſtava dantes.

PArtido o Almirante, deſavindo d'ElRey de Cananor, e fazendo ſeu caminho ao longo da coſta, veio ter com elle hum zambuco, em que vinham quatro homens Gentios do mais nobre ſangue da terra, os quaes lhe deram huma carta d'ElRey de Calecut. A ſubſtancia da qual era, ſe elle Capitão mór leixára de ir a ſeu porto por razão do damno, que fora feito ao Feitor Aires Correa, elle lhe entregaria os auctores daquella união; e que além diſto por amor da amizade, que deſejava conſervar com ElRey de Portugal, naquella Cidade Calecut lhe ſería dado carga de eſpeciaria pera todalas náos que levava. Que pera iſſo mandava aquelles quatro homens dos mais nobres de ſua caſa, dos quaes ficaria hum com elle, em quanto os tres lhe tornavam com reſpoſta. O Almirante como vinha quebrado com ElRey de Cananor, recebeo eſtes Naires com honra, e gazalhado, moſtrando ter muito contentamento del-

Rey

Rey por lhe mandar eſte ſeu recado per taes peſſoas, dizendo, que lhe parecia que eſta vinda delles havia de ſucceder em bem, por não entrar neſte negocio homem da caſta dos Mouros. Per o qual modo reſpondeo a ElRey; e quanto a ſua ida a Calecut elle eſtava em caminho, que aſſi o faria, como lhe mandava pedir. Eſpedidos os tres Naires, e ficando hum per ſua propria vontade com o Almirante, veio dar entre as caravelas, que hiam ao longo da terra, hum zambuco com obra de trinta almas naturaes de Cananor, aos quaes leixou ir em paz, por ter já da noite paſſada vindo a elle hum criado de Payo Rodrigues com huma carta, em que lhe dava razão do que paſſára com ElRey, e como eſtava ſubmettido a toda razão, e a conceder os capitulos que lhe mandára, e que Vicente Sodré levaria reſolução de tudo per carta aſſinada d'ElRey. Seguindo o Almirante ſeu caminho ſempre pegado com terra, per tres vezes o foi detendo o Çamorij com recados, hum no porto de Chomba, outro em Padarené, e outro duas leguas antes de chegar a Calecut. E a eſte derradeiro porto, em reſpoſta do que o Almirante lhe requeria, lhe mandou dizer, que quanto ao pagamento da fazenda, que os Portuguezes perdêram no alvoroço, que o povo de Calecut commetteo,

teo, por as afrontas que lhe os meſmos Portuguezes faziam, que elle Capitão mór ſe devia contentar com a tomada da não de Méca, que importou mais em ſubſtancia de fazenda, e em morte de gente, que dez vezes o que Pedralvares tinha perdido. Que ſe de huma parte, e da outra ſe houveſſem de a ſommar perdas, damnos, e mortes, que elle Çamorij era o mais offendido; e pois não requeria deſtas couſas reſtituição, ſendo requerido com muitos clamores do ſeu povo, que lhe déſſe emenda dos males, que tinha recebido dos Portuguezes; e diſſimulava eſte clamor por deſejar ter paz, e amizade com ElRey de Portugal. Que elle Almirante não devia mais repetir em couſas paſſadas, e ſe devia contentar ir ter áquella ſua Cidade Calecut, onde acharia as eſpeciarias que houveſſe miſter. E quanto ao que dizia, que lançaſſe do ſeu Reyno todolos Mouros do Cairo, e de Méca, a iſto não reſpondia, por ſer couſa impoſſivel haver de deſterrar mais de quatro mil caſas delles, que viviam naquella Cidade não como eſtrangeiros, mas naturaes, de que o ſeu Reyno tinha recebido muito proveito. Que ſe elle Almirante, ſem eſtas capitulações tão impoſſiveis, como apontava, quizeſſe aſſentar paz, e tracto de commercio, que folgaria de o fazer. O Almirante quan-

do vio tão differentes palavras do que té li tinha ouvido per recados da parte delle Çamorij, porque as houve em lugar de afronta, não respondeo mais senão, que elle sería a resposta, e não seriam com o Çamorij os mensajeiros, que trouxeram este recado, quando elle Almirante estava já surto ante a Cidade Calecut. Mandando logo tomar dous barcos pequenos com seis homens, que vieram ter ás náos, e isto com tenção de os mandar hum, e hum com recados a ElRey, temendo-se que não os havendo per este modo, pera que huns ficassem em arrefens do que mandasse, per propria vontade nenhum lhe havia de acceptar levar recado a ElRey. E parece que assi a tomadia destes, como dos outros, que o Almirante veio tomando per o caminho fez, obrigáram tanto, que logo aquella noite lhe veio recado do Çamorij, aqueixando-se que não sabia porque queria reter os seus naturaes em modo de cativos. Que se o fazia por razão do odio, que tinha aos Mouros, que os prezos pouca culpa tinham na causa deste odio; e se era como reprezaria pera haver o que dizia terem perdido os Portuguezes no alevantamento passado, que já lhe tinha enviado dizer quanto mais damno, e mais fazenda elle Almirante tinha havido que perdido em Calecut, e que fosse huma per-

perda por outra. O Almirante como já dos recados, que ao caminho elle Çamorij lhe mandára, vinha indignado, este o indignou mais, e a resposta que levou foi, que não viesse mais a elle com outro recado, senão trazendo comsigo o preço das cousas, que foram tomadas aos Portuguezes; e depois que fizesse esta entrega, então entenderia em o negocio da paz, e trato da especiaria. O Bramane, que trouxe este recado, quando vio a indignação do Almirante, sem replicar cousa alguma, se espedio com mais temor do que trouxera. E porque elle pudesse contar ao Çamorij o que víra, mandou o Almirante em sua presença tomar huma náo, que estava surta diante da Cidade carregada de mantimentos, e levar a bordo da sua; e assi mandou passar toda a artilheria das náos grossas, e as outras mais pequenas, que podiam bem chegar á terra, pera com esta artilheria varejar a povoação, dizendo, que logo ao seguinte dia havia de começar esta obra. A qual cousa, temendo o Çamorij, pelo damno que Pedralvares Cabral fizera, quando lhe varejou toda a Cidade, mandou per toda a frontaria da Cidade ao longo do mar fazer huma estacada de grossas palmeiras, entulhada per dentro de maneira, que lhe ficava em lugar de muro; não sómente pera defender a sahida em ter-

ra, se os nossos a quizessem commetter, mas ainda pera cegar toda a artilheria, com que a povoação não recebesse damno. Porém como a tenção do Almirante não era sahir em terra, mas esbombardear a Cidade, quando veio ao outro dia, mandou chegar todalas vélas pequenas a terra espaço conveniente; assi pera que a artilheria de ferro, que os Mouros tinham assestada na principal frontaria da Cidade lhe não pudesse fazer nojo, como pera que a sua pudesse sobrelevar a estacada, e fosse pescar á povoação. E antes que procedesse na obra deste apparato, em que estava, o escreveo primeiro ao Çamorij per hum dos Gentios, que se tomáram nos barcos, denunciandolhe, que não vendo té o meio dia recado seu, com effecto do que lhe per tantas vezes mandára dizer, elle abrazaria em fogo aquella sua Cidade. Passado o qual termo, porque não houve resposta, mandou a todalas náos, que estavam com recado pera isso, que cada huma enforcasse no lais da verga os Mouros, que lhe elle mandára: e sobre esta obra, que foi hum espectaculo de muita dor a toda a Cidade, começáram de ver, e ouvir outro de maior sua confusão, tirando toda artilheria naquelle espaço do dia, que foi hum contínuo torvão, e huma chuva de pelouros de ferro, e pedra;

que

que fizeram huma mui grande deſtruição, em que tambem morreo muita gente. Quando veio ſobre a tarde, por eſpedida, e maior terror, mandou cortar aos enforcados, que eram trinta e dous, cabeça, mãos, e pés, e foram mettidos em hum barco com huma carta, em que dizia, que ſe aquelles, não ſendo os proprios, que foram na morte dos Portuguezes, ſómente por terem parenteſco com os moradores, recebiam aquelle caſtigo, eſperaſſem os auctores deſta traição outro genero de morte mais cruel. O qual barco mandou per hum André Dias, que depois foi Almoxarife do armazem do Reyno; e os toros dos corpos deſtes membros mandou lançar ao mar a tempo que a maré vinha, pera irem ter á praia entre os olhos da gente, e verem quanto cuſtava huma traição feita a Portuguezes, e quão vingado havia de ſer qualquer damno que lhes fizeſſem. A qual couſa aſſi aſſombrou toda a Cidade, que quando veio ao outro dia, que elle Almirante tornou a mandar fazer outra tal obra, não apparecia couſa viva per toda a praia; porque o Gentio, como gente mais temeroſa, deſamparava os lugares da frontaria do mar; e os Mouros, a quem era commettido a guarda delle, não ouſavam apparecer, enterrando-ſe na arêa dos valos, e repairos, que tinham

fei-

feito. Tudo eſtava tão deſamparado, que bem pudéra o Almirante ſaquear a Cidade ſem muita reſiſtencia; mas como eſtas mortes de gente mais eram feitas pera terror de ElRey deſiſtir dos conſelhos dos Mouros, que por vingança do paſſado, não quiz executar quanto damno pudéra fazer, por dar tempo a ElRey que ſe arrependeſſe, e não cauſa, que ſe indignaſſe com tão grande perda, como fora, ſe lhe deſtruíra a Cidade de todo. E porque não pareceſſe a ElRey que aos Portuguezes mais os obrigava a cubiça que a honra, neſtes dous dias, que toda a Armada ſe occupou em varejar a Cidade, nunca o Almirante quiz mandar encetar a náo, que mandára tirar do porto, e trazer junto da ſua, eſperando que havendo algum bom concerto com ElRey, lha mandar reſtituir aſſi carregada como eſtava. Peró depois que paſſáram os dous dias daquella furia de fogo, por eſpedida mandou deſcarregar a náo de muitos mantimentos, que ſe repartíram per toda a Armada, e lhe foi mui bom refreſco; e deſcarregada de tudo, foi-lhe poſto fogo, ardendo toda á viſta da Cidade té onde lhe chegava a agua, com a qual eſpedida ſe partio o Almirante caminho de Cochij, aonde chegou a ſete de Novembro.

C A-

CAPITULO VI.

Como ElRey de Cananor por meio de Payo Rodrigues tornou a conceder as cousas que o Almirante lhe requeria, o qual recado lhe levou Vicente Sodré a Cochij, onde elle já estava: e das cousas que em sua chegada passou com ElRey de Cochij.

ELRey de Cananor com o recado, que lhe Payo Rodrigues levou do Almirante, vendo que era partido desavindo delle, teve não sómente com o mesmo Payo Rodrigues grandes práticas, mas ainda com os Gentios principaes da terra, que não eram tão suspeitosos a nós, como os Mouros. E a primeira cousa, que logo fez naquelle dia da chegada de Payo Rodrigues, foi pedir-lhe pela amizade que com elle tinha, se tornasse a Vicente Sodré, e acabasse com elle que não partisse, e se detivesse per espaço de dous, ou tres dias, em quanto elle mandava ajuntar todolos mercadores da terra, no qual tempo esperava tomar tal assento, com que ElRey de Portugal fosse servido, e o Almirante contente. Porque como este negocio das especiarias dependia mais da vontade daquelles, que andavam neste tracto, que da sua, e em cousa de proveito os homens eram máos de concordar,

e o

e o Almirante mui impaciente dos vagares dos Mouros, e mais ſendo imigos, queria que o ſerviſſem tão preſtes, como ſe os tiveſſe ganhado de muito tempo por amigos: não o devia culpar, ſe neſte caſo té então não tinha mais feito, e tambem as couſas de tanta importancia geralmente mais ſe acabavam com amor, que com indignação. Vicente Sodré, porque á mingua de elle não eſperar aquelles dias, não ſe perdeſſe eſta vontade, que ElRey moſtrava, (ſegundo lhe dizia Payo Rodrigues,) eſperou eſte tempo, em o qual teve conſelho com os ſeus, que zelavam a paz, e bem do Reyno, e determinou-ſe de todo: mandando dizer ao Almirante per Vicente Sodré, que elle podia mandar carregar as náos que quizeſſe das ſortes da eſpeciaria que lhe tinha promettido, aſſi, e pela maneira que elle Almirante queria em ſeus apontamentos; e que a perda que niſſo houveſſe, elle a refaria aos mercadores em os direitos, que lhe haviam de pagar; porque mais eſtimava a amizade d'ElRey de Portugal, que o accreſcentamento das rendas de ſeu Reyno, poſto que os Officiaes de ſua fazenda lho tinham contradito. E com eſte recado mandou a Payo Rodrigues, e aos que eſtavam em ſua companhia, que ſe não foſſem; porque elle eſperava que o Almirante acceptaſ-
ſe

ſe ſua offerta, e ambos tornaſſem á primeira paz que tinham, e neſte tempo acabariam elles de desbaratar ſua fazenda, e fazer ſeu emprego pera ſe poderem ir em as náos que foſſem pera Portugal. O Almirante aſſi por razão deſte recado d'ElRey de Cananor, como por em alguma maneira ter caſtigado o Çamorij, que eram as duas couſas que elle mais deſejava, quando chegou a Cochij hia já mui confiado que não havia de achar ElRey tão mudado, como lhe tinha eſcrito Gonçalo Gil Barboſa. E a cauſa, por que elle Gonçalo Gil tinha eſte receio, era por eſtas couſas, que elle contou ao Almirante, as quaes ante de ſua vinda eſtavam ordenadas. O Çamorij per meio d'alguns Bramanes, gente, em que eſtá a religião de todo o Gentio daquellas partes, tinha convocados em ſua amizade a ElRey de Cananor, e a ElRey de Cochij, liandoſe todos em noſſa deſtruição. Pera que ordenavam huma Armada de mais de duzentas vélas entre náos, e zambucos com grande apparato de armas, e numero de gente; a qual ſahindo dos portos, onde cada hum tinha armado a ſua pera ſe ajuntarem todas em Calecut, Deos acudio com hum pouco de temporal traveſſão, que deo com a maior parte deſtas vélas á coſta, com que ficáram tão quebrados, que não ouſáram de bolir

mais

mais com cousa alguma. Porém entre elles estava ordenado, pois com as armas não podiam, que se ajudassem desta industria: ir cada hum per si detendo, e gastando o tempo, desavindo-se em os preços da especiaria, de maneira, que passada a monção da carga pera vir a este Reyno, forçadamente invernarem na India. E como as náos grandes não tinham portos pera isso, a maior parte dellas haviam de vir á costa; e se mettessem os navios pequenos em os rios, segundo costume da terra, tinham certo poderem logo ser queimados. Que lhe parecia que daqui procedêram os modos, que ElRey de Cananor tivera com elle, em se desconcertar nos preços da especiaria, e assi os recados do Çamorij, tudo a fim de lhe gastar o tempo. E pois era vindo a se concertar com ElRey de Cochij, lhe pedia que fosse logo, e não curasse de muitos escrupulos com elle; e assi provesse na offerta delRey de Cananor, ante que o Çamorij tecesse com elles outra nova têa, que o fizesse invernar na India, por estarem já em oito dias de Novembro. O Almirante, como já tinha experimentado parte destas cousas, bem vio que Gonçalo Gil fallava como homem, que tinha tenteado, e sentido a tenção daquelles Principes Gentios; e porque sobre isso queria logo prover, ajuntou

os

os Capitães, e principaes pessoas da frota em conselho, onde Gonçalo Gil tornou a resumir o que dissera a elle Almirante. Do qual conselho sahio espedir elle logo a Vicente Sodré com os navios da Armada, que haviam de ficar na India: mandou-lhe que andasse na paragem de Calecut té Anchediva, porque não entrasse, ou sahisse barco d'algum porto daquella costa, que não fosse visto per elle, e aos imigos désse o castigo que mereciam; e daqui mandasse recado a ElRey de Cananor, como elle Almirante ficava tomando carga em Cochij, e que logo sería com elle. ElRey de Cochij neste tempo não se tinha visto ainda com o Almirante; e porque soube que andava pera entrar em seu porto huma náo de Calecut, que vinha de Ceilão, a qual era de hum Mouro de Calecut chamado Nine Mercar, temendo que em Vicente Sodré sahindo a tomasse, mandou pedir ao Almirante que não impedisse aquella náo, que queria entrar naquelle seu porto, posto que de Calecut fosse. Ao que o Almirante respondeo, que o porto, e as náos eram suas, as quaes estavam ao que mandasse, e que este era o principal mando que trazia d'ElRey seu Senhor: por tanto que aquella, e todalas mais de Calecut, que elle quizesse, ainda que eram dos maiores imigos,

que

que os Portuguezes tinham naquella terra, ellas ſeriam tratadas como as proprias ſuas. Do qual recado ElRey ficou tão contente, que logo ordenou de ſe ver ao outro dia com elle Almirante, ſobre as quaes viſtas andava Gonçalo Gil; e porque quaſi foram ao modo das delRey de Cananor, leixaremos de particularmente tratar do apparato dellas. Sómente que paſſadas as palavras geraes de ſua viſta, quando veio ao fallar em o negocio do trato da eſpeciaria, e preços della, ſobre que logo o Almirante quiz entender, tambem achou ElRey do bordo do de Cananor, donde entendeo ſer certo o que lhe Gonçalo Gil tinha dito, com que ſe apartáram hum do outro não mui contentes. Na qual eſpedida teve ElRey hum artificio com elle Almirante, por lhe moſtrar que não á força de palavras, mas que de ſua propria vontade, procedia o que niſſo queria fazer; porque indo elle Almirante pelo rio abaixo na caravela, em que veio a eſtas viſtas, leixando ElRey todo o apparato com que viera a ellas, ſómente com ſeis, ou ſete homens principaes metteo-ſe em hum barco, e veio á força de remo buſcar o Almirante. E como homem confiado no que vinha fazer, metteo-ſe com elle na caravela, e diſſe-lhe, que elle o víra hum pouco deſcontente, e que lhe pa-

re-

recia que isto procedia de elle ser máo de contentar, mais que de elle ser duro em conceder; e porque ambos não ficassem infamados de mal avindos, que elle se vinha metter em seu poder, e pois lhe entregava a pessoa, que entregava a vontade, que alli tinha tempo de se vingar da menencoria, que trazia delle. Quando o Almirante vio a confiança, com que ElRey se metteo na sua caravela, e a graça, com que lhe dizia estas palavras, creo que tudo isto procedia da bondade de Deos, e que elle guiava o coração deste Principe Gentio por este modo não esperado; porque assi o descubrimento da India, como o governo de paz, e concordia de tão barbara gente, cressemos vir de sua mão, e não da nossa industria. E depois que com muitas palavras agradeceo a ElRey aquella confiança, e modo de conceder nas cousas, que lhe ElRey seu Senhor mandava per elle requerer, vieram assentar nos preços das especiarias, de que logo fizeram solemnes contratos de escritura, os quaes duram té hoje. ElRey de Cananor tanto que soube parte destas cousas, ficou mui temeroso que o Almirante não fosse mais ao seu porto, posto que per Vicente Sodré lhe mandasse recado que o não havia de fazer, e isto lembrando-lhe as differenças, que teve com elle, e quanta mais

fa-

facilidade ElRey de Cochij moſtrou no modo de ſe com elle conſervar, ſegundo lhe era dito per aviſos, que os Mouros mercadores de Cochij mandáram aos de Cananor. E como homem deſconfiado, ſabendo que Vicente Sodré andava ſobre o porto de Calecut, ordenou de mandar dous Embaixadores, que foſſem a elle com hum Portuguez dos que eſtavam em companhia de Payo Rodrigues pera os encaminhar, pedindo-lhe per huma carta, que déſſe ordem como aquelles ſeus Embaixadores em hum navio dos ſeus foſſem a Cochij, porque os mandava ao Capitão mór com negocio, que importava muito ao ſerviço delRey de Portugal. A qual couſa Vicente Sodré fez com diligencia, mandando huma caravela das ſuas que os levaſſe, e o Almirante os recebeo honradamente, e tornou logo a eſpedir, mandando dizer per elles a ElRey, que tiveſſe ſua ida por mui certa a Cananor aſſentar as couſas, que lhe mandava requerer, ſegundo fórma do que elle tinha aſſentado com ElRey de Cochij. Neſte meſmo tempo vieram a elle Almirante outros Embaixadores, que diziam ſer da gente Chriſtã, que habitava per as comarcas de Cranganor, quatro leguas de Cochij, que em numero ſeriam mais de trinta mil almas. A ſubſtancia da qual embaixada era ſerem

Chri-

Christãos da linhagem daquelles, que o Apostolo S. Thomé baptizára naquellas partes, os quaes se governavam per certos Bispos Armenios, que alli residiam, e per meio delles davam sua obediencia ao Patriarca de Armenia. E por quanto elles estavam entre Gentios, e Mouros, de que eram mal tratados, e tinham sabido ser elle Capitão de hum dos mais Catholicos, e poderosos Reys da Christandade da Europa, lhe pediam pelos meritos da Paixão de Christo os quizesse amparar, e defender daquella infiel gente que os perseguia, por se não perderem de todo aquellas reliquias de Christandade, que o Apostolo S. Thomé alli tinha, como memoria dos trabalhos, e martyrios, que alli passára. E que elles com zelo de salvar suas almas, e pessoas, se vinham entregar a elle per meio daquelles seus Embaixadores, como se pudéram entregar a ElRey de Portugal, se presente fora; pois elle representava a sua, por quanto elles queriam ser governados, e regidos per elle, e em final de obediencia lhe entregavam a vara da justiça, que entre si tinham. Com as quaes palavras lhe apresentáram huma vara vermelha tamanha como hum sceptro, guarnecida nas pontas de prata, e na de sima tinham tres campainhas de prata. O Almirante, depois que os ouvio, mos-

moſtrando ter grande contentamento diſſo, e aſſi do que lhe apreſentáram, reſpondeo, que a mais principal couſa, que ElRey ſeu Senhor lhe encommendára, era, que trabalhaſſe por ter communicação com a Chriſtandade daquellas partes, por ter noticia que havia muita, e mui avexada dos infieis. Porém como elle em chegando á India, com eſta propria gente de infieis tivera muito trabalho, como elles ouviriam dizer, eſtas differenças lhe gaſtáram todo o tempo, ſem poder entender em outra couſa. E vendo elle que per ſi o não podia já fazer, por eſtar de caminho pera Portugal, leixava eſte cuidado a hum Capitão, que havia de ficar naquellas partes com huma Armada, o qual ao preſente eſtava em Cananor com ella, e a elle, quando tiveſſem neceſſidade, podiam requerer qualquer ajuda, e favor, porque elle o faria com tanto amor, como aos proprios Portuguezes, que havia de leixar em Cochij, e Cananor. E quanto ao que tocava a elle Almirante, podiam ſer certos, que depois que Deos o levaſſe a Portugal, elle repreſentaria ſuas couſas a ElRey ſeu Senhor, de maneira, que na primeira Armada proveſſe como elles foſſem conſolados. Finalmente o Almirante per eſte modo os ſatisfez, e lhes deo algumas couſas, com que os eſpedio, depois que ſe

informou do modo de ſua religião, e vida. E porque da Chriſtandade deſta gente, e do que ſe ácerca delles tem de S. Thomé, ao diante particularmente trataremos, e principalmente em a noſſa Geografia, leixamos de o fazer aqui.

CAPITULO VII.

Como o Almirante, per hum artificio de engano, que hum Bramane teve com elle, foi ter ao porto de Calecut, onde paſſou grande riſco de lhe queimarem a náo, e o que ſobre iſſo fez: paſſado o qual trabalho, partio pera eſte Reyno, onde chegou a ſalvamento.

EM quanto o Almirante paſſou eſtas couſas com eſtes Embaixadores d'ElRey de Cananor, e da Chriſtandade de Cranganor, eſtava o Feitor Diogo Fernandes Correa com os Officiaes da Feitoria, que de cá hiam ordenados, e principalmente com Gonçalo Gil Barboſa, dando ordem á carga da eſpeciaria. O qual negocio ſe fazia em hum recolhimento de madeira tão perto das náos, que ainda que a terra foſſe ſuſpeitoſa, o ſitio do lugar, e favor dellas os ſegurava de qualquer temor. E o que mais neſta parte deſcançava os noſſos era não haver alli aquelle tráfego de mercadores de Méca,

como havia em Calecut, e Mouros da terra eram poucos, e não mui poderosos, e a povoação dos Gentios cousa mui fraca, e as casas delRey mettidas dentro polo rio, de maneira, que assi da parte da povoação dos Mouros, e Gentios, como repairo de força, que o Almirante nisso fez, tudo estava seguro pera qualquer caso, que sobreviesse, segundo o estado da terra, do sitio da qual ao diante faremos maior relação. Andando o Almirante no maior fervor deste negocio de carregar as náos, veio a elle hum Bramane, que entre os Indios he a pessoa mais estimada por sua religião, o qual trazia comsigo tres pessoas, dous dos quaes dizia serem filho, e sobrinho, e o outro seu servidor, pedindo-lhe que houvesse por bem dar-lhe licença pera vir em sua companhia ao Reyno de Portugal ver o modo da Christandade, pera mais facilmente ser doctrinado nas cousas da nossa Religião. O Almirante vendo nas suas palavras, e pessoa ser homem pera estimar, e mais com tal proposito, como elle dizia, o mandou agazalhar em sua náo, e certos bahares de pimenta, que dizia trazer pera sua provisão, e outra fazenda, de que a principal era alguma pedraria de preço. Passados dous, ou tres dias, tendo o Almirante com elle prática, disse-lhe este Bramane, que elle

le lhe queria deſcubrir a verdade da cauſa da ſua vinda a Portugal, per ventura ſe o aſſi não fizeſſe, a elle Almirante lhe pezaria de o não ter ſabido a tempo, dizendo que o Çamorij ſeu ſenhor o enviava a ElRey de Portugal ſobre concerto de pazes, e preço das eſpeciarias pera aſſentar com elle eſtas couſas, de maneira que ficaſſem firmes, e perpetuas; por quanto lhe parecia que ſendo feitas per os ſeus Capitães, não podiam ſer muito duraveis, porque cada anno vinha hum, e ſegundo ſua condição, aſſi movia os partidos da paz. O Almirante lhe reſpondeo, que ſe por razão de as pazes ficarem firmes, e tudo o mais que o Çamorij aſſentaſſe, conforme ao ſerviço d'ElRey ſeu Senhor, o enviava a Portugal, a elle Almirante parecia couſa eſcuſada; porque os poderes, que ElRey dava a ſeus Capitães, eram tão ſolemnes, e de tanta auctoridade naquellas couſas, que elles faziam ſegundo ſuas inſtrucções, que tinham a propria força, e vigor, como ſe per elle meſmo foſſem feitas. Finalmente tanto praticáram ambos neſta materia de paz, que veio o Bramane a dizer, que ſe elle Almirante quizeſſe algum tanto abrandar de ſeus queixumes, elle ſería medianeiro entre elle, e o Çamorij, com que os negocios vieſſem a melhor eſtado do que eſtavam; e que devia

querer que eſta paz, e concerto foſſe feita ante per elle, que vir hum novo Capitão de Portugal, e acabar iſto com o Çamorij; e mais pois lhe tanto amor, e graça moſtrára a primera vez que com elle ſe vio, e tanto procurára de o livrar das mãos dos Mouros ſeus imigos. E que em penhor deſta offerta, que promettia de ſi, não podia mais dar que ſua peſſoa, e as de ſeu filho, e ſobrinho, que não ſahiriam da náo té acabar tudo, querendo tornar ao porto de Calecut. O Almirante vendo a conſtancia das palavras deſte Bramane, e a ſeguridade de ſua peſſoa, e confiado na entrega, que fazia de ſi, e do filho, e ſobrinho, deo-lhe licença que foſſe a Calecut dar conta ao Çamorij deſta prática, que ambos tiveram, o qual não tardou muito com ſua reſpoſta; e pola mais auctorizar, trouxe comſigo hum homem, que elle dizia ſer Naire, dos principaes da caſa do Çamorij, dizendo da ſua parte que era contente de pagar em eſpeciaria por as couſas, que foram tomadas no alevantamento contra Aires Correa té quantia de vinte mil pardaos, moeda da terra, que da noſſa são de trezentos e ſeſſenta reaes cada hum. Vendo o Almirante tal recado, pareceo-lhe que eſte modo de vir aquelle Bramane aſſi diſſimulado, não era tanto pera vir a eſte Reyno, ſegundo elle di-

dizia, como por artificio do Çamorij, por estar já arrependido, sabendo que ElRey de Cananor, e ElRey de Cochij estavam com elle concertados, e elle ficava de fóra. Finalmente o Almirante por não perder este negocio, que lhe a elle parecia estar mui certo, encommendando a frota a D. Luiz Coutinho Capitão da náo Lionarda, metteo-se em a náo Flor de la mar, Capitão Estevão da Gama, por ser mui poderosa, e sem querer levar comsigo mais que huma caravela, se partio pera Calecut, parecendo-lhe que podia lá achar as outras de Vicente Sodré, por haver poucos dias que per a caravela, que levou os Embaixadores de Cananor, tinha recado delle como ficava sobre Calecut, peró não sabia o que lhe alli acontecêra; porque se elle Almirante fora sabedor disso, não viera da maneira que veio sobre as palavras do Bramane. E o que Vicente Sodré tinha passado era, que havendo alguns dias que estava sobre Calecut tolhendo que não entrasse, ou sahisse navio, estreitou isto em tanta maneira, que té os barcos dos pescadores, que sahiam a pescar, perseguia com os bateis das náos. O Gentio da Cidade, como o principal mantimento de que se sustenta he pescado, vendo não ter modo de poder ir pescar, ordenáram huma cilada aos bateis de Vicente

So-

Sodré, lançando-lhe ao mar huns poucos de barcos dos pescadores, como que hiam a seu officio. Os nossos bateis tanto que os víram, a grão preza foram-se a elles, os quaes começáram de se recolher artificiosamente té os metter na boca de hum esteiro, onde jazia a cilada. Do qual lugar subitamente sahíram mais de quarenta zambucos, e paráos, com tamanho impeto, todos remo em punho, que em breve cercáram os nossos, e cubríram a todos de huma chuva de fréchas, que logo naquella primeira chegada encravou muita gente. Com o qual sobresalto estiveram em muito perigo, por a multidão dos imigos, e a fréchada ser tanta que coalhava o ar, sem os nossos se poderem revolver com elles; mas quiz Deos que o tiro de huma caravela remediou tudo, porque foi dar o pelouro de huma bombarda no meio do cardume dos zambucos, com que arrombou o principal, em que vinha o Capitão de todos. Por soccorrer ao qual desapressáram os nossos, com que tiveram tempo de ir buscar abrigada das náos, onde elles não ousavam chegar, porque começou a artilheria dellas metter alguns no fundo, que os fez recolher ao lugar donde sahíram. E porque ficáram bem castigados daquelle seu ardil, o qual lhes não succedeo como cuidáram, leixou Vi-

cen-

cente Sodré o porto de Calecut, e foi dar vista a Cananor ao tempo que o Almirante chegou alli, e esta foi a causa por que o não achou. O qual, depois que espedio a caravela, que dissemos em busca delle, confiado nas palavras do Bramane, e em leixar taes refens, como eram o filho, e o sobrinho, e o Naire, deo-lhe logo licença que fosse a terra com recado a ElRey. A resposta do qual foram palavras brandas, que dobráram a confiança ao Almirante; a conclusão das quaes era, que elle tinha mandado chamar certos homens principaes do seu Reyno, que haviam de ser presentes ao assentar daquellas pazes, e contratos das especiarias, por ficarem mais firmes, que lhe pedia houvesse por bem esperar que viessem, cá não podiam tardar dous dias. Nos quaes o Bramane hia, e vinha muitas vezes á terra, ora com causa, ora sem ella, fingindo necessidade disso; e quando veio ao terceiro dia, quizera per modo dissimulado levar o filho comsigo, mas não o consentio o Almirante, de que teve má suspeita. Finalmente aquella noite elle ficou em terra sem vir dormir á náo, como quem temia ser logo pago dos enganos em que andava, e apparecêram ante menhã. Os quaes enganos foram obra de cem paráos, que no quarto d'alva cercáram mui caladamente

te

te a náo do Almirante, e vinham os Mouros, e Indios tão ousados, que começáram trepar per as cadeias das mezas da guarnição. Os nossos, que vigiavam seu quarto, quando deram rebate nos outros que dormiam, com o somno, (peró que o temor muito esperta,) era tamanha a confusão, que não sabiam onde haviam de acudir, porque toda a náo estava cercada em torno destes paráos. O qual sobresalto lhes deo muito trabalho, porque não se aproveitavam da artilheria, cá lhes ficava tão alta, que não podia pescar os zambucos, e barcos, que estavam pegados no costado da náo, e sómente lhes serviam béstas, espingardas, e pedradas. A este tempo, (como dissemos,) tinha o Almirante espedido a caravela, que viera em sua companhia, com hum recado a Vicente Sodré, que segundo soubera, andava sobre Cananor, o qual lhe leixára per popa da sua náo hum paráo grande, que tomára, vindo elle Almirante de Cochij; os Mouros do qual, dando-lhe esta caravela caça, se salváram em terra. Os Mouros, que tinham cercado o Almirante, vendo este paráo, e quão animosamente os nossos defendiam a entrada da náo, e quanto damno recebiam delles, quizeram-se aproveitar deste artificio, que traziam, que eram dous barcos juntos com muita lenha, e ma-

te-

teriaes pera quando lhe puzeſſem o fogo, ſe accender mais preſtes, ainda que lhe acudiſſem com agua. Os quaes barcos foram amarrar ao parão, que eſtava por popa da náo; e poſto o fogo nelles, começou logo levar tão furioſamente, que em breve ſe ateou a labareda pelos caſtellos da náo. O Almirante quando vio tão grande perigo, não achou outro remedio mais prompto que mandar cortar as amarras, humas das quaes o deteve muito; porque temendo elle que de noite os Mouros, ſegundo ſeu uſo, a remo ſurdo, ou a nado, lhe vieſſem cortar as amarras pera lhe darem com a náo á coſta, a da parte do mar todo o deſcuberto della era huma groſſa cadeia, que eſtava de maneira, que a não pode alargar, ſenão cortando a meſma cadeia, que lhe deo muito trabalho. Peró como a náo ſe achou livre, e obedeceo á véla, começou de abrir caminho por meio dos parãos dos imigos, leixando o que tinha per popa entre elles, os quaes por ſe livrarem da labareda delle, deſapreſſáram o coſtado da náo, que deo cauſa a que os noſſos ſe pudeſſem aproveitar da artilheria. Finalmente tanto andáram aquelles infieis perſeguindo a náo ás fréchadas, e bombardadas té que amanheceo; no qual tempo, poſto que da terra concorriam muito mais parãos, ſobreveio Vicente So-
dré,

dré, que com as caravelas que trazia, fez tal deſtruição nelles, que lhe conveio tornarem-ſe todos ao eſtreito donde ſahíram. Tanto que o Almirante ſe vio deſapreſſado deſte trabalho, por pagar ao Bramane a maldade que commetteo, mandou enforcar nas vergas das caravelas os tres refens que lhe leixou, andando com elles ao longo da Cidade á viſta de todos hum pedaço, e per derradeiro os mandou metter em hum paráo com huma carta pera o Çamorij, as palavras da qual eram conformes ao engano, que uſára per meio do Bramane. Acabado eſte acto de caſtigo, partio-ſe o Almirante pera Cochij, onde chegou a tempo que eſtavam já as náos tão preſtes, que eſpedido d'ElRey, ordenou como o Feitor Diogo Fernandes Correa ficaſſe ſeguro no recolhimento de madeira, que lhe tinha feito. Ao qual leixou trinta homens, e por Eſcrivães de ſeu officio Lourenço Moreno, e Alvaro Vaz, e eſpedido delles, partio-ſe pera Cananor a dezoito de Janeiro, onde chegou. ElRey como já eſtava ſobmettido a toda a razão, e aos apontamentos, que lhe elle Almirante mandára ſobre o contrato, e preço das eſpeciarias, não houve mais detença que aſſinarem ambos eſtes contratos, e receber gengivre, e outras couſas, que elle Almirante havia de tomar. E tambem

bem lhe leixou alli feitoria em outra força como em Cochij, e por Feitor Gonçalo Gil Barbosa, e Escrivães de seu cargo Bastião Alvares, e Diogo Godinho com té vinte homens. Acabadas estas cousas, partio o Almirante de Cananor, em companhia do qual todo aquelle dia veio Vicente Sodré com sua frota, té que se apartáram. Na qual viagem não fez o Almirante mais detença que quanto em Moçambique carregou algumas náos, e peró que com tempos arribáram, todavia trouxe-o Deos a este Reyno a dez de Novembro, entrando pela barra de Lisboa com nove vélas. Em a qual maré entráram com elle duas caravelas, que vinham da fortaleza de S. Jorge da Mina, e duas náos de Ourão com lambeis pera o mesmo tracto da Mina, e huma de Levante chamada Annunciada, que foi das mais formosas vélas, que se vio em toda a Europa; e assi entráram outras náos, que vinham de Flandes, que fizeram esta vinda do Almirante melhor afortunada. E como neste tempo ElRey estava em Lisboa, quando foi a elle, levou as pareas, que houvera d'ElRey de Quiloa, as quaes com grande solemnidade a cavallo, levava em hum grande bacio de prata hum homem nobre em pelóte com o barrete fóra ante elle Almirante com trombetas, e atabales, acompanhado de todo-

los

los ſenhores, que havia na Corte. Das quaes pareas ElRey mandou fazer huma cuſtodia d'ouro tão rica na obra, como no pezo; e como primicias daquellas victorias do Oriente, offereceo a Noſſa Senhora de Bethlem, á obra da qual caſa applicou todalas prezas, que pertenceſſem a elle, e mais em quanto foſſe ſua mercê a vintena do rendimento dos fructos daquella conquiſta, com que ſe faziam as obras da caſa.

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO VII.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém a guerra, que o Çamorij de Calecut por nossa causa fez a El-Rey de Cochij, e o que os nossos fizeram nisso, e assi as Armadas, que deste Reyno partíram os annos de quinhentos e tres, e quatro, Capitães móres Affonso de Albuquerque, Francisco de Albuquerque, Antonio de Saldanha, e Lopo Soares.

CAPITULO I.

Como o Çamorij Rey de Calecut por nossa causa fez guerra a ElRey de Cochij, e o que succedeo della.

TANTO que o Almirante D. Vasco da Gama partio da India pera este Reyno, como o Çamorij Rey de Calecut ficava mui indignado com os máos succedimentos de seus negocios, e mais vendo crescer o estado delRey de Cochij, e o seu di-

diminuir, depois que entrámos na India, determinou buſcar novo modo de ſe vingar deſtas couſas, e principalmente delRey de Cochij. Porque não ſómente achava nelle em algumas cartas, que ſobre eſte feito lhe tinha eſcrito, huma maneira de o eſtimar em menos do que fazia ante da noſſa entrada na India; mas ainda mandando a elle alguns Bramanes pera o provocar per modo de ſua religião a ſe conformarem ambos em deſtruição noſſa, reſpondia como homem, que tinha mais reſpecto a ſua fazenda, que á religião de Bramane que elle era. O Çamorij vendo que per nenhum modo de quantos commetteo o podia mover, aſſentou publicamente de ir contra elle com mão armada, pera que já tinha mandado fazer alguns apparatos de guerra, ſimulando que eram contra nós, e iſto ante da partida do Almirante, dos quaes ElRey de Cochij era aviſado, e diſſo tinha dado conta ao meſmo Almirante, ao qual elle esforçou muito com a Armada de ſeu tio Vicente Sodré, que ficava pera o mais do tempo do verão andar naquella coſta em favor ſeu, e deſtruição do Çamorij: a que elle mandava que foſſe feito tanto damno, que em ſe defender teria aſſás trabalho. Com as quaes eſperanças, e penhor tão principal, como era o Feitor, e Officiaes, que ficavam em

ſeu

ſeu poder, ElRey ſe animou muito. Com tudo, como eſta guerra, que o Çamorij lhe queria fazer, era toda per terra., nunca os noſſos lhe puderam impedir os apparatos della, pera a qual adjuntou ſincoenta mil homens em hum lugar chamado Panane dezeſeis leguas de Cochij. E poſto que a todolos ſeus Capitães, e a Nambeadarij ſeu ſobrinho tinha dito a cauſa daquelle adjuntamento naquelle lugar, por ſe juſtificar naquelle movimento de guerra, lhe fez huma falla, a reſolução da qual eſtava em tres pontos; na obrigação, que tinha de fazer pelas couſas dos Mouros; e no damno, que elles, e elle tinha recebido de nós; e na pouca obediencia, que lhe ElRey de Cochij tinha, ſendo elle Çamorij do Malabar, e tudo com favor de noſſas armas. O qual arrazoamento foi mui louvado de todolos ſeus Caimaes, e approváram ſer mui juſta a guerra, que queria fazer a ElRey de Cochij; e quem mais accendia o fogo della, era o Mouro Coje Cemecerij, que foi cauſa da morte de Aires Correa com outros de ſua valia. E ſobre elles com mais auctoridade era Nambeadarij, Senhor da Comarca Repelim, que eſtá ao pé da ſerra, a qual Comarca he hum poſto, donde ſe colhe a melhor pimenta de toda aquella coſta. O qual não contradizia tanto noſſas couſas por

odio

odio que nos tiveſſe, quanto pelas competencias, que tinha com ElRey de Cochij, dizendo pertencer-lhe a elle o ſeu Reyno. E vendo o Principe Nambeadarij, que era herdeiro de Calecut, que todos indignavam o Çamorij mais por lhe comprazer, que por bem aconſelhar, favorecido d'alguns, que eſtavam na verdade, diſſe, que elle era em contrario parecer; porque como aquellas indignações contra ElRey de Cochij procediam da noſſa entrada na India, o diſcurſo das couſas paſſadas moſtravam quão injuſto era aquelle preſente movimento. Porque elle víra entrar os Portuguezes na India com huma embaixada a elle Çamorij, offerecendo paz, e amizade de ſeu Rey, ouro, prata, e mercadorias, de que aquella terra tinha neceſſidade, a troco de pimenta que ſobejava nella, os quaes per induzimento dos Mouros logo foram dalli mal-tratados. Depois na ſegunda Armada, vindo poderoſos, e ricos do que promettêram, não ſe teve com elles o pacto, que lhe concedêram per entrada; e por lhe ſer mandado malicioſamente, tomáram a náo dos Elefantes, e a outra, que eſtava á carga; e não de ſeu proprio moto. No qual tempo ſe fizeram damno na terra, foi em defensão de ſuas vidas, fazendas, e ſatisfação da injúria, que lhe foi feita: couſa natural aos brutos, quanto

to mais aos homens. Foram a Cochij, achá-
ram paz, verdade, e gazalhado, repousá-
ram alli, porque onde os homens acham
estas cousas, fazem natureza, posto que es-
trangeiros sejam; e se os ElRey de Cochij
agazalhou ácerca do commum parecer dos
homens, nisso tinha ganhado o que o Rey-
no de Calecut perdeo, e cada hum sentia
em sua casa. Quanto mais se o elle não
fizera, grande era a India; e se com cada hum
daquelles, que os pudera agazalhar, elle Ça-
morij houvera de tomar questão, isto era
contender com todolos homens, porque to-
dos recolhem em sua casa quem lha enche
de tanta substancia, quanta os Portuguezes
traziam em suas náos. E porque elle não
via naquelle negocio da guerra, que sua
Real Senhoria começava, algum fim provei-
toso pera o Reyno de Calecut, e tudo pa-
rava em desejo de vingança, propunha o
que tinha dito, não por se escusar de ser
o dianteiro em castigar ElRey de Cochij;
mas porque temia que o seu castigo cahisse
sobre a cabeça dos filhos de quantos alli es-
tavam, por ver que os seus vingadores ha-
viam de ser os Portuguezes, que cada an-
no dobravam em náos, gente, e armas. O
Çamorij peró que algum tanto ficou com-
movido com estas palavras do Principe, era
já tamanho o odio, que tinha a ElRey de

Cochij, e havia tantos que o indignavam mais, que aſſentou de todo no que eſtava determinado. ElRey de Cochij, per alguns amigos que tinha em Calecut, ſoube parte deſta determinação do Çamorij, e logo com muita diligencia começou de ſe aperceber, e não com pouco clamor do povo; porque no apparato da guerra, que trazia o Çamorij, bem viam ſer a todos huma certa deſtruição. Do qual caſo tinham grande indignação contra ElRey de Cochij, vendo que aventurava perder ſeu eſtado, e a vida de todolos ſeus por defensão dos Portuguezes, que alli eſtavam, pois o Çamorij não queria mais ſatisfação delle, que fazer-lhe entrega delles, com que ficariam amigos. Das quaes murmurações os noſſos eram ſabedores, e ſegundo o povo andava indignado tanto, temiam já a elle, como aos apparatos do Çamorij: e muito mais depois que eſtando elle em Repelim, que ſerão té quatro leguas de Cochij, mandou grandes amoeſtações a ElRey de Cochij, chamado Trimumpara, e a todolos Principes, e Bramanes, requerendo-lhes que fizeſſem entrega dos Portuguezes, proteſtando per todas ſuas religiões ſerem homicidos em todalas mortes, e damnos, que ſobre eſte caſo vieſſem. Porque obravam tanto eſtas amoeſtações, e excommunhões de ſua religi-

gião com os primeiros infortunios, que El-Rey de Cochij teve em algumas victorias, que o Camorij houve delle, que a maior parte dos Principes do ſeu Reyno o leixáram, paſſando-ſe ao Çamorij. Entre os quaes foi Cham de Begadarij ſenhor de Porca, e o Mangate Caimal, e ſeu irmão Naubeadarij, o Caimal de Cambalu, o Caimal de Cheriavaipil, e os ſinco Caimaes da terra, a que elles chamam Anche Caimal, que deram entrada per ſua terra a que o Çamorij paſſaſſe á de Cochij, por eſta ſer a ella mui vizinha. Na qual paſſagem Trimumpara pelejou animoſamente, em quanto os ſeus o não leixáram; e por defender eſta paſſagem, que era per hum váo, lhe matáram tres ſobrinhos, a que elles chamam Principes por ſuccederem no Reyno: hum dos quaes chamado Narmuhij, que era o herdeiro, fez grande mingua na terra, por ſer mui excellente cavalleiro; e tanto que foi morto, morreo a eſperança do povo. O qual povo andava tão deſcontente dos noſſos pela conſtancia, que ElRey tinha de os não querer entregar, que temendo elle que poderiam receber algum damno dos ſeus, ou que elle ficaria deſamparado de todos, trazia-os ſempre em ſua companhia. Finalmente o Çamorij com o grande poder da gente que tinha, tornou ſegunda vez entrar

 a Ilha

a Ilha de Cochij, com que conveio a El-Rey passar-se a outra Ilha de Vaypij por ser mais defensavel, e principalmente por ácerca delles ter huma religião, como ácerca de nós tem os lugares sagrados, que quem se a elles acolhe, está seguro de receber algum damno de seu imigo. No qual recolhimento não levava já pessoa notavel que o quizesse seguir, senão o Caimal do proprio Vaypij, que sempre o servio nestes trabalhos com muita lealdade, e dos nossos que andavam com elle, se leixáram ficar com o Çamorij dous Christãos naturaes da Esclavonia. Os quaes indo deste Reyno na Armada do Almirante em lugar de marinheiros, leixáram-se ficar com os nossos em a Feitoria, simulando que eram lapidarios, sendo seu proprio officio bombardeiros, e fundidores de artilheria, que foram depois causa de grande trabalho aos nossos, e muito maior ao Çamorij polos defender. E se he verdade, (o que se não deve crer de huma tão illustre Senhoria, como he a de Veneza,) elles a quizeram infamar, dizendo depois, que per seu meio foram ter áquellas partes pera usar aquelle officio de fundir a artilheria em nosso damno.

CAPITULO II.

Como ElRey D. Manuel o anno de quinhentos e tres mandou á India nove nãos repartidas em tres capitanías, de que eram Capitães móres Affonſo de Albuquerque, Franciſco de Albuquerque, e Antonio de Saldanha: e como Vicente Sodré ſe perdeo, e de algumas couſas, que os Albuquerques fizeram por reſtituir a ElRey de Cochij no que tinha perdido na guerra, que lhe fez o Çamorij.

ESTando ElRey de Trimumpara de Cochij com os noſſos neſte eſtado de tanto trabalho, e poſtos nas grandes neceſſidades, que os cercados tem, e principalmente de mantimentos, que era guerra de todo o dia, chegou Franciſco de Albuquerque filho de João de Albuquerque com ſeis vélas, tres com que partíra deſte Reyno por Capitão, e as outras da Armada de Vicente Sodré. E porque no meſmo anno de tres, em que elle partio, partíram outras ſeis vélas, daremos razão de todas, e do modo como ſe repartíram, pois todas foram a tempo que reſtituíram a ElRey de Cochij, e ſegurắram a vida dos noſſos, que com elle eſtavam. ElRey D. Manuel, porque o negocio deſta conquiſta, e commercio da

In-

India cada anno com as Armadas, que de lá eram vindas, defcubria o que convinha pera melhor proceder nelle, ordenou de mandar efte anno de quinhentos e tres nove náos repartidas em tres capitanías, as feis pera virem com carga de efpeciaria, e as tres pera andarem na boca do eftreito do mar Roxo efperando as náos dos Mouros de Méca, com que tinhamos guerra. Das primeiras tres náos era Capitão mór Affonfo de Albuquerque filho de Gonçalo de Albuquerque Senhor de Villa Verde; e os dous Capitães da fua bandeira eram Fernão Martins de Almada filho de Vafco de Almada, Alcaide mór que foi defta Villa, e Duarte Pacheco Pereira filho de João Pacheco; e os dous Capitães da conferva de Francifco de Albuquerque eram Pero Vaz da Veiga de Montemór o novo, e Nicoláo Coelho, que foi no defcubrimento com D. Vafco da Gama, eftas feis vélas eram as que haviam de trazer carga de efpeciaria. E pofto que Affonfo de Albuquerque partio primeiro a feis de Abril, e Francifco de Albuquerque a quatorze, elle foi o derradeiro que chegou á India; o outro Capitão pera andar de Armada na boca do eftreito era Antonio de Saldanha filho de Diogo de Saldanha, e com elle hum Cavalleiro da cafa d'ElRey per nome Ruy Lourenço Ravaf-

vaſco , e Diogo Fernandes Pereira de Setubal , que por ſer homem mui uſado no mar , hia tambem por Meſtre da náo. Da viagem do qual Antonio de Saldanha em ſeu lugar faremos relação por continuarmos com Franciſco de Albuquerque , dando primeiro razão dos navios de Vicente Sodré , que elle topou na coſta da India bem perdidos , e aſſi o navio de Antonio do Campo , que , como atrás vimos , com hum temporal ſe perdeo á ida da conſerva do Almirante. Vicente Sodré , ſegundo atrás diſſemos , partido o Almirante da India junto de Cananor , ſe apartou delle , ficando com regimento que andaſſe , em quanto o tempo lhe déſſe lugar , na coſta do Malabar em favor de Cananor , e Cochij , fazendo guerra ao Çamorij na entrada , e ſahida das náos de Calecut. E quando o tempo lhe não ſerviſſe pera andar naquella coſta , que he no inverno , foſſe andar na boca do eſtreito do mar Roxo , fazendo guerra ás náos de Méca , o qual regimento elle cumprio té ſe perder. A primeira couſa que fez , foi aos ilheos de Sancta Maria , tomando quatro náos de Calecut , as quaes trouxe a Cananor , onde foram deſcarregadas de arroz , e mantimentos que levavam , fazendo entrega de tudo ao Feitor Gonçalo Gil Barboſa ; e os Mouros , que nellas vinham , deo a

El-

ElRey de Cananor a ſeu requerimento, por haver alli muitos que eram parentes de alguns, que viviam em Cananor, a qual couſa ElRey eſtimou em grande honra. E neſte tempo quaſi em ſatisfação deſta obra, ElRey o aviſou do que o Çamorij movia contra ElRey de Cochij, com o qual recado elle ſe partio logo pera Cochij, e de caminho topou tres zambucos, que vinham das Ilhas de Maldiva, a que poz fogo por ſaber ſerem de Calecut. Chegado a Cochij, entregou a preza delles ao Feitor, e vio-ſe com ElRey, dizendo, que era alli vindo ao que mandaſſe delle pela nova que tinha dos grandes apercebimentos, que o Çamorij fazia pera vir contra o ſeu Reyno. ElRey com palavras de muito agradecimento eſtimou aquella ſua vinda, dizendo ſer verdade o que ſe dizia; mas como era no principio do inverno, em que o Çamorij não havia de mover ſenão paſſado elle, era eſcuſada ſua preſença, que bem poderia dar huma viſta á coſta da Arabia, pera onde dizia que eſtava de caminho, e quando em boa hora tornaſſe, ſería ao proprio tempo que o Çamorij moveſſe, ſe adiante houveſſe de proceder no que tinha começado. Eſpedido Vicente Sodré d'ElRey, foi ter á Ilha Çocotorá, onde fez ſua aguada, e della ſe paſſou ao cabo de Guardafu, que he a mais

a mais oriental terra, que tem a parte de Africa, e deſte cabo atraveſſou a coſta de Arabia por ſer mais ſeguida das náos, que da India hiam, ou vinham do eſtreito do mar Roxo, em a qual paragem tomou algumas de Cambaya com roupas, e outras de Calecut com eſpeciaria, que todas hiam pera o eſtreito. E porque elle andou alli obra de dous mezes, e os Ponentes, que eram Abril, e Maio, começáram de ventar, conveio-lhe buſcar algum abrigo, o qual foi huma enſeada vizinha ás Ilhas, a que chamam Curia Muria, e iſto per conſelho de dous Mouros Pilotos, com fundamento que como vieſſe Agoſto de ſe fazer na volta da India, por já ſer paſſado o inverno. Com o qual fundamento, entrado neſta enſeada, acudíram logo á ribeira do mar huns poucos de Mouros, a que elles chamam Baduijs, cuja vida he paſtorar gado, e andar no campo ao modo que dizemos que andam os Alarves. E poſto que no principio tiveram algum receio dos noſſos, depois que goſtáram do bem que lhes faziam, dando-lhes pannos, arroz, e outras couſas, que entre elles não havia, fizeram-ſe tão familiares a elles, dando-lhes carneiros a troco de ſuas neceſſidades, que ſe chegáram com mulheres, e filhos á praia do mar a fazer alguma peſcaria, com que ſe

ſe mantem boa parte do anno. E havendo perto de hum mez e meio que alli eſtavam, como eſtes Baduijs tinham conhecimento de hum certo temporal, que ás vezes alli ſobrevem, deram aviſo aos noſſos, aos quaes parecendo ſer iſto modo de os lançar dalli, por ſe dizer que haviam de paſſar per aquella coſta certas náos de Ormuz, leixáram-ſe eſtar, té que á cuſta de ſeu damno verem que os Mouros lhes diziam verdade; porque foi tal o tempo, que ſe perdeo Vicente Sodré com a maior parte da gente, e aſſi ſe perdeo o navio de Braz Sodré ſeu irmão, e os outros milagroſamente eſcapáram. Ceſſando o qual tempo, ſe fizeram á véla caminho da India, onde vieram ter, quando Franciſco de Albuquerque os topou; e com elles tambem ſe ajuntou Antonio do Campo Capitão de hum navio, que ſe perdeo da Armada do Almirante, e foi invernar na coſta de Melinde em humas Ilhas ſem ſaber onde eſtava, meio perdido. Franciſco de Albuquerque como hia mui inteiro com mantimentos, e couſas do Reyno, recolhidos eſtes navios, provê-os do neceſſario, principalmente os da Armada de Vicente Sodré, que era muita gente morta á fome, e ſede, com os quaes foi ter a Cochij, onde achou El-Rey quaſi tão perdido na Ilha de Vaypij.

E

E o primeiro conforto que lhe deo, foi apreſentar-lhe o que lhe ElRey D. Manuel mandava, que eram muitas peças ricas pera o ſerviço de ſua caſa ao modo dos Principes de Heſpanha, e com ellas lhe diſſe as palavras, que havia miſter hum Principe, que tinha paſſado tantos trabalhos, nos quaes moſtrou a lealdade, e amor que comnoſco tinha. E pera reſtituição de ſeu eſtado lhe offereceo as náos, e gente que alli vinha, e as outras, que já eram ante delle partidas do Reyno, promettendo-lhe não ſe partirem té o não leixar em poſſe de ſuas terras com victoria de ſeus imigos; porque ElRey D. Manuel ſeu Senhor nenhuma outra couſa lhe mais encommendava, que trabalharem nas couſas de ſeu eſtado, como em o ſeu proprio. Que não ſer ajudado de Vicente Sodré, ſegundo tinha ſabido ſua Real Senhoria, era a cauſa, pois o eſpedíra ao tempo que ſe viera offerecer a elle; e como o mar póde mais que a vontade dos homens, o impedio de maneira que ſe perdeo, como ſaberia. ElRey, depois de lhe gratificar eſtas couſas, como tinha mui viva a dor, logo começou a praticar no modo de ſua reſtituição, dizendo, que aſſi á honra delle Capitão, pois tinha tão nobre gente comſigo, como a bem da carga das náos, convinha que a Ilha de Cochij foſſe logo deſ-

despejada. O que Francisco de Albuquerque cumprio pela ordenança d'ElRey, polo mais comprazer, sahindo logo em bateis em terra, com que á custa da vida de muitos do Çamorij, que estavam em guarda, como dos reveis a ElRey, não sómente despejou todo Cochij, mas ainda a Ilha Cheravaypil, em que o Capitão Nicoláo Coelho per sua propria mão matou o Caimal della, e toda a terra tornou á obediencia d'ElRey. Depois fez Francisco de Albuquerque algumas entradas com os Capitães das náos, indo já mais dentro per os rios, e esteiros, com que toda a terra he retalhada a modo de leziras, destruindo, e queimando muitos lugares do senhor de Repelim, em que houve honrados feitos á custa do sangue dos nossos, e com morte de quatro. Francisco de Albuquerque como vio ElRey alegre, e satisfeito destas cousas, que se faziam em sua restituição, por levar recado d'ElRey D. Manuel pera isso, fallou-lhe em se ordenar huma fortaleza, dizendo, que huma das principaes causas de elle, e os Portuguezes terem recebido tanto trabalho na defensão de suas pessoas, fora não terem algum recolhimento forte, em que se pudessem defender ao impeto do Çamorij. E pois o passado aconselhava ao presente, era necessario que sua Real Senhoria

ria

ria désse hum lugar, e mandasse cortar madeira pera fazerem huma fortaleza, em que os Portuguezes, que alli haviam de estar, tivessem onde recolher suas pessoas, e as mercadorias pera compra da pimenta; porque da maneira que a terra então estava, de dia se não podiam vigiar as cousas, quanto mais de noite. ElRey como vio ser o requerimento justo, e necessario pera o negocio, e maneio do tracto, mandou logo dar aviamento a tudo: começando a qual obra, chegou Affonso de Albuquerque, sem haver causa, que o detivesse no caminho, sómente tempos contrarios. Com a vinda do qual se repartio logo o trabalho, porque a Francisco de Albuquerque ficou o aviamento de dar carga ás náos, e elle tomou sobre si o fazer da fortaleza; e por a singular devoção, que tinha no Apostolo Sant-Iago, por elle ser Cavalleiro de sua Ordem, e a náo em que hia se chamar do nome deste Apostolo, houve a fortaleza nome *Sant-Iago*, a qual se fundou onde ora está a casa do Armazem da ribeira, e assi fundou huma Igreja do Orago de S. Bartholomeu no proprio lugar, onde ainda está. Parece que aprouve a Deos que elle fosse auctor destas duas obras: huma espiritual, que foi a fundação da Igreja; e outra temporal da fortaleza: nesta tomando posse por parte do Rey-

Reyno, e na outra por parte da Igreja Romana. As quaes, porque foram de madeira, podemos dizer ſerem cimbres das outras de pedra, e cal, que elle fundou em Goa, Malaca, e Ormuz, principaes cabeças dos Reynos, e eſtados da India, de que temos poſſe, como veremos em ſeu lugar. E porque a nova que achou das entradas, que Franciſco de Albuquerque fez, o encitáram com huma virtuoſa inveja, deſejando de ſe ver em outros taes feitos, praticando com elle, e com os outros Capitães, adjuntáram obra de quinhentos homens nos bateis das náos, e paráos, que tinham tomado aos imigos, determinando irem dar em Repelim, do Senhor da qual ElRey de Cochij tinha recebido muito damno. Peró eſta ida não foi aſſi tão leve, como parecia no principio áquelles, que foram eſpias da terra; porque o Senhor de Repelim tinha comſigo paſſante de dous mil homens, todos Naires, e gente deſtra em pelejar, e tambem muitos paráos, e artilheria d'ElRey de Calecut, como quem temia que o foſſem viſitar. Com tudo aprouve a Deos que os noſſos entráram, e queimáram o lugar, com a qual victoria ElRey de Cochij ficou mui contente, porque deſte Senhor de Repelim deſejava tomar crua vingança. Depois fizeram outra grande entrada per os rios aſſima ſeis leguas

con-

contra Repelim, em que Affonſo de Albuquerque ſe houvera de perder; porque como andava deſejoſo de fazer per ſi alguma couſa, e elles partíram de noite, pera que em rompendo Alva da manhã deſſem no lugar, adiantou-ſe tanto de Franciſco de Albuquerque, que teve tempo pera dar em hum lugar, o qual eſtava tão apercebido, que logo á ſahida ante menhã lhe matáram dous homens, e feríram vinte; e depois que eſclareceo que a terra foi appellidada, acudio tanto Gentio, que pareciam gralhas, que deſciam das arvores, por trazerem entre ſi huma maneira de ſe chamar, a que elles chamam Cuquiada, que não determinavam os noſſos a que parte havia mais. Os quaes aſſi eram leves, e ouſados em commetter com ſuas eſpadas, e adargas, que primeiro os achavam entre as pernas por as decepar, do que os noſſos os podiam ferir. Outros com fréchas cubriam o ar, apertando tanto com Affonſo de Albuquerque, que começou a ſua gente de ſe ir retrahindo pera os bateis ſem a elle poder entreter. O qual retrahimento lhe deo a vida; porque chegando junto delles em hum eſcampado, onde os Indios começáram de ſe derramar por lhes tomarem a embarcação, varejou a artilheria que vinha nelles, de maneira, que não ſómente os fez affaſtar, mas ainda cha-

mou

mou a Franciſco de Albuquerque, que não era paſſado. Per os quaes tiros conhecendo que pelejava, chegou a tempo que o tirou daquella affronta, em que ſe houvera de perder; porque além deſta, em que os da terra o tinham poſto, eram chegados trinta e tres paráos de Calecut, e andavam todos tão azedos, e favorecidos huns dos outros, que não ſe podia elle valer per mar, nem per terra. Peró chegado Franciſco de Albuquerque com os Capitães Duarte Pacheco, Pero de Taíde, e Antonio do Campo, não ſómente foi elle livre do perigo em que eſtava, mas ainda puzeram os imigos em fugida, no qual alcanço perecêram muitos delles. E da volta que fizeram, foram á Ilha Cambalão, que era de hum vaſſallo delRey dos rebelados, e leixando Duarte Pacheco á entrada de huma ponta de terra ſoberba ſobre o rio, donde á vinda os imigos lhe podiam fazer muito damno, repartíram-ſe elles pela Ilha, e não tão apartados, que não ſe pudeſſe ajudar huns aos outros, com o qual modo atalháram toda a Ilha, em que matáram mais de ſetecentos Indios. Duarte Pacheco, por ver que o lugar, onde o leixáram, eſtava já ſeguro pera os noſſos bateis poderem tornar ſem perigo, deo em huma povoação que deſtruio, onde matou muita gente, e dahi

foi-

foi-se ajuntar com os outros Capitães. Os quaes vindo já todos caminho pera Cochij mui contentes com a victoria daquelle dia, de hum esteiro, que de través dava naquelle principal rio, lhe sahíram obra de sincoenta paráos de Calecut, que os metteo em grande trabalho; porque como chegavam folgados, e elles vinham sem suspeita do caso, e mui cansados, e alguns feridos, tiveram assás que fazer em se desempeçar da primeira furia. Porém depois que passou aquelle impeto, que os imigos traziam, e começáram sentir a indignação dos nossos, voltáram as costas, e valeo-lhes não ficarem alli todos, metter-se per hum esteiro tão baixo, que não puderam nadar os nossos bateis: a qual victoria adjuntáram ás outras que traziam, que deo grande prazer a ElRey de Cochij quando chegáram a elle. E porque pera leixarem estas cousas do estado da guerra, postas em termo que pudessem haver carga da especiaria, era necessario fazer alguma demora; ordenáram de carregar a Antonio do Campo pera vir diante dar nova a ElRey da perdição de Vicente Sodré, e das victorias que tinham havido do Çamorij de Calecut, o qual Antonio do Campo a salvamento chegou a este Reyno a dezeseis de Julho de mil e quinhentos e quatro.

CAPITULO III.

Como a Rainha de Coulão mandou pedir aos Capitães que fossem duas náos tomar carga ao seu porto : e da paz que o Çamorij fez com elles , a qual logo quebrou , e tornou á guerra , por a qual causa Duarte Pacheco ficou com a sua náo , e duas caravelas em guarda de Cochij : e do que os outros Capitães pássáram , vindo pera este Reyno.

COm estas cousas da guerra , posto que ElRey de Cochij trabalhava por se dar carga ás náos , fazia-se mui trabalhosamente ; porque se hiam quatro toneis per esses rios , e esteiros em busca della , era necessario irem outros tantos bateis em sua guarda , de maneira , que não havia quintal de pimenta que não custasse sangue. Mas sobreveio caso , que nisso ajudou muito aos nossos ; e foi mandar a Rainha de Coulão , e seus Governadores , offerecimentos aos Capitães , que lhe dariam carga a duas náos , com o qual assentáram os Capitães que fosse lá Affonso de Albuquerque carregar as suas. E ainda por comprazer a ElRey de Cochij , quizeram elles que fosse isto por sua vontade , e que a Rainha lhe mandasse pedir esta licença. Chegado Affonso de Al-

Albuquerque a Coulão buſcar eſta carga, foi mui bem recebido, e feſtejado dos Governadores da terra, e aſſentou trato com elles ao modo de Cochij, e que ficaſſe alli hum Feitor pera que ordinariamente cada anno vieſſem tomar carga duas, ou tres náos, ſegundo a novidade foſſe. Por razão do qual concerto leixou por Feitor Antonio de Sá de Santarem, Ruy de Araujo, e Lopo Rabello por Eſcrivães, com obra de vinte homens pera guarda da Feitoria, que foi huma caſa, que lhe os Governadores da terra ordenáram; e com iſto acabado, e ſua carga feita, ſe tornou a Cochij. O Çamorij, em quanto Affonſo de Albuquerque eſteve tomando eſta carga, foi aviſado diſſo; e vendo que lhe aproveitavam pouco ſeus paráos armados, pera que a pimenta não vieſſe a Cochij, pois fóra delle em tão poucos dias achavamos carga; e que a canella, cravo, maças, e outras drogas da parte donde vinham ao ſeu Reyno, podiam vir ás noſſas mãos, e gengivre baſtava Cananor, com que tinhamos amizade: tenteando eſtas couſas, e as paſſadas, que lhe tinham cuſtado tanto, converteo a indignação a regra de prudencia, querer ante ſegura paz, que guerra tão damnoſa como era a que tinha comnoſco. Sobre o qual propoſito mandou certos Embaixadores a Franciſco de Albu-

 quer-

querque, movendo-lhe contracto de pazes, que lhe foram concedidas com estas condições: que havia de dar mil e quinhentos bahares de pimenta pela fazenda, que fora tomada na morte de Aires Correa, e mais que mandasse logo despejar seus portos dos navios, náos, e paráos de suas Armadas, pera as nossas náos poderem ir tomar carga, e que os dous bombardeiros, que se lançáram com elle, que os entregasse. Feito este concerto, a primeira cousa que se nisso fez, foi ir Duarte Pacheco a Cranganor a receber os mil e quinhentos bahares de pimenta, parte da qual trouxe, e veio baldear em a náo de Francisco de Albuquerque. E tornando lá outra vez com Nicoláo Coelho, por lhe ser promettido que lhe dariam carga pera ambas as náos, não acháram o recado segundo a esperança que levavam, porque ElRey estava já arrependido, por razão dos bombardeiros, pola entrega dos quaes Francisco de Albuquerque apertava. Finalmente, como elle desejava ter alguma pequena causa de quebrar o contracto das pazes, succedeo cousa que veio a descubrir esta sua tenção, e foi esta. Indo hum batel destas duas náos per hum esteiro assima, onde lhe tinham dito que fosse a receber pimenta, encontráram hum paráo, que vinha carregado della, o qual parece

que

que foi lançado áquelle propofito ; porque querendo os noſſos receber a pimenta, ſobre a entrega della, vieram huns, e outros ás armas, na qual revolta os noſſos matáram ſeis homens do paráo, e feríram outros, e elles tambem vieram ſangrados della. A qual couſa tanto que o Çamorij ſoube, como quem eſperava por iſſo, mandou logo cerrar todolos portos, e ſem pedir reſtituição, nem ſe aqueixar daquelle damno, tornou á guerra. Peró como os noſſos já a eſte tempo eſtavam quaſi carregados, toda eſta furia fundio pouco pera impedir a carga da pimenta, que era o principal intento ſeu, e quebrou em apparatos, e novos apercebimentos pera fazer guerra a ElRey de Cochij. O qual vendo que com a vinda daquelles dous Capitães pera eſte Reyno, elle tornava a ficar no proprio perigo, e trabalho de que ſahíra, e que o coração dos reveis que tornavam a ſua obediencia, com a chegada delles Capitães não eſtava ainda muito fiel, poſto que ficaſſe caſa da Feitoria na fortaleza que fizeram, os que nella ficaſſem, mór cuidado lhes havia de dar defendellos da indignação do ſeu povo, do que lhe podiam dar de ajuda. Revolvendo eſtas, e outras couſas em ſeu animo, bem affligido com temor dellas, deo diſſo conta a Affonſo de Albuquerque, e a Franciſco

de

de Albuquerque, pedindo-lhes que por serviço d'ElRey de Portugal seu irmão, pois elle tão lealmente defendia suas cousas té offerecer a vida por ellas, e perder todo seu estado, consultassem entre si como alli ficasse algum delles com mais gente da que ficava ordenada á Feitoria; porque como viam, elle esperava de se ver em maior necessidade, segundo tinha sabido per pessoas, que trazia em casa do Çamorij. Sobre o qual negocio, depois que os Capitães consultáram, se assentou com elle, que em sua ajuda ficaria o Capitão Duarte Pacheco com a sua náo, e Pero Rafael, e Diogo Pires Capitães das duas caravelas debaixo de sua bandeira com cem homens; e além dos ordenados ficariam na fortaleza outros sincoenta, tudo tão artilhado, e provído, que poderiam resistir ao poder do Çamorij; e ainda esperavam em Deos, que lhes haviam de ir fazer muito damno dentro no seu porto de Calecut. ElRey vendo que elles, depois de sua chegada té aquelle tempo, sempre trabalháram por o restituir em seu estado, com tanto perigo, e sangue derramado ante seus olhos, e em ficar aquella náo, e dous navios, era o mais que lhe podiam fazer, ficou satisfeito. Finalmente assentado este negocio, Affonso de Albuquerque se partio de Cochij, e passando per Cananor

a to-

a tomar gengivre, dahi ſe partio via deſte Reyno, onde chegou a ſalvamento. A qual boa fortuna não aconteceo a Franciſco de Albuquerque; porque não ſe podendo fazer tão preſtes como elle, partio o derradeiro dia de Janeiro de quinhentos e quatro; e ou que por partir tarde, ou porque aſſi eſtava ordenado de ſima, elle, e as outras náos de ſua companhia ſe perdêram, ſem ſe ſaber como, nem onde, porque não eſcapou quem o contaſſe. Sómente parece que ſe perdêram em os baixos de S. Lazaro, onde ſe tambem perdeo Pero de Taíde, que vinha em ſua companhia, ſegundo elle diſſe, o qual ſe ſalvou com a gente, e foi ter a Melinde, e alli achou Lopo Soares, como veremos adiante, alguma gente ſua, e elle faleceo de doença.

CAPITULO IV.

Do que Antonio de Saldanha, e dous Capitães, obrigados a ſua bandeira, paſſáram, depois que partíram deſte Reyno o anno paſſado de quinhentos e tres, depois da partida dos Albuquerques té chegarem á India.

POis temos dito o que fizeram eſtes dous Capitães móres Affonſo de Albuquerque, e Franciſco de Albuquerque, os quaes par-

partíram deste Reyno o anno de mil quinhentos e tres, ante que saiamos do anno, convem fazermos relação do que passou Antonio de Saldanha, que era o terceiro Capitão mór. O qual partindo do Reyno depois delles, por ir ordenado pera andar de Armada fóra das portas do estreito de Méca entre as duas costas, a do cabo Guardafu, e a da Arabia: e foi sua ventura que levava hum Piloto, que deo com elle na Ilha de S. Thomé, não indo já em sua companhia a náo de Diogo Fernandes Pereira, e daqui o levou aquém do Cabo de Boa Esperança, affirmando-se que o tinha dobrado. Ao qual lugar por razão da aguada que alli fez, se chama hoje Aguada de Saldanha, mui celebrada em nome ácerca de nós, não tanto por esta, e outras, que alguns Capitães aqui fizeram, quanto por causa de muita fidalguia que a mãos da gente desta terra aqui pereceo, (como se verá em seu lugar.) A qual gente logo nesta chegada de Antonio de Saldanha mostrou ser atreiçoada, e pera não confiar della, porque trazendo a Antonio de Saldanha huma vaca, e dous carneiros no modo de dar, e tomar com os nossos; na segunda vez, que Antonio de Saldanha sahio em terra, sobre huma vaca lhe tinham armado huma cilada de obra de duzentos homens, com que o pro-

proprio Antonio de Saldanha correo riſco de ſua peſſoa por acudir a hum homem, e não eſcapou dos Negros, ſenão ferido em hum braço. E ante que houveſſe eſta rotura com os Negros, porque a terra lhe pareceo deſpovoada, e não ſabiam em que paragem eram, e a náo de Ruy Lourenço já não era com elle, por ſe apartar com hum temporal ante que chegaſſe a eſta aguada; ſubio-ſe Antonio de Saldanha em hum monte per cima mui chão, e plano, ao qual ora chamam a meza do Cabo de Boa Eſperança, donde vio o roſto do Cabo, e o mar que ficava além delle da banda de Leſte, onde ſe fazia huma baia mui penetrante, no fim da qual per entre duas cerranias de altos rochedos, a que ora chamam os picos fragoſos, vertia hum grande rio, que parecia trazer o ſeu curſo de mui longe, ſegundo era poderoſo em aguas, por os quaes ſinaes vieram em noticia ſer aquelle o meſmo Cabo de Boa Eſperança; e com o primeiro tempo que lhe ſervio, o paſſáram, fazendo ſua viagem já mais confiados. Ruy Lourenço com o temporal que tiveram apartado delle, foi ter a Moçambique, e como o não achou nem em Quiloa, onde o eſperou vinte e dous dias, partio-ſe dalli: e á ſahida do porto tomou dous zambucos com alguns Mouros, que entregou a ElRey

por

por ſerem de Mombaça. E dahi ſe foi á Ilha de Zemzibar, que he aquém de Mombaça vinte leguas, e tão pegado á terra firme, que as náos que paſſarem per entre ellas, hão de ſer viſtas. Onde por eſte ſer hum canal da navegação daquella coſta, ſe leixou eſtar obra de dous mezes, em que tomou mais de vinte zambucos carregados de mantimentos da terra; no fim do qual tempo, rodeando a Ilha per fóra, foi ter ao porto da Cidade Zemzibar, donde a Ilha tomou o nome, em que eſtavam algumas náos ſurtas, e muitos zambucos. Na qual chegada, por ſer quaſi Sol poſto, não tiveram mais tempo pera ſaber da terra, que verem recolher-ſe os navios pequenos, pondo as prôas nella, e tudo com moſtras que não haviam de ſer bem hoſpedados, principalmente com as gritas que davam de noite: té que em amanhecendo veio hum recado do Senhor da terra ao Capitão, no qual lhe mandava perguntar ſe era aquelle, que andava roubando os navios, que vinham com mantimentos pera aquella Cidade ſua; e ſendo elle, lhe perdoaria o damno que tinha feito, com tanto que lhe déſſe a artilheria, e couſas tomadas. Ao que Ruy Lourenço reſpondeo, que elle era vaſſallo d'El-Rey de Portugal, enviado em companhia de outras náos, de que ſe apartára com hum

tem-

temporal ; e porque em todolos portos da Comarca daquella Ilha nunca achou o que geralmente ſe dá a todolos homens, mantimentos, e o neceſſario por ſeu dinheiro, ante achára muita bombardada, e fréchada, elle em defensão de ſua peſſoa, e por emenda do que lhe era feito, faria o que fazem os offendidos. Porém leixadas as offenſas alheias, lhe pedia que folgaſſe de o agazalhar, e per elle acceptaſſe a amizade d'ElRey de Portugal ſeu Senhor, como o tinham feito alguns Reys, e Senhores ſeus vizinhos, e outros da India, com a qual ſeus eſtados eram poſtos em paz, e em mais riqueza, e poder do que ante tinham. ElRey, (que aſſi ſe intitulava o Senhor deſta Cidade Zemzibar,) como homem não experimentado em noſſas couſas, não ſómente fez pouca conta deſte recado de Ruy Lourenço, mas ainda mandou poer em ordem os paráos, que alli eſtavam pera vir tomar a náo. Os noſſos, havido conſelho ſobre eſte caſo, ordenáram, que primeiro que os paráos vieſſem, que foſſe a elles o batel della com obra de trinta e ſinco homens, em que hiam dous criados d'ElRey: a hum chamavam Gomes Carraſco, que era Eſcrivão da náo; e o outro Lourenço Feio, homens deſejoſos de ganhar honra, os quaes commettêram os paráos, e hum, e hum com morte

de

de alguns Mouros, trouxeram quatro a bordo da náo. ElRey como a este tempo tinha já appellidada a terra, quiz na praia dar huma mostra de té quatro mil homens, dos quaes era Capitão hum filho seu. Ruy Lourenço vendo a multidão delles, porque esperava de se ajudar bem com artilheria, armou dous dos seus zambucos, e o batel com a miudeza que podiam levar, e gente destra, e poz rosto na terra, a que logo acudíram os Mouros apinhoando-se todos, onde lhes pareceo que os nossos queriam sahir. O qual ajuntamento foi pera maior sua destruição; porque chegados os zambucos bem a terra com mostra que a queriam tomar, ficou o cardume da gente pera a artilheria ser melhor empregada, de maneira, que logo da primeira cevadura ficáram na praia trinta e sinco delles, em que entrou o filho do Senhor da terra que os mandava. A qual destruição foi pera elles tamanho espanto, que com aquelle temor desampararam a praia, leixando porém muita gente da nossa encravada com o armazem de seus tiros, de que logo alli morreo hum marinheiro. O Capitão Ruy Lourenço vendo toda a ribeira despejada, e querendo-se pôr em consulta do que faria, víram vir hum Mouro correndo com huma bandeira das quinas Reaes deste Reyno arvorada em huma aste,

te, bradando per Aravia: *Paz*, *paz*, *paz*. Quando elle conheceo a bandeira, como quem via huma cousa sagrada, digna de veneração, tirou o capacete da cabeça, e poz-se em giolhos fazendo reverencia, como se víra seu Rey, ao qual imitou toda a outra gente que estava com elle, do qual modo os Mouros que estavam em hum tezo em olho dos nossos, se espantáram muito, e o Mouro que trazia a bandeira teve ousadia de se chegar tanto a elles, que levemente o podiam ouvir, pedindo, polo sinal que trazia na mão, licença pera seguramente fallar ao Capitão: ao que lhe foi respondido, que se alguma cousa queria, que fosse á náo, que lá lhe fallaria; e isto fez o Capitão de industria, por lhe mostrar toda a artilheria, e munições de guerra, e o poder receber com mais apparato do que tinha no batel, onde estavam todos em pé. Tornado o Capitão Ruy Lourenço á náo, veio o Mouro logo trás elle acompanhado de outros quatro, que eram dos principaes da terra, aos quaes Ruy Lourenço recebeo com gazalhado, e os fez assentar em huma alcatifa segundo seu uso. A substancia da qual vinda era pedirem paz, e que ElRey se queria fazer tributario d'ElRey de Portugal que pera o passado, bastasse por satisfação d'alguma culpa, se a tinham em defender sua terra, a morte de

seu

ſeu filho, e de muitos que o acompanhá-
ram nella. Finalmente o Capitão lhe conçe-
deo a paz com tributo em cada hum anno de
cem miticaes d'ouro, e trinta carneiros pe-
ra o Capitão que os vieſſe receber. O qual
tributo lhe poz, não ſómente por razão de
vaſſallo d'ElRey D. Manuel, mas porque
em ſúa chegada não moſtrou a bandeira das
quinas Reaes do Reyno, a qual, (ſegundo
elles diſſeram,) dera João da Nova a hum
ſobrinho d'ElRey de Melinde pera nave-
gar ſeguramente, cujas eram huma das qua-
tro náos, que alli eſtavam ſurtas, e ancora-
das, tomando eſte ſobrinho d'ElRey por deſ-
culpa de não apreſentar a bandeira, eſtar
em porto alheio, e ſer entertido que o não
fizeſſe. Pagou logo o tributo daquelle an-
no, deo o Capitão livremente as duas náos
ao ſobrinho d'ElRey de Melinde, e á Ci-
dade deo outra por ſer ſua: ſómente a quar-
ta, que era de hum lugar da coſta chama-
do Pate, ſe reſgatou por cento e ſeſſenta
miticaes, mais em ſinal de obediencia, que
em eſtima de ſua valia, com o qual con-
certo todos ficáram em paz, e quietos, e
Ruy Lourenço ſe partio via de Melinde em
buſca de Antonio de Saldanha, onde ainda
não era vindo. Mas acháram o Rey noſſo
amigo em tanta neceſſidade, que a ſua che-
gada o ſalvou de muito perigo, porque El-
Rey

Rey de Mombaça lhe fazia mui crua guerra por razão da amizade que elle tinha comnosco. O qual, como homem que esperava retorno daquella obra, em odio nosso tinha mui bem fortalecida a Cidade, e á entrada da barra feito hum baluarte mui forte com toda a artilheria, que houve da náo de Sancho de Toar, que se perdeo naquella paragem, vindo com Pedralvares Cabral, a qual se tirou a mergulho donde estava. Ruy Lourenço como foi informado d'ElRey destes seus trabalhos, e da causa delles, ordenou logo com elle, que com a sua náo queria ir dar huma vista ao porto de Mombaça; per ventura quando ElRey o visse sobre a barra della, leixaria de vir per terra com gente, pois se fazia prestes pera vir a lhe dar batalha. Posto Ruy Lourenço em caminho a dar esta vista a Mombaça, succedeo-lhe tambem o negocio que tomou per vezes duas náos, e tres zambucos, nos quaes vinham doze Mouros homens mui principaes da Cidade de Brava, que está abaixo de Melinde cem leguas. E porque esta Cidade era regida per communidade, de que estes doze Mouros eram as principaes cabeceiras do governo della, não sómente resgatáram suas pessoas, e huma destas náos tomadas, dizendo ser daquella sua Cidade, mas ainda em nome della a fize-

zeram tributaria a ElRey de Portugal com quinhentos miticaes d'ouro de tributo cada anno, pedindo logo pera ſegurança de poderem navegar, como vaſſallos d'ElRey, huma bandeira, o que lhe Ruy Lourenço concedeo de boa vontade. E a principal cauſa de ſe logo eſtes Mouros fazerem tributarios foi, porque detrás delles vinha huma náo mui rica da propria Cidade de Brava, em que cada hum trazia boa parte de fazenda, a qual prudencia Ruy Lourenço conheceo tanto que a náo chegou, e lha entregou inteira, e livre, ſendo certificado que era ſua, do que elles ficáram mui eſpantados, vendo que a riqueza da náo não fazia cubiça aos noſſos polo ſeguro, que lhe tinham dado, entendendo a cautela de que elles uſáram por a ſalvar. ElRey de Mombaça com eſtas prezas, que os noſſos andáram fazendo, apreſſou mais ſua vinda ſobre Melinde, porque lhe deſpejariam o porto pera entrarem as náos que vinham a elle, em que tinha recebido muita perda. Da qual vinda ElRey de Melinde foi logo aviſado, e o foi receber a hum certo lugar, onde houveram batalha; e ſem a victoria ficar com algum, poſto que ElRey de Mombaça vinha mais poderoſo em gente, tornou-ſe á ſua Cidade, temendo que os noſſos lhes fizeſſem algum damno nella. Peró

ró Ruy Lourenço contentava-ſe com lhe fazer a guerra de fóra, tomando quantas náos vinham pera entrar no porto, no qual tempo em hum batel mandou hum Gomes Carraſco com trinta homens, que entraſſe pela barra dentro a lhe ver o ſitio da Cidade, e por razão de hum batel, que tinham feito neſta entrada, não ſubio aſſima. Finalmente havendo já dias que Ruy Lourenço andava neſte officio de prezas das náos que tomava, as quaes reſgatava a preço de meticaes d'ouro, por não avolumar a náo com outra fazenda, chegou Antonio de Saldanha, que tambem de Quiloa té alli tinha tomado tres, que foi a todos grande prazer, e mais com tão boas venturas, como lhe tinham acontecido, poſto que foram com perigo, e muito trabalho de ſuas peſſoas. ElRey de Mombaça temendo que com a vinda de Antonio de Saldanha, o de Melinde lhe podia fazer mais damno, lá teve modo que ſe mettêram os ſeus Cacizes entre elles, com que ſe concertáram, que cauſou partir-ſe logo Antonio de Saldanha, e Ruy Lourenço com elle. Os quaes dobrado o cabo de Guardafu, foram ter á Villa de Mete, onde per prazer do Xeque ſahíram em terra a fazer ſua aguada em hum poço; e tendo já tomadas tres pipas, levantáram os Mouros huma revolta com deſejo de

empecer aos noſſos; mas elles foram os empecidos, ficando logo tres mortos no terreiro, a fóra os feridos, poſto que tambem cuſtou ſangue principalmente a Gomes Carraſco em huma perna, em que foi muito ferido. E porque todo o povo da Villa ſe poz em armas, não quiz Antonio de Saldanha que os ſeus, por beber agua, lhe cuſtaſſe mais ſangue, e tomou por emenda delles varejar a Villa com artilheria. Da qual coſta, por ſer já na entrada do mez de Abril, que começam ventar os Ponentes, atraveſſou á outra parte da coſta de Arabia aſſima de Adem, e foi correndo toda com propoſito de ir invernar a humas Ilhas, a que os da terra chamam Canacanij. Ante de chegar ás quaes, tomou huma náo carregada de incenſo, que vinha de Xael, que metteo no fundo por ſe não embaraçar com a carga della, de que a gente ſe ſalvou por dar comſigo á coſta, e adiante tomou outra carregada de Mouros, que hiam em romaria a Méca, onde houve de preza algum dinheiro do que elles levavam pera ſuas eſmolas, e aſſi alguns mancebos, porque os mais delles ſe ſalváram a nado em terra, dando tambem com a náo á coſta. Chegado ás Ilhas de Canacanij, e eſtando na terra firme fazendo aguada, vieram ſobre elle muita gente de pé, e até ſincoenta de caval-

vállo Arabios, homens que ousadamente se chegavam, e com tudo ficáram mortos sinco delles, e dos nossos ao recolher dos bateis foram sete feridos, sem tomarem mais agua, por os Mouros logo em chegando atupirem o poço. Depois por a grande necessidade que traziam d'agua, querendo dahi a dous dias tornar a ver se a podiam tomar, acudíram mais de duzentos de cavallo, e tres mil de pé, que não deram lugar a poderem sahir em terra. Vendo Antonio de Saldanha que já toda aquella costa era appellidada, e que não podiam tomar agua senão á custa de sangue, em quanto não teve tempo, leixou-se estar naquellas Ilhas, onde comiam por refresco tartarugas, e algum pescado; e tanto que lhe servio, partio-se com proposito de tomar as Ilhas de Curia Muria; mas não as pode tomar, e dahi se partio na volta da India, dia de Sant-Iago. Da chegada do qual se verá adiante, porque primeiro convem sabermos o que passou ElRey de Cochij, e os nossos que com elle ficáram depois, que os Albuquerques se partíram pera o Reyno.

CAPITULO V.

Como o Çamorij veio com grande poder de gente, e apparato de guerra per terra, e per mar ſobre ElRey de Cochij: e das victorias, que os noſſos delle houveram.

PArtido Franciſco de Albuquerque, (ſegundo diſſemos,) ſoube logo o Çamorij como ficava em guarda de Cochij huma náo, e duas caravelas com gente pera as marear, e pera defensão da fortaleza, que os noſſos tinham feito. E confiado no apparato da guerra, e multidão da gente que podia levar, aſſi per mar, como per terra, dizia, que aquella deſpeza que fazia não era pera ſómente deſtruir o Senhor de Cochij, mas ainda pera tomar a noſſa fortaleza; e que eſta tomada, não teriam as náos, que vieſſem do Reyno á colheita, onde pudeſſem fazer carga. ElRey de Cochij per ſuas eſpias era ſabedor deſtes grandes apercebimentos do Çamorij, e andava hum pouco deſconfiado de poder reſiſtir a tamanho exercito, por ſe dizer que trazia per mar, e per terra repartidos ſincoenta mil homens: huns, que haviam de vir combater a noſſa fortaleza com muita artilheria, que houveram dos Mouros de Méca; e os outros haviam

viam de vir per terra commetter o váo, e mais que tinha convocado todolos principaes do Malabar contra elle. Com as quaes novas, que sempre na boca do povo se multiplicam em mais do que são, muitos dos naturaes de Cochij se passavam do Reyno a outras partes, fugindo de noite em barcos. ElRey, posto que ouvisse, e visse estas cousas, como prudente dissimulava o que tinha em seu peito, que eram estes receios; e o melhor que podia andava provendo em o necessario pera a defensão do Reyno, principalmente em huma estacada no passo do váo do rio, per onde na guerra passada o Çamorij entrou. Duarte Pacheco sentindo esta desconfiança, e temor, que ElRey trazia, o esforçou, promettendo-lhe que por salvação de sua pessoa, e estado, elle com quantos eram em sua companhia tinham offerecido as vidas; e que com este proposito aceptára ficar em sua ajuda como elle sabia, e tão longe de sua patria, que não tinha outro amparo senão as armas, com as quaes esperava de o quietar em seu estado com a victoria de seus imigos: que se esta vontade que elle tinha, Sua Real Senhoria achasse em seus proprios vassallos, tivesse por certa a segurança de suas cousas. Mas que elle receava, segundo o que já via em alguns, principalmente em os Mouros, que
vi-

viviam em ſeu Reyno, não achar tanta lealdade nelles, quanta fé, amizade, e ſerviço lhe haviam de guardar, e fazer os Portuguezes. ElRey com eſtas, e outras palavras de Duarte Pacheco ficou algum tanto conſolado, e muito mais quando vio com quanta diligencia elle dava ordem ás couſas neceſſarias; e porque alguns dos ſeus naturaes já deſcubertamente de dia ſe paſſavam do Reyno de Cochij pera outras partes com temor da vinda do Çamorij, o que fazia grande eſpanto na gente miuda, per conſelho de Duarte Pacheco mandou ElRey lançar pregões, que ninguem ſe ſahiſſe do Reyno, e qualquer que foſſe tomado neſta paſſagem morreſſe por iſſo. Duarte Pacheco por animar ElRey, e os ſeus, que andavam mui cortados de temor, tanto que ſoube que o Çamorij era no Repelim, ante que deſceſſe abaixo a Cochij, o foi eſperar em hum paſſo, ſómente com huma caravela, e bateis, e alguns barcos da terra, em que levaria té trezentos homens, de que os oitenta eram Portuguezes, e os outros Malabares, que pera iſſo deo ElRey. Os Caimaes, e principaes de Cochij vendo eſta diligencia de Duarte Pacheco, e quão ouſadamente hia commetter o Çamorij, peró que eſtiveſſem abalados pera ſe rebelar a ElRey, detiveram-ſe té ver em que parava eſta ſua

ida;

ida: e approuve a Deos que foi em tal hora, que deo em humas aldeas, onde já estava assentada a gente do Çamorij, em que fez grande estrago por estar descuidada. E posto que sempre no commettimento, e sahida em terra, que os nossos fizeram, houve sinaes de victoria, hiam os naturaes de Cochij tão temerosos com a fama do Çamorij, como que vinha trás elles a furia de todalas armas do Çamorij; e quem mais remava com o seu catur, mais valente era, porque ácerca delles não he vileza virar as costas, mas não ousavam de parecer ante ElRey por não terem causa de fugir. A qual fugida ElRey sentio muito pola fraqueza dos seus, e o Çamorij mais polo animo dos nossos, e converteo a indignação deste caso sobre os astrologos, e adivinhos, que lhe promettiam grandes victorias de nós. Porém como elles sempre buscam escapulas a seus enganos, tomáram por desculpa que o dia que commettêra aquella jornada pera a sua gente tomar aquelle alojamento, em que recebêram tanto damno, fora em hora infelice, e não electa per parecer delles, senão per sua propria vontade, sem com elles consultar os dias, que pera bem de sua victoria lhe convinha obrar as cousas essenciaes daquella guerra: que se quizesse conseguir victoria de seus imigos, usasse das

ho-

horas de ſua eleição, porque eſtas lhe convinham, e não as tomadas per propria vontade; ao que ElRey deo credito polo muito que confiava nelles. Paſſado eſte accidente, entre alguns dias, que eſtes meſtres da eleição do tempo eſcolhêram pera o Çamorij pelejar com os noſſos, foi hum Domingo de Ramos deſte anno de quinhentos e quatro, o qual por ſer tão ſolemne com os Myſterios, que Chriſto nelle obrou por noſſa Redempção, andavam os noſſos tão alegres de em tal dia ſe verem com os imigos, que ſe eſpantavam os Malabares, e diziam, que os noſſos andavam tomados da furia da vingança, como os Amoucos de Malaça, e da Java, os quaes são homens, que com indignação de alguma vingança matam quantos acham ante ſi, não temendo a morte, com tanto que fiquem vingados. E certo, que ſegundo o Çamorij trazia a gente, e navios, de que os noſſos cada hora eram aſſombrados, ſenão entreviera a conſolação, e esforço eſpiritual da memoria daquelles dias da Quareſma, em que eſperavam por ſerviço de Deos, e de ſeu Rey derramar ſeu ſangue, ſegundo eram poucos, e a carne he ſubjecta a temores da morte, ſem dúvida era couſa pera ſe todos embarcarem pera eſte Reyno, porque roſto, diſpoſição, e vontade viam em os naturaes da terra pera

deſ-

desesperar de sua ajuda, e esperar fazerem delles entrega ao Çamorij, como elle requeria. Assi que entre fé, e temor se determináram de ir esperar o Çamorij ao váo da estacada, em que elle por passar, e os nossos polo defender, houve huma miraculosa batalha; porque tendo o rosto a tanto pezo de gente, sómente tres dos nossos foram feridos, e dos imigos hum grande numero, porque onde morrêram cento e oitenta, não podia deixar de ser boa somma. Passado este dia, em que o Çamorij recebeo tanta perda, á sesta feira de Endoenças, per eleição dos feiticeiros, mandou outra vez commetter o passo do váo, e dia de Pascoa outra, não sómente a pé, mas ainda com grande numero de paráos, que quasi faziam huma parte, no qual commettimento a nossa artilheria lhe metteo no fundo onze delles, e matou trezentos e sessenta homens; e o maior damno que da nossa parte se recebeo, foi a gente da terra, que andava mal armada; porque como a maior parte de sua guerra he fréchadas, espada, adarga, e ainda entre elles não havia tanto numero de artilheria, como ora tem: mais subjectos andavam os naturaes da terra ao perigo por mal armados, que os nossos, que traziam as armas de que cá usam. E a maior industria que o Çamorij punha neste negocio,

era

era ſaber quantos Portuguezes morriam: cá fazia conta que por ſerem poucos elle os iria gaſtando té ElRey de Cochij ficar deſamparado delles; e com lhe dizerem que nos tres dias, que commetteo o váo, eram mortos vinte Portuguezes, iſto lhe faziam crer ſeus adivinhos, por lhe terem dito que na morte dos Portuguezes eſtava a ſua victoria. Com os quaes enganos, quando veio á terça feira de Paſcoa, per ſeu conſelho tornou repetir a entrada per mar, e per terra; e foi tão caſtigado da noſſa artilheria, que affaſtando-ſe do lugar do váo, ſe recolheo a hum palmar com perda de cento e trinta homens mortos, e grande numero feridos; e os noſſos, ſegundo andavam cubertos de nuvens de ſettas, e entre artilheria, miraculoſamente Deos os guardava. As quaes couſas quebráram tanto o coração de todo aquelle Gentio do Çamorij, que lhe fugio da gente fraca, e meſquinha mais de quinze mil homens, e ſeſſenta paráos de remo, o que cauſou tamanho temor nelle, que logo ſe quizera partir, ſe o não entretivera o ſenhor de Repelim, e conſelho de alguns Mouros, dizendo, que leixaſſe aquelle váo de tanto infortunio, e commetteſſe a entrada per outra parte, que não foſſe per tão eſtreito lugar, pera que a gente toda pudeſſe pelejar: o que não podia ſer naquelle lu-

gar

gar eſtreito, porque tirando os dianteiros, os outros mais damnavam aos ſeus proprios, do que offendiam aos imigos, o qual conſelho o Çamorij acceptou, e partio-ſe daquelle lugar.

CAPITULO VI.

De algumas victorias, que os noſſos houveram do Çamorij: e das induſtrias, e ardis de guerra, que os Bramanes, e Mouros do ſeu arraial lhe inventáram pera o conſolar das perdas, que houve, e perigos per que paſſou.

PArtido o Çamorij de aquelle paſſo, ſem os noſſos ſaberem o fundamento de ſua partida, chegou naquella mudança hum Bramane a Duarte Pacheco, e deo-lhe huma carta, a qual lhe mandava hum Rodrigo Reinel, que fora cativo em Calecut no tempo de Pedralvares Cabral, quando matáram Aires Correa; o qual lhe fazia ſaber como quantos ardis, e conſelhos ElRey de Cochij tinha, logo o Çamorij era aviſado delles per os Mouros, em que ElRey mais confiava; e que todos eſtavam de acordo per induſtria do Çamorij pera matar todolos Portuguezes per qualquer modo que pudeſſem. Duarte Pacheco por não moſtrar a ElRey que temia os Mouros, que andavam

na-

naquellas cousas, não lhe deo conta do que ordenavam contra os nossos, sómente lhe fez queixume delles da pouca lealdade que lhe mantinham, dando aviso de seus segredos a seu imigo, pedindo-lhe que provesse nisso, mandando dar tal castigo a hum par delles, que temessem os outros incorrer na sua culpa. O que ElRey dissimulou, e não poz em obra, temendo escandalizar em tal tempo os Mouros, em quem elle tinha posto boa parte de sua esperança, por serem mercadores, que tinham muita substancia de fazenda; e com este receio, que elles sentiam em ElRey, tomáram licença que descubertamente andavam amedrentando os naturaes a leixar a terra, e principalmente áquelles, que eram adjutorio de guerra, que com seus paráos, e barcos hiam buscar mantimentos, de que começava haver a necessidade. A qual cousa escandalizou tanto a Duarte Pacheco, que tornou outra vez sobre isso a ElRey, e lhe afeou tanto o caso, que lhe deo elle licença que pudesse castigar aquelles, que contra seus mandados leixavam a terra. Havida esta licença, não passáram seis dias que não fossem tomados nesta culpa sinco Mouros, os quaes Duarte Pacheco mandou levar á náo com fama que os mandava enforcar: sobre que logo vieram muitos recados d'ElRey que tal não fi-

fizeſſe, por ſerem homens aparentados, e dos principaes da terra. Ao que elle reſpondeo, que lhe pezava de vir o ſeu recado tão tarde, porque os miniſtros de ſua morte foram niſſo mui diligentes por ſuas culpas o merecerem: de que ElRey, e os Mouros ficáram mui triſtes, e temeroſos de tão publicamente fazerem o que ante faziam. Peró Duarte Pacheco os tinha mandado mui bem guardar, e ter em ſegredo té o fim da guerra, porque eſperava ao diante comprazer com a reſurreição delles a ElRey, e aos Mouros da terra, por ſerem proveitoſos pera o negocio da pimenta; porém ao preſente ficáram tão eſcandalizados, que não andavam buſcando ſenão como pudeſſem a ſeu ſalvo empecer os noſſos. Com o qual odio, andando Duarte Pacheco fazendo algumas entradas na Ilha Cambalão, em quanto o Çamorij fez aquella mudança do váo a outra parte, eſtes Mouros de Cochij, lá onde os noſſos andavam pelejando, lançáram huma fama ſolta per todos os da terra, que os Mouros de Cochij tinham tomada a fortaleza, e huma das caravelas, e a náo, com morte de quantos Portuguezes eſtavam em ſua guarda, exhortando os que lá andavam em ſua ajuda que fizeſſem outro tanto, e aſſi ficariam livres dos trabalhos da terra, que padeciam por ſua cauſa. Duarte Pache-

co,

co, primeiro que eſta falſa nova ſe publicaſ-ſe, foi ſabedor della per aviſo de Cochij; e temendo que podia fazer alguma impreſ-são no animo dos naturaes, que não era mui fiel, ſimulando neceſſidade, ſe veio pera Co-chij ſem do caſo dar conta a ElRey, ſó-mente de novo começou fortalecer, e pro-ver nas partes de ſuſpeita, e ter maior vi-gia ácerca dos Mouros de Cochij. E entre algumas couſas, que ordenou, foi, que na-quella parte per onde o Çamorij queria paſ-ſar, em que via outro váo de maré vaſia, mandou de noite ſecretamente metter humas eſtacadas mui agudas de páos toſtados em lugar de abrolhos pera ſe encravar a gente, o que aproveitou muito. Porque o dia da paſſagem deſte váo, como todos vinham com impeto de paſſar, lançou-ſe hum grão golpe de gente a elle, dando-lhe agua pelos peitos, e tanto que ſe começáram a encra-var, acurvavam, e os outros que ſobrevi-nham detrás, empeçavam nelles de manei-ra, que cahiam huns ſobre outros repreſan-do a agua, ſem ſer já váo, mas lugar de ſua perdição, huns afogados, e outros en-cravados, com que os trazeiros não ouſa-vam commetter aquella paſſagem. Com tu-do, era tão grande o numero da gente, que ainda paſſáram muitos da banda da Ilha onde eſtavam os noſſos, que naquella defen-

são

são tiveram o maior trabalho do que té então tinha paſſado; e a cauſa foi eſta. O Çamorij, quando quiz commetter eſta paſſagem, fez moſtra que havia de ſer per hum ſó lugar; e tanto que a gente começou entrar, o Senhor de Repelim com grande numero de paráos, em que haveria mais de tres mil homens, commetteo entrar per outro paſſo mais abaixo, o qual caſo fez Duarte Pacheco repartir a gente que tinha em duas partes, mandando a eſta, per que entrava o Senhor de Repelim, as duas caravelas, Capitães Diogo Pires, e Pero Rafael com alguns paráos, e elle ficou em terra no lugar per onde commettia o váo o Principe Naubeadarij com o maior corpo da gente. Eſtando em hum meſmo tempo, aſſi neſta parte do váo, como nas caravelas, defendendo a paſſagem obra de trezentos homens da terra, per induſtria dos Mouros deſamparáram Duarte Pacheco, o qual vendo-ſe mui perſeguido da multidão dos imigos, mandou chamar o Principe de Cochij, que eſtava em outro paſſo de menos defensão, e não lhe acudio, como quem temia ir-ſe metter em tão manifeſto perigo, como ſabia ſer o em que elle eſtava. Duarte Pacheco, porque ſobre eſte deſamparo ſe vio ainda em outra maior neceſſidade, que foi falecer polvora a huns bateis que tinha no ſeu paſ-

ſo,

ſo, os quaes lhe ajudavam muito, entretendo o pezo da gente, a grão preſſa mandou ás caravelas debaixo que lhe ſoccorreſſem; e com hum batel que mandáram, que ſe ajuntou aos outros que lá tinha, ficou com algum repouſo da multidão dos imigos, que qualhavam o rio naquella paſſagem; porque teve outra ajuda depois da vinda deſte batel, que foi vir tambem a maré a elles, com que totalmente aquelle lugar ficou ſeguro de paſſagem, e elle teve tempo de vir nos bateis que alli tinha ſoccorrer as caravelas: e approuve a Deos que com ſua chegada tambem ficáram livres do damno, que recebiam da multidão dos paráos. Finalmente ſe os imigos ſangráram os noſſos, elles recebêram o maior damno, porque em ambolos paſſos ſómente os mortos foram ſeiscentos e ſincoenta. E o que mais aſſombrou o Çamorij neſte dia, foi, que recolhido elle em hum palmar vizinho á borda do rio, lá o foi peſcar huma bombarda das caravelas, matando-lhe nove homens aos ſeus pés, do ſangue dos quaes elle ficou borrifado, e hum delles diziam ſer Bramane, que lhe eſtava dando betel. Por razão do qual caſo ſe indignou tanto contra os ſeus feiticeiros, que os quizera mandar matar, porque naquelle dia lhe tinham elles promettida a victoria, e nelle recebeo maior

da-

damno que em todolos paſſados. Porém entrevieram niſſo muitos Caimaes, e peſſoas notaveis, e deram por deſculpa por parte delles, dizendo, que os Deoſes eſtavam indignados contra elle Çamorij, porque no principio daquella guerra promettêra de lhe fazer hum Templo, o qual té aquelle dia não tinha começado; e pera confirmação diſto que lhe queriam perſuadir, ſobreveio ao ſeu arraial huma enfermidade á maneira de peſte per eſpaço de hum mez, que não durava hum homem mais que dous, ou tres dias, em que perdeo mais de ſeis mil homens. Com temor da qual muitos lhe fugíram, e os outros andavam tão aſſombrados, que metteo o Çamorij em grande confusão, não ſe ſabendo determinar. Os Bramanes feiticeiros, por ſe tornarem a recónciliar com elle, vieram com hum ardil de enganos, por não acabarem de perder o credito de ſuas promeſſas, dizendo, que queriam ordenar huns certos pós, os quaes haviam de ſer lançados na viſta dos noſſos quando vieſſem a ſe adjuntar com a ſua gente; e eram tão poderoſos, que os haviam de cegar de todo pera não poderem dar mais hum paſſo. Os Mouros, a quem eſtas couſas mais tocavam, poſto que não confiaſſem neſtas mentiras dos Bramanes, folgavam com ellas por animar o povo, e

 mais

mais a ElRey, que o viam mui quebrado, e trouxeram tambem outra invenção, em que mais confiava por ser industria de guerra, dizendo ao Çamorij, que alli estava hum Mouro per nome Coje Alle, o qual tinha inventado huma maneira de castellos de madeira armados sobre paráos, em cada hum dos quaes bem poderiam caber dez homens, e seriam tão sobranceiros sobre as caravelas, com que ficassem senhores do alto: e como a força dos nossos estava nestas caravelas por razão da artilheria, tomadas ellas, ficavam perdidos de todo. E que além deste ardil, tinham outro muito melhor, por ser sem nenhum trabalho, dar aviso aos Mouros de Cochij, que lançassem peçonha nas aguas de que os nossos bebiam, com que os iriam gastando. As quaes cousas assi ficáram no juizo do Çamorij, que lhe parecia não ter mais dilação per haver victoria dos nossos, que em quanto estas se ordenavam, e por isso com muita diligencia mandou logo pôr mão nellas.

CA-

CAPITULO VII.

De algumas cousas, que o Çamorij Rey de Calecut ordenou, e commetteo contra os nossos, e ElRey de Cochij na guerra, que tinha com elle: e do que Duarte Pacheco nisso fez.

DUarte Pacheco, depois que lhe Deos deo aquella victoria, veio-se com as caravelas adjuntar á náo, e favorecer a fortaleza, mui descontente do Principe de Cochij, e delRey, por lhe fugir tanta gente da sua, principalmente por o Principe não acudir com soccorro ao tempo que o mandou chamar, em que os imigos quasi houveram de passar o váo, e se passáram, fora o negocio de todo acabado. E o que mais daqui sentia era parecer-lhe, que vinha isto per industria dos Mouros de Cochij; e sendo assi, elle não podia ter tanto resguardo, que huma hora, ou outra não lhe pudesse acontecer algum grande desastre, por ser trabalhosa cousa guardar-se dos imigos de casa. ElRey como soube que elle estava descontente, veio-se com o Principe a visitallo da victoria do dia passado, e o Principe a desculpar-se, dizendo, que a gente que fugíra, elle tinha mandado fazer exame disso, e achava ser quasi dos Cai-

mes, e Capitães, que ſe rebeláram ao ſerviço d'ElRey, ſentio que alli eſtava. ElRey tomada a mão ao ſobrinho com palavras brandas, e moſtras de muito amor, começou de tirar de ſuſpeita a Duarte Pacheco, moſtrando que de couſa alguma daquellas elle não fora ſabedor; ſómente vindo viſitallo, e dar-lhe as graças do trabalho, que aquelle dia paſſado levára por defensão do ſeu Reyno, topára ſeu ſobrinho, que lhe contou o deſcontentamento, que elle tinha, e a cauſa delle. E quanto á deſconfiança dos Mouros, elle tinha razão, peró ó tempo não dava lugar a mais, que a diſſimular com elles por ſerem muitos, e poderoſos; que commettendo algumas couſas leves, convinha paſſar per elles, e quando foſſem públicas, e de perigo, então teria outro modo com elles. Que lhe pedia não houveſſe paixões, pois não tinha por trabalho os perigos, que paſſava em defender aquelle ſeu Reyno, que era d'ElRey de Portugal ſeu Irmão; por tanto, leixado todo o paſſado, entendeſſe em remediar o preſente, porque, ſegundo o Çamorij fora eſcarmentado, não podia leixar de tornar com poder de mais gente, pois as injúrias parem indignação, e eſta furia de vingança. Ao terceiro dia tornou ElRey mui agaſtado, dando conta a Duarte Pacheco, que per ſuas enculcas, que

tra-

trazia no arraial do Çamorij, tinha ſabido o conſelho que houve ſobre ſua tornada, e os ardis dos pós, caſtellos, è peçonha nas aguas; e que tambem lhe fora dito, que o Çamorij mandára buſcar todolos Elefantes adeſtrados que havia na terra pera paſſarem o váo, pera ſerem amparo dá gente, que havia de vir eſcudada detrás delles. Duarte Pacheco a eſtas novas, e ao temor que lhe ElRey moſtrava, reſpondeo-lhe com palavras de esforço, dizendo, que não ſe agaſtaſſe, porque todos eſtes apparatos, e invenções dos Mouros de Calecut, mais eram a fim de temorizar a gente de Cochij, que por lhe parecer terem força contra o poder dos Portuguezes, que per muitas vezes tinham experimentado. Que quanto aos caſtellos, e Elefantes, elle tomava ſobre ſi o remedio; que o lançar de peçonha nas aguas, iſto lhe pedia que mandaſſe prover per homens de confiança, porque a maldade dos Mouros podia corromper a muitos, ſenão foſſem muito fieis neſte caſo que importava a vida de tantos. E depois que mui miudamente eſtiveram praticando no modo de eſperar eſtes apparatos do Çamorij, e em que parte fariam mais força, no mar, ou na terra, pois per ambas eſtas partes eſperava commetter, acordáram que por razão dos caſtellos, que ſe armavam nos ba-

teis,

teis, a maior parte de gente Portuguez estivesse nas caravelas, e em guarda da fortaleza, e outra estivesse com o Principe de Cochij, e Caimaes no lugar do váo. Tornado ElRey pera sua casa a prover em as cousas desta prática, ficou Duarte Pacheco em outra com os Capitães, e principaes pessoas, que com elle andavam naquelles trabalhos; porque como os conselhos delRey eram logo postos nos ouvidos do Çamorij, quiz prover no que haviam de fazer sem o communicar com ElRey, temendo o damno, que lhe podia sobrevir, tomando o Çamorij na sua industria ardil de os offender. E as cousas, em que logo provêram, foi cortar a ponta de hum cotovello que fazia a terra, onde fez huma maneira de baluarte, que ajudasse a defender as caravelas, que ficavam mettidas naquelle anco da terra, por lhe ficar hum só combate, e no lugar do váo outro de madeira grossa entulhado, onde havia de estar a artilheria por causa dos Elefantes, que haviam de entrar per aquella parte, e huma grossa estacada ao longo da terra, que ficasse soberba sobre o váo em lugar de muro pera poderem pelejar de sima. Mandou tambem encravar huns grandes madeiros com as puas de ferro per sima, os quaes haviam secretamente á noite ante do dia da entrada ser

met-

mettidos no lugar do váo, prezos com eſtacas por os não levantar agua, pera os Elefantes ſe encravarem nelles. E poſto que encommendou a ElRey a vigia das aguas, por razão da peçonha, por mais ſegurança deo cuidado a alguns Portuguezes homens de recado, que andaſſem ſobre os Gentios, a que ElRey encommendaſſe a guarda dellas. O Çamorij, em quanto os noſſos ordenavam eſtas couſas, tambem entendia em ſeus apercebimentos, principalmente na invenção de caſtellos de Coje Alle, que eram oito, cada hum em dous paráos de altura de vinte palmos, de ſima do qual poderiam pelejar dez homens. E em quanto trabalhavam nelles, não leixava de mandar commetter os noſſos per quantas partes, e modos podia, ora com armas, ora per traições, que ſempre cahíram ſobre ſua cabeça com perda dos ſeus. Porque elle mandou ſobre a náo de Duarte Pacheco por eſtar apartada das caravelas, e deſta feita perdeo quatro paráos com muita gente morta, e ferida, e mais tomáram-lhe hum carregado de mantimentos, e a gente, que era natural da terra, ſe ſalvou. Depois per duas, ou tres vezes fizeram entradas com ardís, e ciladas, huma das quaes foi per induſtria de hum Mouro mercador chamado Gormale, a quem Duarte Pacheco, por comprazer

a El-

a ElRey de Cochij , deo huma bandeira, dizendo, que a queria pera trazer pimenta per os rios dentro , porque per ella fosse conhecido dos nossos por não receber damno. Mas todo o seu ardil elle o pagou, e nestes commettimentos sempre perdiam mais do que ganhavam, porque de huma só vez lhe tomáram os nossos oito paráos, e treze bombardas. E por lhe não ficar cousa por tentar, tambem foram lançados seis Naires da parte do Çamorij pera matar Duarte Pacheco, dos quaes sendo elle avisado, acolheo hum, e outro de Cochij, que já andava em sua companhia, e prezos, os mandou a ElRey de Cochij, que fizesse justiça delles, porque elle não queria ser o juiz daquelle caso, pois era o offendido. E o mais que Duarte Pacheco estranhou a ElRey, foi, serem elles tambem lançados pera queimar as caravelas : e de todas estas, e outras cousas que cada dia moviam, permettia Deos serem logo descubertas aos nossos ante de se commetterem, cóm que se proviam pera não incorrer no perigo. Não sómente com estes que estavam em Cochij o Çamorij usava destes ardís, mas ainda mandou lançar fama em Cananor, e em Coulão onde estavam as duas Feitorias, que todolos Portuguezes de Cochij eram mortos, com recado a alguns Mouros de sua

va-

valia, per que lhe encommendava que fizessem lá outro tanto aos que lá estavam, que foi causa de elles terem trabalho, em quanto não souberam a verdade; e porém neste recolher-se á casa forte, que Antonio de Sá tinha feita em Coulão, lhe matáram hum homem, e feríram alguns; assi que per todalas partes, e modos o Çamorij commetteo se podia tomar vingança dos nossos, sem lhe aproveitar algumas de quantas cousas lhe os Mouros inventáram pera isso. Acabados os seus castellos, em quanto davam estes rebates, ficou o Çamorij tão namorado delles, que leixadas as outras industrias dos pós, e Elefantes, toda sua esperança, e força poz no commettimento do combate per mar com elles. E certo que tinha razão, porque na vista eram tão temerosos, quão fracos se depois mostráram quem os povoou: a vinda dos quaes em fama tanto assombrou a ElRey de Cochij, e os seus, que polos animar quiz tambem Duarte Pacheco usar de outro artificio, dizendo, que era contra os castellos, e todavia em seu tempo servio. O qual foi ajuntar ambas as caravelas com as popas em terra com rageiras per baixo pera se alagar quando quizesse; e ao pé de cada masto mandou tambem armar outra maneira de castellos, pera que querendo os outros abalroar, que ficas-

caſſe igual delles. E nas proas, além dos goroupezes, que eram mais compridos do neceſſario pera a navegação, mandou atraveſſar dous maſtos pera entreterem a chegada dos caſtellos ás caravelas, e lhe ficar eſpaço pera ſe aproveitar da artilheria. Provídas eſtas couſas, repartio a gente que tinha dos noſſos, que per todos podiam ſer até cento e ſeſſenta homens, a qual repartição era neſtas quatro partes, no váo, na fortaleza, e pelas caravelas, e náo, porque em todos eſtava a defensão delles, e daquelle Reyno de Cochij. E poſto que eſta repartição ficou aſſi feita, depois que o negocio chegou a pelejar, tudo ſe baralhou, trocando huns por outros, ſegundo a neceſſidade o requeria; e em cada hum deſtes lugares tambem havia muita gente, que ElRey mandou mais por fazer corpo de gente, que por accreſcentarem animo aos noſſos: cá ſegundo ſeu uſo, ante que experimentaſſem o ferro, muitos delles ſe punham em ſalvo. A eſte tempo já em Cochij havia mui pouca gente da natural da terra, por ſer toda fugida da fralda do mar pera dentro do ſertão com temor dos apparatos do Çamorij, poſto que viam quantas victorias os noſſos haviam de ſeus imigos; e não ſómente fugio a gente civil, mas ainda ſe lhe rebeláram muitos Caimaes, que entre elles são peſſoas notaveis,

veis, como ácerca de nós Senhores de terras de Titulo. Cá ElRey de Cochij começou eſta guerra, ſendo em ſua ajuda eſtes que eram ſeus vaſſallos: o Principe ſeu ſobrinho herdeiro do Reyno, o Caimal de Paliport, o Caimal de Balurt, o Cham de Bagadarij Senhor de Porca, e o Mangate Caimal ſeu irmão, e o Caimal de Cambalão, e o Caimal de Cherij de Vaipij, e outros Senhores de terras, e juntamente eram em ajuda d'El-Rey com até vinte mil homens, que com os ſeus fazia numero de trinta mil. Peró procedendo a guerra, poucos, e poucos o leixáram, e ficou ſómente com o ſobrinho, e com o Caimal de Vaipij, que ſempre lhe guardou muita lealdade. Finalmente de trinta mil homens, com que no principio deſta guerra ſe achou, neſte tempo de tanta affronta, que foi a maior, não tinha oito mil, e ainda eſtes mais ſubjectos ao temor, que á conſtancia de acompanhar os noſſos no tempo do trabalho. E a gente, com que o Çamorij começou, ſería até ſeſſenta mil homens, de que a eſte tempo, (ſegundo diſſemos,) pelos caſos, e perdas, que teve, tambem já tinha menos hum terço; porém era fama entre os noſſos que trazia per mar, e terra quarenta mil homens ſeus, e deſtes Senhores, que o ajudavam, delles como vaſſallos, e outros por ſerem amigos, e vi-

zi-

zinhos naquella terra Malabar, que elle convocou contra nós: Beturacol Rey de Tanor, Cacatunão Barij Rey de Beſpur, e de Cucurão junto da ſerra chamada Gate, Cóta Agatacól Rey de Cotugão entre Cananor, e Calecut junto de Gate, Curiur Coil Rey Curim entre Panane, e Crangalor, Naubeadarij Principe de Calecut, Nambea ſeu irmão, Lancol Nambeadarij Senhor de Repelij, Paraicherá Eracol Senhor de Crangalor, Parapucol Senhor de Chalião entre Calecut, e Tanor, Parinha Mutacol Senhor quaſi Rey entre Crangalor, e Repelij, Benará Nambeadarij Senhor quaſi Rey aſſima de Panane pera a ſerra, Nambearij Senhor de Banalá Carij, Parapucol Senhor de Parapuram, Parapucol Senhor quaſi Rey de Bepur entre Chanij, e Calecut, e outros muitos, cujos nomes não vieram á noſſa noticia, que entre elles eram principaes mui poderoſos. Alguns dos quaes, quando o Çamorij tornou commetter paſſar a Cochij com a invenção dos caſtellos, eram já idos pera ſuas terras; do artificio dos quaes caſtellos elle eſtava tão contente, que lhe parecia ter a victoria mui certa ſem ajuda deſtes que o deixáram; mas o negocio não ſuccedeo ſegundo elle eſperava, como ſe verá neſte ſeguinte Capitulo.

CA-

CAPITULO VIII.

Como o Çamorij de Calecut com humas máquinas de castellos em barcos, e elle per terra veio commetter os nossos: e destas, e de outras vezes que commetteo querer passar o rio, ficou tão desbaratado, que se recolheo pera seu Reyno.

POstas as cousas de cada huma destas partes na ordem, em que esperavam de se aproveitar dellas, partio o Çamorij tão soberbo, e confiado na invenção da máquina dos castellos, que por aquella vez leixou de commetter o váo. Assi por lhe parecer que esta força posta sobre as nossas caravelas, onde estava toda a d'ElRey de Cochij, bastava pera as tomar, e com a posse dellas lhe sería leve a entrada de Cochij; como por ter sabido que a passagem do váo estava muito mais defensavel; e o principal de tudo era por os seus Sacerdotes, e Feiticeiros lhe terem promettido grande victoria, se puzesse o impeto de suas forças nestas caravelas. Assi que com este conselho, dia da Conceição de Nossa Senhora chegou o Çamorij per terra com a maior parte do seu exercito ás nossas caravelas, a qual frota era de duzentos paráos atulhados de frécheiros, que haviam de servir no seu modo de pe-

le-

lejar, como gentes pera chegar, e correr a huma, e outra parte; e quando fosse tempo, lançarem em terra aquelle golpe de gente, e tornarem por outra, onde o Çamorij estava da outra parte do rio, té ser tanta, que pudesse senhorear a terra em quanto o Çamorij passasse. Entre os quaes paráos, que chegáram ao mesmo tempo que elle appareceo sobre o rio, vinham oito daquellas máquinas, armadas cada huma em dous grandes paráos, tão soberbas, e temerosas, que os nossos estimáram mais a vista dellas que a fama. Mas como elles esperavam este dia, e mais por ser de N. Senhora, na qual punham sua confiança, sem se mover do lugar onde estavam, com as caravelas, e bateis em hum corpo á maneira de baluarte com suas arrombadas, em as máquinas dos castellos chegando a tiro, começou a nossa artilheria representar o dia do juizo, afuzilando fogo, vaporando fumo, e atroando os ares de maneira, que com estas cousas, e com os enxames de fréchas, grita da gente, tudo era huma confusão escura na vista, e nos ouvidos, sem huns aos outros se poderem ouvir, nem menos saber se eram offendidos dos amigos, se dos contrarios. As máquinas, ainda que vinham soberbas, ante que fossem mettidas naquella escuridão, e fumaça de morte, não puderam dar tanta

quan-

quanta ellas promettiam com ſua viſta, ante neſte ſeu commettimento reçebêram maior damno do que o fizeram: cá por ſerem armadas ſobre dous paráos grandes, ao governar delles houve muito embaraço, não podendo cada hum dos dous lemes acudir a hum tempo, quando os do caſtello queriam, porque tambem a maré que ſubia os hia atraveſſando a pezar dos remadores. Com os quaes impedimentos de oito máquinas que ellas eram, duas com aſſás trabalho puderam chegar ás caravelas, e ainda eſtas foram mettidas com as vergas, que os noſſos tinham poſto em modo de guroupézes. As quaes tanto que chegáram áquelle lugar, com a artilheria foram feitas em rachas, que ſervíram de armas contra aquelles que vinham dentro: cá os mais delles foram mortos, e feridos per ellas. E não ſómente parou a artilheria aqui, mas ainda dava per paráos, que eram tão baſtos, que nunca ſe perdeo tiro: com o qual damno muitos foram arrombados de maneira, que andava já a agua chea de nadadores, trabalhando por ſalvar as vidas na terra, onde eſtava o Çamorij, porque na de Cochij os d'ElRey, que eſtavam em guarda della, os matavam. Finalmente o dia não foi tão proſpero, como os feiticeiros do Çamorij lhe tinham prognoſticado; e porque ainda lhe ficou eſperan-

ça,

ça, que tornando outra vez alcançaria victoria, que refizesse todolas perdas passadas, veio dahi a certos dias em hora de melhor eleição, como elles diziam. Mas N. Senhor acabou de vingar os nossos deste soberbo, e contumaz Gentio com o grande damno, e perda, que recebeo neste ultimo commettimento que fez, assi per esta parte com seus castellos de vento, como per o váo que tambem commetteo, ficando tão quebrado, e por seus Sacerdotes tão convertido a fazer penitencia, dizendo todos ter offendido aos seus pagodes em não lhes fazer os sacrificios, e offertas, que lhes tinha promettido no princípio desta guerra: que simulando elle, que se tornava a refazer pera tornar a ella, se recolheo de todo com perda de dezoito mil homens, treze na enfermidade, que per duas vezes sobreveio ao seu arraial, e os sinco na guerra que continuou, a qual guerra durou seis mezes; e neste tempo entre o Çamorij, e ElRey de Cochij houve cartas, recados, e outras miudezas, segundo o que escreveo Fr. Gastão, hum Religioso, que estava na Feitoria com os nossos, em hum tratado que fez da guerra entre estes dous Reys, de que sómente tomámos o necessario com outra mais informação, porque em todo o decurso desta nossa Asia mais trabalhámos no substancial da historia, que no am-

ampliar as miudezas que enfadam, e não deleitam. Assi que tornando ao fim desta guerra, que se rematou com as amoestações dos Bramanes, tiveram elles ainda tanto artificio de se salvar das mentiras, que disseram ao Çamorij no succedimento della, e de consolar a elle, que lhe fizeram crer que os seus Deoses lhes tinham feito mercê em pagar culpas proprias, não com damno de sua pessoa, mas dos seus, a qual cousa causou recolher-se com alguns delles a fazer penitencia. Dando tambem por causa de seu recolhimento querer por alguns dias dar repouso ao povo dos trabalhos da guerra, e mais naquelle tempo por ser no fim do inverno, em que esperava a vinda das nossas náos, contra o poder das quaes tambem lhe convinha prover seus portos. Os seus Caimaes, e Principes, que o ajudáram, principalmente aquelles, que podiam receber damno, ou proveito de nós, ante que as nossas náos chegassem, por segurar seus estados, e lugares, e haver alguma fazenda da que ellas de cá levavam, mandáram commetter pazes a Duarte Pacheco, vendo que o Çamorij se recolhia, não tanto por religião, quanto por fiza de paz, por sentirem nelle que a desejava. E quem logo veio com este requerimento de paz, foi o Senhor de Repelim, principal movedor desta guerra,

por ſer mui vizinho a Cochij, e não tinha a pimenta de ſua terra outra ſahida ſenão per noſſas náos; e pola meſma razão da pimenta, e a ſua terra ſer a flor della, e a nós convir tanto como a elle eſta paz, Duarte Pacheco per vontade d'ElRey de Cochij lha concedeo. No qual tempo Antonio de Sá Feitor de Coulão por algumas paixões, que lá tinha com os Mouros, lhe mandou pedir, que com ſua viſta o quizeſſe ir favorecer; o que Duarte Pacheco fez, indo lá em ſua náo, leixando os Capitães das caravelas em guarda de Cochij. O qual chegando ao porto de Coulão, achou ſinco náos de Mouros, que eſtavam á carga da pimenta, das quaes vieram a elle ſinco Mouros os principaes dellas com grandes preſentes, pedindo-lhe paz, e ſeguro pera navegarem ſuas náos com a carga que tinham feita, o que lhe Duarte Pacheco não concedeo. Ante por ter ſabido de Antonio de Sá que as náos eſtavam já de todo carregadas contra ſua vontade, e que eſta fora a principal cauſa, por que o mandára chamar, por ter havido algumas paixões com os Mouros mercadores eſtantes na terra, que lhe negavam eſta pimenta por a dar a elles, Duarte Pacheco lha fez deſcarregar toda, e a entregou a Antonio de Sá, pagando-lhe o que cuſtava, e ſómente lhe deo alguma

pe-

pera ſua deſpeza. E em quanto eſtas deſcarregavam, vieram alli ter outras duas, cada huma em ſeu dia, as quaes traziam pimenta, e vinham acabar de tomar carga naquelle porto; e porque ſoube em certo que nenhuma deſtas náos era de Calecut, com quem tinhamos crua guerra, a todos não fez mais damno, que não lhe conſentir que tomaſſem naquelle porto alguma pimenta, por termos alli o Feitor Antonio de Sá a fim de recolher toda a que havia na terra. Aſſi que eſpedidas eſtas náos vaſias, e pagas da pimenta que tinham, foram buſcar outro lugar, que não tiveſſe eſta defensão, e Duarte Pacheco tornou-ſe pera Cochij, onde dahi a poucos dias chegou Lopo Soares, que partio deſte Reyno por Capitão mór de huma grande Armada, da viagem do qual faremos relação neſte ſeguinte Capitulo.

CAPITULO IX.

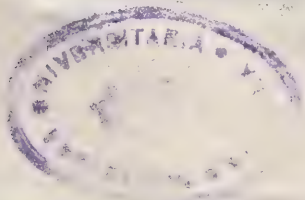
Como ElRey por as novas, que teve da India per o Almirante D. Vasco da Gama, o anno seguinte de quinhentos e quatro, mandou huma grande Armada, de que foi por Capitão mór Lopo Soares: e do que passou da partida de Lisboa té chegar a Cochij.

COm a vinda da India do Almirante D. Vasco da Gama soube ElRey, que as cousas della se hiam ordenando de maneira, que convinha mandar maior frota da que lá era ao tempo de sua chegada; que como escrevemos, foram nove vélas repartidas em tres capitanias, do successo das quaes ainda ElRey não tinha nova. Sómente soube per elle Almirante quão offendidos os Mouros daquellas partes ficavam; assi pelo odio, que geralmente elles tem ao povo Christão, como pelo damno que tinham recebido de nós, e principalmente delle Almirante. Assi que por esta razão, como pera ir tomando maior posse daquelle grande estado, que lhe Deos tinha descuberto, ordenou de mandar este anno de quinhentos e quatro huma grossa Armada, a capitanía mór da qual deo a Lopo Soares filho de Ruy Gomes d'Alvarenga, Chanceller mór que

fora destes Reynos em tempo d'ElRey Dom Affonso o Quinto, em o qual Lopo Soares havia muita prudencia, e outras qualidades de sua pessoa, que mereciam huma tão honrada ida, como esta era. Com o qual foram estes Capitães, Lionel Coutinho filho de Vasco Fernandes Coutinho, Pero de Mendoça filho de João de Brito, Lopo Mendes de Vasconcellos filho de Luiz Mendes de Vasconcellos, Manuel Telles Barreto filho de Affonso Telles, Pedraffonso de Aguiar filho de Diogo Affonso de Aguiar, Affonso Lopes da Costa filho de Pero da Costa de Thomar, Filippe de Castro filho de Alvaro de Castro, Tristão da Silva filho de Affonso Telles de Menezes, Vasco da Silveira filho de Mosem Vasco, Vasco de Carvalho filho de Alvaro Carvalho, Lopo de Abreu, e Pero Dinis de Setubal, em as quaes náos levava mil e duzentos homens, muita parte delles Fidalgos, e criados d'El-Rey, toda gente mui limpa, e tal, que com razão se póde dizer, que esta foi a primeira Armada, que sahio deste Reyno de tanta, e tão luzida gente, e de tão grandes náos, posto que foram menos em numero que as duas passadas. E por esta causa não se puderam fazer tão prestes como as outras, porque partio da Cidade de Lisboa a vinte e dous de Abril deste anno mil quinhentos

e qua-

e quatro, e a dous de Maio foram na paragem do Cabo Verde. E dahi em diante, posto que tiveram alguns temporaes, que se acham em tão comprida viagem, quando veio a vinte e sinco de Julho surgio em Moçambique, onde se deteve té o primeiro dia de Agosto fazendo aguada, e repairando algumas náos, principalmente a de Pedraffonso de Aguiar, e a de Affonso Lopes da Costa, que com hum temporal que tiveram de noite deo huma per outra. Partido de Moçambique, chegou a Melinde, onde achou seis Portuguezes dos que se perdêram com Pero de Taíde, os quaes lhe contáram tambem como se perdêra Vicente Sodré, e as cousas que Affonso de Albuquerque, e Francisco de Albuquerque tinham feito na India. Espedido d'ElRey de Melinde, que o recebeo com muito gazalhado, o tempo que alli esteve, a primeira terra que tomou da India foi Anchediva, onde achou Antonio de Saldanha com Ruy Lourenço, os quaes se faziam prestes pera tornar á costa de Cambaya, pera andar alli esperando as náos de Méca; mas Lopo Soares os levou comsigo por levar recado d'ElRey D. Manuel pera isso. Alli veio tambem ter com elle Lopo Mendes de Vasconcellos, que se apartou da frota com hum temporal que lhe deo, o qual tinham por perdido; e juntas

tas

tas eſtas vélas, chegou a Cananor, onde foi muito feſtejado aſſi do Feitor Gonçalo Gil Barboſa, como d'ElRey, que ſe vio com elle ao modo das viſtas que houve entre elle, e o Almirante. Porque eſtes Principes Gentios neſtas viſtas põem muita parte de ſua honra em ſer com grande apparato, e ceremonias a ſeu uſo; mas Lopo Soares não lhe deo vagar, porque tres dias ſómente ſe deteve neſtas viſtas, e em prover algumas couſas ao Feitor Gonçalo Gil Barboſa, pera fazer preſtes a carga do gengivre, e outras couſas, que havia de tomar quando tornaſſe de Cochij. Peró ante que partiſſe pera Cochij, veio a elle com cartas hum moço Chriſtão mandado polos cativos, que lá eſtavam em Calecut, pedindo que ſe lembraſſe delles; á vinda do qual moço deo azo Coje Biquij, que era noſſo amigo do tempo de Pedralvares Cabral: e tambem foi induſtria dos principaes de Calecut, temendo aquelle poder da Armada, e parecia-lhe que os cativos que lá tinham podiam fazer algum bom negocio pera tractar na paz, por ſaberem que a deſejava o Çamorij. Lopo Soares, depois que ſe informou do moço de algumas couſas, que per elle lhe mandavam dizer os cativos, o tornou logo a eſpedir com palavras de eſperança de ſua liberdade; e quando veio ao ſeguinte

te

te dia, que eram ſete de Setembro, chegou ante a Cidade de Calecut, onde em lançando ancora foi viſitado com alguns refreſcos por parte de Coje Biquij, e em ſua companhia eſte moço. O qual preſente Lopo Soares não acceptou, dizendo, que elle eſtava naquelle porto ſuſpeitoſo, onde ſe coſtumava negociar com cautelas de enganos; e porque não ſabia ſe vinha da mão de Coje Biquij, que elle havia por homem amigo do ſerviço d'ElRey de Portugal ſeu Senhor, ſe de outro algum que foſſe imigo dos Portuguezes, não podia acceptar couſa alguma, ainda que vieſſe em ſeu nome. Que em quanto elle não praticaſſe com a propria peſſoa de Coje Biquij, peró que recados lhe foſſem dados de ſua parte teſtemunhados per aquelle moço que alli eſtava, não os havia por ſeus: por tanto elle ſe poderia ir embora, e ſe era de Coje Biquij, podia-lhe dizer, que com nenhum outro refreſco folgaria mais que com ver a elle, e aos Portuguezes, que lá eſtavam reteúdos. Eſpedido eſte Mouro, veio Coje Biquij ao ſeguinte dia, e não mui contente da reſpoſta que os Mouros mandáram a Lopo Soares, poſto que trouxe comſigo os mais dos cativos que lá eſtavam. A qual reſpoſta era, que ElRey eſtava ao pé da ſerra; mas que por terem ſabido quanto deſejava a paz, lhe
man-

mandavam aquelles homens, e que em quanto não vinha ſeu recado por terem mandado a elle, folgariam ſaber delle a vontade que tinha, e o que queria mais pera o fazerem ſaber ao Çamorij. Lopo Soares, depois que agradeceo a Coje Biquij a vontade que ſempre moſtrava aos Portuguezes, reſpondeo-lhe ao negocio da paz; que a primeira couſa que haviam de fazer pera elle ouvir as condições della, era entregarem-lhe os dous Gregos d'Eſclavonia, que lá andavam, que na prática da outra paz ElRey prometteo entregar, e não cumprio. Coje Biquij, porque vio que Lopo Soares ſe cerrou niſto, e não quiz ouvir mais réplica, eſpedio-ſe delle, dizendo-lhe, que elle deſejava mais eſta paz que peſſoa alguma; mas como ElRey, e os principaes do ſeu Conſelho o haviam já por ſuſpeito nas couſas do ſerviço delRey de Portugal, elle não tinha neſta parte mais auctoridade, que repreſentar bem eſte negocio, o qual prazerá a Deos que viria a effecto. Lopo Soares, porque neſte, e em outros recados que foram, e vieram tudo era cautelas, e dilações, ſem alguma concluſão, mandou chegar ſeis náos das mais pequenas a terra, que varejaſſem com artilheria toda a Cidade, em que ſe deteve dous dias, nos quaes ſe fez tanta deſtruição, que cahio grande parte do Cera-

rame delRey. Acabada a qual obra, Lopo Soares se partio pera Cochij, onde chegou a quatorze de Setembro, a tempo que tambem Duarte Pacheco chegava de Coulão do negocio pera que o mandou chamar Antonio de Sá, (como atrás dissemos.) E ao seguinte dia depois de sua chegada, ElRey de Cochij o veio ver, mostrando grande contentamento de sua vinda, e da boa entrada, que deo no varejar de Calecut, do qual estrago logo per patamares, que são grandes caminheiros de terra, tinha já sabido serem mortas mais de trezentas pessoas, e derribada muita casaria, até os palmares eram destruidos, que o Gentio muito sentia por ser propriedade de que se mantem. Na qual prática Lopo Soares por parte d'ElRey D. Manuel com as cartas, que trouxe a ElRey de Cochij, lhe deo agradecimentos dos trabalhos, que tinha passados, offerecendo-lhe aquella Armada, e que nenhuma cousa lhe ElRey seu Senhor mais encommendava, que a restituição de qualquer perda, que elle tivesse recebida por causa da amizade que com elle tinha, e outras muitas palavras; a que ElRey respondeo, dizendo, que elle perdia mui pouco em perder seu estado por amor d'ElRey de Portugal seu irmão, pera o que elle desejava aventurar por seu serviço, quanto mais,

que

que os damnos da guerra paſſada mais foram de ſeu imigo, que delle; e os trabalhos de defender aquelle ſeu Reyno de Cochij, não eram ſeus, nem dos ſeus ſubditos, e vaſſallos, ſenão dos Portuguezes, que alli eſtavam, principalmente do Capitão Duarte Pacheco; e que algum trabalho, que o ſeu Reyno podia receber, ElRey ſeu irmão lho pagava cada anno nas couſas, que por amor delle fazia, de maneira, que recompenſada huma couſa por outra, elle era o que ficava devendo. Que em ſignal deſtas mercês, e favores, que cada dia recebia, (pois em al o não podia ſervir,) elle queria logo mandar ordenar a carga da eſpeciaria, e que elle Lopo Soares podia deſcançar neſta parte. Ás quaes palavras Lopo Soares reſpondeo com outras aſſi da parte d'ElRey, como da ſua, conformes ao que ellas mereciam, com que ſe eſpedíram hum do outro mui contentes. E porque a eſte tempo ElRey por cauſa das guerras paſſadas eſtava na Ilha de Vaipij, e elle deſejava de ſe paſſar á Ilha de Cochij, onde era ſua propria vivenda, ſegundo deo conta a Lopo Soares; mandou elle Antonio de Saldanha que com alguns bateis, de que eram Capitães Triſtão da Silva, Pero Rafael, Pero Zuzarte, e Ruy Lourenço, que o levaſſem. Os quaes foram com muita feſ-

ta

ta de trombetas, bandeiras, e gente luzida; fazendo toda honra, e acatamento á pessoa d'ElRey, como se foram seus vassallos, porque o queriam contentar, e comprazer por razão dos grandes trabalhos, que tinha padecido por conservar a amizade d'ElRey D. Manuel.

CAPITULO X.

Como Lopo Soares a requerimento d'ElRey de Cochij deo em Cranganor, e o destruio: e da ajuda que mandou a ElRey de Tanor, e as causas porque.

HAvendo hum mez que Lopo Soares era chegado, ElRey de Cochij lhe deo conta como de hum lugar chamado Cranganor, que sería dalli quatro leguas per hum rio dentro contra Calecut, recebia muito damno, por ser lugar de frontaria, que o Çamorij tinha fortalecido: que lhe pedia muito que em quanto as náos estavam á carga, houvesse por bem de mandar sobre elle pera o destruir de todo. Lopo Soares como já tinha informação deste lugar per Duarte Pacheco, e quão prejudicial era a sua vizinhança, determinou de ir logo sobre elle, e assi o disse a ElRey com palavras, de que elle ainda levou maior contentamento. Juntos pera este negocio vinte bateis,

teis, em que entravam os eſquifes das náos, determinou Lopo Soares em peſſoa de ir a eſte lugar, e tão ſecretamente, que não ſe ſoubeſſe em Cochij por não darem aviſo aos imigos, que ſegundo tinha ſabido eſtava no lugar hum Capitão do Çamorij chamado Maymamé, e o Principe Naubeadarij com gente de guarnição; por cauſa da qual guarnição ElRey de Cochij mandou per terra o Principe ſeu ſobrinho com alguns Naires, e muitos frécheiros, e a mais gente de guerra que pera tal empreza lhe pareceo ſer neceſſaria. Partido Lopo Soares huma ante manhã, foram dormir a hum lugar por eſperarem alli o Principe de Cochij, que com ſua gente vinha per terra per outra parte, o qual ſe deteve tanto, que quando ao outro dia chegáram, poſto que foi em amanhecendo, já a terra era appellidada, e poſta em armas. E o primeiro encontro que os noſſos acháram, foram duas náos do proprio Capitão Maymamé atulhadas de gente, e dous filhos ſeus, que em os noſſos as commettendo com animo de valentes homens as defendêram; mas não durou muito eſte ſeu fervor, porque á cuſta de feridos, e mortos, ellas foram entradas, e entregues ao fogo. O qual feito ſe fez per os primeiros Capitães, a quem Lopo Soares tinha dado a dianteira, que eram Antonio

de

de Saldanha, Pedrafonso d'Aguiar, Tristão da Silva, Vasco Carvalho, e Affonso Lopes da Costa. Acabado este feito, que se fez no rio, poz Lopo Soares com o corpo de toda a gente o peito em terra, que foi tomada com assás trabalho, e sangue de todos, porque os Mouros, e Indios cubriam a praia com o grande numero delles; e ante que os nossos chegassem a bote de lança, foi entre huns, e outros huma nuvem de setas tão bastas, que não davam lugar a que os nossos entrassem em caminho, e não entendiam em mais que amparar-se, e escudar daquelles enxames de setas, que lhe ferviam ante os olhos, té que as nossas espingardas, e béstas fizeram lugar, com que começáram de tomar mais posse da terra, e os vieram carcando a bote das lanças pera a povoação, que foi logo entrada, e posta em poder de fogo, porque ella estava já tão despejada, que não houve esbulho, em que a gente d'armas se detivesse, e a maior preza que alli houve, foram trinta e sinco zambucos, e paráos, que se trouxeram pera ElRey de Cochij, como signal da victoria, que houveram de seu imigo. E posto que o fogo tomou muita licença no que queimou, maior a tomára, senão sobreviera alguma gente da terra, que eram dos Christãos que alli viviam, e vieram a Vasco da

Ga-

Gama, como atrás fica; por causa dos quaes Lopo Soares mandou que se não fizesse mais damno, pois tinham alli sua vivenda em companhia dos Mouros, e Gentios da terra. O Principe de Cochij, porque os nossos deram maior pressa a este negocio do que elle trazia, e não pode ser presente a elle, quando chegou por honra de sua pessoa, e entre elles se haver por victoria contra os imigos, saltou na terra decepando algumas palmeiras, como Senhor do campo, e mandou trazer huma em hum paráo por triunfo daquelle feito. O qual não sómente quebrou a soberba do Çamorij, mas ainda deo animo a alguns seus imigos; porque chegado Lopo Soares a Cochij com a victoria delle, dahi a dous dias ElRey de Tanor seu vassallo se mandou queixar a elle per seus Embaixadores, pedindo-lhe paz, e ajuda contra elle, do qual era desavindo por causas que tocavam ao serviço delRey de Portugal. E vindo elle Çamorij sobre isso com gente pera o destruir, elle lhe sahíra ao encontro em hum passo, do qual houvera victoria ao tempo que Lopo Soares destruíra Cranganor, em favor, e defensão do qual elle Çamorij hia, parecendo-lhe que se passasse podia castigar a elle, e ir avante, do qual trabalho elle o tirou com a victoria que lhe Deos deo. Que

o fa-

o favor, e ajuda, que delle queria, era mandar ao ſeu porto de Tanor alguma náo com gente, e artilheria, porque tinha per nova que o Çamorij com maior indignação, como homem injuriado, vinha outra vez ſobre elle. Lopo Soares, depois que ouvio os Embaixadores, os mandou muito bem agazalhar, e quiz-ſe informar d'ElRey de Cochij, e de Duarte Pacheco deſta novidade d'ElRey de Tanor, ſendo hum tão principal imigo, como elles diziam, e que naquella guerra paſſada ſempre ſervíra a ElRey de Calecut, que não ſabia como podia mover huma tal couſa: Que quanto ao que elle ſentia deſte negocio, verdadeiramente tinha pera ſi que era alguma ſimulação, a fim de lhe não darem ſobre eſte lugar com o temor da nova da deſtruição de Cranganor. A qual ſuſpeita ElRey de Cochij lhe desfez, e aſſi Duarte Pacheco polo que tinha ſabido per alguns principaes da terra; e a cauſa de mandar pedir eſta ajuda, era eſta. Eſte Reyno de Tanor antigamente fora livre, e não ſubdito, e continha em ſeu eſtado muitas terras; mas como o vizinho poderoſo ſempre vai comendo do fraco, os Reys de Calecut o puzeram em tal eſtado, que não ficou mais aos Principes delle, que aquella povoação do porto de Panane, e iſto em vida deſte Rey que reina-

nava, de maneira, que de Rey livre ficou tributario ao Çamorij. O qual Rey, parecendo-lhe que per ſerviço de ſua peſſoa podia cobrar delle Çamorij o que não pudéra defender, em todalas guerras paſſadas, que elle Çamorij teve, foi hum dos principaes, e mais contínuos que o ſerviam, ſem haver galardão de ſeus trabalhos. Mas parece que nenhuma couſa deſtas ſatisfez ao Çamorij; e per qualquer cauſa que foi, temendo-ſe delle que podia com noſſo favor tirar o laço do peſcoço de ſua ſervidão, determinou de lhe tomar eſte porto de Tanor, e o mais que tinha. Finalmente, poſto o Çamorij em caminho com dez mil homens pera vir a Cranganor em ajuda do Principe de Calecut, e Marmame ſeu Capitão mór temendo o que ſuccedeo, aſſentou que á tornada, quando ſe recolheſſe a Calecut, daria em Tanor. Peró primeiro que elle chegaſſe a eſte effeito, lhe ſuccedeo outro não eſperado delle, e foi, que ElRey de Tanor ſubitamente em hum paſſo lhe ſahio, e o desbaratou. Com a qual obra fez ElRey de Tanor duas couſas, vingou-ſe primeiro que o Çamorij déſſe nelle, e mais foi impedimento pera ſe não ir ajuntar em Cranganor com os ſeus, que per ventura ſe o fizera não houvera Lopo Soares tão levemente victoria delles. Teve ainda ElRey

de Tanor outra boa fortuna, que indo o Principe de Calecut, e Marmame desbaratados dos noſſos, ſahio-lhe elle tambem ao caminho, e acabou de os deſtruir de maneira, que chegado Pero Rafael com huma caravela armada, e quarenta homens, que lhe Lopo Soares mandava polo requerimento dos ſeus Embaixadores, tinha já ElRey de Tanor havido eſtas victorias, eſtando elle, quando os mandou a pedir eſte ſoccorro, eſperando cada dia polo Çamorij que o vinha deſtruir. E como homem mimoſo da boa fortuna daquellas victorias, já recebeo com ceremonias de mageſtade de ſua peſſoa a Pero Rafael, dando-lhe agradecimentos de ſua boa chegada, e que ao preſente não tinha neceſſidade delle, por ſeu imigo ſer já poſto em ſalvo, mais timido, que ſoberbo. Que elle eſperava de cobrar todo ſeu eſtado com favor, e ajuda das Armadas delRey de Portugal, cujo ſervidor elle ſería todo o tempo de ſua vida, e que pera iſſo offerecia ſua peſſoa, fazenda, e eſtado quando por ſeus Capitães foſſe requerido; e com eſta, e outras offertas de palavras, que mandou a Lopo Soares, eſpedio a Pero Rafael, que ſe tornou a Cochij.

CA-

CAPITULO XI.

Como Lopo Soares, depois de feita ſua carga de eſpeciaria, e eſpedido d'ElRey de Cochij, de caminho deo em hum lugar d'ElRey de Calecut chamado Panane, onde pelejou com alguns ſeus Capitães, que eſtavam em guarda de dezeſete náos, as quaes queimou; e acabado eſte feito, partio pera eſte Reyno, onde chegou a ſalvamento.

EM quanto eſtas couſas paſſáram, poſto que tambem ſe entendeſſe em a carga das náos, porque ellas eram muitas, e com a guerra o negocio da pimenta não andava tão corrente, que aſſi em breve ſe pudeſſe haver, e mais por a maior parte delle ſer feito per mãos de Mouros mui vagaroſos, ordenou Lopo Soares de mandar a Coulão ſinco náos, Capitães Pero de Mendoça, Lopo d'Abreu, Antonio de Saldanha, Ruy Lourenço, e Filippe de Caſtro, pera lá haverem carga. Porque além de ter recado de Antonio de Sá, que eſtava por Feitor daquella Feitoria, que tinha recolhido boa ſomma de pimenta, tambem per conſelho delle, e de Duarte Pacheco, que della era vindo, quiz mandar aquellas ſinco vélas pera favor da noſſa Feitoria: cá andavam os Mouros tão alevantados contra Antonio de

Sá, que com trabalho lhe queriam dar pimenta, e não vinha náo de Mouros ao porto de Coulão, que logo não fosse despachada a pezar delle: assi que por estas causas as enviou, e em breve foram, e vieram com sua carga a tempo que as outras estavam prestes. E porque ElRey D. Manuel mandava a Lopo Soares que em guarda da Fortaleza de Cochij, e assi daquella costa, ficasse Manuel Telles Barreto filho de Affonso Telles Barreto por Capitão mór de quatro vélas; á espedida que teve com ElRey de Cochij, lho entregou com palavras, de que ElRey ficou satisfeito ácerca da segurança de seu estado, posto que elle quizera, pola experiencia que tinha delle, que ficára Duarte Pacheco. Com o qual Manuel Telles, por serem homens conhecidos delRey, e andarem sempre naquella guerra, e o comprazer nisso, ficáram Pero Rafael, e Diogo Dias, e Christovão Zuzarte. E nesta espedida, que Lopo Soares teve com ElRey, não lhe quiz dar conta do que determinava fazer de caminho, que era dar em hum lugar do Çamorij chamado Panane, temendo que communicando este negocio com elle, fossem logo os Mouros avisados, por não se guardar muito segredo entre elles, principalmente como tocava em cousas nossas. A qual ida Lopo Soares assentou com os Capi-

pi-

pitães, e principalmente com Duarte Pacheco, por ter ſabido, quando logo elle chegou, que naquelle lugar de Panane eſtavam dezeſete náos de mercadores do eſtreito de Méca pera tomar carga de eſpeciaria; por a qual razão huma das couſas, que Lopo Soares proveo em chegando, foi mandar a Pero de Mendoça por Capitão mór de tres vélas, que andaſſe em guarda dos portos de Calecut, por não ſahir, ou entrar náo ſem ſer per elle viſta. Finalmente, aſſentadas todalas couſas, que convinham á Fortaleza, e eſpedido d'ElRey, elle Lopo Soares ſe partio a vinte e ſeis de Dezembro, levando em ſua companhia Manuel Telles com os outros Capitães de ſua bandeira pera ſerem com elle naquelle feito. E ſeguindo ſeu caminho, levando diante as caravelas chegadas á coſta, e elle com as náos de largo por irem carregadas, ſendo tanto avante como Panane, ſahíram a ellas vinte paráos bem artilhados, e como genetes ligeiros começáram deſpender ſua polvora, e armazem. Os quaes, ſegundo logo pareceo, de induſtria vinham travar com ellas; e como a frota das náos da carga ſe moſtrou, fingíram temor, e começáram de ſe recolher pera dentro do rio, onde as náos dos Mouros eſtavam, porque lhe pareceo que por os noſſos irem já de caminho com carga

ga

ga feita , não ſe haviam de querer metter dentro em ventura , por o rio não lhe dar lugar , principalmente com hum baluarte , que defendia a entrada , poſto que as caravelas o quizeſſem commetter. E verdadeiramente poſto o negocio em conſelho , os Mouros eſtavam na verdade , que não era couſa pera commetter entrar naquelle rio ſegundo elle eſtava defenſavel ; e mais impoſſivel lhe parecia ſe ſouberam o modo , que os noſſos depois tiveram em commetter eſte feito. Porque quem podia crer que obra de trezentos e ſeſſenta homens em quinze bateis , e duas caravelas , haviam de commetter dezeſete náos groſſas com muita artilheria encadeadas humas em outras , tão juntas com as popas em terra á maneira de alcantilada , que pareciam hum eirado ſoberbo ſobre o mar , em guarda das quaes eſtavam quatro mil homens. Porém como as couſas da honra , ácerca daquelles que a tem por vida , precedem todolos perigos da morte , e mais eſte caſo , que tratava do eſtado da India , não ſe quiz vir Lopo Soares ſem o leixar concluido , o qual per ventura fizera mais damno que as guerras paſſadas , por ficar o Çamorij mui eſcandalizado do feito de Cranganor , e d'ElRey de Tanor. Aſſi que havida outra conſideração , e conſelho , ainda que confuſo por ainda não te-

rem

rem viſto como as náos eſtavam , aſſentou Lopo Soares de as ir queimar , levando diante Pero Rafael , e Diogo Dias ; que tinham as caravelas mais pequenas , e elle em quinze bateis. O qual partido das náos com grande eſtrondo de trombetas , e grita da gente neſta ordem das caravelas ante ſi , quaſi por amparo da artilheria dos Mouros , que ao longo lhe podia fazer mais damno que ao perto , principalmente de hum baluarte , que á entrada da barra eſtava cheio della , a primeira caravela , que foi a de Pero Rafael , aſſi a ſalváram , que com as rachas que fez a artilheria em os altos della , lhe ferio muita gente , e ſobre iſſo carregáram os paráos , que a vieram demandar , lançando-lhe dentro hum grande numero de fréchas , que lhe encravou muitos homens. A qual entrada aſſi embaraçou a gente do mar na mareagem da caravela , que por ſe lançarem a outra parte , e fugir o perigo do baluarte , foram cahir em outro peior , e era debaixo de huma náo groſſa dentro no porto , que por ſer mui alteroſa padecêram mui grande trabalho ; e em ſe amparar das fréchas , e arremeſſos de zargunchos , quaſi á mão tenente tiveram bem que fazer , do qual perigo ficáram muitos mui mal feridos. A outra caravela , Capitão Diogo Dias ; indo na eſteira deſte baluarte , lhe matáram hum mari-

rinheiro que hia ao leme; e porque os outros se chegavam de má vontade áquelle lugar, como a caravela não sentio governo, deo comsigo em hum baixo, de maneira, que ambas ficáram em estado, que mais haviam mister ajuda, do que a podiam dar a ninguem. Lopo Soares, que vinha detrás dellas, peró que vio o perigo perque passáram, não houve mais ordem de esperar outro conselho senão dar as trombetas com Sant-Iago na boca a quem remaria, e sería primeiro com as náos, como quem corria hum pario naval, cujo termo da victoria era chegar a ellas. E parece que N. Senhor lhe quiz pôr este impedimento nas caravelas de os não poderem naquella chegada ajudar, pera que a victoria fosse mais milagrosa. Porque afferrando cada hum sua náo, assi levava o espirito posto em confiança de victoria, que lhe não lembrava que hia commetter huma náo atulhada de gente, e tão alta de subir, que em paz quieta hum homem pideria huma escada de corda de que lançasse mão. E porém logo na chegada, estando Lopo Soares pera afferrar, huma bombarda lhe matou hum homem, e feríram quatro; e Tristão da Silva, que foi dos primeiros, subindo per outra, o deitáram abaixo, e outro tanto fizeram a Pero de Mendoça, e a Antonio de Saldanha com ou-

outra bombarda lhe arrombáram o ſeu batel, e levou a barriga da perna a hum criado ſeu de que ficou aleijado. E porque era já maior o perigo de ſe affogarem, por o batel ſe ir ao fundo, que commetter as náos, tomou poſſe de huma com os que levava. Manuel Telles, Duarte Pacheco afferráram huma, que diziam ſer a capitanía das outras, onde acháram bem de trabalho, porque havia nella muitos Turcos, homens mui valentes, e deſpachados, que não chegavam a elles ſem fazerem ſangue. Finalmente cada hum em a náo que lhe coube em ſorte, com morte do Capitão dos Turcos, e alguns Mouros, e muitos do Gentio da terra, deo tal conta della, que poucos, e poucos ſubindo ao alto ſe fizeram Senhores de todas, lançando-ſe os Mouros ao mar, onde poucos eſcapavam, porque os marinheiros dos bateis ás lançadas os matáram. E ſem ſe ſaber quem, nem por cujo mandado foi poſto fogo ás náos, e aſſi tomou elle poſſe dellas, que as não leixou até o lume da agua, onde ardeo muita fazenda, porque eſtavam pera partir quaſi de todo carregadas. E foi a couſa que mais eſpantou aos da terra, vendo que ſem ter cubiça de tanta riqueza, como nellas eſtava, tão levemente foram queimadas, e diziam que iſto ſe fizera em vingança do que fora feito a

Ai-

Aires Correa. Porém a victoria não foi ſem cuſto, porque dos noſſos morrêram vinte e tres peſſoas, e cento e ſetenta feridos, porque durou a peleja de pela menhã té horas de meio dia; e ſegundo ſe depois ſoube em Cananor, morrêram dos imigos ſetecentos, e feridos hum grande numero delles. Acabado eſte feito, tornou-ſe Lopo Soares recolher ás náos, e naquelle dia não ſe entendeo em mais, que na cura dos feridos; e o ſeguinte, que era dia de Janeiro do anno de quinhentos e ſinco, ſe fez á véla caminho de Cananor, onde foram recebidos com muita feſta, e prazer dos noſſos que alli eſtavam, os quaes ſegundo cada dia eram aſſombrados dos Mouros moradores da terra, ſe Lopo Soares ficára com alguma quebra daquelle feito, ou as náos ficáram inteiras não ouſáram eſtar alli mais, por verem que ElRey era mui ſubjeito a eſtes Mouros, e levemente lhe perdoava qualquer erro pelo rendimento, que tinha delles em ſeus tractos. Porém ſabendo elle que Lopo Soares era chegado do lugar onde eſtava, que era contra a ſerra, o veio logo ver, moſtrando grande contentamento da victoria que houve. Na qual viſta, porque era tambem eſpedida, Lopo Soares lhe encommendou o Feitor, e Officiaes, e gente que alli ficava debaixo do amparo de ſua

ver-

verdade, paſſando ambos ſobre iſto muitas palavras, em que ElRey deo grande penhor da maneira que haviam de ſer tratados, e favorecidos, e com iſto ſe eſpediam ambos. Acabada de tomar a carga que alli eſtava preſtes, fez-ſe Lopo Soares á véla via deſte Reyno, eſpedindo de ſi a Manuel Telles com os outros Capitães, que ficavam com elle, e com bom tempo que lhe fez ao primeiro de Fevereiro, chegou a Melinde, onde foi provído de muitos refreſcos, que lhe ElRey mandou ás náos. Partido daqui com tenção de queimar hum lugar d'ElRey de Mombaça a rogo d'El-Rey de Melinde, aconteceo que paſſou per elle com as aguas que corriam, e não pode tomar terra, e foi ter a Quiloa por recolher as pareas, que ElRey devia de dous annos, de que ſe elle eſcuſou por pobreza. Ao qual Lopo Soares não quiz muito apertar, vendo que ſobmettia ſua peſſoa á obediencia do que elle mandaſſe, moſtrando que por ſeus rogos aquelle anno lhe não queria paga, ſómente que a tiveſſe preſtes ao ſeguinte pera o Capitão que alli vieſſe. Eſpedido delle, partio-ſe a dez de Fevereiro, e em Moçambique ſe deteve dez, ou onze dias, tomando agua, e lenha, e eſperando por corregimento da náo de Antonio de Saldanha que fazia muita agua,
don-

donde mandou diante a Pero de Mendoça, e a Lopo de Abreu, que trouxeſſem a nova de ſua vinda a eſte Reyno. Os quaes ſendo quatorze leguas da aguada de S. Braz, de noite encalhou Pero de Mendoça em terra, e pela manhã Lopo de Abreu o vio eſtar com o Traquete desferido, e por cauſa do tempo não lhe pode valer, com que Pero de Mendoça ficou ſem ſe mais ſaber delle; e parece que elle pagou por toda a frota, porque Lopo de Abreu veio a ſalvamento a Lisboa nove dias ante Lopo Soares. O qual, partido de Moçambique, poſto que no cabo teve hum temporal com que algumas náos ſe apartáram delle, aſſi como Antonio de Saldanha, que com o maſto quebrado foi ter á Ilha de Sancta Helena, e outros corrêram outras fortunas, per derradeiro ſe ajuntáram com elle nas Ilhas Terceiras, donde partio pera eſte Reyno, e entrou no porto de Lisboa a vinte e dous de Julho com treze vélas juntas, e dahi a poucos dias entrou a náo de Setubal, de que era Capitão Diogo Fernandes Peteira, que vinha com boas prezas que fez na coſta de Melinde diante de Antonio de Saldanha, e foi invernar á Ilha Çocotora, que novamente deſcubrio. E por chegar a Cochij, depois que Lopo Soares eſtava á carga, conveio-lhe tomar a ſua per derra-

dei-

deiro de todos, que causou não vir em sua companhia. Démos esta relação delle, porque depois que se apartou de Antonio de Saldanha não o tinhamos feito, e podia-nos alguem pedir conta delle. Assi que com a Armada de Lopo Soares vieram tres Capitães do anno passado, e foi esta sua viagem huma das mais bem afortunadas que se fez de tão grossa Armada, porque foi, e veio junta em espaço de quatorze mezes, e trouxe mui rica carga, com fazer dous feitos mui honrados, hum dos quaes foi dos melhores, em ser bem commettido, pelejado, e perigoso, que se naquellas partes vio.

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO VIII.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o que fez D. Francisco de Almeida, que o anno de quinhentos e sinco ElRey D. Manuel mandou á India pera lá residir por Capitão geral, o que depois foi intitulado por Viso-Rey della.

CAPITULO I.

Do modo, que se navegavam as especiarias té virem a estas partes da Europa ante que descubrissemos, e conquistassemos a India per este nosso mar Oceano: e das embaixadas, que os Mouros, e Principes daquellas partes mandáram ao Soldão do Cairo, pedindo-lhe ajuda contra nós.

COMO toda esta nossa Asia vai fundada sobre navegações por causa das Armadas, que ordinariamente em cada hum anno se fazem pera a conquista, e commercio della, e as cousas que pertencem á sua milicia imos relatando, segundo a or-

dem

dem dos tempos; convem pera melhor entendimento da hiſtoria darmos huma geral relação do modo que ſe naquellas partes de Aſia navegava a eſpeciaria com todalas outras horientaes riquezas, té virem a eſta noſſa Europa, ante que abriſſemos o caminho, que lhe démos pera eſte noſſo mar Oceano, peró que em o tractado do commercio copioſamente o eſcrevemos. E tambem he neceſſario, que quando fallarmos neſta navegação, e commercio da India, não ſe ha de entender que eſtas duas couſas eſtam limitadas em aquellas duas regiões, a que os antigos chamam India dentro do Gange, e India além do Gange; porque as noſſas navegações, e conquiſta daquella parte, a que propriamente chamamos Aſia, não ſe contém ſómente na terra firme, que começa em o mar Roxo, onde ſe ella aparta da Africa, e acaba na oriental plaga, a que ora chamamos a Coſta da China; mas ainda comprehendem aquellas tantas mil Ilhas a eſta terra de Aſia adjacentes, tão grandes em terra, e tantas em número, que ſendo juntas em hum corpo, podiam conſtituir outra parte do Mundo, maior do que he eſta noſſa Europa. Por cuja cauſa em a noſſa Geografia, deſtas, e de outras Ilhas deſcubertas, fazemos huma quarta parte em que ſe o Orbe da terra póde dividir, por-

que

que muitas eſtam diſtantes da coſta, que lhe não pertencem por adjacencia, ou vizinhança. Per todas as quaes partes ao tempo que deſcubrimos a India, aſſi os Gentios, como os Mouros, andavam commutando, e trocando humas mercadorias por outras, ſegundo a natureza diſpoz ſuas ſementes, e frutos, e deo induſtria aos homens em a mecanica de ſuas obras. As que jaziam além da Cidade de Malaca, ſituada na Aurea Cherſonezo, (nome, que os Geografos deram á quella terra,) aſſi como cravo das Ilhas de Maluco, noz, e maça de Banda, ſandalo de Timor, canfora de Borneo, ouro, e prata do Liquio, com todalas riquezas, e eſpecies aromaticas, cheiros, e policias da China, Java, e Sião, e de outras partes, e Ilhas a eſta terra adjacentes, todas no tempo de ſuas monções concorriam áquella riquiſſima Malaca, como a hum emporio, e feira univerſal do Oriente, onde os moradores de eſtoutras partes a ella occidentaes que ſe contém té o eſtreito do mar Roxo, as hiam buſcar a troco das que levavam, fazendo commutação de humas por outras, ſem entre elles haver uſo de moeda. Porque ainda que alli houveſſe muita cópia de ouro de Camatra, e do Liquio, em que na India ſe ganhava mais que a quarta parte, era tanto maior o ganho das

ou-

outras, que ficava o ouro em tão vil estimação, que ninguem o queria levar. E como Malaca era hum centro onde concorriam todos os navegantes, que andavam nesta permutação, assi os da Cidade de Calecut, situada na costa de Malabar, e os da Cidade de Cambaya, situada na enseada, que tomou o nome della, e os da Cidade de Ormuz posta na Ilha Geru dentro na garganta do mar Persico, como os da Cidade Adem, edificada de fóra das portas do mar Roxo, todos com a riqueza deste commercio tinham feito a estas Cidades mui illustres, e celebradas feiras. Porque não sómente traziam a ellas o que navegavam de Malaca, mas ainda os robijs, e lacre de Pegu, a roupa de Bengala, aljofar de Calecaré, diamantes de Narsinga, canela, e robijs de Ceilão, pimenta, e gengivre, e outros mil generos de especies aromaticas, assi da costa Malabar, como de outras partes, onde a natureza depositou seus thesouros. E as que desta parte da India se adjuntavam em Ormuz, leixando alli a troco de outras as que serviram pera as partes da Turquia, e da nossa Europa, eram navegadas per este mar Persico té a povoação de Batsora, que está nas correntes do rio Eufrates, a qual ora he huma Cidade célebre com o favor que lhe deram os nossos

Capitães de Ormuz. No qual lugar eram repartidas em cafilas, humas pera Armenia, e Trabiſonda, e Tartaria, que jaz ſobre o mar maior; outras pera as Cidades Halepo, e Damaſco, té chegarem ao porto de Barut, que he no mar mediterraneo, onde as vendiam a Venezeanos, Genovezes, e Catelães, que naquelle tempo eram ſenhores deſte trato. A outra eſpeciaria, que entrava per o mar Roxo, fazendo ſuas eſcalas per os portos delle, chegava ao Toro, ou a Suez, ſituados no ultimo ſeio deſte mar. E daqui em cafilas per caminho de tres dias era levada á Cidade do Cairo, e dahi per o Nilo abaixo a Alexandria, onde as nações, que aſſima diſſemos, a carregavam pera eſtas partes da Chriſtandade, como ainda agora em alguma maneira fazem; e per qualquer deſtes dous eſtreitos, que eſta eſpeciaria entrava nas terras de Arabia, quando vinha á ſahida, era per os portos do eſtado do Soldão do Cairo, cuja Potencia, antes de ſer mettida na Coroa da caſa Othomana dos Turcos, começava no fim do Reyno de Tunez em aquelle Cabo, a que ora os mariantes de Levante chamam Raſauſem, e Ptholomeu Boreo Promontorio, e acabava em huma enſeada chamada per elles o Golfão de Larazza por razão de huma povoação deſte nome que alli eſtá,

a qual,

a qual, ſegundo a ſituação della, parece ſer a Villa a que Ptholomeu chama Serrepolis. Na qual diſtancia de coſta póde haver trezentas e ſeſſenta leguas, que contém em ſi muitos, e mui célebres portos. E per dentro do ſertão ſe eſtendia per o Nilo aſſima á região Thebaida, a que os naturaes ora chamam Çaida, té chegar á antiquiſſima Cidade Ptholomaida, cujo nome ora he Hicina, que ácerca daquelles barbaros quer dizer eſquecimento, e dalli vinha beber ao mar Roxo. Paſſando o qual entrava na terra de Arabia, vindo avizinhar com o Xarife Baracat Senhor da caſa de Méca, atraveſſando os barbaros daquelle deſerto, té dar comſigo em a Cidade chamada Bir, que jaz nas correntes de Eufrates; e tornando fazer outro curſo contra o Occidente, acabava em o golfão de Larazza que diſſemos. No qual circuito de terra ſe comprehendia grão parte da Arabia deſerta, toda a Petrea, Judéa, e muita da Syria com todo Egypto, a que chamam Metſer de Mitſraim, nome per que os Hebreus, e Arabios nomeam a região de Egypto, por eſta Cidade Cairo ſer a cabeça delle, dando o nome do todo á parte. E ao tempo da noſſa entrada na India era Senhor deſte grande eſtado Canaçao, a que alguns dos noſſos chamam Canſor, o qual ſe intitulava

com este appellido Algauri, de que se elle muito gloriava, por lhe ser posto por causa de huma grão victoria, que houve de hum Rey da Persia, junto de huma alagoa chamada Algaor, que faz o rio Eufrates, entre Enz, e Bagadad, donde lhe deram por appellido Algauri. Neste mesmo tempo reinava em Turquia Selim decimo da geração Othomana, e era Senhor de Méca o Xarife Baracat, entre os Mouros mui celebrado em nome, não tanto por seus feitos, quanto por o grande decurso de tempo que viveo neste estado. E era Senhor de Adem Xeque Hamed, o qual vizinhava com estoutro Xarife por parte da terra chamada Jazem, que he dentro das portas do estreito defronte da Ilha Camarão. E era Rey de Ormuz Ceifadim deste nome o segundo, e do Reyno de Guzarate Machamud o primeiro deste nome. Assi estes Reys, e Principes, como os mercadores, per cujas mãos corria o commercio da especiaria, e orientaes riquezas, vendo que com nossa entrada na India per espaço tão breve, como eram sinco annos, tinhamos tomado posse da navegação daquelles mares, e elles perdido o commercio, de que eram Senhores havia tantos tempos, e sobre tudo eramos huma bofetada na casa de Méca, pois já começavamos chegar ás portas do mar Ro-

xo, tolhendo os ſeus romeiros; eram todas eſtas couſas a elles tão grão dor, e triſteza, que não ſómente áquelles a que tinhamos offendido, mas a todos em geral era o noſſo nome tão avorrecido, que cada hum em ſeu modo procurava de o deſtruir. E como a gente a que iſſo mais tocava eram os Mouros, que viviam no Reyno de Calecut, ordenáram de enviar huma embaixada ao grão Soldão do Cairo, como a peſſoa, que podia reſiſtir a eſte commum damno, fazendo com o Çamorij Rey da terra, que lhe enviaſſe hum preſente com outra tal embaixada, notificando-lhe os grandes males, e damnos, que de nós tinha recebido por defender os mercadores do Cairo reſidentes na ſua Cidade Calecut; tomando por concluſão de ſeu requerimento, que lhe mandaſſe huma groſſa Armada com gente, e armas pera nos lançar da India, que elle a proveria de dinheiro, e mantimentos como lá foſſe. Com a qual embaixada foi hum Mouro principal chamado Maimame, homem mais dado á religião de ſua ſecta, que ás armas, e foi em huma galé de feição das noſſas ſem appellação, a qual depois acabou em Chaul, como veremos em ſeu lugar. Accreſcentou mais a eſte clamor dos Mouros, e requerimento do Çamorij, outro tal Embaixador do Xeque de Adem, o qual

Em-

Embaixador era Xarife daquelles que dizem vir da linhagem de Mafamede, porque per via de religioso podia provocar mais ao Soldão pera acudir a estes damnos, como defensor da casa de Méca, segundo se elle intitulava; pedindo que com diligencia puzesse neste caso o braço de sua potencia, porque elle por sua parte mandaria tambem ajuda áquelles miseros, que habitavam no Reyno de Calecut, onde nossas armas tinham derramado muito sangue Arabico, em que entráram alguns da linhagem do seu profeta, que per via de martyrio eram havidos por sanctos ácerca dos Arabios.

CAPITULO II.

Como o Soldão do Cairo escreveo ao Papa per hum Religioso da Casa de Sancta Catharina de Monte Sinay, aqueixando-se das nossas Armadas da India: e como o Papa mandou o proprio Religioso a este Reyno, e do que lhe respondeo.

O Soldão, movido com estas embaixadas, e outros clamores dos Mouros do Cairo, que tratavam na India, e principalmente com a grande perda do rendimento da entrada, e sahida das especiarias per seus portos, o qual damno já começava sentir, e lhe chegava mais que as offensas alheias, co-

começou de ſe inflammar contra nós, como homem mimoſo da proſperidade de ſeu eſtado, e que não tinha viſto a fortuna delle, que dahi a pouco tempo paſſou. E poſto que neſta indignação de palavras déſſe aos Embaixadores grande eſperança do que ſobre eſte caſo per armas havia de fazer, com tudo quiz primeiro uſar de huma cautela que dellas, parecendo-lhe que per eſte modo deſiſtiria ElRey da impreza da India, por ouvir dizer que os Reys de Portugal eram muito zeloſos da fé que tinham, e religioſos na obſervação della. A qual cautela, de que uſou, foi lançar fama, que a ſua tenção era deſtruir o Templo de Jeruſalem, e a Caſa de Santa Catharina de Monte Sinay, com todas as Reliquias que houveſſe na Terra Sancta, e mais não conſentir que em ſeu eſtado andaſſe algum Chriſtão deſtas partes de Europa; e os que reſidiam no Cairo, Alexandria, Halepo, Damaſco, e Barut por razão do commercio, que forçoſamente os havia de mandar fazer Mouros, não ſe ſahindo em tantos mezes de todo ſeu eſtado, iſto em recompenſa de dous tão grandes males, como eram feitos aos Mouros, cujo defenſor, e protector elle era por ſer Emperador, e Calyf da caſa de Méca. Hum dos quaes males fazia ElRey D. Fernando de Caſtella, fazendo Chriſtãos

per

per força a todolos Mouros do Reyno de Granada; e o outro, que era muito maior mal, fazia ElRey D. Manuel de Portugal ſeu genro. O qual não contente de mandar ſuas Armadas á India a conquiſtar a terra dos Gentios, mas ainda tolhia a navegação dos mares, e commercio della, que os Mouros tinham acquerido per tantos annos, ſendo o commercio hum uſo commum das gentes, que conciliava amor entre todos ſem ſer defendido, o qual commercio elle Soldão permittia em todo ſeu eſtado, conforme aos coſtumes da terra, a todo genero de peſſoa, ſem ter reſpecto a lei, ou ſecta que tiveſſe. E moſtrando o Soldão querer poer em effecto eſtas ſuas ameaças, teve maneira com que foſſe rogado per hum Fr. Mauro maioral da Caſa de Sancta Catharina de Monte Sinay Heſpanhol de nação, e da prática que teve com o Soldão, reſultou elle Fr. Mauro querer vir ao Papa darlhe conta deſte caſo. Porque, como era Cabeça da Chriſtandade, removeria eſtes dous Principes deſte damno que os Mouros delles recebiam, por ſe não perder a memoria das ſantas Reliquias, que eſtavam naquellas partes, e tão grão numero de Fieis Chriſtãos, como nellas andavam. Pera o qual caſo vir com mais auctoridade, o meſmo Soldão deo huma Carta de crença a eſte

Fr.

Fr. Mauro, leixando as palavras da qual cuja resolução era vir a elle Fr. Mauro com algumas cousas, que faziam a bem da Religião Christã, diremos sómente estas palavras com que se elle intitulou, e assi ao Papa, (segundo vimos em o traslado della, que o proprio Fr. Mauro trouxe a este Reyno.) *O grande Rey, Senhor dos que senhoream, nobre, grande, sabedor, justo, e victorioso, Rey dos Reys, cutelo do Mundo, Principe da Fé de Mahomet, e dos que nelle crem, vivificador da justiça em todo o Mundo, herdeiro de Reynos, Rey da Arabia, de Gemia, da Persia, e Turquia, sombra de Deos nas terras, que obra todalas boas cousas, ora sejam per elle mandadas, ora não, o qual neste Mundo he outro Alexandre, de quem muitos bens procedem, Rey dos que se assentam em tribunal, e trazem coroa, dador de regiões, terras, e Cidades, perseguidor dos que se rebelam, e dos hereges infieis, conservador dos dous lugares de peregrinos, summo Sacerdote dos templos sagrados, que estam debaixo de seu poder, e contém a Fé de Mahomet, que esparge justiça, e bondade, resplandor da Fé, pai da victoria, Canaçao Algauri, cujo imperio Deos faça perpétuo, e exalte sua cadeira sobre o Planeta Geminis. A ti, Papa Romão Excel-*

cellentiſſimo, e eſpiritual, que teme a Deos, e bem obra, grande na Fé antiga dos Chriſtãos fieis de Jeſus, Rey dos Reys Nazarenos, Conſervador, e Senhor dos mares, e termos Maritimos, pai dos Patriarcas, e Biſpos, Leedor dos Evangelhos, e ſabedor na ſua Fé, e nas couſas que são, e não são licitas, benigno aos Reys, e Principes, poſſuidor do Reyno Romão, cuja gloria Deos accreſcente. Chegado Fr. Mauro com eſta Carta a Roma, como vinha alembrado das ameaças deſte barbaro, e era homem zeloſo do bem univerſal da Igreja, e ſimples em as malicias dos Principes tyrannos, fez eſte negocio tão grave ante o Papa Alexandre, que ſe determinou em Conſiſtorio, que elle meſmo Fr. Mauro vieſſe a Heſpanha com cartas ſuas, e com traslado da que eſcreveo o Soldão, pera repreſentar eſtas couſas a ElRey D. Fernando, e a ElRey D. Manuel, como a auctores da indignação deſte tyranno. Da vinda do qual Religioſo a Roma ElRey D. Manuel foi logo aviſado per peſſoas, que lá faziam ſeus negocios, de que teve muito prazer, ſabendo que o Soldão começava já ſentir as Armadas, que elle enviava á India, as quaes ſem terem feito aſſento nella, ſómente de paſſagem lhe faziam tanto damno que ſe queixava delle. E porque eſte recado lhe veio

veio quaſi no fim de Octubro do anno de quatro, e no ſeguinte tinha ordenado de mandar huma groſſa Armada á India, com Capitão geral, que lá reſidiſſe, tanto o demovêram eſtes queixumes do Soldão, que dobrou a Armada que fazia, e com mais diligencia mandou dar deſpacho ás náos, pera que quando o Padre Fr. Mauro vieſſe a eſte Reyno, viſſe os grandes apparatos da frota, e tiveſſe tambem que contar do que cá hia, como elle ante o Papa relatava o poder do Soldão. Donde o Papa tomou cauſa pera deſejar que ElRey deſiſtiſſe da empreza da India, ao menos no modo que ſe tinha com os Mouros, que lá tratavam, pera que o Soldão não executaſſe ſeu furor em aquellas Reliquias da Terra Sancta. Peró chegado a eſte Reyno o Padre Fr. Mauro em Junho, depois da partida da Armada, ElRey com vivas, e claras razões o tirou dos temores que trazia, declarandolhe, que eſte impeto de tanta furia que o Soldão moſtrava, mais procedia da perda de ſuas rendas, por cauſa da entrada, e ſahida das eſpeciarias per os portos de ſeu Eſtado, que por zelar o bem commum dos Mouros. Porque ſe iſto fora por cauſa dos damnos, que eram feitos aos de Granada, como elle dizia, já eſte ſeu rogo vinha ſorodeo, pois havia mais de vinte annos que

o ne-

o negocio de Granada era paſſado; quanto mais, que todolos Mouros foram poſtos em ſua liberdade pera ſe ir, ou ficar no Reyno, e já ſobre eſte negocio entre elle, e ElRey D. Fernando houvera recados per Pedro Martyr. E que a meſma razão do intereſſe, que era a principal que o Soldão neſte caſo tinha, eſſa ſegurava a elle Frei Mauro, e a todalas couſas que elle temia; porque o Soldão tinha tanto rendimento da Chriſtandade por razão das Sanctas Reliquias, que havia no ſeu Eſtado, que mais lhe cumpria tellas em veneração, que deſtruillas totalmente; e mais lhe importavam, que quantas eſpeciarias por ſeus portos podiam vir da India. Finalmente com eſtas, e outras palavras, e grandes eſmolas, que ElRey fez ao Padre Fr. Mauro pera a Caſa de Sancta Catharina, elle ficou contente, e eſquecido dos temores que trazia, e per elle reſpondeo ElRey ao Papa. A ſubſtancia da qual Carta era, que leixados os ſantos, e juſtos propoſitos, que ElRey D. Fernando de Caſtella teve na converſão dos Mouros de Granada, com que elle ganhou gloria ácerca de Deos, e dos homens; quanto ao que tocava a elle por razão das couſas da India, ſobre que Sua Santidade lhe eſcrevêra per o Padre Fr. Mauro, Deos era teſtemunha quanto ſentimento elle tinha

por

por não ter mettido o Soldão em tanta necessidade com suas Armadas, que com mais justa causa se pudesse queixar dellas. Porém elle esperava em N. Senhor, em cujo poder estava o direito dos barbaros Reynos, pera os dar a quem lhe approuvesse; que assi como lhe approuvera conceder a este Reyno de Portugal, mediante o trabalho de seus antecessores, e seu, huma cousa tão nova, e tão pouco esperada das gentes, como foi o descubrimento da India; assi lhe concederia entrarem suas Armadas dentro no mar Roxo, té irem destruir a casa de abominação de Mafamede, injúria, e opprobrio da Religião Christã. Com a qual obra daria causa a que Sua Santidade incitasse os Reys, e Principes Christãos occupados em guerra de seus proprios membros, a se ajuntarem com elle sua cabeça per amor, e concordia, pois nelle estavam unidos per fé, pera que todos movessem as azas de sua potencia contra este barbaro, que com suas infieis forças tinha tyrannizado o Santuario da nossa Redempção. Porque de crer era, e mui facil na estimação daquelles, que bem sentiam poder-se isto esperar, e fazer, pois Sua Santidade via quão cheio de temor já estava este tyranno com saber que suas Armadas andavam na India, bem remota do Cairo, e isto por não ser costumado haver
em

em ſeus portos armas d'algum Principe Catholico movidas contra elle. E ſe iſto elle já temia, que ſe podia eſperar delle quando viſſe deſembarcar em ſeus portos os exercitos da potencia de tantos Principes, como havia na Europa, e a gente Portuguez mui coſtumada a guerra deſtes infieis, poer as eſcadas nos muros de Judá, porta per onde elle eſperava em Deos que eſtes ſeus vaſſallos entraſſem na caſa da abominação, e nella levantaſſem Altar pera offerecer oblação accepta a Deos. Na execução da qual obra, elle como obediente Filho da Igreja, e zelador de ſua gloria, promettia a ſua Santidade trabalhar quanto nelle foſſe, pera que com mais juſta cauſa eſte infiel ſe pudeſſe queixar de ſuas Armadas. Porque pois prouvéra a noſſo Senhor que eſte Reyno de Portugal toda a ſua herança ſe havia de conquiſtar das mãos dos infieis, e na conquiſta de Africa, por haver benção de ſeus avós, ſempre contra elles trazia ſeus exercitos; elle eſperava per os mares patentes da Gentilidade da India, e depois per as portas do eſtreito do mar Roxo, donde ſahio eſta peſte de gente, enviar tantas Armadas, té que á força de ferro déſſe novo patrimonio á Igreja Romana naquellas partes Orientaes. E a bandeira Real da milicia de Chriſto herdeira deſtes taes triunfos, de que elle era

era Governador, e perpétuo Adminiſtrador, foſſe dos Gentios, e Mouros temida, e adorada pera gloria, e louvor da Sancta Igreja. Pelos meritos da qual elle eſperava neſta vida não ſer tido por ſervo ſem proveito, e que eſconde o talento de ſua poſſibilidade, pera na outra lhe ſer dado o jornal Divino do Senhor.

CAPITULO III.

Como neſte anno de quinhentos e ſinco mandou ElRey huma groſſa Armada á India, de que foi por Capitão mór D. Franciſco de Almeida, que depois foi intitulado por Viſo-Rey della.

ANte que ElRey ſoubeſſe da vinda deſte Fr. Mauro, por cuja cauſa eſcreveo ao Papa na fórma atrás, teve alguns conſelhos, cujo fundamendo era ver, que per o decurſo das quatro Armadas paſſadas que foram á India, não convinha irem, e virem ſem lá ficar quem aſſiſtiſſe a duas couſas, que o deſcubrimento della tinha dado: Huma era a guerra com os Mouros, e a outra o commercio com os Gentios. E porque as náos que hiam, e tornavam logo com carga, não podiam juntamente fazer eſtas duas couſas por o tempo ſer mui breve, e ſobre iſſo ficava com a vinda dellas a coſ-

a costa do Malabar desamparada, com que os Mouros tornavam a ser senhores della, e favorecidos das Armadas do Çamorij, fariam damno aos Reys de Cochij, Cananor, e a todolos outros nossos amigos, e alliados: Pera resistir a este tão certo perigo, e prover a outras cousas tão importantes, que a experiencia do negocio tinha mostrado, pera que era necessario fazerem-se fortalezas, onde as náos dessem, e tomassem carga; ordenou ElRey de mandar náos, que fossem pera tornarem com a carga da especiaria no anno seguinte, e outras vélas de menos toneladas, com alguns navios pequenos pera lá ficarem de Armada, e por Capitão mór desta governança a Tristão da Cunha, filho de Nuno da Cunha. O qual, estando de todo prestes, teve hum accidente de vágado, com que perdeo a vista, de maneira, que esteve muito tempo sem a cobrar, e foi no seguinte anno de quinhentos e seis, como veremos. Ficando a frota por este subito caso sem Capitão, sendo tão ácerca da partida, mandou ElRey chamar a D. Francisco de Almeida, filho do Conde de Abrantes D. Lopo d'Almeida, o qual a este tempo estava em Coimbra com o Bispo della D. Jorge seu irmão, e com palavras da confiança que delle tinha, lhe entregou a frota, a qual estando prestes de todo,

do, hum Domingo ante de ſua partida, foi ElRey ouvir Miſſa á Sé, (por a eſte tempo eſtar em Lisboa,) onde com grande ſolemnidade, e palavras conformes ao acto, lhe entregou a bandeira Real; e eſpedido dalli com os Capitães, e Fidalgos da Armada, foi levado per todolos Senhores, e Nobreza da Corte com grande pompa té ſe embarcarem no caes da ribeira; a qual embarcação foi a mais ſolemne que té então neſte Reyno ſe fez, não ſendo de peſſoa Real, porque aſſi pela nobreza de D. Franciſco d'Almeida, e Fidalguia, que com elle embarcára, como pelo cargo, e dignidade de Viſo-Rey, (no modo que adiante veremos,) que foi o primeiro Titulo deſta qualidade, que neſtes Reynos ſe deo, concorrêram aſſi da parte delle, como dos que o acompanhavam, todalas couſas em accreſcentamento, e louvor de honra ſua naquella partida, que foi a vinte e ſinco de Março do anno de quinhentos e ſinco, dia ſolemne por cahir nelle a Feſta de N. Senhora da Encarnação. Em a qual frota, além da gente ordenada pera a navegação das náos, iriam té mil e quinhentos homens de armas, todos gente limpa, em que entravam muitos Fidalgos, e moradores da Caſa d'ElRey, os quaes hiam ordenados pera ficar na India; e per regimento, que ElRey en-

tão fez, eram obrigados servir lá tres annos contínuos. Esta limitação de tempo tinham todalas Capitanias, e quaesquer outros cargos, e officios, o qual termo de tempo ainda hoje se guarda; e o soldo que então geralmente se assentou aos homens de armas, eram oitocentos reaes por mez, e depois que chegassem á India, tinham mais quatrocentos de mantimento o tempo que estavam em terra, porque quando andavam nas Armadas comiam á custa d'ElRey. E além deste soldo, tinham mais dous quintaes e meio de pimenta ao partido do meio em cada hum anno, a qual podiam carregar em as náos que viessem pera este Reyno, que lhe podia importar sinco mil reaes; e a gente do mar, Capitães, Alcaides móres, Feitores, Escrivães, e todo outro Official a este respeito tinham suas quintaladas segundo a qualidade de seu officio. E porque este foi o primeiro assento que ElRey tomou no soldo que os homens haviam de vencer naquellas partes, como cousa nova, de passada fizemos esta declaração, posto que ao presente he tudo mudado, porque o tempo accrescentou, e diminuio segundo a disposição delle. As quaes vélas desta frota eram per todas vinte e duas, das quaes doze hiam pera logo no anno seguinte tornar com carga de especiaria, por serem

rem

rem de muito porte, de que estes eram os Capitães: D. Francisco d'Almeida Capitão mór, Ruy Freire filho de Nuno Fernandes Freire, Fernão Soares filho de Gil de Carvalho, Vasco Gomes de Abreu filho de Antão Gomes de Abreu, Bastião de Sousa filho de Ruy de Abreu de Elvas, Pero Ferreira Fogaça filho de Fernão Fogaça, João da Nova, Antão Gonçalves Alcaide de Cezimbra, Diogo Correa filho de Fr. Payo Correa, Lopo de Deos Capitão, e Piloto João Serrão. E os Capitães que lá haviam de ficar de Armada, eram: D. Fernando Deça de Campo maior filho de D. Fernando Deça, Bermum Dias hum Fidalgo Castelhano, Lopo Sanches, Gonçalo de Paiva, Lucas d'Affonseca, Lopo Chanoca, Jam Homem, Gonçalo Vaz de Bóes, Antão Vaz. E além das vélas, em que hiam estes Capitães, estavam tambem outras seis prestes; e pelo que adiante diremos, ficáram té dezoito de Maio, que partíram em companhia de Pero da Nhaya, que foi pera fazer a fortaleza da Çofala, onde havia de ser Capitão. Partida esta frota d'ante N. Senhora de Bethlem, com bom tempo que lhe fez, a seis de Abril chegou ao Cabo Verde, onde chamam o porto Dale, em o qual estava fazendo resgate de escravos huma caravela deste Reyno; per o meio da qual, em

quanto a frota fazia aguada, foi avisado o Rey da terra, que com desejo de ver tão grande cousa, veio com suas mulheres, e filhos a se pôr em huma aldea á vista da nossa frota. D. Francisco, sabendo a causa da sua vinda, o mandou visitar per João da Nova, em cuja companhia foram algumas pessoas nobres com licença por verem o estado daquelle barbaro Principe, aos quaes elle a seu modo fez muita honra, mandando-lhe matar algumas vacas, que trouxeram pera seu refresco, e outras que enviou ao Capitão mór em retorno do que lhe levou João da Nova. E porque algumas das náos foram ancorar em huma angra pequena chamada Bezeguiche, que ficava mais assima contra o cabo, e o tempo não lhes servia pera virem ao lugar onde estava Dom Francisco, estiveram humas em huma parte, e outras fazendo suas aguadas té que o tempo ajuntou toda a frota. D. Francisco, porque algumas náos della não eram companheiras na véla, e faziam perder caminho ás outras, per conselho dos Capitães, e Pilotos repartíram a frota em duas partes, huma das náos veleiras tomou pera si, e outra deo a Bastião de Sousa Capitão da náo Concepção, dando-lhe regimento do caminho que havia de fazer. Partido com esta ordenança daquelle porto a vinte e sinco

dias

dias de Abril, ante que chegasse á linha obra de quarenta leguas, a quatro de Maio abrio a náo Bella Capitão Pero Ferreira huma agua tão grossa, que não a podendo tomar, nem vencer, se foi ao fundo, em tempo que o Capitão mór lhe mandou acudir com todolos bateis de maneira, que além da gente se salvou grão parte da fazenda, que hia sobre cuberta, o que se repartio pelas outras náos. Tornando a seu caminho, posto que não foi com grandes temporaes, os Pilotos, por segurar dobrarem o cabo, mettêram-se em tanta altura contra o Sul, que em os navios pequenos não podiam os homens trabalhar com frio, e dalli vieram descahindo mettendo-se no quente, té que a dezoito de Julho chegáram á terra que jaz entre as Ilhas primeiras de Moçambique. E porque em Quiloa, e Mombaça tinha que fazer, espedio dalli Gonçalo de Paiva, e Bermum Dias, que fossem a Moçambique saber se ficáram alli algumas cartas da frota de Lopo Soares; e tambem se eram chegadas as náos da Capitanía de Bastião de Sousa, e duas que lhe faleciam de sua conserva; e sabido isto, se fossem caminho de Quiloa onde os esperava. Espedidos estes dous navios a vinte e dous de Julho, dia da Magdalena, surgio em Quiloa com oito vélas que o seguiam, onde logo foi vi-

si-

ſitado da parte d'ElRey per hum Mouro honrado per nome Cyde Mahamed, aſſi de palavra, como com fruta da terra. D. Franciſco, depois que o mandou contentar com huma marlota de cores, e lhe deo os agradecimentos da viſitação, mandou dizer a ElRey, que ſe eſpantava muito delle na chegada daquella frota d'ElRey ſeu Senhor, que por honra delle, e da ſua Cidade tirava tanta artilheria, não reſponder elle com algum ſinal de cortezia, ao menos mandando arvorar huma bandeira de ſuas armas, que lhe foi dada pelo Almirante em ſinal de paz. Cyde Mahamed confuſo com o recado, não ouſou reſponder, ſómente que logo traria a reſpoſta, a qual foi, que dizia ElRey, que muito mais deſcontente eſtava elle de hum Capitão d'ElRey de Portugal, que lhe tomou huma náo que vinha de Çofala, onde elle mandára aquella bandeira, do que elle podia eſtar pela não ter arvorada, e que eſta fora a cauſa de o não ter feito. D. Franciſco parecendo-lhe ſer iſto aſſi, ficou mui deſcontente, e mandou a elle João da Nova, aſſi pera concertar que ſe viſſem ambos, como pera ſaber particularmente deſte Capitão de que ſe ElRey queixava, com o qual foi por lingua hum Veneziano chamado Miſer Bonadjuto de Albão, o qual trouxe a eſte Reyno Affonſo

de

de Albuquerque pelo achar em Cananor. E segundo elle dizia, havia vinte e dous annos que se passára do Cairo áquellas partes em companhia de hum Embaixador que alli estava, sendo Consul da Senhoria de Veneza em Alexandria Miser Francisco Marcello; e quando veio com Affonso de Albuquerque, trouxe por mulher huma Jauha, de que tinha filhos, ao qual ElRey, por elle ser homem esperto, e que sabia as linguas, e mais os negocios daquellas partes, o mandou com D. Francisco com bom ordenado, e servia de lingua. E a substancia do recado, que João da Nova levou, de que elle era interprete, foi ser grave cousa pera elle D. Francisco crer, que Capitão d'El-Rey seu Senhor havia de ter tão pouco acatamento a huma bandeira sua; porque os Portuguezes eram tão obedientes áquelle sinal, que em o vendo o adoravam, quanto mais fazer o que elle dizia. E porque ao presente se não podia fazer mais, lhe ordenasse como se vissem, porque tinha algumas cousas que praticar com elle, que cumpriam a seu bem, e a serviço d'ElRey seu Senhor; e quanto o que tocava ao castigo daquelle Capitão que dizia, tivesse por certo, que sabida a verdade, ElRey seu Senhor o mandaria muito bem castigar, e a sua náo lhe seria restituida com tudo o que levava.

Par-

Partido João da Nova, tornou com respoſta, que ElRey era contente de ſe verem ao ſeguinte dia, e o modo ſería vir elle Capitão mór em ſeu batel defronte dos paços com alguns Capitães, e gente que elle eſcolheſſe em acto pacífico por não cauſar temor nos da terra, e que elle tambem em habito de paz viria com alguns eſcolhidos de ſua caſa a ſe metter em hum zambuco diante das caſas, onde ſe ambos veriam. Concertadas todas eſtas viſtas, mandou o Capitão mór que todolos Capitães, e alguns Fidalgos em ſeus bateis vieſſem pela manhã a bordo da ſua náo, e o trajo foſſe de paz com cautela, que ao longo das toſtes dos bateis vieſſem algumas lanças, e tiros pera tirarem em modo de feſta, e ſecretamente ſuas ſaias de malha, porque as cautelas que eſte Mouro tinha, dava a entender não eſtar mui fiel. Ao dia ſeguinte, entrando Dom Franciſco em hum batel debaixo de hum toldo de eſcarlata, e ſeda, com muitas bandeiras de ſua diviſa, partio rodeado de bateis de toda aquella Fidalguia, com grande eſtrondo de trombetas, e de artilheria, que ao tempo de ſua partida começou a fuzilar per toda a frota. E em partindo da náo, eſpedio a João da Nova que levaſſe recado a ElRey como elle hia, o qual não chegou lá, porque na praia achou hum recado

d'El-

d'ElRey, que tornasse dizer ao Capitão mór que se detivesse hum pouco, porque os seus não eram ainda juntos. Tornando João da Nova apressar ElRey com outro recado, por haver pedaço que D. Francisco se detinha já junto das casas, foi-lhe respondido que dissesse ao Capitão mór da parte d'ElRey que lhe perdoasse, dando algumas falsas desculpas; huma das quaes era, que em se alevantando pera vir a elle atravessára hum gato negro, notavel agouro entre elles pera naquelle dia ambos não poderem fazer cousa que duravel fosse. E porque elle desejava que as suas fossem perpétuas, lhe pedia que lhe perdoasse por então, e que ficasse aquella vista pera o seguinte dia. Quando D. Francisco vio que todo seu apparato acabava naquelle agouro d'ElRey, sorrindo-se, converteo o odio desta malicia d'ElRey nestas palavras, dizendo aos Capitães: *Senhores, e amigos, a mim me parece que mais agourado ha de achar quem taes recados manda o dia de ámanhã, que o de hoje. Tornemo-nos embora, e venhamos a visitallo com as naturaes louçainhas, e que melhor estam aos Portuguezes, que estas cores que trazemos; porque como sabeis, Mouros não ao nosso ouro, mas ao nosso ferro sempre fizeram maior honra.* Ao que João da Nova respondeo: *Parece-me, Senhor,*

nhor, que esse ha de ser o fim de nossos concertos com este Mouro, porque Mahamed Enconij nosso grande amigo se veio a mim por me fallar como homem meu conhecido, e não ousou de se apartar comigo por trazerem os Mouros olho nelle. Sómente em se espedindo meu furtado disse: *Dizei ao Senhor Capitão mór que não se engane com ElRey, porque não se ha de ver com elle, e que se lembre de mim.* D. Francisco entendendo a tenção d'ElRey, polo aperceber pera o seguinte dia, mandou a João da Nova que tornasse á praia, e dissesse aos Mouros que lhes deram o recado d'ElRey, que lhes fossem dizer da sua parte que elle se tornava pera as náos, e ao outro dia pela manhã se havia de ver com elle; e quando não fosse naquelle lugar que tinha ordenado, elle o iria buscar dentro ás suas casas, se houvesse por trabalho de o vir esperar ao mar. Dado este recado, tornou-se João da Nova sem esperar resposta, por lho mandar D. Francisco, o qual assi como hia com todolos Capitães, se foi á sua náo, onde teve com elles conselho sobre aquelle feito, resumido não sómente o que passára per ante elles, mas ainda quanto aquelle barbaro tinha feito a Pedralvares, e a João da Nova que era presente, tudo como homem cauteloso, e que no seu peito estava maior

ma-

malicia do que era a fé de ſuas palavras.
E mais, que depois que o Almirante Dom
Vaſco da Gama per alli paſſou, nunca mais
quizera pagar as pareas que devia, poſto que
elle diſſeſſe ſerem mais em modo de reſgate
de ſua peſſoa por o Almirante o reter no
batel, onde ſe vio com elle, que pareas de
propria vontade; e que ſer elle cioſo de ſua
peſſoa, couſa era natural dos homens, mas
iſto havia de ſer per modo mais honeſto,
e não tão público deſprezo da mageſtade
daquella Armada d'ElRey ſeu Senhor, do
qual trazia mandado que ſe determinaſſe em
os negocios que tiveſſe com os Principes
daquellas partes, em paz, ou em guerra
deſcuberta, trabalhando mais na primeira,
que na ſegunda, e eſta lhe encommendava
por precepto, e a guerra por neceſſidade,
e que em nenhuma maneira ſe partiſſe dalli
ſem tomar alguma conclusão com elle pera
fazer huma fortaleza, por importar muito á
navegação da India, e ſegurança daquella
coſta. Acabando D. Franciſco de propór eſ-
tas, e outras razões, todos concorrêram
neſte voto, que ao ſeguinte dia ſahiſſem em
terra com mão armada, porque eſta era a
que havia de pôr as leis áquelle Mouro,
e não a cortezia que com elle queria uſar.
Aſſentada eſta ſahida em terra, ordenou lo-
go D. Franciſco que a gente ſe faria em
dous

dous corpos, elle iria commetter a força da Cidade em hum, e ſeu filho D. Lourenço com outro ás caſas d'ElRey, que eſtavam no cabo della, repartindo logo quaes Capitães haviam de ſer com cada hum delles, e o tempo da ſahida das náos sería ante manhã, quando elle mandaſſe tanger huma trombeta. E porque N. Senhor lhe deo victoria, com que conveio fazer aqui huma fortaleza que ElRey mandava, e noſſo coſtume em toda eſta hiſtoria ſerá deſcrever ſempre o ſitio da terra, onde fundaremos alguma, e daremos as cauſas diſſo, pois eſta he a primeira de pedra, e cal que neſtas partes fundamos, primeiro que entremos ao combate da Cidade, convem darmos huma univerſal deſcripção deſta parte de Africa, pois té ora o não temos feito, principalmente deſta coſta, e ſitio da Cidade.

CAPITULO IV.

Em que ſe deſcreve a parte da coſta de Africa, em que eſtá ſituada a Cidade Quiloa, á qual terra os Arabios propriamente chamam Zanguebar, e Ptholomeu Ethiopia ſobre Egypto.

EM a parte da terra de Africa ſobre a Ethiopia, o que Ptholomeu chama interior, onde eſtá a região Agiſymba, que he

he a mais auſtral terra de que elle teve noticia, e onde faz a ſua meridional computação, jaz outra terra, que em ſeu tempo não era nota, e ao preſente mui ſabido o maritimo della, depois que deſcubrimos a India per eſte noſſo mar Oceano. O principio da qual, começando na Oriental parte della, he o Praſſo promontorio, que elle Ptholomeu ſituou em quinze gráos contra o Sul, e em tantos eſtá per nós verificado, ao qual os naturaes da terra chamam Moçambique, onde ora temos huma fortaleza, que ſerve de eſcala das noſſas náos neſta navegação da India. E o fim occidental deſta terra a Ptholomeu incognita, acaba em altura de ſinco gráos da parte do Sul, que ſe communica com os Ethiopias, a que elle chama Heſperios per nome commum, que são os póvos Pangelungos ſubditos ao noſſo Rey de Congo, entre os quaes dous termos Oriental, e Occidental fica o grande, e illuſtre Cabo de Boa Eſperança, tantos mil annos não conhecido do Mundo; e como eſta de que tratamos he grande, e os barbaros que nella habitam são muitos differentes em lingua, não ha entre elles nome proprio della. Sómente os Arabios, e Parſios, como gente que tem policia de letras, e são vizinhos della, em ſuas eſcrituras lhe chamam Zanguebar, e aos morado-

res

res della Zanguij, e per outro nome commum tambem chamam Cafres, que quer dizer gente ſem lei, nome que elles dam a todo Gentio idólatra, o qual nome de Cafres he já ácerca de nós mui recebido polos muitos eſcravos que temos deſta gente. E porque em a noſſa Geografia particularmente fazemos relação deſta terra Zanguebar, aqui como de paſſada daremos alguma noticia della por as cauſas que no precedente Capitulo apontámos. E começando no promontorio Aromata, a que ora chamamos Cabo de Guardafu, que he a mais Oriental parte de toda Africa, ſituada per Ptholomeu em ſinco gráos, e per nós em doze até Moçambique, que ſerão per coſta obra de quinhentas e ſincoenta leguas, faz eſta terra huma maneira de enſeada não tão curva, e penetrante como Ptholomeu a figura em ſua taboa, mas quaſi á feição de huma coſta de oſſo de animal quadrupe. E o ſegundo curſo maritimo, que elle não ſoube, o qual começa no Cabo de Moçambique, e acaba em o das correntes, que ſerá per coſta té cento e ſetenta leguas, fica ella hum pouco mais encurvada com hum anco que faz o cabo das correntes logo na volta delle, quando vam de cá do Ponente. Do qual cabo vindo pera o de Boa Eſperança, em que haverá per coſta trezentas

e qua-

e quarenta leguas, vai a terra fazendo hum lombo, de maneira que fica o Cabo das correntes em vinte e quatro gráos da banda do Sul, e o de Boa Esperança em trinta e quatro e meio; e deste illustre Cabo té á terra dos Pangelungos do Reyno de Congo vai-se a costa encolhendo, e bojando, peró que a grandeza della faz parecer que se estende direita ao Norte. A figura da ponta deste grande Cabo de Boa Esperança se aparta do corpo da outra terra, como que a escacháram do cabo das agulhas, que dista delle contra o Oriente per espaço de vinte e sinco leguas, da maneira que podemos apartar o dedo pollegar da mão esquerda dos outros dedos della, virando a palma pera baixo. E per este modo fica elle apartado contra o Ponente do grande corpo da outra terra, e rombo em sua ponta á semelhaça do dedo; e quasi na junta, que he no meio delle, está huma terra soberba sobre a outra, que no sima faz huma planura de terra rasa graciosa em vista, e fresca com mentrastos, e outras hervas de Hespanha, á qual os nossos chamam a Meza do Cabo. E olhando della contra o Ponente, fica huma angra per elles chamada da Concepção; e no espaço que se mette entre elle, e a outra terra, que jaz pera Oriente, que vai fazer o cabo das agulhas, está huma angra mui es-

estreita, a que mais propriamente poderemos chamar Furna, assi penetrante pela terra, cortando direita ao longo do cabo, que do rosto delle té o fim della haverá dez leguas. No seio da qual Furna, onde ellas acabam, se levanta huma serrania de viva pedra com grandes, e asperos picos, que pedem ás nuvens com sua altura; e por causa delles os nossos chamam áquelle lugar os Picos fragosos; pelo pé dos quaes rompe com muita furia hum rio de grandissima agua, que nasce no interior daquelle sertão, de que ao presente não temos noticia. E tornando á particular descripção da terra Zanguebar, que faz a nosso proposito, por razão dos feitos, que na sua costa os nossos fizeram, esta começa em hum dos mais notaveis rios, que da terra de Africa vertem no grande Oceano contra o meio dia, ao qual Ptholomeu chama Rapto, posto que a sua graduação he mui differente do que ora sabemos. Cá elle o põe em seis gráos de largura da parte do Sul, e nós em nove da parte do Norte, o qual nasce em a terra do Rey dos Abexijs, a que chamamos Preste João, em as serras a que elles chamam Graro, e ao rio Obij, e onde sahe ao mar Quilmance pelos Mouros que o vizinham, por causa de huma povoação assi chamada, que está em huma das principaes bo-

bocas delle junto do Reyno de Melinde. Deste rio, indo contra o Cabo de Guardafu, e dahi voltando té as portas do estreito, e dellas lançando huma linha ás fontes delle, fica huma terra, a que os Arabios propriamente chamam Ajan, a qual quasi toda he povoada delles, posto que em muita parte contra o meio dia no interior da terra habitem Negros idólatras. E das correntes deste Quilmance contra o Ponente té o Cabo das correntes, que os Mouros daquella costa navegam, toda aquella terra, e a mais occidental contra o Cabo de Boa Esperança, (como dissemos,) os Arabios, e Parseos que a vizinham, lhe chamam Zanguebar, e aos moradores Zanguij. Toda esta costa, começando do rio Quilmance té o Cabo das correntes geralmente, he baixa, alagadiça, e mui cuberta de hum arvoredo parrado á maneira de balsas, que dam pouca serventia por baixo. E assi com a espessura delle, como com os rios, e estreitos, que a retalham em Ilhas, e restingas, que occupam o maritimo della, faz ser mui doentia; de maneira, que podemos dizer ser outro Guiné em ares corruptos, e todalas outras cousas que dá, e gera; porque a gente he negra, de cabello retorcido, idólatra, e tão crente em agouros, e feitiços, que no maior fervor de qualquer negocio desistem delle,

ſe lhe alguma couſa entolha. Os animaes, aves, frutas, e ſementes tudo reſponde á barbaria da gente em ſerem féras, e agreſtes; poſto que de Magadaxo contra o cabo Guardafu, ainda que ſeja de mais creação de gado por ſer de poucos mantimentos, e prove delle, deſta ſe mantem geralmente os Mouros que habitam o maritimo, e aſſi os das Ilhas adjacentes a ella: todo o mantimento que comem, o agricultado fazem á enxada, e o mais he fruta agreſte, e carne montez, immundicias, leite de alguma creação que tem, principalmente os Mouros, a que elles chamam Baduijs, que andam no interior da terra, e tem alguma communicação com os Cafres, que ácerca dos que habitam as Cidades, e povoações politicas são havidos por barbaros. E parece que a Natureza próvida em todalas couſas não quer deſamparar alguma parte da terra em tanta maneira, que nella não haja algum fruto eſtimado na opinião dos homens; porque naquella aſpera, e eſteril terra pera habitação de gente politica, produzio o mais precioſo de todolos metaes, e logo lhe deo povo paciente daquella aſpereza, e dado a buſca delle, e a nós cubiça pera per tantos perigos de mar, e da terra os irmos convidar com noſſas obras mecanicas, pera ſupprirem ſuas neceſſidades a troco deſte ou-

ro

ro tão conquiſtado; ao cheiro do qual, (por a terra de Arabia ſer a elles mui vizinha,) os primeiros póvos eſtrangeiros, que a eſta terra Zanguebar vieram habitar, foram de huma gente dos Arabios deſterrada, depois que recebêram a ſecta de Mahamed. A qual, ſegundo ſoubemos, per huma Chronica dos Reys de Quiloa, de que adiante fazemos menção, elles lhe chamam Emozaydij; e a cauſa deſte deſterro foi por ſeguirem a doctrina de hum Mouro chamado Zaide, que foi neto de Hocem filho de Ale o ſobrinho de Mahamed, caſado com ſua filha Axa. O qual Zaide teve algumas opiniões contra o ſeu Alcorão, e a todolos que ſeguíram a ſua doctrina os Mouros lhe chamáram Emozaydij, que quer dizer ſubditos de Zaide, e os tem por hereticos: e peró que eſtes foram os primeiros, que de fóra vieram habitar aquella terra, não fundáram notaveis povoações, ſómente ſe recolhêram em partes onde pudeſſem viver ſeguros dos Cafres. E deſta ſua entrada, como huma peſte lenta, foram lavrando ao longo da coſta, tomando novas povoações, té que alli vieram ter tres náos com grão numero de Arabios em companhia de ſete irmãos, os quaes eram de huma cabilda vizinha á Cidade Laçah, que eſtá obra de quarenta leguas da Ilha Baharem, que eſtá dentro no

O ii mar

mar Persico mui pegada á terra de Arabia no interior delle. A causa da vinda delles foi serem mui perseguidos do Rey de Laçah; e a primeira povoação que fizeram nesta terra de Ajan, foi a Cidade Magadaxo, e depois Brava, que ainda hoje se rege por doze cabeceiras á maneira de Républica, as quaes procedem destes irmãos. E veio pervalecer esta Cidade Magadaxo em tanto poder, e estado, que depois se fez senhora, e cabeça de todolos Mouros desta costa; porém como os primeiros que vieram a ella chamados Emozaydij tinham differentes opiniões dos Arabios ácerca de sua secta, não se quizeram sobmetter a elles, e recolhêramse dentro pelo sertão, ajuntando-se com os Cafres per casamentos, e costumes, de maneira que ficáram misticos em todalas cousas. Estes são aquelles, a que os Mouros, que vivem ao longo do mar, chamam Baduijs, nome commum, como cá entre nós chamamos Alarves á gente campestre. A primeira nação de gente estrangeira, que per via de navegação teve o commercio da Mina de Çofala, foi desta Cidade Magadaxo; não que elles fossem descubrir esta costa, mas per acerto de huma náo daquella Cidade, que com temporal, e força das correntes alli veio ter. E posto que ao diante tiveram mais noticia de toda a terra vizinha

da-

daquelle refgate, nunca oufáram paffar ao cabo das correntes; porque como a Ilha de S. Lourenço, que jaz ao Sul defta cofta Zanguebar, corre com feu comprimento quafi ao longo della per efpaço de duzentas leguas, e no meio da parte de dentro lança de fi hum cotovelo, que refponde ao outro, que faz o cabo de Moçambique, os quaes parece que querem fechar aquella paffagem, que ferá de largura obra de feffenta leguas occupadas com Ilhas reftingas, e baixos, fica efte tranfito em refpecto do outro mar, que jaz entre eftas duas terras, tão apertado, e eftreito com feus canaes, que em feu modo lhe podemos chamar outro Sylla, e Caribdis. Cá são aqui as correntes tão grandes, que em breve apanham huma náo, e fem vento, e fem véla a levam a parte, em que corre os perigos, de que os noffos navegantes são boa teftemunha. Da qual caufa chamáram Cabo das correntes áquella ponta, que faz a terra firme oppofta ao fim Occidental da Ilha S. Lourenço, porque nefte termo fe efpedem as aguas mui furiofas, e correm mui livres per largo campo de mar, como quem fahe do carcere de antre eftas duas terras: De maneira, que não fómente acham os mareantes nefta paffagem differença no curfo das aguas, mas ainda novos tempos de monção pera a parte

te de Levante, e Ponente: cá todolos ventos se apanham no estreito dentre estas duas terras. E como os Mouros desta costa Zanguebar navegam em náos, e zambucos coseitos com cairo, sem serem pregadiças ao modo das nossas, pera poderem soffrer o impeto dos mares frios da terra do Cabo de Boa Esperança, e isto ainda com monções, e temporaes feitos, e mais tem já experiencia em algumas náos perdidas, que esgarráram contra esta parte do grande Oceano Occidental, não ousáram commetter este descubrimento da terra, que jaz ao Ponente do Cabo das correntes, posto que muito o desejassem, como elles confessam, principalmente os da Cidade Quiloa, que foi a maior descubridora de todalas Cidades daquella costa, porque della se povoou grande parte da terra firme, e das Ilhas adjacentes, e alguns portos da Ilha S. Lourenço, por ella estar situada quasi no meio desta costa, ante a Cidade Magadaxo, e o Cabo das correntes. De maneira, que abaixo, e assima não lhe ficou cousa por correr, té se fazer senhora de Mombaça, Melinde, e das Ilhas de Pemba, Zanzibar, Monfia, Comoro, e d'outras muitas povoações, que sahíram della pela potencia, e riqueza que teve, depois que se fez senhora da mina de Çofala, tendo quasi tudo perdido ao tempo

que

que nós deſcubrimos a India, com devisões que houve per morte d'alguns Reys della, de que adiante faremos menção. O ſitio deſta Cidade Quiloa he em huma terra, a qual ainda que ſeja da coſta da terra firme Zanguebar, o mar a foi torneando com hum eſtreito, que a fez ficar em Ilha. Ella em ſi he mui fertil de palmeiras com todalas arvores de eſpinho, e hortaliças que temos em Heſpanha: e alguma criação de gado grande, e miudo, com muitas gallinhas, pombas, rolas, e outro genero de aves eſtranhas a nós. O geral mantimento he milho, arroz, e outras ſementes de raiz agricultadas, com muitas frutas agreſtes, de que a gente pobre ſe mantem. As aguas della são de poços, e não mui ſadias por a terra ſer alagadiça, e a Cidade eſtar ſituada ao longo da ribeira que faz o eſtreito, na frontaria da qual elle ſe eſpraiou em maneira de baia. A maior parte das caſas são de pedra, e cal com ſeus eirados per ſima, e nas coſtas quintaes plantados de arvores de eſpinho, e palmeiras, aſſi pera freſquidão, e deleitação da viſta, como pera uſo do fruto que dam. E de quão largos eſtes quintaes são, tão eſtreitas as ruas, por aſſi acoſtumarem os Mouros por ſe melhor defender, cá tem algumas tão eſtreitas por ſima, que dos eirados podem ſaltar de hum em

ou-

outro. A huma parte da qual Cidade tinha ElRey ſuas caſas feitas á maneira de fortaleza, com torres, cubelos, e todo outro modo de defensão, com porta pera ſerventia do mar, que vinha dar em hum caes, e outra grande á ilharga da fortaleza, que fazia roſto contra a Cidade pera ſerventia della, diante da qual ſe fazia hum grão terreiro, onde eſtava a varação de náos, e no roſto della era o pouſo que as noſſas tinham tomado. Das quaes aſſi por apolicia das caſas, eirados, e alcorões, como com as palmeiras, e arvoredos dos quintaes, parecia a Cidade mui formoſa, dando aos noſſos grande deſejo de ſahir nella por quebrar a ſoberba daquelle barbaro, que toda aquella noite gaſtou em metter dentro na Ilha fréçheiros da terra firme.

CAPITULO V.

Como D. Franciſco de Almeida ſahio em terra, e tomou a Cidade de Quiloa, fugindo ElRey pera a terra firme.

DOm Franciſco como tinha aſſentado que havia de ſahir em terra ao ſeguinte dia, que era veſpera de Sant-Iago, ante manhã feito o ſinal da trombeta, que todos eſperavam, cada hum em ſeu batel com a gente que pode levar, ſe veio a bordo da

náo

náo capitania; onde ſendo juntos o Vigario dos Clérigos, lhe fez huma confiſsão geral, e a Abſolvição plenaria pela Bulla concedida aos que pereceſſem naquelle acto de Fé. A qual acabada, e entregue a bandeira da Cruz de Chriſto a hum Cavalleiro chamado Pero Cam, que ſervia de Alferes, encaminhou eſta frota de bateis com grande eſtrondo aſſi da artilheria das náos, como das trombetas que levavam. O primeiro dos quaes que tomou terra no roſto da Cidade, em que eſtava ordenado que haviam de ſahir, foi o de D. Franciſco, onde todolos Capitães acudíram, e ſe fez em corpo em hum teſo; em quanto os bateis tornavam por outro golpe de gente, ſem neſte tempo ſahir da Cidade couſa, que os fizeſſe alvoroçar, que lhe dava ſuſpeita não quererem ſahir os Mouros ao largo por os acolher nas ruas, que por ſerem eſtreitas ſe poderiam melhor ajudar. Poſta toda eſta gente em terra, que eſtava ordenada pera commetter a Cidade, deo D. Franciſco a ſeu filho duzentos homens, e elle ficou com o corpo da mais gente, que ſeriam trezentos. Ao qual mandou que ſe foſſe ao longo da praia ás caſas d'ElRey, que eſtavam no cabo da Cidade; e como lá foſſe, que lhe fizeſſe hum ſinal com huma eſpingarda, a que elle reſponderia, pera que juntamente

com-

commetteſſem. Chegado D. Lourenço onde fez eſte ſinal, moveo ſeu pai de roſto contra o meio da Cidade, dando Sant-Iago, e as trombetas com tanto alvoroço de todos, que lhe era trabalho entreter a gente, ſendo já o Sol ſobre a terra, ſem os Mouros té então apparecerem. Peró depois que D. Franciſco começou entrar pelas ruas, como eram eſtreitas, e as caſas altas, aſſi diante do roſto, como per ſima pela cabeça dos eirados choviam tantas pedras, e ſettas, que deſatinavam os noſſos, e recebiam grão damno por irem mui apinhoados por cauſa da eſtreiteza do lugar, ſem ſe poderem aproveitar dos imigos. E dado que aos debaixo começáram levar diante ſi a bote de lança, e os eſpingardeiros, e béſteiros deſpejavam as janelas dos outros, de que recebiam damno, todavia era tanto o que lhe faziam dos eirados, que conveio aos noſſos entrarem pelas caſas, e ſubirem aſſima onde os Mouros eſtavam. E como os eirados eram continuos huns aos outros, e tão eſtreitas as ruas, que quaſi ſe podia ſaltar de huma a outra parte, ficava per ſima delles lugar mais deſpejado pera os noſſos andarem, que deo cauſa a que ſubiſſem muitos a deſpejar os Mouros, que com pedras, e cantos impediam a paſſagem per baixo. Finalmente com morte de alguns delles o

ca-

caminho que D. Francisco levava foi despejado, e elle pode com menos perigo chegar aonde D. Lourenço estava, que era á porta das casas d'ElRey em hum escampado, o qual lugar elle tomou com assás trabalho ante que seu pai chegasse a elle. Porque como o lugar era largo, e ElRey tinha comsigo a flor da gente, sahíram a elle obra de trezentos homens, que o serviam de muita fréchada, e pedrada; e ainda que esta chuva lhes fazia perder a vista por ser mui basta, e não poderem mais fazer que escudar-se, todavia apertáram tanto com os Mouros, que os fizeram recolher pelas portas da fortaleza. E como o cardume delles era grosso, e não podia caber per hum postigo que entravam, e os nossos apertavam muito aquelle lugar, começáram de se metter per becos, e travessas, os quaes fugindo este perigo, foram dar nas mãos da outra gente, que vinha com D. Francisco. A este tempo D. Alvaro de Noronha, que hia em companhia de D. Lourenço, com a gente que levava pera a fortaleza de Cochij, de que havia de ser Capitão, apartou-se pera onde estava huma porta per que entravam a fortaleza; e estando em pressa de a querer arrombar, appareceo em sima de huma torre hum Mouro bradando que estivessem quedos, apresentando a bandeira

que

que ElRey dizia ſer-lhe tomada pelo noſſo Capitão com a náo que vinha de Çofala. Quando os noſſos víram aquelle ſinal, a que ſempre obedecêram, leixando o combate, todos em alta voz, como ſe víram ſeu Rey, começáram dizer: *Portugal, Portugal, Portugal.* Chegado D. Franciſco a eſta voz commum de tantas vozes, vendo a bandeira ſobre a torre em ſinal de obediencia, e acatamento, tirou o capacete, eſtando quedo, e mandou que ceſſaſſe a obra té ſaber o que queria. As palavras do qual Mouro foram, que dizia ElRey, que elle ſe vinha metter em mãos delle Capitão mór obediente, e pacífico, como vaſſallo d'ElRey de Portugal: que lhe pedia muito mandaſſe ceſſar o combate, porque elle ſe vinha logo abaixo. D. Franciſco parecendolhe que o temor trazia eſte Mouro á obediencia, mandou ſobreeſtar a obra, em o qual tempo o Mouro, que eſtava na torre, não fazia ſenão bradar, e bracejar pera dentro do muro, como que chamava alguem, e iſto com huma efficacia que enganou a todos, porque ſobre eſte bracejar poz a bandeira encoſtada a huma amea, moſtrando que hia chamar ElRey; mas elle não tornou mais. A cauſa da vinda deſte Mouro foi querer entreter per eſte artificio os noſſos, em quanto ſe ElRey recolheo per ou-

tra, que hia contra huns palmares, onde elle tinha posto suas mulheres, e fazenda, pera dalli se passar á terra firme em huns barcos que lá tinha prestes; porque quebrada a porta da fortaleza, foram os nossos dar na outra per onde ElRey sahio, que leixou assás de rastro d'algumas cousas que cahíram com pressa dos que fugiam em sua companhia. O qual rasto D. Francisco não quiz que a gente seguisse, porque hia dar em hum palmar mui basto, onde podiam receber algum damno sem o poderem fazer aos imigos; o que a gente mal soffreo, cá hiam com aquelle fervor, e desejo de tomar huma cevadura na companhia que ElRey levava. Porém porque não ficasse sómente com o trabalho, e honra da entrada daquella Cidade, mandou D. Francisco aos Capitães que cada hum com sua gente a fosse esbulhar, encommendando a todos a pessoa, casas, e fazenda de Mahamed Anconij; e mandou a João da Nova que se fosse a sua casa ao defender não se desmandasse alguem com elle. Partidos alguns Capitães a esta obra, mandou nas costas delles seu filho D. Lourenço com hum corpo de gente nobre, temendo algum desastre pelos desmanchos, que se fazem no tempo de saquear, o qual quando chegou á Cidade, andava já a gente commum tão engodada

na

na prea, que teve aſſás trabalho em a fazer recolher. Finalmente acabado aquelle primeiro impeto da entrada deſtes Capitães, e tornados onde D. Franciſco eſtava, mandou elle a João da Nova que lhe trouxeſſe Mahamed Anconij. Do qual depois que veio ante elle, e ſoube como ElRey era paſſado á terra firme, e aſſi outras couſas, de que Dom Franciſco quiz tomar informação delle, o eſpedio, mandando a João da Nova que o tornaſſe a ſua caſa: e elle começou dar ordem pera ſe recolher toda a gente ao pé de huma torre ante huma Cruz, que os Sacerdotes alli tinham arvorada em ſinal de Triunfo da Fé. No qual lugar armou muitos Cavalleiros; porque ainda que N. Senhor deo aquella Cidade ſem morte d'algum dos noſſos, muitos das pedras, e fréchas ficáram com ſinal do trabalho que tiveram á cuſta de muitos Mouros que foram mortos. Acabando eſte acto de honra, (que he o primeiro galardão da guerra,) pola gente andar já mui cançada, ſem terem comido, não entendeo D. Franciſco em mais que recolher-ſe á porta da fortaleza, onde fez ſua eſtancia com as coſtas no muro; e ás outras eſtancias encommendou a ſeu filho, e aos Capitães, ſegundo a neceſſidade que havia.

CA-

CAPITULO VI.

Como a Cidade Quiloa se fundou, e os Reys que teve té ser tomada per nós: e como D. Francisco de Almeida novamente fez Rey della a Mahamed Anconij.

DOm Francisco de Almeida, por ser Commendador da Ordem de Sant-Iago, ao dia seguinte que era deste Apostolo não entendeo em mais que solemnizar sua festa; porque além de elle por razão de ser Cavalleiro da sua milicia particularmente lho dever, toda Hespanha lhe he nesta obrigação por ser Patrão della, e com seu appellido entrar em todalas batalhas contra Mouros. E propria, e principalmente a gente Portuguez se póde gloriar da causa de suas conquistas, pois são contra infieis, no adjutorio das quaes tem tal Capitão geral, que os ajuda com legiões celestes no exalçamento da Fé, como muitas vezes no meio das azes pera terror dos imigos per elles mesmos foi visto. E o que dava maior contentamento, e devoção aos nossos, em quanto estiveram á Missa, e prégação, era verem ser-lhes esta victoria concedida em huma Cidade remota, e çafara da jurisdicção Catholica da Igreja, e subdita ás idolatrias dos Ca-

Cafres, e blasfemias dos Mouros. E porque não sómente pera proseguimento desta historia, mas ainda pera creação do Rey, que D. Francisco de Almeida nella novamente creou, convem sabermos a fundação desta Cidade, e os Reys que nella foram té este que era tyranno chamado Mir Habraemo que a desamparou, trataremos hum pouco desta materia. Segundo apprehendemos per huma Chronica dos Reys desta Cidade, havendo pouco mais de setenta annos que as Cidades Magadaxo, e Batua eram edificadas; que como atrás vimos foram as primeiras nesta costa, quasi nos annos quatrocentos da era de Mahamed reinava em a Cidade Xiraz, que he na Persia, hum Rey Mouro chamado Soltam Hocen. Per morte do qual ficáram sete filhos, hum delles chamado Ale, era pouco estimado entre os irmãos, por seu pai o haver em huma sua escrava da casta dos Abexijs, e elles terem mãi nobre da linhagem dos Principes da Persia. O qual como era homem, que quanto lhe falecia no favor da linhagem, tanto suppria com pessoa, e prudencia, por fugir os desprezos, e máo tratamento dos irmãos, emprehendeo ir buscar nova povoação, quasi chamado pera melhor fortuna da que tinha entre os seus. E por ser já casado, recolhendo sua mulher, filhos,

fa-

familia, e alguma gente, que o ſeguio neſta empreza, embarcou em duas náos na Ilha de Ormuz, e com a fama do ouro, que havia neſta coſta Zanguebar, veio ter a ella. Chegado ás povoações de Magadaxo, e Brava, aſſi por elle ſer da linhagem dos Perſios, que ácerca da ſecta de Mahamed differem dos Arabios, (ſegundo adiante veremos,) como porque ſua tenção era fundar propria povoação onde foſſe ſenhor, e não ſubdito de alguem, correo a coſta mais adiante té que veio ter áquelle porto de Quiloa. E vendo a diſpoſição, e ſitio da terra ſer torneada de agua, em que podia viver ſeguro dos inſultos dos Cafres, e que era povoada delles, a troco de pannos lha comprou, e per as razões que lhe deo ſe paſſáram á terra firme. Na qual, depois que foi deſpejada delles, começou de ſe fortalecer, não ſómente contra elles, ſe reinaſſem alguma malicia, mas ainda contra algumas povoações dos Mouros, que tinha por vizinhos, aſſi como huns que habitavam as Ilhas, a que chamam Songo, e Xanga, os quaes ſenhoreavam té Mompana, que era de Quiloa obra de vinte leguas. Porém como elle era homem prudente, e de grande eſpirito, em breve tempo ſe fortaleceo de maneira, que ficou huma nobre povoação, a que poz o nome que ora tem, e de

ſi começou de ſenhorear os vizinhos, té mandar hum ſeu filho bem moço ſenhorear as Ilhas de Monfia, e outras daquella comarca, da geração do qual os que ſuccedêram ſe intituláram por Reys, como elle tambem fez. Per morte do qual lhe ſuccedeo ſeu filho Ale Bumale, que reinou quarenta annos; e por não ter filhos, herdou Quiloa Ale Buſoloquete ſeu ſobrinho, filho do irmão que tinha em Monfia, que não durou no eſtado mais que quatro annos e meio, ao qual ſuccedeo Daut ſeu filho, que foi lançado de Quiloa aos quatro annos de ſeu reinado per Matata Mandalima, que era Rey de Xanga ſeu imigo, e Daut ſe foi pera Monfia, onde morreo. E eſte Matata leixou em Quiloa hum ſeu ſobrinho per nome Ale Bonebaquer, que aos dous annos os Parſeos de Quiloa o lançáram fóra, e levantáram por Rey a Hocen Soleiman ſobrinho de Daut já defunto, que reinou dezeſeis annos, ao qual ſuccedeo Ale Bem Daut ſeu ſobrinho, que reinou ſeſſenta annos, e ſuccedeo-lhe hum ſeu neto chamado do ſeu nome, contra quem ſe levantou o povo por ſer máo homem, e o mettêram vivo em hum poço, havendo ſeis annos que reinava, levantado por Rey a ſeu irmão Hacen Ben Daut, que reinou vinte e quatro annos, e apôs elle reinou dous annos Solei-

leiman, que era da linhagem dos Reys, ao qual o povo cortou a cabeça por ser mui máo Rey, e em seu lugar levantáram a Daut seu filho, que mandáram vir de Çofala, donde veio mui rico, que reinou quarenta annos, leixando seu filho Soleiman Hacen, que conquistou muita parte daquella costa; e por haver a benção de seu pai, se fez senhor do resgate de Çofala, e das Ilhas de Pemba, Momfia, Zenzibar, e de muita parte da costa da terra firme. O qual, além de ser Conquistador, ennobreceo a Cidade de Quiloa, fazendo nella fortaleza de pedra, e cal, e com muros, torres, e casas nobres, porque té o seu tempo quasi toda a povoação da Cidade era de madeira, e todas estas cousas fez em espaço de dezoite annos que reinou, a quem succedeo seu filho Daut, que durou dous annos, e trás elle veio Talut seu irmão, que viveo hum, e por sua morte reinou Hocem outro irmão vinte e sinco annos, e por não ter filhos succedeo-lhe outro seu irmão, que viveo dez annos; e este derradeiro irmão chamado Hale Bonij foi o mais bem afortunado de sua linhagem, porque tudo o que commetteo acabou, e succedeo-lhe Bone Soleiman seu sobrinho, que reinou quarenta annos, e apôs elle reinou quatorze Ale Daut, ao qual succedeo Hacen seu neto, que rei-

 nou

nou dezoito annos, que foi mui excellente Cavalleiro, e per ſua morte ficou no Reyno ſeu filho Soleiman, que foi morto em ſahindo da meſquita per traição, havendo quatorze annos que reinava, per morte do qual reinou dous annos ſeu filho Daut, e apôs eſte reinou vinte e quatro Hacen ſeu irmão, e por não ter filhos tornou a reinar Daut Rey paſſado, porque os dous annos que reinou era em auſencia de Hacen, por ſer ido a Méca, e em vindo, eſte Daut lhe largou o Reyno por lhe pertencer. Deſta ſegunda vez reinou eſte Daut vinte e quatro annos, ao qual ſuccedeo ſeu filho Soleiman, que reinou vinte dias ſómente, por lhe tomar Hacen ſeu tio o Reyno, o qual reinou ſeis annos e meio, e por não ter filhos ſuccedeo-lhe Taluf ſeu ſobrinho irmão de Soleiman, paſſado o qual reinou hum anno; e outro ſeu irmão, chamado tambem Soleiman, reinou dous annos e quatro mezes, no qual tempo foi tirado do Reyno per outro Soleiman ſeu tio, que reinou vinte e quatro annos, quatro mezes, e vinte dias, e a eſte ſuccedeo ſeu filho Hacen, que reinou vinte e quatro, e trás elle veio ſeu irmão Mahamed Ladil, que reinou nove, e Soleiman ſeu filho, que o herdou, vinte e dous; e por eſte não ter filhos, reinou Iſmael Bem Hacem ſeu tio quatorze annos, per morte do qual ſe

le-

levantou per Rey o Governador do Reyno, que não esteve no Estado mais que hum anno, porque o povo levantou por Rey o Governador do Reyno; o qual não esteve no estado mais que hum anno por tornarem por Rey a Mamud homem pobre, por ser da linhagem dos Reys, que não durou naquelle Estado mais que hum anno por sua pobreza. E foi levantado por Rey Hacen filho d'ElRey Ismael já passado, que reinou dez annos, e seu filho Çayde outros dez, e per sua morte se quiz levantar com o Reyno o Governador delle, e durou neste poder hum anno. No qual tempo fez Governador a hum seu irmão per nome Mamude, que tinha tres filhos; dos quaes sobrinhos temendo-se este tyranno, por serem homens pera muito, mandou-os de Quiloa que fossem governar as terras subditas a ella, e aconteceo a sorte de Çofala a hum chamado Içuf, do qual depois faremos larga menção, porque este era Senhor daquella terra ao tempo que Pero d'Anhaya alli foi fazer huma fortaleza, como logo veremos. E em lugar deste tyranno, levantou o povo por Rey Habedala irmão d'ElRey Çaide já passado, que durou no Reyno hum anno e meio, e seu irmão Ale outro tanto, e per sua morte o Governador do Reyno forçosamente alevantou por Rey a hum Hacem

cem filho do Governador paſſado, que ſe alevantára com o Reyno a fim de elle meſmo Governador ſer mais abſoluto com eſte ſer poſto da ſua mão. Porém o povo o não conſentio, porque logo levantou por Rey hum da linhagem Real chamado Xumbo, que viveo naquelle eſtado hum anno sómente, e tornáram alevantar o paſſado, que aos ſinco annos foi depoſto, em cujo lugar alevantáram Habraemo filho de Soltão Mamude já defunto, que aos dous annos tambem foi depoſto, e levantáram a hum ſeu ſobrinho per nome Alfudail, que durou mui pouco, e o ſeu Governador chamado Mir Habraemo não quiz fazer Rey, e teve o Reyno em ſeu poder com tenção de ficar naquelle Eſtado por filho d'ElRey Soleiman já defunto, e primo com irmão deſte Alfudail, o qual não leixou mais que hum filho de huma eſcrava, de que ao diante faremos menção, porque depois veio a ſer Rey deſta Cidade, ſendo já noſſa. E poſto que eſte Habraemo foſſe abſoluto Senhor de Quiloa, o povo lhe não chamava Rey, ſenão Mir Habraemo; e ſe alguma couſa o ſuſtentou naquella tyrannia, foi o que paſſou com Pedralvares Cabral, João da Nova, e o Almirante D. Vaſco da Gama, por os modos que teve com elles, e por então iſto o fez ſer accepto ao povo. D. Franciſco de Almei-

meida, posto que não tivesse sabido tão particularmente a succesão destes Reys, como ora contamos, todavia per Mahamed Anconij soube como o povo não estava muito satisfeito deste Habraemo, e quanto todos desejavam alevantar Rey, que fosse mais chegado á linhagem verdadeira delles, e a causa porque o soffriam. E assi soube das pessoas notaveis que havia na terra, e outras cousas, de que se elle quiz informar, pera saber o modo que teria ácerca da segurança, e governo da Cidade; porque pera satisfazer ao que lhe ElRey mandava, principalmente a quem leixaria por Governador d'aquelles Mouros, dava-lhe esta eleição grande cuidado, porque sobre este fundamento se haviam de ordenar as outras cousas do governo da terra, e pera isso teve consulta com os Capitães. Finalmente juntos elles pera esta eleição de Rey, e preposto per D. Francisco o que ElRey lhe mandava em seu Regimento, e o que era passado com o tyranno, per commum conselho se assentou, que a Mahamed Anconij se entregasse o senhorio daquella Cidade, polo que tinha merecido, e passado por nossa amizade; porque além disso tinha pessoa, idade de até sessenta annos, e prudencia de governo, posto que não fosse da linhagem dos Reys, pois pera reformação da terra

nenhuma outra cousa convinha. Pera entrega da qual, ante que se dalli levantasse Dom Francisco, mandou a João da Nova, que fosse trazer a Mahamed, o qual como innocente da honra pera que era chamado, chegando áquelle lugar onde todos estavam, lançou-se aos pés do Capitão mór, pedindo que houvesse piedade delle, miserando-se com actos de homem, que temia vir a estado de cativeiro por culpas alheias. D. Francisco com muito gazalhado, levando-o nos braços, começou de o consolar, dizendo, que não temesse, porque homens leaes, como elle era, não tinham que temer, mas esperar mercê, e honra; e que esta do titulo do Rey de Quiloa, que lhe elle queria dar em nome d'ElRey seu Senhor, sería a primeira, e depois pelo tempo em diante elle faria taes serviços, que merecesse outras maiores, com que ficasse o mais poderoso Rey de toda aquella costa. Mahamed, quando ouvio tão novas palavras, e não esperadas de seus meritos, tornou-se a debruçar aos pés de D. Francisco, sem o poderem levantar delles. Finalmente ante que dalli partisse, elle foi vestido em huma marlota de escarlata forrada de setim com alamares de ouro, e hum capelhar do mesmo panno, que lhe D. Francisco mandou dar, e levado a hum cadafalso, que se logo ar-

mou

mou ſobre pipas vazias encoſtado á torre da fortaleza alcatifado , e embandeirado , ao qual lugar vieram todolos Mouros principaes da Cidade chamados per pregão , que D. Franciſco mandou dar. E ſendo juntos , começou hum Official de Armas em alta vós em lingua Portuguez , e depois em Arabigo per ſegunda lingua propoer as cauſas de ſeu adjuntamento , e as da traição de Habraemo Governador que fora daquella Cidade , tomando armas contra ElRey ſeu Senhor , por razão da qual traição perdêra o governo della , e elle Capitão mór com aquelles Capitães d'ElRey ſeu Senhor a tomára per juſto titulo de armas ; e como propriedade ſua , em nome de Sua Alteza a entregava com titulo de Rey , e obrigação do tributo , que d'antes pagava , ao honrado , e leal Mahamed Anconij em retribuição dos ſerviços , que tinha feito a ElRey ſeu Senhor : E em teſtemunho , e confirmação deſte Titulo , elle o coroava com aquella corôa de ouro ; e em dizendo iſto , D. Franciſco lhe poz na cabeça huma , que levava pera ElRey de Cochij , como adiante veremos. Acabado eſte acto , foi o novo Rey poſto em hum cavallo acompanhado de alguns Capitães , e Mouros , que eram preſentes , e levado per os lugares públicos da Cidade com pregões , que o denunciavam por Rey della , indo diante ar-

arvorada huma bandeira Real das Armas do Reyno, com todalas trombetas, que celebravam aquella festa té o tornarem onde estava D. Francisco. E ante que se delle espedisse pera se recolher a seu aposentamento, teve tanta prudencia, por ganhar a vontade aos Mouros, de quem sabia que havia de ser invejado, que lhe pedio quantos foram cativos na entrada da Cidade, dizendo, que mal pareceria receber elle honra, leixando os seus naturaes em estado de cativeiro, com os quaes elle esperava de servir ElRey seu Senhor. O que lhe D. Francisco concedeo tudo a fim que a Cidade tornasse a seu estado, como logo tornou, com os pregões, que o novo Rey mandou lançar; de maneira, que dahi a dous dias todos os que andavam pelos palmares da Ilha fugidos, se tornáram á Cidade povoar suas casas: Tanto segurou o animo dos Mouros esta honra, e galardão, que se deo a Mahamed. Vendo todos que eramos gente grata dos beneficios que recebiamos, pois por tão pequenos meritos, como eram os de Mahamed, de Escrivão da fazenda do Reyno de Quiloa era feito Rey della. Parece que não sómente a lealdade, que este Mouro teve comnosco, o trouxe áquelle estado, mas ainda alguma particular fortuna, pois o acto de coroação foi depois ornamento de casas

d'al-

d'alguns Principes, como vimos em huns pannos de tapeceria, que ſe armavam na camara d'ElRey D. Manuel em dias ſolemnes, que elle mandou fazer por memoria do deſcubrimento da India, e deſte feito de Quiloa.

CAPITULO VII.

Como acabada a fortaleza de Quiloa, e provído Capitão, e os Officiaes della, D. Franciſco ſe partio pera a Cidade Mombaça, a qual determinou de tomar pelo que nella paſſou.

PAſſados os primeiros tres dias, que ſe gaſtáram na tomada da Cidade, e honras do novo Rey Mahamed Anconij, quando veio ao ſeguinte dia, começou o Capitão mór entender na fortaleza; e pera melhor aviamento da obra, ordenou ſuas eſtancias ao pé da torre do caſtello. E a primeira couſa que fez, foi derribar ſete, ou oito moradas de caſas pegadas ao muro da parte da Cidade, por ficarem as torres mais deſabafadas pera maior defensão da fortaleza; e da parte do mar fez huma larga ſerventia com hum cubelo junto da agua, pera que os noſſos ſeguramente tiveſſem o mar, e a terra. E ordenou, como com a obra nova que fez, que a maior torre do caſtello ficaſſe em lugar das que chamam da

o me-

omenagem, tudo muito bem acabado, segundo a disposição do lugar, e brevidade do tempo, que foi espaço de vinte dias, á qual fortaleza poz nome *Sant-Iago*, por lhe Nosso Senhor dar victoria daquella Cidade vespera daquelle Apostolo. Da qual obra os principaes Officiaes eram os Capitães das náos, per quem D. Francisco repartio a giros o serviço della; e quando vinha ao seu, elle tomava a padiola per huma parte, e Lourenço de Brito per outra, ou Manuel Paçanha, porque cada hum destes o ajudava de companheiro neste trabalho, sendo per todos feita com muito prazer, graças, motes, e cantigas. E andando nesta obra havia tres, ou quatro dias, chegáram Bermudes, e Gonçalo de Paiva, que o Capitão mór mandára a Moçambique saber novas de Lopo Soares, e das outras náos da companhia de Bastião de Sousa, como atrás dissemos, os quaes trouxeram cartas, que Lopo Soares leixou já da tomada da India, em que dava novas do que lá passára, e da carga que levava, com que todos tiveram muito prazer. Finalmente acabada toda a obra da fortaleza, leixou D. Francisco nella estas pessoas pera sua governança, e defensão: Pero Ferreira Fogaça filho de Fernão Fogaça por Capitão, Alcaide mór Francisco Coutinho morador em Alcobaça, por

Feitor Fernão Cotrim , e assi todolos Officiaes necessarios, que com a gente d'armas faziam numero de cento e sincoenta pessoas. E leixou pera serviço da fortaleza, e guarda da costa Gonçalo Vaz de Goes na sua caravela, e hum bargantim, que depois se havia de armar com regimento que havia de responder á fortaleza de Çofala, a qual El-Rey mandava fazer per Pero da Nhaya, que houvera de ir em sua conserva, e ficou té Maio, que partio deste Reyno com frota de certas vélas , como adiante veremos. Leixadas todalas cousas desta fortaleza em ordem , a oito de Agosto se partio pera Mombaça, onde chegou aos treze com onze náos , e tres navios, o qual dia de sua chegada, por ser já tarde, se houve mister pera ancorar as náos de fóra da barra, e ao seguinte mandou Gonçalo de Paiva, e Filippe Rodrigues , que entrassem pelo rio, e o sondassem, pera saber que náos podiam entrar ; porque ainda que os Pilotos, que trazia de Quiloa, lhe certificassem haver fundo pera as náos grandes entrarem pelo canal huma ante outra , quiz elle segurar-se na experiencia destes dous Capitães, e sobre seu conselho fazer esta entrada. Da situação da qual Cidade, posto que na passagem, que o Almirante D. Vasco da Gama per ella fez , déssemos alguma noticia, toda-

davia pela entrada que D. Francisco d'Almeida nella fez, convem darmos maior relação. Esta Ilha jaz mettida dentro na terra firme torneada de outro estreito de agua ao modo de Quiloa, a qual será em redondo obra de quatro leguas, e na entrada della mui perto da barra está assentada a Cidade em huma chapa de terra de maneira, que se amostra a maior parte de todo o corpo della; e assi como o sitio a faz formosa pera ver de fóra com as grandes casarias, eirados, e torres que apparecem, assi fica temerosa a quem a houver de commetter. Neste sitio, defronte della, faz o mar huma maneira de concha, com que fica huma baia mui espaçosa pera ancoragem de grandes náos, e lá per dentro em partes vai o rio tão largo, que folgadamente podem andar navios á véla em voltas; sómente no meio deste torno da Ilha da banda da terra firme começa hum recife de pedra, que atravessa o rio, com que de maré vasia podem passar a pé de huma parte a outra: e além deste braço de agua, que abraça aquella quantidade de terra com que fica Ilha, per dentro da terra firme entram outros estreitos, que tambem se podem navegar. Este canal da serventia da Cidade a lugares he tão estreito, que huma besta o passará; e ante que cheguem á concha, que se fez no pouso

das

das náos, da banda da mesma Ilha contra o Levante estava hum baluarte, que se fez depois que por alli passou o Almirante Dom Vasco da Gama, o qual tinha sete, ou oito bombardas, que houveram da náo de Sancho de Toar, que se perdeo naquella paragem vindo da India com Pedralvares Cabral, que o Rey desta Cidade mandou tirar de mergulho. Com as quaes, chegando aqui Gonçalo de Paiva, e Filippe Rodrigues, que hiam sondando a barra, começáram os Mouros de lhe tirar, hum dos quaes tiros tomou o navio de Gonçalo de Paiva pela camara de popa, e foi vasar aos castellos de proa; mas quiz Deos que não fez outro damno. Em resposta do qual, como o baluarte não era maciço, e as paredes fracas, hum tiro furioso do navio penetrou de maneira, que foi dar na polvora, com que fez maravilhas, despejando toda a gente; e outro tanto fizeram a dous cubelos cercados de pedra ensoça, que adiante estavam com artilheria, a qual obra despejou o caminho de maneira, que naquelle dia, e no seguinte sondado o rio, foram mettidas no porto todalas náos. D. Francisco, porque a Cidade fazia duas mostras, huma fronteira da barra, e outra pera trás de hum cotovelo, mandou repartir a frota nestas duas partes; na do rosto da Cidade

fi-

ficou D. Lourenço ſeu filho, e a de detrás da ponta tomou pera ſi, mandando logo dous bateis que foſſem rodear a Ilha, parecendo-lhe que per detrás ſe podia acolher a gente á terra firme, como fez ElRey de Quiloa. E aſſi mandou os Capitães, que ſondáram o rio, que lhe foſſem metter duas náos em hum lugar per onde moſtrava que podiam paſſar da Ilha á terra. Tornados eſtes bateis, trouxeram hum Mouro que lá tomáram, per o qual D. Franciſco ſoube toda a diſpoſição da Cidade; e como ElRey eſtava poſto em a defender, e tinha mettido nella mais de mil e quinhentos frécheiros dos Cafres da terra firme, e lançado pregão, que ſe alguem da Cidade ſe paſſaſſe a ella que morreſſe: Sabidas eſtas couſas, e viſta a diſpoſição da entrada, porque em quanto iſto paſſou de terra, não veio a elle algum recado, mandou D. Franciſco a João da Nova com hum dos Pilotos, que trouxe de Quiloa, que foſſe com hum recado a ElRey. Mas elle não foi ouvido, antes em modo de deſprezo, chegando á ribeira, diſſeram-lhe, que os Mouros de Mombaça não eram os de Quiloa, que ſe entregavam aos trons das bombardas. E de antre eſtes, que fallavam em Arabigo, fallou hum Portuguez arrenegado, que fugio a Antonio do Campo quando per alli paſ-
ſou;

ſou ; as palavras do qual eram conformes ao eſtado em que elle eſtava , e ſobre iſto deram huma grão grita , fazendo ſuas algazarras de brandir os braços , ſegundo elles coſtumam. Tornado João da Nova com eſta reſpoſta , mandou logo D. Franciſco , que as náos reſpondeſſem ás apupadas delles com hum varejo de artilheria per o corpo da Cidade , pois diziam não ſerem homens que ſe entregavam com os trons della ; e aſſi mandou a Antão Gonçalves , e a João Serrão , que com ſua gente nos bateis foſſem pôr o fogo a humas náos de Cambaya , que eſtavam mettidas em hum onco detrás da Ilha. E foi tanta a fréchada ao commetter deſte feito , e era aſſi a terra ſoberba , e alta neſte lugar , que ficavam elles debaixo , de maneira , que vieram eſcalavrados ſem fazerem alguma couſa , e João Serrão foi fréchado em huma coxa , e aſſi Franciſco Rodrigues criado do Prior do Crato D. Diogo de Almeida , e hum bombardeiro , e eſtes dous falecêram dahi a doze dias por ſerem as fréchas hervadas , couſa que os homens muito receavam , e João Serrão eſteve á morte. D. Franciſco vendo que já recebia damno dos Mouros , e havia dous dias que era chegado , depois de ter conſelho , em que houve differentes votos , determinou-ſe , que ao ſeguinte dia , que era

de Noſſa Senhora de Agoſto, ſahiſſem em terra. E tomando comſigo alguns Capitães em hum batel, e ſeu filho D. Lourenço em outro, vieram ver hum lugar detrás da ponta que diſſemos, per onde parecia que era a melhor entrada, poſto que a terra era mui ſoberba. E viſta a diſpoſição, mandou vir alguns navios pequenos pera aquelle lugar, os quaes ſe haviam de igualar tanto com a terra ſobranceira, que delles a ella ſe pudeſſem lançar pranchas pera ſahirem ao tempo da maré; e o modo de commetter a Cidade ſeria irem ſem ſe deſviar direitamente ás caſas d'ElRey, elle per aquella parte em cavalgando a coſta per fóra da Cidade té chegarem a ellas, por eſtarem no cabo della na parte mais alta, e ſeu filho tomaria a rua do meio da Cidade a ſe adjuntar com elle; o qual deſembarcaria quando elle mandaſſe tirar dous tiros, porque juntamente a hum tempo commetteſſem a terra; e neſte meſmo tempo iriam dous Capitães com a gente do mar queimar as náos donde João Serrão veio ferido, cá per eſte modo repartir-ſe-hiam os Mouros, acudindo ás trombetas, que ouviſſem per tantas partes, com que alguma das entradas lhe ficaſſe ſem a pezo da gente, do grande numero que havia dentro, ſegundo dizia o Mouro. Do qual modo de entrada os Mouros eſtavam

ſem

ſem ſuſpeita, e todo ſeu intento era na frontaria da Cidade, per onde havia de commetter D. Lourenço, por verem que alli faziam os noſſos maior roſto com o corpo da frota. E por eſta razão todalas ruas, que vinham dar com ſuas gargantas na ribeira, eſtavam com tranqueiras mui fortes, e cuidavam que eſte ſó lugar tinham que defender; porque as frontarias das caſas por ſerem ſobradadas, e com terrados per ſima, ficavam em lugar de muro, e era a elles couſa facil eſta defensão por as ruas ſerem mui eſtreitas, e tão ingremes de ſubir, que ſoltando no ſima da rua huma pedra grande, podia vir tombando per ella abaixo com tanta furia, que ficava em lugar de trabuco. E da outra parte, que D. Franciſco tomou, eſtavam elles ſeguros por a terra ſer huma barroca em lugar de muro. E o que os fez mais ſegurar deſta entrada, foi moſtrar D. Franciſco, que havia de commetter per o roſto da Cidade, onde D. Lourenço eſtava, com mandar por alli as náos mais groſſas, e onde elle eſperava ſahir ſómente os navios pequenos. E ainda de induſtria aquella tarde do dia ſeguinte, que elle eſperava ſahir, mandou a D. Lourenço com alguns Capitães, que com elle haviam de ſer, que commetteſſem á ribeira da Cidade, e trabalhaſſem de pôr fogo a

algumas caſas, e tranqueiras; e que acudindo gente, moſtraſſem no modo de ſe recolher que temiam ſahir em terra fazer eſta obra, o que elle fez queimando alguma pouca couſa, que os Mouros logo apagáram.

CAPITULO VIII.

Como D. Franciſco de Almeida tomou a Cidade Mombaça, e a queimou.

AO ſeguinte dia, que era de Noſſa Senhora de Agoſto, em rompendo a alva, como já todos eſtavam preſtes, e abſolutos per huma abſolvição geral dos Sacerdotes, ſegundo ſeu coſtume, feito hum ſinal, que D. Franciſco tinha ordenado, cada hum na ordem que lhe foi dada, ſeguíram ſeu Capitão. Os que ſeguiam a Dom Franciſco, eram D. Fernando Deça, Ruy Freire, Bermum Dias, Antão Gonçalves, cada hum com a gente das ſuas náos. E os da companhia de D. Lourenço eram Fernão Soares, Diogo Correa, João da Nova, pela meſma ordem com ſua gente: os outros Capitães acudíram ao lugar das náos de Cambaya, que lhes era encommendado. E deſtas tres partes as primeiras trombetas que ſe ouvíram, que tomavam terra, foram as de D. Franciſco, o qual depois que teve ſua gente toda em hum corpo, aſſi co-

como eſtava inteiro, ſem achar quem lhe impediſſe o caminho, começou de ſubir pela coſta aſſima pera encavalgar o alto da Cidade, onde eſtavam as caſas d'ElRey. A qual ſubida lhe foi leve, em quanto foi per fóra da Cidade, por não achar quem lha impediſſe, e mais ſer o caminho eſpaçoſo; porém tanto que entrou na povoação por o lugar ſer eſtreito, conveio-lhe ir a fio com a gente toda poſta em ordem, ſem ſe deſmandar pelas traveſſas, e ruas per onde lhe ſahiam alguns Mouros, té que ſe poz junto das caſas d'ElRey, onde já acudio pezo de gente, que ás fréchadas, e pedradas, aſſi de ſima das caſas, como per baixo nas ruas, ſerviam bem os noſſos. E como D. Franciſco pela experiencia da entrada de Quiloa ſabia a manha deſtes Mouros, que mais ſe ſerviam das janelas, e eirados, que das ruas, levava entre a gente de armas, béſteiros, e eſpingardeiros repartidos, que lhe deſpejavam os lugares altos donde os offendiam: com que mais levemente do que elle cuidava, tanto que chegou a bote de lança, foi levando os Mouros té dar com elles em hum grande terreiro diante das caſas d'ElRey, onde vinham dar muitas ruas per que ſe elles eſpalháram. Per as quaes, poſto que ſahiſſem muitos Mouros a offender os noſſos, maior damno re-

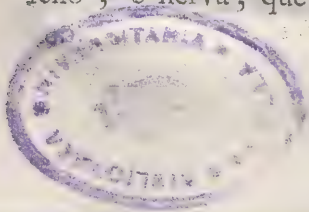
recebiam do que davam, porque era o lugar largo pera todos ſe ajudarem das lanças, o que não podiam fazer nas ruas, que eram eſtreitas; e ſe algum damno recebêram os noſſos naquelle lugar, era de ſima dos eirados das caſas d'ElRey, que eſtavam cheios de tanta pedra ſolta, que cubria o chão. D. Franciſco como deo viſta a eſte lugar, que era a principal parte da Cidade, e de fóra não havia corpo de gente que defender as caſas d'ElRey, mandou quebrar as portas, parecendo-lhe que por ſer fortaleza, eſtaria acolhida dentro alguma gente nobre; e os primeiros que arrombáram eſtas portas, foram Ruy Freire, Rodrigo Rabello, Bermum Dias. Os quaes, com a outra gente que os ſeguio, mettêram-ſe tão rijo com os Mouros que eſtavam dentro, que em pouco eſpaço deſpejáram o baixo, e o alto, donde os noſſos que eſtavam no terreiro recebiam o damno das pedradas. D. Francîſco, como eſtava no cabo deſte terreiro, onde vinham dar as principaes ruas da Cidade, entretendo a gente que ſe não derramaſſe per ellas, tanto que ſoube que as caſas d'ElRey eram deſpejadas dos Mouros, deo lá huma chegada, e entregando a guarda dellas aos Capitães que as entráram, porque com deſejo de as roubar a gente commum não deſamparaſſe a elle, e aos ou-

outros Capitães, tomou caminho entre a Cidade, e hum palmar, per onde corria o fio dos Mouros em fugida trás ElRey, que era já acolhido per huma porta falſa na maior eſpeſſura deſte palmar. D. Lourenço a eſte tempo andava tão occupado no baixo da Cidade, que não pode ſer em ſima, como eſtava aſſentado entre ſeu pai, e elle; porque como a rua do meio perque elle hia, era mui ingreme, e toda ſe ſubia em degráos, tanto que os Mouros a víram bem cuberta dos noſſos, aſſi per ſima dos eirados, como per baixo pelas ruas, chuviam, e corriam pedras; e eſtas que corriam eram as mais perigoſas por ſerem grandes, e redondas, ordenadas pera aquelle miſter, as quaes como tomavam galga, vinham tão furioſas pela rua abaixo, que pareciam vir eſpedidas de algum trabuco. E ſegundo na entrada deſta rua perque D. Lourenço entrou, os Mouros ſe houveram hum pouco remiſſos em defender a tranqueira que a fechava, pareceo que o fizeram de induſtria, pera que como os noſſos a encheſſem, ſoltarem eſtas pedras; e ſe aſſi não foi, parece que Deos lhes quebrou o coração, porque verdadeiramente ſe elles o tiveram tão defenſavel, como era o ſitio da Cidade, e a ſubida deſta entrada, ao menos per ella nunca a Cidade viera a noſ-

ſo

ſo poder. Mas como todos andavam aſſombrados do que ouvíram dizer de Quiloa, tanto que ouvíram as trombetas detrás de ſi no terreiro dos paços d'ElRey, e ſouberam ſer elle acolhido pera o palmar, parecendo-lhes eſtarem cercados, e que os haviam de entalar naquellas ruas per baixo, e per ſima, começáram de buſcar ſalvação, furando pelas caſas. D. Lourenço como ſeu intento era ſubir ao alto da Cidade, onde eſtava ordenado que ſe havia de ajuntar com ſeu pai, deſpejada a rua deſte primeiro impeto das pedras, ſubio té chegar ao terreiro d'ElRey; e ante que ſahiſſe da garganta das ruas que vinham dar nelle, leixou alguns Capitães por lhe não virem dar os Mouros nas coſtas, levando hum golpe delles ante ſi, como quem tange gado. Os quaes Mouros hiam de boa vontade, porque os encaminhavam pera as caſas d'ElRey, parecendo-lhes acharem ainda lá alguma guarida. Vendo D. Lourenço que as caſas eſtavam em poder de Ruy Freire, e dos Clerigos, e Frades de S. Franciſco, que no alto dellas tinham arvorado huma Cruz, animando a todolos que alli chegavam no exalçamento daquelle ſinal, pareceo-lhe que aquella parte eſtava já ſegura, pois della tinham tomado poſſe dous gladios eſpiritual, e temporal, e começou encaminhar per onde

de ſeu pai fora, o qual achou já deſafrontado dos Mouros por ſerem acolheitos ao palmar. E vendo ambos que por aquella parte eſtava o negocio de todo acabado, tornáram-ſe ao terreiro das caſas d'ElRey, onde tambem os outros Capitães eſtavam ſem ter a quem offender, e alli lhe veio recado dos outros, que mandára queimar as náos, como eram queimadas, com que houve por acabada toda a obra daquelle dia. Finalmente, porque a calma era grande, e o trabalho fora muito, e todos eſtavam por comer, repartio D. Franciſco as eſtancias da Cidade per os Capitães, e mandou os feridos ás náos, os quaes ſeriam mais de ſetenta, e mortos ſómente quatro com Dom Fernando Deça, o qual parece que tinha o martyrio de ſua vida, e morte nas mãos dos Mouros; porque quando partio deſte Reyno havia pouco que ſahíra de cativo polo cativarem com Diogo Lopes Sequeira, ſendo Capitão de Arzilla, como contamos em a noſſa Parte de Africa. A morte das quaes peſſoas foi vingada com morte de mil e quinhentos e treze Mouros, ſegundo elles meſmos diſſeram, e duzentos cativos dos mil e tantos, que ſe depois tomáram ao ſaquear da Cidade. Poſto D. Franciſco, e a gente em repouſo de comer huns bocados, da eſtancia que era vizinha ao palmar, onde

de eſtava Ruy Freire, veio recado ao Capitão mór, que eſtava alli hum Mouro capeando com huma bandeira branca, ao qual elle mandou Gaſpar da India que ſoubeſſe delle o que queria; e trouxe recado, que dizia ElRey, que ante daquella Cidade receber mais damno, elle ſe queria fazer tributario d'ElRey de Portugal, e que pera iſſo ſe queria ver com elle Capitão mór. Mas parece que ou eſte recado não era d'ElRey, ou deſconfiado dos meritos de ſua peſſoa, não quiz vir, mandando-lhe D. Franciſco por ſeguro huma manopla ſua, e depois hum capacete. O qual recado por ſer trato de paz metteo logo a gente em alvoroço de duas couſas: a huma, que ſaqueaſſem a Cidade primeiro; e a outra, que commetteſſem o palmar onde eſtava ElRey, pois não acceptava eſta paz, que mandava pedir, e lhe concediam. E ſobre eſte commetter do palmar, algumas peſſoas nobres mais deſejoſas de gloria, que do deſpojo da Cidade, apertavam com o Capitão mór que o entraſſem; mas elle o deſviou diſſo, dizendo, que ſe contentaſſem com dar-lhe N. Senhor aquella Cidade tanto a ſeu ſalvo, ſendo a mais temida de toda aquella coſta; porque entrar o palmar era couſa mui perigoſa por ſer mui baſto, e per baixo ter tanto feno, e herva, que ſe não podiam os ho-
mens

mens desempeçar, e detrás dos pés das palmeiras os frechariam a todos; dando ainda outras razões, com que converteo o alvoroço desta entrada a saquearem a Cidade, que repartio por capitanias por se não fazer alguma desordem. O movel da qual, por não ser alguma cousa despejada, foi tanto, que se encheo o terreiro, e as casas d'El-Rey da primeira çevadura daquelle dia; e ao seguinte foi ainda tanto, que por não pejar as náos, não consentio D. Francisco que se embarcasse, nem menos mil almas, que alli foram tomadas, sómente duzentas, que repartio por esses Fidalgos; e as mais por serem mulheres, e outra gente fraca, mandou soltar. Passados dous dias na escala da Cidade, quando veio ao terceiro, em se querendo recolher, mandou-lhe D. Francisco pôr fogo per muitas partes, e tanto se ateou em pouco espaço, pelas casas serem mui apinhoadas, que quando se embarcou já o fumo, e as chammas do fogo traziam todo o ar tão corrupto, que o não podiam soffrer. O qual fogo abrazou a maior parte daquella Cidade de abominação, ficando nella huma faisca de escandalo, que dahi a vinte e tres annos a tornou outra vez a pôr naquelle estado, como veremos em seu tempo. A este tempo que D. Francisco quiz partir pera Melinde, era o vento tanto por davante

pela garganta do rio, que á força de toas tirou as náos fóra; e em quanto andou neste trabalho, mandou a Bermum Dias, e a Gonçalo de Paiva, que lhe fossem fazer algumas cousas prestes. E assi espedio Gonçalo Vaz de Bóes, que elle trouxe de Quiloa, e havia de ficar nella, o qual levou muita roupa pera o resgate de Çofala, a que elle havia de ir entregalla depois que chegasse Pero da Nhaya. E á espedida deste navio chegou Vasco Gomes de Abreu com o mastro quebrado de hum temporal, que o fez apartar de Bastião de Sousa, e com muita gente doente, por razão dos quaes doentes D. Francisco o mandou em companhia destes navios, e elle deteve-se ainda quatro dias, porque no trabalho que teve na sahida, perdeo o leme a náo Lionarda Capitão Diogo Correa, no qual tempo se fez outro, e tambem proveo de Capitão do navio, em que daqui foi D. Fernando Déça, a Rodrigo Rabello. Posto D. Francisco em caminho, por muito que encommendou aos Pilotos, que tivessem tento não escorressem Melinde, que sería dalli vinte leguas, todavia as aguas o levâram abaixo oito a huma angra, a que ora chamam de Sancta Helena, onde achou João Homem Capitão da caravela S. Jorge. O qual disse, que com o temporal que Vasco Gomes de Abreu se

apar-

apartou de Baſtião de Souſa, ſe apartára elle, e Lopo Sanches, correndo ambos á viſta hum do outro, té que outro tempo os apartou, no qual caminho tinha paſſado bem de trabalho, e deſcubrio novas Ilhas. ElRey de Melinde, como pelo recado, que lhe D. Franciſco enviou eſtava apercebido com todalas couſas pera o receber, vendo que o tempo o levava áquella angra, alli o mandou viſitar com tudo, dando-lhe a prol-faça da tomada de Mombaça, que foi o maior prazer que lhe pudéra vir. Porque além das paixões antigas, que por noſſa cauſa tinha com o Rey della, ſe deſta feita não ficára deſtruido totalmente, elle Rey de Melinde padecêra muito mal, e a cauſa era eſta. Tanto que ElRey de Mombaça vio a deſtruição de Quiloa, mandou apertadamente requerer a ElRey de Melinde, que ſe fizeſſe em hum corpo contra nós, movendo-lhe caſamentos de filhos com filhas, não tanto por deſejar ſua liança, quanto a fim de o pôr em odio comnoſco, parecendo-lhe que per eſte modo ſería deſtruido. Mas como ElRey de Melinde lhe negou ſeu requerimento, houve-ſe por mui injuriado em deſprezar ſua liança, e jurou que paſſado D. Franciſco á India, havia de ir ſobre elle com todo ſeu poder. As quaes couſas ſabendo D. Franciſco, mandou muitas do deſ-

po-

pojo de Mombaça a ElRey de Melinde, e outras, que lhe ElRey D. Manuel mandava como a fiel amigo, com palavras conformes aos meritos da lealdade, que tinha comnosco, e aos propositos d'ElRey de Mombaça. Passados estes recados, e visitações que houve de parte a parte, partio-se D. Francisco daquella angra vespera de Sancto Agostinho com quatorze vélas, e em dezeseis dias chegou á India ao porto de Anchediva com menos duas, de que eram Capitães Bermum Dias, e Vasco Gomes de Abreu, que chegáram depois, e assi Bastião de Sousa com estas, menos Lucas de Affonseca, que invernou em Moçambique pelo tempo o não leixar ir avante, e Lopo Sanches, que se perdeo, como se adiante verá. O qual Bastião de Sousa trouxe cartas do novo Rey de Quiloa Mahamed Anconij, e d'ElRey de Melinde, em que davam conta da paz, e o estado da terra. E entre algumas cousas, que Bastião de Sousa contou ao Capitão mór do que acontecêra depois de sua vinda, segundo soube de Pero Ferreira Capitão de Quiloa, foi, que Habraemo desterrado, que se intitulava Rey della, procurando a morte a Mahamed Anconij, mandou hum Mouro que o viesse matar dentro nas suas casas. O qual vindo ao negocio, posto que o commetteo como valente homem, não fez

fez mais que dar-lhe com huma agonia pe-
lo bucho de hum braço, de que houve ſau-
de, em pagamento da qual ouſadia foi eſ-
quartejado, que fez grande terror entre os
Mouros, e foi cauſa que os outros dahi
em diante tiveram mais veneração ao novo
Rey Mahamed Anconij, vendo como vin-
gavamos as offenſas, que lhe eram feitas.

CAPITULO IX.

De algumas couſas, que D. Franciſco de Almeida fez, em quanto ſe trabalhava na obra da fortaleza de Anchediva: e os recados, que alli teve d'ElRey de Onor per ſeus Embaixadores: e aſſi de alguns Mouros vizinhos á fortaleza procurando ſua amizade.

DOm Franciſco de Almeida chegando á Ilha de Anchediva, a primeira cou-
ſa que fez, foi eſpedir João Homem com
cartas aos Feitores de Cananor, Cochij, e
Coulão, eſcrevendo-lhes de ſua chegada, e
o que ficava fazendo, que entre tanto fizeſ-
ſem preſtes aos mercadores, que trouxeſſem
a eſpeciaria pera a carga das náos, porque
elle ſería logo lá. E aſſi eſpedio Rodrigo
Rabello, e a Gonçalo de Paiva, que andaſ-
ſem daquelle lugar de Anchediva té o mon-
te Delij, e fizeſſem arribar a elle todalas
náos

náos de Mouros; e as que o não quizessem fazer, as mettessem no fundo, principalmente as de Méca, e Calecut; porque a estes dous lugares Anchediva, e monte Delij vinham demandar todalas náos de Méca, Ormuz, Cambaya, pelas causas que em outra parte dissemos. E a principal que moveo a ElRey D. Manuel mandar a D. Francisco que fizesse nesta Ilha Anchediva huma fortaleza, foi por ser pegada na terra de volta aos mareantes pera suas aguadas, e mui abrigada de todolos ventos pera nella poderem invernar, e estar no meio de toda a costa da India. Na qual Ilha parece que algum Principe magnífico, ou zeloso do bem commum, a fim do proveito dos navegantes, no alto della mandou fazer hum grande tanque de canteria em lugar de agua nadivel, do qual per hum corrego abaixo corre huma quantidade de agua, que vem dar na praia, pera que as náos que alli forem ter façam sua aguada. Defronte do qual corrego, que he na face da Ilha contra a terra firme, fica o abrigo pera as náos, e da banda de fóra em torno della estam quatro ilheos, que tambem ajudam abrigar aquelle porto, porque quebra a furia do mar nelles; e neste lugar de ancoragem estava Dom Vasco da Gama espalmando seus navios quando com elle veio ter Gaspar da India,

que

que era alli com D. Francisco ao fazer da fortaleza, a qual elle fez de pedra, e barro, por não achar modo pera haver cal: e neste tempo tambem se armava huma galé de madeira, que foi lavrada deste Reyno, e outra tanta se perdeo em o navio de Lopo Sanches, como veremos, pera duas que houveram de ser. O trabalho das quaes obras repartio em duas capitanías, o da fortaleza deo a Manuel Paçanha, a que hia de cá provído da capitania della por El-Rey; e o da galé a João Serrão, que tambem a levava de cá, e com esta galé tambem se fizeram dous bargantins pera andarem em companhia della, de hum era Capitão Simão Martins, e d'outro Jacome Dias. Proseguindo a obra nesta ordem, toda a gente daquella costa ficou em confusão, principalmente os Mouros, porque não sómente os assombrou o numero das vélas, gente d'armas, e nova do que D. Francisco leixava feito per onde vinha, mas ainda ver fundar huma fortaleza doze leguas de Goa, huma Cidade do Sabayo, que pertendia querer senhorear toda aquella Comarca, tomando as terras aos Gentios, como fez as do estado de Goa. E assi estes per suas intelligencias, como os vizinhos de Anchediva, que eram os de Sintacola, e Ancola, que estavam defronte, procuravam per

ſeus meios que o Gentio da terra, ácerca dos quaes eramos acceptos, ſenão fiaſſem de nós, nem deſſem ajuda alguma, ante trabalhaſſem como aquella fortaleza ſe não fizeſſe, por lhe ſer hum grave jugo a noſſa vizinhança; e quem primeiro moſtrou eſta amoeſtação dos Mouros, foi ElRey de Onor, que era dalli oito leguas per eſta maneira. Como João Homem, que D. Franciſco dalli eſpedio, paſſou per Cananor, e deo o recado que levava a Gonçalo Gil Barboſa, que lá eſtava por Feitor, elle Gonçalo Gil em hum barco da terra per hum homem da Feitoria lhe eſcreveo, dando-lhe razão de ſi, e do eſtado da terra, e de outras couſas, que convinha ſer D. Franciſco informado dellas. Per o qual homem, quando D. Franciſco reſpondeo a Gonçalo Gil Barboſa, mandou hum recado a ElRey de Onor, que eſtava em caminho; porque além de ſer o mais chegado vizinho daquella fortaleza que elle começava, ſabia ſer aquelle porto acolheita do coſſairo Timoja Capitão d'ElRey, o qual Timoja era aquelle, que veio alli commetter D. Vaſco da Gama. A ſubſtancia do qual recado, que lhe D. Franciſco mandou, era fazer-lhe ſaber ſer alli vindo, e o contentamento que tinha de o ter por vizinho daquella fortaleza pera ſe preſtarem como amigos, por ElRey ſeu Senhor

lho

lho encommendar muito, e que trazia algumas cousas para praticar com elle da sua parte, que lhe pedia ordenasse como se pudessem ver. Ao qual recado elle não respondeo esta vez, nem outras que D. Francisco lá mandou de proposito, e não de passada, como o primeiro, sómente em seu nome respondia hum Capitão, que estava em Onor, e tudo eram desculpas, dizendo, que ElRey seu Senhor estava mettido dentro no sertão em hum negocio de guerra, que por isso não vinha a resposta dos recados; e com estas escusas mandava palavras geraes de offertas por dilatar tempo, e se prover pera rompimento, se o ahi houvesse. D. Francisco recebia estas cousas com brandura, dissimulando a verdade que dellas sentia, e mostrava aos seus mensajeiros gazalhado, dando-lhes dadivas, e boas palavras, porque o tempo não era pera mais. Mas parece que assi estava ordenado per ElRey de Onor, porque ao segundo dia chegáram per mar dous seus Embaixadores, como homens que eram innocentes de tudo o que era passado entre elle D. Francisco, e o Capitão. Dizendo, que como a nova daquella frota, e obra que se alli fazia, fora ter a ElRey de Onor, posto que andasse occupado em huns movimentos de guerra mui affastado da costa do mar, pelo desejo que tinha da amiza-

ſeus meios que o Gentio da terra, ácerca dos quaes eramos acceptos, ſenão fiaſſem de nós, nem deſſem ajuda alguma, ante trabalhaſſem como aquella fortaleza ſe não fizeſſe, por lhe ſer hum grave jugo a noſſa vizinhança; e quem primeiro moſtrou eſta amoeſtação dos Mouros, foi ElRey de Onor, que era dalli oito leguas per eſta maneira. Como João Homem, que D. Franciſco dalli eſpedio, paſſou per Cananor, e deo o recado que levava a Gonçalo Gil Barboſa, que lá eſtava por Feitor, elle Gonçalo Gil em hum barco da terra per hum homem da Feitoria lhe eſcreveo, dando-lhe razão de ſi, e do eſtado da terra, e de outras couſas, que convinha ſer D. Franciſco informado dellas. Per o qual homem, quando D. Franciſco reſpondeo a Gonçalo Gil Barboſa, mandou hum recado a ElRey de Onor, que eſtava em caminho; porque além de ſer o mais chegado vizinho daquella fortaleza que elle começava, ſabia ſer aquelle porto acolheita do coſſairo Timoja Capitão d'ElRey, o qual Timoja era aquelle, que veio alli commetter D. Vaſco da Gama. A ſubſtancia do qual recado, que lhe D. Franciſco mandou, era fazer-lhe ſaber ſer alli vindo, e o contentamento que tinha de o ter por vizinho daquella fortaleza pera ſe preſtarem como amigos, por ElRey ſeu Senhor

lho

lho encommendar muito, e que trazia algumas cousas para praticar com elle da sua parte, que lhe pedia ordenasse como se pudessem ver. Ao qual recado elle não respondeo esta vez, nem outras que D. Francisco lá mandou de proposito, e não de passada, como o primeiro, sómente em seu nome respondia hum Capitão, que estava em Onor, e tudo eram desculpas, dizendo, que ElRey seu Senhor estava mettido dentro no sertão em hum negocio de guerra, que por isso não vinha a resposta dos recados; e com estas escusas mandava palavras geraes de offertas por dilatar tempo, e se prover pera rompimento, se o ahi houvesse. D. Francisco recebia estas cousas com brandura, dissimulando a verdade que dellas sentia, e mostrava aos seus mensajeiros gazalhado, dando-lhes dadivas, e boas palavras, porque o tempo não era pera mais. Mas parece que assi estava ordenado per ElRey de Onor, porque ao segundo dia chegáram per mar dous seus Embaixadores, como homens que eram innocentes de tudo o que era passado entre elle D. Francisco, e o Capitão. Dizendo, que como a nova daquella frota, e obra que se alli fazia, fora ter a ElRey de Onor, posto que andasse occupado em huns movimentos de guerra mui affastado da costa do mar, pelo desejo que tinha da amiza-

de d'ElRey de Portugal, e de se prestar com elle Capitão, pois vinha ser alli vizinho, logo os enviára ao visitar, e offerecer tudo o que houvesse mister de mantimentos, e qualquer outra cousa que fosse necessaria pera provimento daquella obra. Dom Francisco, depois que lhe respondeo a estas offertas geraes, quiz dar alguma culpa ao Capitão de Onor em não lhe responder a proposito; ao que elles respondêram, que á sua partida ElRey seu Senhor não era sabedor do primeiro recado, quanto mais das outras cousas que elle dizia, que isto lhe podiam affirmar, ElRey haver muito de sentir quando o soubesse; peró que aos Capitães dos Principes toda cautela era licita por segurança do estado delles, em quanto não sabiam a sua vontade; que elles dariam conta destas cousas a ElRey, e em breve tornariam com resposta. D. Francisco, por este ser o primeiro recado d'ElRey, dissimulou com estes seus Embaixadores, dizendo, que na resposta que trouxessem haveria o passado por verdadeiro, ou falso, e espedio-os mui contentes das palavras, e cousas que levavam por retorno das que trouxeram. Partidos estes, dahi a dous dias vieram certos Mouros, que estavam no porto de Onor, com este requerimento: Que por quanto elles eram vassallos d'ElRey de Ormuz, do

qual ſabiam o grande deſejo que tinha da amizade d'ElRey de Portugal, e cujas eram humas ſinco náos, que eſtavam ſurtas no porto de Onor, pediam a Sua Senhoria houveſſe por bem de lhe dar hum ſeguro pera poderem navegar. Que quanto ao negocio que entre elle, e o Capitão de Onor era paſſado per recados, elles o ſouberam; e por verem que o Capitão d'ElRey ſe remettia á vontade delle, cujo recado tardava muito, elles determináram de ſe ſahir daquelle porto de Onor, e que o não quizeram fazer ſem diſſo vir dar conta a elle Senhor Capitão mór; que ſe lhe approuveſſe elles ſe metterem entre elle, e ElRey de Onor pera o trazerem ao ſerviço d'ElRey de Portugal, que o fariam de mui boa vontade, porque niſto lhe parecia que ſerviriam a ElRey de Ormuz ſeu Senhor, pela boa vontade que ſabiam ter ás couſas d'ElRey de Portugal. E que ainda ſe atreviam fazer com elle Rey de Ormuz, que déſſe em ſinal de amizade cada anno huma rica joia, e que em retorno deſta amizade lhe leixaſſe elle Capitão mór navegar dez, ou doze náos naquella coſta da India, que ordinariamente mandava cada anno pera provimento de couſas pera ſua caſa, e que a reſpoſta d'ElRey podiam elles trazer per todo Dezembro. D. Franciſco peró que entendeo que a

vin-

vinda destes Mouros foi na segurança das palavras, que elle havia tres dias que passára com os Embaixadores d'ElRey de Onor, e que tudo era por segurar suas náos, todavia os despachou com graça, e gazalhado, mostrando ter contentamento da vinda de taes pessoas, e concedeo-lhes o seguro de suas náos por serem Párseos do Reyno de Ormuz. Que quanto ao que promettiam d'ElRey de Onor, elle espedíra, havia tres dias, seus Embaixadores, per os quaes esperava haver seu recado, que nisto recebia prazer delles, saber ElRey de Ormuz seu Senhor como elle tratava suas cousas, e do mais que promettiam cumprissem com sua palavra, e que na obra ElRey o acharia mui certo. E porque esta prática foi em terra, onde se fazia a obra da fortaleza, e entendeo nelles que desejavam ir com elle á náo, quando se recolheo á tarde, os levou comsigo; e como elles não eram costumados ver aquella grandeza da náo S. Jeronymo, e tanta artilheria, armas, munições, e ferver dos nossos, assi na obra da terra, como do mar, ficáram pasmados, e muito mais quando lhe contáram dous Mouros Guzarates cativos, que foram tomados em Mombaça, o que víram fazer aos nossos naquella Cidade, e ouvíram do que leixavam feito em Quiloa. Partidos estes Mouros assom-

ſombrados do que víram, e ouvíram, ao ſeguinte dia vieram outros de huma fortaleza chamada Cintacora, que ſería dalli meia legua, e por entrada trouxeram hum Gallego remeiro do bargantim Capitão Jacome Dias, que per mandado do Capitão mór havia dous dias que fora áquelle rio trás dous zambucos. O qual Gallego ſahindo com outros em terra, quando veio ao recolher, ſe leixou ficar como homem, que queria ſaber o que lá paſſava; mas logo foi tomado, e trazido ao Capitão da fortaleza, que ordenou de o enviar com hum preſente de refreſco a D. Franciſco com titulo de viſitação, deſculpando-ſe de o não ter feito, e que a cauſa fora ſer elle auſente, e que em chegando, a primeira couſa que ſoube, foi daquella boa vizinhança que tinha com ſua Senhoria, do que houve muito prazer, e em ſinal delle, e de bom vizinho, lhe mandava aquelle refreſco. D. Franciſco, eſpedidos os menſajeiros que lhe trouxeram eſte recado, com outro tal retorno de couſas, que lhe mandou dar, poſto que quizera caſtigar eſte Gallego por ſe leixar ficar em terra entre Gentios, e Mouros, não o quiz fazer por elle ſer cauſa de o eſpertar em alguma couſa de que eſtava deſcuidado, havendo eſta ficada ſer mais permiſsão Divina, que malicia ſua. Porque per elle ſoube que dentro

do

do rio, onde ſe acolhêram os caravelões trás que Jacome Dias foi, eſtava huma fortaleza mui defenſavel, aſſi per natureza, como artificialmente, em que haveria mais de oitocentos homens, e grande parte delles Mouros brancos, a qual cauſa logo deo ſuſpeita a D. Franciſco, como que o ſeu eſpirito lhe prognoſticava o trabalho, que lhe eſta fortaleza havia de dar; e muito mais a temeo, depois que ſoube ſer ella do Sabayo Senhor da Cidade Goa, que ſería dalli doze leguas. A qual como era extremo do Reyno de Onor, que ſe apartava do ſenhorio de Goa per hum rio chamado Aliga, ao longo do qual ella eſtava ſituada por eſta razão de ſer frontaria, ſempre eſtava bem provída de gente de guarnição pola guerra que muito tempo havia que tinham com El-Rey de Onor, de que ao diante diremos a cauſa. Porém depois que entrámos na India, e as noſſas náos foram demandar aquella Ilha Anchediva, por cauſa de fazerem alli ſuas aguadas, teve o Sabayo mais tento nella, e a mandou fortificar, e muito mais como ſoube a que fazia D. Franciſco pola vizinhança que tinha com ella, e eſta foi a cauſa de eſtar nella tanta gente de guarnição, principalmente alguns Mouros brancos, que elle não empregava ſenão em parte de que ſe muito temia. D. Franciſco, poſto que não

ſou-

ſoube eſtas couſas do Gallego, ſómente polo que elle diſſe do que víra, mandou ſeu filho D. Lourenço, e com elle Baſtião de Souſa, João da Nova, e Antão Vaz, todos em bateis com a gente que pudéram levar, e provídos do neceſſario pera qualquer couſa que ſobrevieſſe. O qual D. Lourenço não ſe havia de moſtrar que hia alli, por não dar alguma preſumpção aos Mouros quando viſſem peſſoa tão notavel, ſómente hiam todos em modo de viſitação da parte do Capitão mór ao Capitão da fortaleza, e aſſi ſe fez. Porque não houve mais que notarem elles o que lhes era mandado, e o Capitão della vir eſtar á falla com elles, e aſſentarem paz como bons vizinhos, e trazerem de lá algum refreſco: e dahi a poucos dias pera maior confirmação deſta paz, o Capitão da fortaleza mandou ſeus menſageiros a Dom Franciſco com dous zambucos carregados de mantimentos. Peró todas eſtas couſas eram feitas mais por temor que a outro fim, como dahi a pouco tempo ſe vio, ſegundo adiante veremos. A eſte tempo chegou hum ſobrinho do Feitor Gonçalo Gil com cartas ſuas ao Capitão mór, e entre muitas couſas que lhe mandava dizer, era do bom aviamento que tinha pera a carga das náos, e o grande temor que a fama daquella Armada tinha poſto em toda a terra, principalmen-

mente quando ouvíram o feito de Quiloa, e Mombaça, que tinham grande nome na India por razão do trato do ouro. Com as quaes novas estando ElRey de Calecut perto da Cidade em huns paços seus, se recolheo pera o pé da serra, e que lá adoecêra de grave doença, e muitos dos principaes tambem o seguíram, levando comsigo mulheres, e fazenda, simulando que era por causa da doença d'ElRey; e que na Cidade de Calecut havia grande pressa pera se acabar huma forte estacada de grossa madeira ao longo do mar com entulho de terra, cousa mui defensavel. E tambem tinham por nova haver poucos dias que viera huma náo de Méca, que trouxera alguns fundidores de artilheria, e muitas armas, os quaes trabalhavam de acabar duas peças grossas pera assestar na frontaria da Cidade com outras que já estavam postas. E mais souberam per hum Frade, que de Narsinga viera ter alli a Cananor, como ElRey de Narsinga, que era quasi hum Emperador do Gentio da India em estado, e riqueza, ordenava Embaixadores pera lhe enviar, e que lhe parecia ser esta embaixada a fim de segurar alguns portos, que tinha naquella costa, de que os principaes delles eram Baticala, e Onor. Sobre estas, e outras novas, que D. Francisco cada dia tinha do estado

da

da terra, e movimentos dos Principes della, ſobreveio que com hum tempo, que havia dous dias que andava no mar, hum zambuco grande cuidando que ainda aquelle abrigo da Ilha eſtava deſpejado, vinha-o demandar; e quando ſe achou entre tão grande frota, com temor, vendo que os noſſos ſe diſpunham pera ir a elle, foi correndo ao longo da coſta contra Onor; e vendo que não podia eſcapar aos noſſos que o ſeguiam, deo comſigo em terra. Dom Lourenço de Brito, e outros Capitães, que hiam trás elle em ſeus bateis, quando lhe chegáram foi a tempo que não acháram nelle mais que doze cavallos, porque os Mouros eram acolhidos pela terra dentro, os quaes vinham de Ormuz ſegundo depois ſouberam. E porque o tempo era tal, que com muito trabalho tornariam á fortaleza, quanto mais trazer comſigo o zambuco, diſſe D. Lourenço aos Mouros da terra, (que logo acudíram á praia, como a vizinhos da fortaleza,) que lhes entregava aquelles cavallos pera darem conta delles quando lhos pediſſem, o que os Mouros acceptáram de boa vontade, e cumpríram mui mal, donde procedeo o que ſe verá neſte ſeguinte Capitulo.

CA-

CAPITULO X.

Como partido D. Francisco de Anchediva, deo em Onor, onde queimou as náos do porto: e do que passou com Timoja.

DOm Francisco de Almeida como teve a galé, e bargantim lançados ao mar, e vio que a fortaleza ficava já em estado pera se poder defender, tomou a omenagem della a Manuel Paçanha, que vinha provído por ElRey da capitanía, e Duarte Pereira de Alcaide mór, e assi o Feitor, e Escrivães com todolos outros Officiaes pera serviço della, que com os homens de armas seriam té oitenta pessoas, a fóra a gente do mar, que ficavam nos bargantins, de que eram Capitães Simão Martins, e Jacome Dias. E entre algumas pessoas nobres, que ficáram naquella fortaleza, foram estes filhos de Manuel Paçanha, João Paçanha, Jorge Paçanha, Francisco Paçanha, Ambrosio Paçanha, e Alvaro Paçanha, que era bastardo, o qual em feitos, e qualidades de sua pessoa não havia inveja a seus irmãos, ainda que tivesse este labéo, e no decurso desta historia se verá como todos merecêram serem juntamente aqui nomeados. Ficando esta fortaleza provída de todo o necessario, partio-se D. Francisco com sua frota

ta a dezeſeis dias de Octubro pera o porto de Onor, onde achou Gonçalo de Paiva, que elle enviára diante, o qual tinha tomado ſinco zambucos; e porque dous delles traziam ſeguro de D. Franciſco, por ſerem daquelles, que levavam a vender mantimento á fortaleza de Anchediva, foram ſoltos, e dos outros houveram trinta Mouros, e huma ſomma de arroz pera mantimento da gente. Surta toda a frota na barra do rio, dentro do qual pouco mais de huma legua eſtava a Cidade Onor, mandou D. Franciſco a Fernão Soares com alguns bateis ſaber ſe eſtava ElRey nella, ou os ſeus Embaixadores, por quanto elle vinha cumprir o que ficára com elles, que quando paſſaſſe pera baixo viria áquelle porto, pois ElRey lhe mandára dizer, que elle ſería alli pera ſe verem ambos, e aſſentarem paz, e amizade. E quando elle per ſi o não pudeſſe fazer por eſtar em outra parte, que mandaria o Capitão da Cidade, e os meſmos Embaixadores, que em ſeu nome o fizeſſem; e que ſe não tinham recado algum d'ElRey ſobre eſte negocio, que foſſem algumas peſſoas principaes a elle Capitão mór pera praticar com elles couſàs, que faziam a bem da Cidade, e os que lá foſſem levaſſem os doze cavallos, que ſeus Capitães deram em guarda aos moradores

da

da terra. Tornado Fernão Soares com eſte recado que levou, trouxe por reſpoſta, que ElRey eſtava dalli longe, como elle ſabia, e elles não tinham recado algum ſeu, nem os Embaixadores não eram vindos, e o Capitão da Cidade era chamado per ElRey, o qual não poderia muito tardar: que com mantimentos, e refreſco da terra, que de mui boa vontade o ſerviriam por ſaberem quanto prazer ElRey ſeu Senhor teria de o elles aſſi fazerem; e ácerca dos cavallos elles não podiam dar razão delles, pois lhe não foram entregues; e que ſegundo parecia, a entrega ſe fizera a gente vadía, que acudio á coſta, onde o zambuco ſe perdeo, que elles mandariam fazer diligencia ſobre iſſo. D. Franciſco, como já eſtava enfadado delRey, e de ſeus artificios, e ſegundo tinha por informação elle houvera os cavallos, aſſentou com os Capitães, que com as caravelas, e bateis ſubiſſem aſſima dar huma viſta á Cidade; e quando não reſpondeſſem mais a propoſito do que té li tinham feito, ſahir nella, e lhe dar caſtigo de ferro. Poſta eſta ida em effecto, em rompendo a Lua poz-ſe D. Franciſco em caminho, indo diante em companhia de Dom Lourenço, Fernão Soares, João da Nova, e Gonçalo de Paiva por já ſaberem o rio. Os Mouros como tinham vigia ſobre elles, tan-

tanto que os ſentíram embarcar, deſpejáram a povoação, e ſubiram-ſe a hum monte que eſtava ſobre ella; onde ſeguramente ſe podiam defender. E pera terem mais eſpaço de o fazer á ſua vontade, mandáram hum Mouro dos honrados do lugar obra de hum tiro de bombarda delle, que entretiveſſe o Capitão mór, pedindo-lhe que os não quizeſſe deſtruir, porque elles ſe queriam fazer vaſſallos d'ElRey de Portugal com o tributo que a terra pudeſſe ſoffrer; e que a elles lhe parecia que o ſeu Rey ſeria diſſo contente, cujo recado eſperavam ao outro dia por lhe já terem eſcrito ſobre iſſo; e quanto aos cavallos, poſto que não eram ſabedores de quem os houvera, elles os queriam pagar. D. Franciſco, poſto que entendeo que o vinham entreter, como a ſua tenção não era mais que attrahir aquella gente á obediencia de ElRey, reſpondeo, que pera ſegurança do que promettiam lhe trouxeſſem logo arrefens que entretiveſſem a indignação daquella ſua gente de armas, ſenão que a ſoltaria logo pera irem tomar emenda dos enganos em que andavam. O Mouro lançando-ſe a ſeus pés, diſſe, que elle tornava logo com reſpoſta, a qual foi, que ElRey ſeu Senhor eſtava dahi a quatro leguas, e Timoja Capitão dos armados, e o Capitão do lugar eram idos a recebello;

que

que pediam a Sua Senhoria, pois entre elles não havia pessoa que pudesse assentar cousa firme, se entretivesse té vinda de cada hum daquelles Capitães, ou d'ElRey, que não podiam tardar, e entre tanto tivesse os raios de sua potencia, e os não quizesse estender sobre a vida de tantos innocentes, como o Sol, que então nascia, os estendia sobre os montes da terra. D. Francisco lhe respondeo, que era contente de entreter a furia daquelles Cavalleiros, que alli havia armados, os quaes sempre foram piedosos a quem se humilhava ás Armas de seu Rey; porém que não dava mais espaço que em quanto o Sol, que elle dizia, désse com os seus raios na altura do monte que estava sobre o lugar, amostrando-lhe aquelle onde se elles acolhiam, isto mais por acerto, que por saber o que elles faziam. A qual palavra deo suspeita ao Mouro que eram entretidos, e que mostrar-lhe o monte com o dedo era remoque disso; e como homem que recebia naquella resposta huma grão mercê, debruçou-se aos pés de D. Francisco, e espedido delle, tornou-se ao lugar a grão pressa, mostrando o contentamento que levava do que lhe dissera. Mas como todas estas dilações de ir, e vir eram a fim de se acolherem ao monte, e elle estava já bem cuberto do Sol,

que

que era o termo de ſua tornada, começáram os Mouros de ſe moſtrar armados ao longo da praia, como quem a queria defender. Vendo D. Franciſco eſte deſengano delles, repartio aquella frota de bateis em duas capitanías, mandando a D. Lourenço com ſete delles, em que iriam cento e ſincoenta homens, que foſſe aſſima do lugar onde appareciam náos, e zambucos, e lhe puzeſſe o fogo ſem ſahir em terra, ſenão vindolhe a reſiſtir o feito; e elle D. Franciſco tomou os mais que ficavam, e foi em reſguardo de D. Lourenço, porque ſua tenção era queimar aquellas náos, e não o lugar, por ſaber que era da obediencia d'ElRey de Narſinga, cujos Embaixadores vinham a elle, ſegundo lhe tinha dito o ſobrinho de Gonçalo Gil. Chegado D. Lourenço ao lugar das náos, era já tanta a gente derredor dellas per toda a praia com apupadas, e alvoroço de pelejar, que mais moſtravam ouſadia de offender os noſſos, que temor de ſerem offendidos. E com eſte alvoroço, e alaridos que traz a furia da guerra, de quando em quando lançavam huma nuvem de fréchas perdidas em ſima dos bateis, que fazia aſſás de damno aos noſſos; e veio a tanto, que foi o Capitão mór fréchado em hum pé, a qual fréchada lhe deo mais indignação que dor; porque com ella ſeguio
 avan-

avante, dando Sant-Iago, onde vio maior ſomma da gente, que era junto de tres náos, que elles queriam defender, a que D. Lourenço por huma parte, e Lourenço de Brito per outra punham fogo; e quando chegáram a duas, que eſtavam mais avante ao pé do monte, onde os Mouros recolhêram ſuas mulheres, e filhos, foi a ſetada, e pedràda tanta, que daquella primeira chegada que os noſſos fizeram grão parte delles ficáram feridos, e cahio morto hum remeiro. Mas com todo eſte damno, que os noſſos recebiam, as náos começáram arder, e parte da povoação, o qual fogo neſte tempo foi amparo aos Mouros, e aos noſſos cauſa de receberem muito damno; porque o fumo, e labareda, que eſtava entre huns, e outros, por cauſa do terrenho que ventava, vinha da parte donde os Mouros fréchavam á ſua vontade, e principalmente pedradas, que deſatinavam os noſſos, os quaes começáram de ſe retrahir pera a praia. D. Lourenço como ſe tirou da frontaria deſta fumaça, tomando caminho ao longo do rio, foi encavalgar a terra mais aſſima por lhe ficar o vento nas coſtas; e como rodeou o fogo, que o campo lhe ficou deſcuberto, tornou ſobre os Mouros, os quaes tinham já hum corpo de gente comſigo de mais de mil e quinhentos homens; e como

quem

quem ſe offerecia á morte por ſalvar mulheres, filhos, e fazenda, que a olho viam eſtar em gritos no monte, eſperáram animoſamente a D. Lourenço, e Capitães que vinham com elle. No qual encontro ſe travou entre todos huma mui crua peleja, os noſſos por lhe entrar na Cidade, e elles por a defender; e aſſi carregou o grande numero delles, que vieram alguns dos noſſos buſcar abrigo dos bateis, por razão da artilheria que varejava, e fazia melhor terreiro. Ao qual tempo chegou D. Franciſco, que com ſua gente tanto favoreceo eſtoutra, que tornáram inveſtir com os Mouros de maneira, que começáram de ſe acolher ao monte, não podendo ſoffrer a furia dos noſſos já aſſanhados do damno que recebiam, e derribavam nelles. D. Franciſco, porque ſua tenção, como diſſemos, era não deſtruir aquelle lugar de Onor por ſer de hum vaſſallo d'ElRey de Narſinga, mas ſómente queimar as náos da carga, e os navios de remos, que alli tinha Timoja Capitão dos coſſairos, vendo que o fogo lhe tinha já dado vingança deſtas duas couſas, e que a gente ſe começava de metter em furor com o vencimento pera ir mais avante, mandou dar ás trombetas que ſe recolheſſem. E porque ao recolher dos bateis ſoube que pelo rio aſſima obra de meia legua eſtavam ain-

 da

da tres náos de carga, começou de encaminhar a ellas, e indo já fóra da povoação, se apresentou diante delle hum Mouro, que em sua presença parecia homem honrado, o qual a grandes brados com aquelle espirito de paixão, com que vinha ao longo do rio, metteo-se na agua té á sinta, pedindo ao Capitão mór que houvesse misericordia delle, por quanto era natural de Cananor, e estava alli com aquellas náos que eram suas, e de outros homens principaes vassallos de Cananor. D. Francisco quando o vio assi affadigado, adiantou-se com o seu batel, e o mandou recolher dentro, dizendo, que não temesse, que se assi era como dizia, suas náos seriam seguras por ser vassallo d'ElRey de Cananor, a quem elle desejava de comprazer pelo amor com que tratava as cousas do serviço d'ElRey de Portugal seu Senhor; e que outro tanto fizera a ElRey de Onor, se quizera acceptar sua amizade, e não usar de tanta cautela, e engano; e finalmente sabendo certo que o Mouro era de Cananor, depois que se recolheo ás náos, o espedio em paz. Acabado este feito já contra a tarde daquelle dia, jazendo D. Francisco sobre huma camilha por causa da fréchada que houve no pé, chegou hum mensageiro do Capitão Timoja, que lhe mandava pedir licença pera seguramente

vir

vir ante elle, e foi-lhe concedida. O qual Timoja como era homem nobre de bom ſaber, neſta primeira viſta entendeo o Capitão mór que lhe podia dar mais credito que aos Mouros; porque aſſi na ſegurança de vir ante elle, como nas palavras de ſua chegada, e preſença de ſua peſſoa, parecia homem digno de honra, e que convinha ao ſerviço d'ElRey ſer recolhido em ſua amizade, e por iſſo o recebeo com gazalhado. E entrando na prática, começou Timoja de pedir perdão de ſua vinda ſer tão tarde, e que a cauſa fora occupações, em que o trazia ElRey de Onor; mas que elle tinha pago eſta negligencia em perder a maior parte de ſeus navios, os quaes ardêram em companhia das náos, a que ſua Senhoria mandou poer fogo. Porém de qualquer maneira que foſſe, elle ſe vinha apreſentar por vaſſallo d'ElRey de Portugal, e que eſte deſejo não era nelle novo, mas do primeiro dia que víra Portuguezes naquella terra: que lhe pedia por mercê houveſſe por bem de o acceptar neſta conta, porque elle a que fazia de ſua vida era empregalla em ſeu ſerviço: Que quanto ás couſas d'ElRey de Onor, elle lhe mandava dizer, que ſeu deſejo era ſer vaſſallo d'ElRey de Portugal, por ter amparo em hum tão grande Principe como elle era; e o reconhecimento deſ-

ta

ta obediencia sería com cousa que a terra pudesse soffrer; e que melhor era acceptar elle Capitão mór vassallos leaes ao serviço d'ElRey de Portugal com pouco encargo, que reveis tributarios: e tambem lhe pedia houvesse por escusado elle Rey per se vir a elle Capitão mór por lho impedir huma certa enfermidade, que lhe tolhia caminhar: Que ácerca dos cavallos, que lhe disseram que requeria aos moradores de Onor, elle tinha sabido nenhum dos que alli viviam ter parte na entrada delles; e com tudo elle mandaria fazer exame disso, e per qualquer maneira que fosse os mandaria pagar, e elle Timoja offerecia alli sua pessoa em penhor de se cumprir esta palavra. E tambem lhe pedia, que tomasse por satisfação de alguma culpa, que os moradores de Onor podiam ter em tomar armas contra sua bandeira, o damno que por isso recebêram: e que não era cousa nelles muito estranha, mas grande lealdade, quererem defender a propriedade de seu Rey, sendo elle ausente, e não sabendo sua determinação. Dom Francisco a estas palavras respondeo graciosamente, attribuindo muita parte aos meritos da pessoa delle Timoja: Que quanto ao negocio da paz, e pareas d'ElRey de Onor, elle se não podia deter ao presente por lhe convir ir a Cochij despachar as náos da

da carga; mas que ſeu filho D. Lourenço havia de tornar logo de Armada per aquella coſta, ao qual elle daria commiſsão pera todas eſtas couſas. Timoja, poſto que das palavras de D. Franciſco ficou contente, não ſe quiz eſpedir delle ſem primeiro levar Provisão ſua, em que havia por bem, que aſſentando ſeu filho paz com ElRey de Onor; elle, e os Mouros de Onor pudeſſem navegar ſeguramente pelos mares da India, e com eſta Provisão ſe eſpedio de D. Franciſco. Do qual Timoja, poſto que ao diante havemos de fazer maior relação pelo ſerviço que fez a eſte Reyno na tomada de Goa, aqui, por lhe tirarmos a infamia de coſſario daquella coſta, diremos ſómente a cauſa de ſuas Armadas. Eſte porto, e o de Baticalá, que eſtá adiante ſete leguas com outros deſta coſta, eram d'ElRey de Biſnaga, e eſte Rey de Onor ſeu tributario, os quaes portos havia menos de quarenta annos que foram os mais célebres de toda aquella coſta, não ſómente por a terra em ſi ſer fertil, e abaſtada de mantimentos, onde havia grande carregação pera todalas partes, mas ainda era entrada, e ſahida de todalas mercadorias pera o Reyno de Biſnaga, de que ElRey tinha grande rendimento: Principalmente dos cavallos da Arabia, e Perſia, que aqui concorriam, como a porto

to de mais proveito pela grande valia que tinham em Bisnaga, por estes cavallos serem a principal força, com que se elle defendia dos Mouros do Reyno Decan, com que continuadamente tinha guerra, e o cercavam pela parte do Norte, e lhe tinham tomado muitas terras. E por causa desta fertilidade da terra, e do trato destes portos, havia aqui grande numero de Mouros dos naturaes da terra, a que elles chamam Nayteás, os quaes costumavam comprar estes cavallos, e vendia-nos aos Mouros Decanijs, de que ElRey de Bisnaga recebia grande damno, por lhe fazerem com elles a guerra; e mais da mão dos compradores os que elle havia mister eram por dobrado preço. Finalmente, como a gente prejudicial a seu estado, mandou ao Rey de Onor seu vassallo que matasse nestes Mouros os mais que pudesse, porque os outros com temor lhe despejassem a terra. E no anno de Mahamed de novecentos e dezesete, que he da era de Christo Nosso Redemptor mil quatrocentos setenta e nove, houve huma matança destes Mouros per todas as terras de Onor, e Baticalá, quasi em modo de conjuração, em que morrêram mais de dez mil; e os outros que ficáram feitos em hum corpo, dando-lhes os da terra azo pera sua ida, foram povoar a Ilha Tiçuarij, que he

on-

onde eſtá fundada a Cidade Goa , como adiante veremos. Do qual inſulto , que ſe fez contra eſtes Mouros , começáram elles em odio do Gentio de Onor povoar Goa , e advocar alli as mercadorias , principalmente os cavallos pera os paſſar ao Reyno daquém , a qual obra fizeram em breve por eſtas couſas andarem navegadas per mãos de Mouros , que queriam favorecer ſuas partes contra o Gentio , com que os portos de Onor , e Baticalá começáram de ſentir eſte damno. E pera obrigarem a que as náos dos cavallos , e aſſi das outras mercadorias , que ſempre hiam demandar eſtes dous portos , foſſem a elles , e não ao de Goa , ordenou ElRey de Onor quatro Capitães Gentios , que com huma Armada de navios de remo fizeſſem arribar todalas náos ao ſeu porto , e áquelles que ſe defendiam , roubavam , e faziam todo o damno que podiam. Da qual Armada eſte Timoja de que fallamos era Capitão mór , havido por homem de ſua peſſoa , e que fazia todo o mal que podia aos Mouros per aquella coſta , e eſta foi a cauſa da Armada que elle trazia ; e ante que elle vieſſe a eſte officio , já o Rey de Onor tivera outros Capitães : pola qual razão ſempre entre ElRey de Onor , e os Senhores de Goa houve guerra , e daqui vinha eſtar a fortaleza de Cinta-

tacora provída como frontaria de imigos. Os quaes Mouros tanto prevalecêram ſobre ElRey de Onor, principalmente depois que o Sabayo foi Senhor de Goa, que tendo ElRey de Onor a povoação da Cidade na boca da barra, a mudou pera dentro do rio, haveria trinta annos, a qual com o fogo que os noſſos lhe puzeram na entrada de D. Franciſco, haviam de ter trabalho em reformar o queimado; porém maior o tiveram, ſe não entráramos na India, porque com tomarmos Goa, ficou ElRey de Onor ſeguro em ſeu eſtado. Eſpedido eſte Timoja mui ſatisfeito da honra que lhe Dom Franciſco fez, poſto que delle naquelle tempo não tiveſſe ſabido eſtas couſas, ao ſeguinte dia, que eram vinte e quatro de Octubro, partio-ſe elle com toda ſua frota via de Cananor onde chegou. E porque com a ſua entrada neſta Cidade elle tomou o titulo de Viſo-Rey, de que ElRey Dom Manuel mandava que ſe intitulaſſe, ſegundo fórma da Proviſão que levava, e em quanto eſteve na India deſcubrio, e conquiſtou muitos lugares da coſta della; entraremos no ſeguinte Livro, que he o nono deſta primeira Decada, fazendo huma univerſal deſcripção das terras, e portos maritimos á maneira de roteiro de navegar de todo aquelle Oriente; pera que quando eſ-

cre-

crevermos os lugares que conquiſtáram, e o caminho que as noſſas náos fizeram, e os portos que tomáram, ſeja melhor entendida a relação das taes couſas, poſto que em cada huma dellas principalmente o faremos, quando for neceſſario.

DE-

DECADA PRIMEIRA.

LIVRO IX.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o que fez D. Francisco de Almeida depois que entrou na India té fim do anno de quinhentos e sinco, que deste Reyno partio, no qual tempo já servia com titulo de Viso-Rey.

CAPITULO I.

Em que se descreve toda a costa maritima do Oriente, com as distancias que ha entre as mais notaveis Cidades, e povoações per modo de Roteiro, segundo os navegantes.

PERA declaração da terra Malabar, que foi a primeira da India, que D. Vasco da Gama trilhou na entrada que fez em Calecut Cidade Metropoli della, fizemos em somma relação da Provincia, a que os antigos propriamente chamáram India dentro do Gange, e os naturaes moradores Indostão; e depois por causa do que Dom Francisco fez em Quiloa, e Mombaça, (segun-

gundo neste Livro precedente fica,) tratamos hum pouco daquella terra Zanguebar, onde ellas estam situadas, que he parte da terra de Africa, a que os Geografos chamáram Ethiopia sobre Egypto. Ao presente, porque com a entrada delle D. Francisco d'Almeida na India os mares Orientaes desta terra Asia começáram a ser lavrados com nossas náos, e sentir sobre si o grave pezo de sua potencia, e os moradores da terra firme, e do grão numero das Ilhas filhas daquelle Oceano, sendo çafaros do nome Christão sobmettêram seu entendimento em obsequio de Christo per doctrina nossa, e todolos que sentíram, e ouvíram nossas armas, abaixáram seu pescoço ao jugo dellas per amor, e temor; convem, pera se entender o discurso desta obra, fazermos mais particular relação que a passada, declarando as Cidades, e principaes povoações, e portos da costa maritima desta parte Oriental, isto por modo de itinerario maritimo, ou por fallarmos conforme aos navegantes, será segundo elles usam na maneira de suas derrotas. Porque per modo de graduação como usamos em as Taboas da nossa Geografia, lá se verá mais a olho verificada esta descripção; pois, (como dissemos,) aqui não serve mais que pera dar razão da historia, e não pera situação de lugares. Verda-

dade he que dos lugares mais notaveis vai de huns a outros a ſua diſtancia pela altura, que os noſſos Pilotos tomáram; mas os lugares do meio he pela eſtimativa de ſengraduras, ſegundo a ordem da navegação delles, pois a materia he della. E começando em Univerſal, a terra de Aſia he a maior parte das tres, em que os Geografos dividíram todo o Univerſo, e aparta-ſe da Europa per o rio Tanais, a que agora os naturaes della chamam Dom, e per o mar negro, onde ſe elle vem metter continuado ao de Grecia pelo eſtreito de Conſtantinopla, e da Africa aparta-ſe per outro rio oppoſito a elle, (o qual pela grão cópia de ſuas aguas ſempre reteve o antigo nome de Nilo que tem,) e per huma linha que ſe póde com o entendimento lançar deſte Nilo pela Cidade Cairo Metropoli de todo Egypto ao porto de Suez, que eſtá no ultimo ſeio do mar Roxo, onde antigamente foi a Cidade dos Heroas, na qual linha haverá diſtancia de tres jornadas de camello, que podem ſer ao mais vinte e quatro leguas. Eſta parte de Aſia como he a maior em terra que as outras, aſſi contém muitas, e varias nações de gente, huns que ſeguem a Lei de Chriſto, outros a ſecta de Mahamed, e os mais adoram o Demonio na figura de ſeus idolos, e outros que são do povo Judaico,

por-

porque não ha hi parte da terra onde esta cega gente se não ache vaga, sem natureza, ou assento, fazendo penitencia sem se arrepender de sua contumacia. E ainda estas quatro nações em crença, naquellas partes são tão varias cada huma per si, que fallando propriamente poucos são puros na observancia do nome que cada hum professa; com as quaes nações os nossos, depois que entráram na India, começáram communicar, e contender per doctrina, commercio, e armas. E começando a dividir todo o maritimo desta Asia, que ao presente faz ao proposito pera relação de nossas navegações, e conquista, podemos fazer esta divisão em nove partes, em que a natureza a repartio, com sinaes notaveis sem lançarmos linhas imaginarias, os quaes sinaes são mares, cabos, e rios, e onde acaba a primeira parte, começa a segunda, e assi successivamente. A primeira tem seu principío na boca do estreito do mar, a que propriamente chamamos Roxo, e acaba na boca do outro Parsio: a segunda acaba na fóz do rio Indo: a terceira na Cidade Cambaya situada na mais interior parte da enseada do mar chamado do seu nome: a quarta começa no grande cabo Comorij: a quinta no illustre rio Gange: a sexta no cabo de Cingapura além da nossa Cidade Malaca: a setima no

gran-

grande rio chamado Menão interpretado mãi das aguas, o qual corre per meio do Reyno de Sião: a octava fenece em hum notavel cabo, que he o mais oriental de toda a terra firme, que ao preſente ſabemos, a qual he quaſi no meio de todo o maritimo da grande região da China, a que os noſſos chamam Cabo de Liampo por razão de huma illuſtre Cidade, que eſtá na volta delle chamada pelos naturaes Nimpo, da qual os noſſos corrompêram Liampo, e toda a mais coſta deſte grande Reyno, o qual corre quaſi ao Noroeſte, fique pera eſte lugar d'eſcritura com nome de nona parte ainda per nós não navegada. Poſto que paſſemos ao Oriente della ás Ilhas dos Lequios, e dos Japões, e a grande Provincia Meacó, que ainda por ſua grandeza não ſabemos ſe he Ilha, ſe terra firme, continúa a outra coſta da China, as quaes partes já paſſam por antipodas do meridiano de Lisboa. Da qual coſta não ſabida dos navegantes damos demonſtração, e de todo o interior deſta grande Provincia da China, em as Taboas da noſſa Geografia, tiradas de hum livro de Coſmografia dos Chijs impreſſo per elles, com toda a ſituação da terra em modo de Itinerario, que nos foi de lá trazido, e interpretado per hum Chij, que pera iſſo houvemos. E tornando á primeira parte Occiden-

dental desta repartição, leixando o interior dos dous estreitos do mar Roxo, e Parseo pera seu tempo; da garganta deste Roxo, que está em altura de doze gráos, e dous terços té a Cidade Adem cabeça daquelle Reyno, haverá quarenta leguas, e della ao cabo de Fartaque, que está em quatorze gráos e meio, serão cem leguas. Entre os quaes extremos ficam estas povoações, Abião, Ar, Canacar, Bruml, Argel, Xael Cidade cabeça do Reyno, Herit, a Cidade Caxem, que está sete leguas ante de chegar ao cabo Fartaque, e na volta delle outro tanto espaço está a Cidade de Fartaque cabeça do Reyno assi chamado, de que o cabo tomou o nome, e a gente Fartaquijs. E daqui té Curia Muria, duas povoações onde se perdeo Vicente Sodré, haverá setenta leguas, e fica neste meio a Cidade Dofar, solo donde ha o melhor, e mais incenso de toda esta Arabia, e adiante vinte e duas leguas Norbate. De Curia Muria té o cabo Rosalgate, que está em vinte e dous gráos e meio, e será de costa cento e vinte leguas, toda he terra esteril, e deserta. Neste cabo começa o Reyno de Ormuz, e delle té o outro cabo Monçandan haverá oitenta e sete leguas de costa, em que jazem estes lugares do mesmo Reyno, Calayate, Curiante, Mascate, Soar, Calaja, Orfaçam, Dobá, e Lima,

que fica oito leguas antes de chegar ao cabo Moçandan, que Ptolomeu chama Aſaboro, ſituado per elle em vinte e tres gráos e meio, e per nós em vinte e ſeis, no qual acaba a primeira noſſa divisão. E a toda a terra que ſe comprehende entre eſtes dous termos, os Arabios lhe chamam Hyaman, e nós Arabia Feliz, a mais fertil, e povoada parte de toda Arabia. Atraveſſando deſte cabo Moçandan ao de ſima a elle oppoſito chamado Jaſque, com que a boca do eſtreito fica feita, entramos na ſegunda divisão, que he mui pequena, e pouco povoada; porque deſte cabo Jaſque até o illuſtre rio Indo são duzentas leguas, nas quaes eſtam eſtas povoações, Guadel, Calará, Calamente, e Diul ſituado na primeira fóz do Indo da parte do Ponente. A qual coſta he pouco povoada por o mais della ſer apparcelada, e de perigoſa navegação, e a terra per dentro quaſi deſerto chamada dos Geografos Carmania, e os Parſeos contam eſta parte na região, a que elles chamam Herac Ajan, na qual ſe contém os Reynos de Macran, e Guadel, que cahe ſobre o cabo aſſi chamado. Haverá cento e ſincoenta leguas na terceira parte da noſſa repartição, (não entrando per dentro da enſeada de Jaquete por ſer mui penetrante na terra,) contando per eſta maneira: Da fóz de Diul até a ponta

de Jaquete trinta e oito leguas; e deste Jaquete, que he dos principaes templos daquella gentilidade com huma nobre povoação, té a nossa Cidade Dio do Reyno Guzarate sincoenta leguas, na qual distancia estam estes lugares, Cutiana, Mangalor, Cheruar, Patan, Corinar. E do Dio situado em vinte gráos e meio té a Cidade Cambaya, que está em vinte e dous gráos, haverá sincoenta e tres leguas, em que se contém estes lugares, Mudresaba, Moha, Talaja, Gundim, Goga Cidade, que está ante de Cambaya doze leguas, dentro dos quaes extremos desta Cidade Cambaya, e Jaquete se comprehende parte do Reyno Guzarate com a terra montuosa dos póvos Rezbutos. A quarta parte desta nossa divisão começa na Cidade Cambaya, e acaba no illustre cabo Çamorij, na qual distancia por costa haverá duzentas e noventa leguas pouco mais, ou menos, em que se comprehende quasi toda a flor da India a mais trilhada de nós, a qual podemos dividir em tres partes com dous notaveis, e populosos rios, que atravessam do Ponente a Levante: o primeiro divide o Reyno Decan, (a que corruptamente os nossos chamam Dáquem,) do Reyno Guzarate que lhe fica ao Norte: o segundo aparta este Reyno Decan do Reyno Canará, que fica ao Sul delle. E ainda pa-

rece que como a natureza fez esta divisão pelo interior do sertão, assi ácerca dos que habitam o maritimo de toda esta costa per outros rios mui pequenos, que nascem nas costas destes dous notaveis, fazem a mesma demarcação do Guzarate, Decan, e Canará; e assi os pequenos, como os grandes, todos vertem da grande serra chamada Gate, que como atrás vimos corre ao longo da costa sempre á vista do mar. Peró tem esta differença, que os grandes nascem no Gate da banda do Oriente; e porque das suas fontes ao mar, onde elles vam sahir, que he na enseada de Bengala, ha grande distancia, levando comsigo grande numero de outros rios, não sómente per estes Reynos assima nomeados que elles dividem, mas ainda per outros que não nomeamos, que por serem no interior da terra não servem ao presente. O primeiro destes rios nasce de duas fontes ao Oriente de Chaul quasi per distancia de quinze leguas em altura entre dezoito e dezenove gráos: ao rio que sahe de huma das fontes, que jaz mais ao Norte, chamam Crusná; e ao que sahe da que está ao Sul, Benhorá, e depois que se adjuntam em hum corpo, chamam-lhe Ganga, o qual vai sahir na fóz do illustre rio Gange entre estes dous lugares Angelij, e Pichólda quasi em vinte e dous gráos. E por-

que

que com a cópia das muitas aguas que leva, em que parece querer competir com o Gange, ou per qualquer outra opinião do Gentio, como ao Gange elles chamam Ganga, e tem que as ſuas aguas são ſanctas, (ſegundo adiante veremos;) aſſi a eſtoutro de que fallamos chamam Ganga, e dizem ter a meſma ſanctidade: donde vem que os Principes Mouros, per cujas terras elle paſſa, tem grande rendimento de ſuas aguas, porque não conſentem que o Gentio, que ſe nellas quer lavar, o faça ſem pagar hum tanto. E quaſi na meſma paragem das fontes deſta terra Gate verte outra pera o Ponente, que faz hum pequeño rio chamado Bate, que ſahe na bahia de Bombaim, per o qual demarcam o Reyno de Guzarate do Reyno Decan. E pelo meſmo modo outro rio pequeno, que verte do Gate pera o Ponente, ao qual chamam Aliga, onde eſtá ſituada a fortaleza Sintacora, que ſahe defronte da Ilha Anchediva em altura de quatorze gráos, e tres quartos, eſtá encontrado pela parte do Oriente com outro grande rio que diſſemos, que aparta o Reyno Decan do Canará, porque neſte pequeno Aliga ſe faz a diviſão delles. Porém em o naſcimento deſte grande rio chamado Nagundij ao do outro Ganga, ha eſta differença, não ter aquella religião das aguas, e mais naſce

quaſi

quaſi na paragem do Gate, que eſtá ſobre Cananor, e Calecut, e vai correndo ao longo delle contra o Norte; e como he defronte do rio Aliga, faz hum cotovelo, e toma outro curſo pera Oriente, e paſſa per a Metropoli Biſnaga, e per terras de Orixá té ſahir na enſeada de Bengala per duas bocas entre dezeſeis, e dezeſete gráos, onde eſtam duas Cidades Guadevarij, e Maſulipatão, em que ſe faz muita roupa d'Algodão, que ora vem de lá, que tem o meſmo nome. E tornando á primeira deſtas tres demarcações de Reynos, que he a do Guzarate, e começando da ſua Cidade Cambaya, onde acabamos a terceira divisão ao rio Bate, ou por fallar mais notavelmente ao de Nogotava a elle vizinho, haverá ſetenta leguas, em que eſtam eſtas povoações, Machigam, Gandar, a Cidade Baroche, onde vem ſahir hum notavel rio chamado Narbada; e adiante oito leguas ſahe outro tambem notavel per nome Tapetij, na fóz do qual, huma defronte d'outra, eſtam as Cidades Surat, e Reiner. Seguindo mais a coſta, eſtam Noſçarij, Gandivij, Dámão, Dánu, Tarápor, Quelmaim, Agacim, e Baçaim, onde ao preſente temos huma fortaleza com as terras de ſua juriſdicção, que na paz nos pagam de rendimento cem mil pardaos, que são da noſſa moeda trinta e

ſeis

ſeis contos. E adiante treze leguas em altura de dezoito gráos, e dous terços eſtá a Cidade Chaul, onde temos outra fortaleza, que já he da ſegunda demarcação do Reyno Decan, porque atrás ficam eſtas povoações, Maim, Nagotána, que ſerão de Chaul quatro leguas, e huma ao rio Báte, que he o extremo do Reyno, (ſegundo diſſemos.) Tornando a fazer outra computação deſta Cidade Chaul té o rio Aliga de Cintacora, em que acaba a terra do Decan, haverá ſetenta e ſinco leguas, ao rio Zanguizar vinte e ſinco, no qual eſpaço ficam Bandor, Sifardão, Calancij, e a Cidade Dabul; e do rio Zanguizar ha outras vinte e ſinco leguas, onde eſtá o pagode, ſe contém Ceitapor, Carapatão, Tamaga; e deſte Pagode a Cintacora, onde fenece o Decan, que são as outras vinte e ſinco, eſtam Banda, Chapora, e a noſſa Cidade Goa Metropoli Epiſcopal da India. E poſto que no rio Aliga de Cintacora, que eſtá mais adiante doze leguas, ſe demarque o Reyno Decan, começando do rio Bate, (como diſſemos,) fazem os moradores da terra eſta differença. A todo o maritimo que contamos até a ſerra Gate, que vai ao longo da coſta, com que elle faz huma comprida, e eſtreita faixa de terra, chamam elles Concan, e aos póvos propriamente Conquenijs, poſto que

os

os noſſos lhe chamam Canarijs ; e a outra terra que jaz do Gate pera o naſcimento do Sol, eſte he o Reyno Decan, cujos moradores ſe chamam Decanis. A terceira demarcação, que divide a Provincia Canará do Decan, acaba no cabo Comorij, começando do rio Aliga, em que haverá cem leguas per eſta maneira: De Aliga té outro rio chamado Cangerecora, que eſtá ſinco leguas ao Norte do monte Delij, (cabo notavel neſta coſta,) haverá quarenta e ſeis leguas, no qual maritimo jazem eſtas povoações: Ancola, Egorapan, Mergeu, a Cidade Onor cabeça do Reyno, Baticalá, Bendor, Bracelor, Bacanor, Careara, Carnate, Mangalor, Mangeiran, Cumbata, e Cangerecora, perque corre hum rio deſte nome, que he extremo, e demarcação, como ſe verá abaixo. As quaes povoações todas são da Provincia Canará ſubditas a ElRey Biſnagá, que ſendo tão poderoſo em terra, que participa de dous mares deſte Ponente, e do outro de Levante, que jaz do cabo Comorij pera dentro, entra ſómente aqui com eſte pequeno maritimo. E como do Gate pera o mar ao Ponente do Decan toda aquella faixa ſe chama Concan, aſſi do Gate pera o mar ao Ponente do Canará, tirando eſtas quarenta e ſeis leguas, que ora contamos, que são do meſmo Canará, aquella

fai-

faixa, que fica té o cabo Comorij, que ſerá de comprimento noventa e tres leguas, ſe chama Malabar, em que ha eſtes Reys ſoberanos ſem ſer ſubditos a outro maior Principe. O maritimo das quaes noventa e tres leguas iremos contando com a divisão dos Reynos, que vem confrontar nella. Do rio Canherecóra, donde começa a região Malabar té Puripatan, que ſerão per coſta vinte leguas, he do Reyno Cananor, em que ha eſtes lugares: Cóta, Coulão, Nilichilão, Marabia, Bolepatan, Cananor Cidade, onde temos huma fortaleza, a qual eſtá em doze gráos, Tramapatan, Chombá, Maim, e Purepatan. E daqui té Chatua corre o Reyno de Calecut, que poderá ſer per coſta vinte e ſete leguas, e tem eſtas povoações: Pandarane, Coulete, Capocáte, a Cidade Calecut, que eſtá em onze gráos, e hum quarto, e abaixo Chála, onde ora temos huma fortaleza; Parangale, Tanor Cidade, e cabeça do Reyno ſubdito ao Çamorij; Panane, Baleancor, e Chatuá, em que elle acaba, e entra o Reyno de Cranganor, que por ter pouca terra logo com elle vizinha ElRey de Cochij, cujo Reyno acaba em Porca, tambem de poucas povoações por não ter portos em eſpaço de quatorze leguas que tem de comprimento. A qual Cidade Cochij cabeça do Reyno do ſeu nome,

me, ao tempo que entrámos na India era tão pouca cousa, que não tinha força pera resistir á potencia do Çamorij de Calecut; e ora com favor nosso não sómente he feita huma magnífica Cidade em Templos, edificios, e casas mui sumptuosas dos nossos naturaes, que alli fizeram sua vivenda, governando a terra per as Leis, e Ordenações deste Reyno de Portugal, como cada huma das Cidades delle, mas ainda o Rey natural da terra, e seus subditos são feitos com nossa communicação poderosos em riquezas, e potencia pera resistir a todo Malabar, por lhe serem mui subjectos aquelles Principes, e Senhores do Reyno, a que elles chamam Caimaes, (que como atrás vimos foram mui reveis ao Rey.) Seguindo mais adiante nossa descripção, de Porca té Travancor está o Reyno de Coulão, que terá per costa vinte leguas, cujas povoações são: Cale, Coulão, onde temos huma fortaleza, Rotora, Berinjan, e outras povoações, e portos de pouco nome. E no lugar de Travancor, em que este Reyno de Coulão acaba, começa outro intitulado do mesmo Travancor, a que os nossos chamam o Rey grande, por ser maior em terra, magestade de seu serviço, que estes passados do Malabar, o qual he subdito a ElRey de Narsinga. Junto ao qual Travancor está o nota-

vel,

vel, e illuſtre cabo Comorij, que he a mais Auſtral terra deſta Provincia Indoſtan, ou India dentro do Gange, o qual eſtá da parte do Norte em altura de ſete gráos, e dous terços, a que Ptholomeu chama Cori, e põe em treze e meio. E não ſómente deſte cabo, mas da ſua Tapobrana, a que nós chamamos Ceilão, que eſtá defronte delle, em ſeu lugar faremos mais particular relação: baſta ao preſente ſaber, que neſte cabo fenecem, os Reynos do Malabar, e elle he o outro termo que a Natureza fez, o qual nós tomamos por fim da quarta divisão deſta terra maritima de Aſia. E navegando deſte cabo Comorij per fóra da Ilha Ceilão contra o Oriente per diſtancia de quatrocentas leguas, ſegundo os navegantes, e não per ſituação Geografica, eſtá outro tão illuſtre Cabo com outra mais notavel Ilha, ao qual juntamente com ella Ptholomeu chama Aurea Cherſoneſo. Per ſima da qual córta a linha Equinocial, por eſta ſer a mais auſtral terra de toda Aſia, ſegundo a verdade que nós temos moſtrado ao Mundo com noſſas navegações; mais certa que a terra, onde Ptholomeu ſitua em ſuas taboas a Cidade Catigara, e faz a computação do comprimento de todo o Orbe deſcuberto Oriental: Couſa mais imaginada, como ponto celeſte pera computação Mathematica, que verdadei-

deira pera ſituação de Orbe terreſte ; pois vemos que as noſſas náos navegam per ſima deſta ſua Catigara, e da coſta da terra Aſia, que elle aqui finge, ou lhe fizeram crer que havia, como outras couſas, que em ſeu lugar demonſtramos. Entre eſtes dous tão célebres, e illuſtres cabos Comorij Occidental, e Cingapura Oriental, (dos quaes podemos crer que o mar cortou as Ilhas Ceilão, e Camatra, aſſi como de Italia Secilia, (ſegundo ſe eſcreve,) jaz aquelle mui celebrado Signo Gangetico per eſcritura de todolos Geografos, e per nós mui navegado, ao qual chamamos a enſeada de Bengala, por cauſa do grande Reyno de Bengala, per onde corre aquelle tão illuſtre, e celebrado rio Gange mui ſoberbo com a furia de ſuas aguas, e entra no mar Oceano, cujas bocas Ptholomeu ſitua entre oito, e nove gráos da parte do Norte, e nós entre vinte e dous, e vinte e dous e meio, ao qual rio os naturaes chamam Ganga, ácerca delles, e de todo o Gentio Oriental tão celebrado em nome por a cópia de ſuas aguas, como venerado por a religião de ſanctidade, que todos puzeram nellas. De maneira, que como ácerca de nós por ſalvarmos noſſas almas, ao tempo que eſtamos enfermos, pedimos confiſsão, e os outros ſanctos Sacramentos, que dam remiſsão de

pec-

peccados; assi elles mandam-se levar ás correntes deste rio Gange, onde lhe fazem huma choupana, e alli morrem com os pés n'agua, crendo que no lavatorio destas aguas correntes de sanctidade deste Gange lavam seus peccados, e vam salvos, ou ao menos quando em vida não podem, per sua morte mandam lançar nelle as cinzas dos seus corpos depois de queimados. E pera se melhor entender esta enseada, e costa com os dous Cabos, e Ilhas oppositas a elles que dissemos, quem não tiver visto a figura desta costa Oriental, vire a mão esquerda com a palma pera baixo, e ajunte com o dedo meminho os dous seguintes, quebrando-os té as primeiras junturas, e aparte o index delles, com que fará huma enseada, que he a de Sião; e deste index aparte o pollegar quanto puder, e farão outra muito maior, e esta he a de Bengala, que jaz entre estes dous dedos. Finja mais, que de fronte do primeiro dedo pollegar aqui fazemos o cabo Comorij, e pera dentro da enseada jaz a Ilha Ceilão; e toda a costa da India, que té ora descrevemos, começando da Cidade Cambaya, jaz ao longo deste dedo pollegar da parte de fora, a qual corre Norte Sul. E da parte de dentro neste mesmo dedo, começando da ponta delle, que he o rosto do cabo Comorij té o

mais

mais eſtremo lugar deſta enſeada, onde ella fica mais curva, haverá quatrocentas e dez leguas. No qual extremo da enſeada ſahe o illuſtre rio Gange, o qual peró que verta ſuas aguas per muitas bocas, duas são as mais célebres, com que figura a letra Delta dos Gregos, como todolos outros illuſtres rios. A primeira boca, que he Occidental, ſe chama de Satigam, por cauſa de huma Cidade deſte nome ſituada na corrente delle, onde os noſſos fazem ſuas commutações, e commercios; e a outra Oriental ſahe mui vizinha a outro mais célebre chamado Charigam, porque a elle geralmente concorrem todalas mercadorias que vem, e ſahem deſte Reyno. Na qual diſtancia de huma perna á outra haverá quaſi per linha de Leſte Oeſte pouco mais ou menos cem leguas: e aqui fazemos outro termo menſural da noſſa divisão atrás, em que ſe comprehende a quinta parte, em que dividimos toda eſta coſta da terra Aſia. E poſto que no arco deſta enſeada haja as quatrocentas e dez leguas de coſta; (que diſſemos,) per linha direita do rumo, a que os mareantes chamam Nordeſte Suduеſte do cabo Comorij, onde começa eſta noſſa quinta divisão a eſte porto de Catigam, em que ella acaba, haverá trezentas e ſetenta leguas. A qual enſeada repartimos em tres eſtados

de

de Principes , que a ſenhoream , as quaes duzentas leguas são do Reyno de Biſnaga, e as cento e dez leguas do Reyno Orixá, que são ambos Gentios, e as cento do Reyno de Bengalá, que de noſſos tempos pera cá he já ſubjecto a Mouros. As povoações da qual coſta são eſtas: Logo na volta do cabo Comorij ás ſete leguas Tacancurij, e adiante Manapar, Vaipar, Trechandur, Callegrande, Chereacalle, Tucucurij, Bembar, Calecare, Beadala, Manancort, e Canhameira, onde eſtá hum notavel cabo aſſi chamado em dez gráos da parte do Norte. E adiante eſtam eſtes lugares Negapatan, Aahor, Triminapatan, Tragambar, Triminavaz, Coloran, Puducheira, Calapate, Conhomeira, Sadrapatan, Meliapor, a que os noſſos ora chamam S. Thomé, huma antiga Cidade, que elles tem renovado com magnificas caſas de ſua morada, em que muitos delles já canſados dos trabalhos da guerra fizeram aſſento de vivenda; aſſi por a terra ſer mui abaſtada, e de grão tracto, como principalmente por renovar a memoria do Apoſtolo S. Thomé, que ſegundo os naturaes da terra dizem, e tem por lembranças, aqui foi ſua habitação, ou por melhor dizer a Cidade onde elle obrou tantos milagres, como elles contam, da mão do qual eſtá feita huma caſa, em que elles di-

dizem que jaz enterrado. E posto que o Gentio desta terra seja idólatra, sempre esta reliquia de casa que o Sancto fez, foi entre elles mui venerada, e principalmente d'alguns, que confessavam o nome Christão, e tinham nella Patriarca Armenio. E o que ora mais accrescentou devoção na casa, foi huma pedra, que os nossos acháram em humas ruinas, que parecia em outro tempo ser Ermida, nos alicerces da qual, querendo elles por sua devoção fundar outra, acháram huma pedra quadrada limpa, e bem lavrada; e na face, que jazia pera a terra, tinha huma cruz lavrada de vulto da feição das que trazem os Commendadores da Ordem de Avís, e em sima de huma ponta lavrada huma ave com azas abertas ao modo que o Espirito Sancto em figura de pomba desce sobre os Apostolos, como se costuma pintar. Per o corpo da qual cruz, e campo da pedra estavam muitas manchas, e gottas de sangue tão fresco, que parecia haver pouco tempo que fora alli vertido; e per derredor per orla tinha humas letras de caracteres estranhos, que os da terra não souberam ler. A qual pedra os nossos leváram dalli com procissão, e solemnidade, e foram pôr na propria Igreja, que S. Thomé per sua mão fez; e segundo o que a fama tem entre os naturaes, dizem que sobre es-

ta

ta pedra padeceo o bemaventurado Apostolo, estando aqui fazendo oração; outros dizem, que era discipulo seu. O debuxo da qual pedra o anno passado de mil e quinhentos quarenta e oito me mandáram em tres papeis, hum dos quaes com huma inquirição, que o Governador Nuno da Cunha em seu tempo mandou tirar pelos naturaes ácerca do que se tinha entre aquelles Christãos de S. Thomé da vida delle; e assi hum livro da escritura dos Chijs, e outro dos Parseos com algumas informações dos costumes dos Gentios daquellas partes, dei a Joanne Riccio de Monte Pulciano Arcebispo de Syponto, que neste tempo estava neste Reyno por Nuncio do Papa Paulo III, por me pedir que lhe désse alguma cousa destas partes da India pera mandar ao Cardeal Farnes neto do mesmo Papa, que lhas mandou pedir á instancia de Paulo Jovio Bispo Nocerino, barão diligente, e curioso destas cousas dignas de escritura pera a sua historia geral do seu tempo, que promette nas obras desta facultade, que já tirou á luz. Das quaes cousas eu não quiz ser avaro, lembrando-me que na penna, e estilo deste doctissimo Paulo Jovio as minhas achegas ficavam postas em edificio de perpétua memoria, pois tive sorte da vida, que tenho mais cabedal em desejo, que facultade, e

tempo pera este officio de escritura. E tornando a continuar a descripção da nossa costa, da Cidade S. Thomé, em que nos detivemos por louvor deste Apostolo nosso Protector da India, posto que em outra parte relatamos mais copiosamente o que se tem, e crê delle ácerca desta gente: desta sua Cidade a Peleacate haverá nove leguas, e adiante estam Chiricole, Aremogam, Caleture, Careeiro, Pentepolij, Maçulepatan, Gudavarij, junto do cabo deste nome, que está em dezesete gráos, no qual acabam as terras do Reyno de Bisnaga, (como dissemos,) e começa o de Orixá, cuja costa, por ser brava, de poucos portos tem sómente estes lugares, Panacote, Calingam, Bazapátan, Vixáopatan, Vituilipatan, Calinhápatan, Naciquepatan, Puluro, Panagate, e o Cabo Segógora, a que os nossos chamam das Palmeiras por humas que alli estam, as quaes os navegantes notam por lhes dar conhecimento da terra. E deste cabo, onde fazemos fim do Reyno Orixá, o qual está em vinte e hum gráos, ao outro termo do fim do Reyno de Bengala, que he a Cidade Chatigão, que está em vinte e dous gráos largos, haverá as cem leguas que dissemos. Ficando porém ainda nesta distancia de cem leguas, na volta do Cabo Segógora, huma enseada, que he do Reyno Orixá,

on-

onde vem ſahir o outro rio chamado Ganga, de que atrás fallámos, o qual atraveſſa pela maior parte deſte Reyno, e paſſa ao longo da Cidade Romana Metropoli delle, e vem-ſe metter com o rio Ganges, onde elle tambem entra no mar. E porque toda eſta diſtancia que ha do Cabo Segógora té Chatigão he mais pera pintura que eſcritura, por ſer toda terra cortada em Ilhas, e baixos, que fazem as bocas do Gange com a copia das ſuas aguas, não nomeamos as Cidades, e povoações, que eſtam per eſtas Ilhas, os curioſos da ſituação dellas em as taboas da noſſa Geografia a podem ver. Aſſi que continuando ao longo do noſſo dedo index na ſexta parte da geral diviſão que fizemos, a qual começa em Chatigão, e acaba no cabo de Cingapura, que eſtá hum gráo afaſtado da linha Equinocial pera a parte do Norte, e quarenta pera Oriente da noſſa Cidade Malaca, haverá em toda eſta coſta trezentas e oitenta leguas, as quaes repartimos per eſta maneira. Ao Cabo de Negraes, que eſtá em dezaſeis gráos, onde começa o Reyno de Pegú, haverá cem leguas, no qual eſpaço eſtam eſtas povoações, Chocoriá, Bacalá, Arração Cidade cabeça do Reyno aſſi chamado, Chubode, Sedoe, e Xará, que eſtá na ponta de Negraes. E daqui paſſando a Cidade de Távai, que eſ-

tá em treze gráos, que he a ultima do Reyno de Pegú, fica huma grande enseada de muitas Ilhas, e baixos, que ao modo do Gange faz outro mui poderoso rio, que retalha toda a terra de Pegú, o qual vem do lago de Chiamai, que está ao Norte per distancia de duzentas leguas no interior da terra, donde procedem seis notaveis rios, tres que se ajuntam com outros, e fazem o grande rio, que passa per meio do Sião, e os outros tres vem sahir nesta enseada de Bengala. Hum, que vem atravessando o Reyno de Caor, donde o rio tomou o nome, e per o de Camotai, e o de Cirote, onde se fazem todolos capados daquelle Oriente, e vem sahir assima de Chatigão naquelle notavel braço do Gange defronte da Ilha Sornagão. O outro de Pegú passa pelo Reyno Avá, que he no interior da terra, e o outro sahe em Martabáo entre Tavay, e Pegú, em altura de quinze gráos. E as povoações que estam fóra desta enseada de Ilhas de Pegú, (que dissemos,) e vam ao longo da costa delle, são Vagaru, Martabão Cidade notavel por causa do grande tracto que nella ha, e adiante Rey Talaga, e Tavay. Na qual Cidade de Tavay pouco tempo antes que entrassemos na India, começava o Reyno de Sião, e acabava no outro mar de Levante no Reyno de Camboja, em

que entrava o Reyno de Malaca, que conquiſtámos de hum Mouro tyranno, que ſe tinha levantado contra eſte Rey de Sião, como em ſeu lugar ſe dirá. Em a qual coſta de terra, indo ſempre ao longo do dedo index que figuramos, té a ponta delle, que he o Cabo de Cingapura, e dahi tornando per elle aſſima té a juntura do outro do meio, onde póde ſer o Reyno de Camboja, haverá pouco mais, ou menos quinhentas leguas de coſta todas deſte Principe Gentio, o qual perdeo a maior parte dellas com a variação dos tempos, e principalmente depois que tomámos Malaca; porque lançados os Mouros Malaios daquella Cidade, buſcáram novas povoações ao longo daquella coſta; e como ella he do Gentio mais ſalvage daquellas partes, tomados os melhores portos per via de trato, e navegação, que os naturaes da terra não uſam, fizeramſe ſenhores, e alguns delles ſe intituláram com nome de Reys. Aſſi que com eſtas mudanças que o tempo fez, e o mais que relatamos adiante, quando Affonſo de Albuquerque tomou Malaca, ficou eſta coſta ſem repartição de eſtados, e as povoações que haverá de Tavay até Malaca são eſtas: Tenaſſarij Cidade notavel, Lungur, Torrão, Quedá flor da pimenta de toda aquella coſta, Pedão, Perá, Solungor, e a noſſa Ci-

da-

dade Malaca, cabeça do Reyno assi chamado, a qual está em dous gráos e meio da linha pera a parte do Norte; e seguindo adiante as quarenta leguas, está o Cabo de Cingapura, onde começa ao longo do dedo index a setima divisão que ha dalli té o rio de Sião, que, (como dissemos,) a maior parte delle procede do lago de Chiamai. Ao qual rio, por causa da grão copia das aguas que trás, os Siames lhe chamam Menão, que quer dizer a mãi das aguas, e entra no mar em altura de treze gráos, na qual costa ha estas notaveis povoações: Pão, que he cabeça do Reyno assi chamado, Ponticão, Calantão, Patane, Lugor, Cuy, Perperij, e Bamplacot, que está na boca do rio Menão; do qual, começando na octava repartição, nomearemos sómente os estados dos Principes, que vizinham a costa, e não os lugares, porque não servem ao intento da nossa historia: cá nesta parte não houve conquista nossa, posto que navegassemos o maritimo per via de commercio. E o primeiro estado que está vizinho a Sião, he o Reyno de Camboja, per meio do qual corre aquelle soberbo rio Mecon, cujo nascimento he na região da China, ao qual se ajuntam tantos, e tão cabedaes rios, e corre per tanta distancia de terra, que quando quer sahir ao mar, faz hum lago de mais de

ses-

ſeſſenta leguas de comprimento, e aſſi retalha a terra á ſahida per muitas bocas, que não chega a elle nenhum dos outros notaveis rios, que ácerca de nós são celebrados. Paſſado eſte Reyno Camboja, entra o outro Reyno chamado Campá, nas montanhas do qual naſce o verdadeiro Lenholoe, a que os Mouros daquellas partes chamam Calambuc, com o qual confina o Reyno, a que os noſſos chamam Cauchij, China, e os naturaes Cachó. O qual ácerca de nós he o menos ſabido Reyno daquellas partes, por a ſua coſta ſer de muitas tormentas, e grandes baixos, e a gente ſem navegação; e os eſtrangeiros, que pera lá navegam, que são Siames, e Malaios, de quatro navios hão de perder dous, e ás vezes tres, e porém hum que eſcapa ſe faz nelle mais proveito, que ſe todolos quatro navios foſſem á China. Adiante delle entra a região da China repartida em quinze governanças, cada huma das quaes póde ſer hum grande Reyno: as marinhas, que fazem a noſſo propoſito, são, Cantão, Fuquiem, Chequeão, em que eſtá a Cidade Nimpo, onde a terra faz hum notaval cabo, de que no principio fizemos menção, o qual eſtá em altura de trinta gráos e dous terços, e té qui corre a coſta Nordeſte Sudueſte. Haverá na derrota, contando da Ilha de Aynão, onde ſe

peſ-

pesca o aljofre, que he o principio da governança de Cantão, duzentas e setenta e sinco leguas, e daqui torna a costa a virar pera o rumo do Noroeste, em que acaba a octava parte, e começa a nona, que dissemos não ser ainda per os nossos navegada. Porém, segundo a Cosmografia da China, (que atrás dissemos,) as Provincias maritimas, que deste Reyno correm quasi pera o rumo do Noroeste, são estas tres: Nanquij, Xantom, Quincij, onde o mais do tempo o Rey reside, que está em quarenta e seis gráos, e corre ainda a costa desta Provincia té sincoenta gráos, na qual se contém quatrocentas leguas, em que acaba a mais oriental, e boreal terra firme que sabemos. E posto que além deste maritimo da terra firme de Asia tambem navegámos, e conquistámos muita parte das Ilhas daquelle grande Oceano, assi como as de Maldiva, e Ceilão fronteiras á Provincia Indostan, Samátra, Java, Timor, Burneo, Banda, Maluco, Lequijo, e ora per derradeiro as dos Japões, e a grande Provincia Meaco, que todas jazem de Malaca por diante, nos tempos que se fizermos alguns feitos nellas, daremos a relação que convir pera entendimento da historia. Fica-nos ao presente outra cousa mui necessaria a ella, que como em universal fizemos a descripção de toda

a ter-

a terra maritima, por ſe ſaber em que parte acontecêram os caſos; aſſi demos tambem outra geral relação dos Principes que a ſenhoreavam, porque com eſtas duas couſas podemos ſem confusão diſcorrer com noſſas Armadas per todo aquelle Oriente.

CAPITULO II.

De alguns Reys, e Principes das partes Orientaes, Mouros, e Gentios, com que tivemos communicação, aſſi per via de conquiſta, como de commercio.

POſto que neſte paſſado Capitulo diſſemos, que toda a terra de Aſia era habitada deſtas quatro nações de gente, Chriſtãos, Judeos, Mouros, e Gentios, as primeiras duas podemos dizer que naquellas partes são mais cativos que livres, pois por razão de ſua habitação são ſubditos dos Mouros, ou Gentios, que occupam toda aquella terra, como vemos ſer a gente Sciſmatica de Armenia, Siria, e Judéa, que toda he tributaria a ElRey de Perſia, e ao grão Turco, ao modo dos Gregos. Certa couſa não pera paſſar, mas de ter hum pouco na conſideração della, e com muita cauſa lamentar eſte caſo, não como alheio, mas proprio de cada hum de nós, ſe queremos ſer do número dos membros do eſtado da Chri-

Chriſtandade. Pois os peccados della, (porque da parte de Deos não póde haver cauſa,) quaſi toda a redondeza da terra eſtá ſubdita ao imperio dos Mouros, e Gentios; e Europa, que he a menos porção em quantidade, em que a Igreja Romana parecia ter congregada a ſua grege, ainda eſte açoute do Turco veio aſſolar boa parte. E na outra que ficou livre delle, que ſe devêra unir com vinculo de caridade, e zelo, pera ir contra elle a lhe tirar do poder o Santuario de noſſa Redempção, teve o Demonio tanta aſtucia, que ainda neſte pequeno agro do Senhor veio ſemear dous generos de zizania, que não leixa creſcer a Catholica ſemente. Hum de novas opiniões impugnando a fiel, e pura intelligencia do Evangelho, que nos leixáram em eſcrito aquelles Sanctos, e doctos Barões approvados per exemplo de ſancta vida; e o outro genero de zizania foi cubiça de accreſcentar eſtados a eſtados, querendo fazer na terra propria monarquia, e que os Sanctos do Ceo pera iſſo ſejam ſeus Protectores, e acudam a ſeus appellidos ao romper das batalhas, como que o Ceo foſſe alguma congregação de Deoſos dos Gentios, que contendem huns com os outros por favorecer ſuas partes, huns aos Gregos, outros aos Troyanos, huns a Eneas, e outros a Turno. Como qualquer appetite, e

de-

desordem de Principes poderosos ha de pagar o sangue da Christandade? Como desobedecer á Igreja, tomar-lhe seu patrimonio, inquietar a tranquillidade, e paz do povo Christão, impedir com armas os mares, e as terras, convocar, e confederar com infieis, e membros cortados da Igreja, pôr tudo debaixo da furia do seu ferro té chegar aos altares, não provocam estas cousas a justiça de Deos? Como por estas, e outras taes obras não vemos nós os póvos que assima apontámos, e assi os Georgeanos, Mengralianos, Charquezes, Roixos, e outros daquellas partes cativos, e escravos de Tartaros, e do Turco, pagando ao presente os filhos, e netos dos primeiros transgressores da lei, e da paz Evangelica? Como assi se ganha na terra nome de defensores da Fé, nome de Christianissimos, Catholicos, e d'outros titulos de gloria nesta vida, e na outra? Certo que com outras obras se consegue ácerca dos homens, e ante Deos estes nomes dados em galardão dellas. E certo que por mais bemaventurado se deve ter o Reyno, cujo exercicio está em denunciar o Evangelho, e na conversão dos infieis, e pagãos, que aquelle, que anda occupado em remover os Catholicos a doctrinas proprias; e mais bemaventurado o Reyno, que anda com a espada na mão sobre a ca-

cabeça destes infieis, e Gentios, que aquelle que os convoca, e trás pera derramar seu proprio sangue. Finalmente bemaventurado aquelle Reyno, que no Juizo final levar os triunfos destas obras pera merecer ser chamado servo fiel, que soube dar á usura o talento de sua possibilidade. E porque este Reyno de Portugal sempre trabalhou por merecer ante Deos este nome, elle o tem constituido em maiores cousas: cá verdadeiramente, (sem suspeita de natural,) isto se póde dizer com verdade, na parte que lhe coube per sorte, que he nesta da Europa, primeiro que ninguem lançou os Mouros de casa além mar; primeiro que ninguem passou em Africa, e o que tomou, defendeo té hoje, tirando o que leixou por lhe não convir; e primeiro que ninguem passou em Asia, onde tem feito as obras desta nossa obra. Finalmente per excellencia, assi como Christo Jesus comparou a multiplicação do Evangelho ao espirito do grão da mostarda em respeito das outras sementes, assi em comparação da grandeza, que outros Reynos desta Europa tem em terra, e povo, bem podemos na virtude da multiplicação, e feitos illustres em accrescentamento da Igreja, e louvor de sua propria Coroa, comparar este Reyno a hum grão de mostarda, o qual tem produzido de si huma tão grande ar-

vore, que a ſua grandeza, potencia, e doctrina aſſombra a maior parte das terras, que neſte precedente Capitulo apontámos. E toda a ſua conquiſta he com aquelles dous gladios, em que Deos poz o eſtado de todo o Univerſo: hum eſpiritual, que conſiſte em a denunciação do Evangelho per todo o paganiſmo do Mundo, que tem deſcuberto, augmentando, e dilatando o eſtado da Igreja; e o outro material, com que offende a perfidia dos Mouros, que querem impedir eſtas obras. Aſſi que recolhendo-nos a noſſo propoſito, toda noſſa contenda na India he com eſtes dous generos de gente, Mouros, e Gentios, e a potencia dos quaes eſtá repartida per eſta maneira. Toda a terra, que eſtá do rio de Cintácora defronte da Ilha Anchediva pera o Norte, e Ponente, ao tempo que entrámos na India, era dos Mouros, e dahi por diante contra o Oriente, dos Gentios, tirando o Reyno de Malaca, parte do maritimo de Camatra, alguns portos de Java, e as Ilhas de Maluco, que tambem eram dos Mouros, a qual peſte procedeo de Malaca per via de commercio, como veremos em ſeu lugar. Na terra que era dos Mouros, começando da parte Occidental, aſſi como fizemos a deſcripção della, havia eſtes Principes, ElRey de Adem, de Xael, e de Fartaque, os quaes

ſe-

ſenhoreavam toda aquella coſta; e poſto que não foſſem mui poderoſos em navegação, eram ſeus portos mui frequentados por cauſa do grande commercio. Os vaſſallos dos quaes como eſtavam naquellas fraldas da Arabia, todos eram homens valentes de ſua peſſoa, ſoffredores de trabalho, e muito aptos pera a guerra, como he a gente Arabia. O Reyno de Ormuz já per ſi era maior em eſtado, riqueza, e gente, que eſtes tres juntos, e o que o fazia ainda mais poderoſo era a vizinhança da Perſia, donde podia ſer ſoccorrido. E ſe o Rey da Perſia, que naquelle tempo reinava chamado Xeque Iſmael, tomára poſſe delle como tinha tentado, quando Affonſo d'Albuquerque o tomou como veremos, noſſa contenda fora com outro Principe maior em eſtado, e potencia que o grande Dario, ſob reverencia de quanto os Gregos eſcrevêram della por dar maior gloria ao ſeu Alexandre. Mais adiante tinhamos ElRey de Cambaya, com que tivemos per muito tempo guerra, e ainda temos, ao qual nem Xerxes, nem Dario, nem Póro chegáram em poder, eſtado, e riqueza, e animo militar, como em ſeu tempo ſe verá. Paſſado Cambaya, de Chaul até Cintácora contendemos com o Yzamaluco, e Hidalcan Capitão do Reyno Decan, que repreſentavam em poder, eſtado, e riqueza

dous

dous poderoſos Reys , homens mui dados ao uſo da guerra, cujos exercitos andavam cheios de Mouros, Arabios, Parſeos, Turcos , e Rumes de toda nação levantiſca, animoſa, e de grande induſtria pera aquelle acto. Os Mouros do Reyno de Malaca, Samatra, e Maluco, ainda que o poder delles era no maritimo , por o ſertão ſer do Gentio, que ſe acolhia ás ſerranias; a concorrencia das náos que hiam a ſeus portos os tinha tão provídos de artilheria , e armas, que quando a noſſa lá chegou já per número de peças tinham mais que nós. Quanto ao eſtado da Gentilidade, que he a outra gente que ſenhorea aquellas regiões, (leixando os Principes do Malabar, de que logo fallaremos,) os mais principaes com que tivemos communicação , por cauſa de ſeus eſtados virem beber ao mar, foram eſtes: ElRey de Biſnaga, de Orixá, de Bengala, de Pegú, de Sião, e da China. A potencia, e riqueza dos quaes he tão grande couſa, que a penna recea entrar na relação delles, e principalmente porque em outra parte o faz, ſómente por moſtra da ſua grandeza diremos o que dizia ElRey de Cambaya chamado Badur , que morreo a noſſas mãos vizinho deſtes primeiros. Que ácerca da riqueza, elle era hum, ElRey de Narſinga dous, e ElRey de Bengala tres,

e ao

e ao tempo que elle isto dizia, tinha juntos vinte e dous contos d'ouro, que todos despendeo em huma guerra té sua morte. E porque não fallou em ElRey de Sião, e da China, por não ter com elles tanta communicação, a qual nós tivemos, da grandeza delles daremos aqui alguma noticia. ElRey de Sião he Principe, que ante que se lhe os Mouros levantassem com o Reyno de Malaca, começava o seu Estado naquella Cidade, que está em dous gráos e meio da banda do Norte, e acabava em os montes do Reyno dos Gueos, que começavam em vinte e nove gráos. E com tudo ainda hoje o seu Estado passa de comprimento de trezentas leguas, no qual ha estes sete Reynos a elle subditos, a fóra o proprio de Sião, Camboja, Cómo, Lanchã, Chencray, Chencran, Chiamay, Camburij, Chaipumo, e he Principe que tem trinta mil Elefantes de toda sorte, de que sómente tres mil são de guerra, e no tempo della a Cidade Udia cabeça do Reyno lança sincoenta mil homens. Quanto a ElRey da China bem podemos affirmar que sómente elle em terra, povo, potencia, riqueza, e policia he mais que todos estoutros, porque o seu Estado contém em si quinze Provincias, a que elles chamam governanças, cada huma das quaes he hum grande Reyno, e na Geografia sua

que

que houvemos, tratando o Auctor de cada Provincia, faz hum summario do que rende; e se he verdade a interpretação dos numeros de sua conta, parece que tem mór rendimento que todolos Reynos, e potencias da Europa. E eu dou-lhe alguma fé, porque hum escravo Chij, que comprei pera interpretação destas cousas, sabia tambem ler, e escrever nossa linguagem, e era grande contador de algarismo. E as causas que podem ainda acreditar o que dizemos, são que a costa do seu estado passa de setecentas leguas; porque quem parte de Cantão pera ir onde ElRey está, ao menos atravessa quinhentas leguas, tudo tão povoado, que ninguem dorme fóra delle. A terra em si tem todolos metaes em grande quantidade, a mecanica muita mais que em Frandes, e Alemanha, porque he tanto o povo, que por se manter fazem obras de todo genero tão primas, e sotis, que não parecem feitas com dedos, mas que as lavrou a natureza. Finalmente he tão grossa, e abastada de tudo, que estando alguns dos nossos em hum porto junto da Cidade de Nimpo, em tres mezes víram carregar quatrocentos bahares de seda solta, e tecida, que são mil e trezentos quintaes dos nossos. Démos huma noticia geral destes Principes por as causas que atrás apontámos; e porque com os Reys

 do

do Malabar tivemos mais communicação per commercio, e per armas, principalmente com o Çamorij, e contendemos té ora com elle, sem termos dado relação de suas cousas, convem que o façamos particularmente no seguinte Capitulo.

CAPITULO III.

Como a terra da Provincia Malabar se repartio em Reynos, e Estados: e o fundamento do Estado do Çamorij, e de algumas cousas dos Naires, e gente Malabar.

TOdo o Gentio da India, principalmente o que jaz entre os dous mui grandes, e celebrados rios Indo, e Gange, as cousas que quer encommendar á memoria per escritura, he em humas folhas de palma, a que elles chamam Olla, de largura de dous dedos, e o comprimento segundo a cousa de que querem tratar. Se são algumas da sua Religião, ou Chronicas, e outras memorias pera muito tempo, ao modo como nós cá escrevemos em livros, huns de folha inteira, outros de quarto, e octavo, assi elles de ambalas partes escrevem em folha comprida, ou curta; e depois que tem escrito grande número de folhas em continuação de livros, mettem-as entre duas tal-

las

las de páo, em lugar de taboas de enquadernação; e assi ellas, como as folhas, vam traspassadas com hum cordel, que as entretem por se não espalharem; e em lugar de brochas com o mesmo cordel atam as folhas entre aquellas tallas. As outras cousas, que servem ao modo de nossas cartas mesmas, e escritura commum, basta ser a folha escrita, e enrolada em si, e por chancella ata-se com qualquer linha, ou nervo da mesma palma. O modo desta escritura não he mais que com hum estilo de ferro, ou de páo rijo, ir levemente per sima daquella folha riscando os caracteres da sua letra, e não tão profundos, que traspassem a outra parte da folha, pera poderem escrever d'ambas as faces; e as escrituras que elles querem que dure pera muitos seculos, que he particular de alguma cousa, assi como letreiros de templos, doações de juro, que dam os Reys, estas são abertas em pedra, ou cobre. O Alfabeto da qual letra, e forma della, e o modo de escrever da parte esquerda pera a direita com os costumes desta gente, mais particular escrevemos em os Commentarios da nossa Geografia: aqui pera nosso intento basta saber que a maior parte das cousas da escritura da sua Religião, a creação do Mundo, a antiguidade da povoação delle, a multiplicação dos homens,

 e Chro-

e Chronicas dos Reys antigos, tudo he hum modo de fabulas, como tinham os Gregos, e Latinos, e quasi hum metamorfoseos de transmutações. E segundo o que desta sua escritura temos alcançado por alguns livros, que nos foram interpretados ao tempo que entrámos na India, havia seiscentos e doze annos que naquella terra, a que elles chamam Malabar, fora hum Rey chamado Saramá Pereimal, cujo estado era toda esta terra, que terá per costa té oitenta leguas, (como atrás dissemos.) O qual Rey foi tão poderoso, que por memoria do seu nome faziam a computação do tempo do reinado delle, que com nossa entrada leixáram, tomando a ella por era, e anno de suas escrituras, de que já muitos usam. O assento principal do qual Rey era em Coulão, onde geralmente concorriam todolos negocios do commercio das especiarias de muitas centenas de annos, em cujo tempo os Arabios já convertidos á secta de Mahamed, começáram per via de commercio entrar na India: Não como gente nova neste acto, pois havia muitos tempos que elles, e os Parseos eram senhores daquelles dous estreitos, per que as cousas Orientaes vinham a estas partes da Europa, e traziam entre si esta navegação, e commercio dellas; mas como gente, que novamente começava de denun-

ciar

ciar à ſecta que tinha acceptado. E como os Mouros, por ſerem nuncios do Demonio, que neſte genero de acquirir vaſſallos he mui diligente; e todos são mui ſolícitos de converter o Gentio a ſi, pouco a pouco começou eſta ſua infernal doctrina lavrar naquella gente idólatra; e por ſer mais accepta, tomavam-lhe as filhas por mulheres, couſa que eſte Gentio tem por honra, té que totalmente vieram aſſentar vivenda na terra, com que eſte Rey Saramá Pereimal veio a ſe fazer Mouro. Donde ſe cauſou ſerem logo tão favorecidos delle, que deo lugar proprio onde povoaſſem, e foi em Calecut, por alli ſer a flor da pimenta, e gengivre; e depois que o tiveram poſto naquelle eſtado de Mouro, fizeram-lhe crer, que pera ſalvar ſua alma lhe convinha ir morrer á caſa de Méca. O qual vendo-ſe de muita idade, deſejoſo de ſua ſalvação, acceptou o conſelho; e como homem que leixava o Mundo, primeiro que ſe partiſſe, quiz em modo de teſtamento repartir ſeu eſtado per os mais chegados parentes. Ao mais principal deo o Reyno de Coulão, onde ſe poz a Cadeira da Religião dos Bramanes, por elle ſer o maior de todos no tempo que era Gentio. A outro parente deo Cananor com titulo de Rey; e a outros outras terras com nomes de gráos de honra,
ſe-

ſegundo ſeu uſo; e aſſi como fazia a repartição, aſſi fazia logo a entrega da terra, indo deſiſtindo do governo della. A ultima das quaes foi a Cidade Calecut, onde os Mouros, (ſegundo diſſemos,) tinham já povoação propria, como homem que ſe entregava nas mãos daquella gente que lhe enſinára o caminho de ſua ſalvação, e leixava o Gentio profano pera ſe alli embarcar. E porque eſta terra de Calecut era a couſa ultima, que na ſua vontade tinha por repartir, e quanto á ſua opinião aquella, que havia de permanecer em grande potencia por razão dos Mouros, que já alli habitavam, e frequencia do commercio que engroſſava os Naturaes, com a qual riqueza, e adjutorio dos Mouros podia o Senhor della ſenhorear as outras terras que tinha repartidas; eſta, ainda que pequena em termo, quiz dar a hum ſobrinho a que elle maior bem queria, e que de menino lhe ſervíra de page com hum novo nome de Potencia no ſecular ſobre todolos outros, chamando-lhe Çamorij, que entre elles quer dizer o que ácerca de nós Emperador. Ao qual leixou eſtas duas peças de que elle uſava, hum candieiro, que ſerve ao preſente diante das peſſoas notaveis, como cá entre nós a tocha, e por iſſo os noſſos lhe deram eſte nome, per a qual peça que dá luz, eſ-

tes

tes Principes antigamente entendiam a luz, e claridade do entendimento que tinham ſobre os outros homens; e a outra peça foi huma eſpada per que ſignificava o poder Real. Obrigando aos outros parentes ſerem ſubditos a eſte na parte ſecular, como quiz que elle, e os outros nas couſas da ſua Religião ſe ſobmetteſſem a ElRey de Coulão, como a cabeça de todolos Bramanes, ao qual leixou eſte nome Cobritim, que denota aquella dignidade que ácerca de nós he a do Summo Pontifice. E ácerca do temporal, eſte Rey de Coulão, e ElRey de Cananor podiam bater moeda, peró que o Çamorij foſſe ſuperior delles; e os outros Senhores em ſinal de obediencia não podiam cubrir caſa com telha, e outras muitas couſas que ordenou de maior, e menor dignidade, os quaes delegados de ſua ultima vontade atou com grandes juramentos de ſua Religião: e aſſi obrigou a eſte ſeu ſobrinho Çamorij, que em memoria de ſua partida daquelle lugar, onde os Mouros tinham povoado, fundaſſe huma Cidade, que foſſe a Metropoli de todo Malabar, pois elle era cabeça de todolos ſeus habitadores. Embarcado eſte Rey Saramá Percimal, levando comſigo muitas náos carregadas de eſpeciaria pera offerecer na caſa de Méca, primeiro que lá chegaſſe, chegou ſua alma

a ſe

a ſe offerecer ao Demonio, por elle morrer no caminho; porque per qualquer que elle foſſe, ora da gentilidade em que naſceo, ora da ſecta que acceptou, o termo de ſua jornada havia de ſer naquelle fogo infernal, e as ſuas offertas no profundo do mar, onde ſe as náos perdêram com hum temporal. Ficando ſeu ſobrinho naquelle eſtado com titulo de Çamorij, e fundada a Cidade Calecut, como lhe elle encommendou junto da povoação dos Mouros, correndo o tempo, que muda todalas couſas por mais ordenadas que as os homens leixem, poſto que nelle ſempre durou eſte nome Çamorij, outros Senhores da terra Malabar ſe intituláram com nome de Reys. Os quaes, ſegundo elles dizem, todos procedem da repartição deſte Rey Saramá, e o de Cochij he o que tem a dignidade Cobritim, por os antigos de Coulão, em quem ella ficou, ſe paſſarem alli por razão da vizinhança, e ſer ſua propria terra, e outras razões de cumpridas ambages que elles contam. Toda eſta terra Malabar, ainda que ao tempo que nós entrámos na India eſtava dividida nos Reynos, que atrás deſcrevemos, o maior Principe della em gente, e riqueza era o Çamorij por cauſa da habitação dos Mouros, e elle avocar alli o tracto das eſpeciarias, poſto que em ſeu Reyno não houveſ-

veſſe mais que pimenta, gengivre, e algumas drogas de botica, que quaſi he geral per todo o Malabar, e o mais lhe vir de fóra, aſſi como canella, cravo, maça, noz, e outra ſorte de couſas aromaticas. A terra em ſi toda he baixa, alagadiça, retalhada com eſteiros, e rios, como cá ſão as terras, a que per vocabulo Arabico chamamos Leziras. A gente em geral toda tem huma lingua, huma crença, huma eſcritura, e hum coſtume, ſendo a mais diſtincta gente em uſo particular de variedade de peſſoas, ácerca das dignidades, e officio, que cada hum deve ter de quantas té hoje temos deſcuberto, nem ſe acha eſcrito, peró que no fragmento que ſe acha das couſas que Arriano eſcreveo da India, diga alguma couſa do coſtume deſta gente Malabar, como que teve noticia della. Porque o lavrador he diſtincto do peſcador, o tecelão do carpinteiro, &c. de maneira, que os officios tem feito entre elles linhagem propria pera huns não caſarem com os outros, nem communicarem em muitas couſas; e o filho do carpinteiro não póde ſer alfaiate, porque em modo de religião cada hum na vida, e officio ſegue ſeu pai, da qual ſuperſtição eſcrevemos em os Commentarios da noſſa Geografia. E o Naire, que he o mais nobre em ſangue de toda eſta gente, não faziam os

Ju-

Judeos em ſeu tempo tanta purificação, quando ſe tocavam com hum Samaritano, quantas elle faz, ſe per deſaſtre algum deſte povo lhe toca: e aſſi o tratam, como ſe elle foſſe hum corpo glorificado, e o outro hum immundo animal. E reduzindonos pera noſſo intento, o Gentio natural, e proprio indigena da terra, he aquelle povo, a que chamamos Malabares: ha hi outro, que alli veio da coſta de Choromandel por razão do tracto, aos quaes chamam Chingalas, que tem propria lingua, a que os noſſos communmente chamam Chatijs. Eſtes são homens tão naturaes, mercadores, e delgados em todo o modo do commercio, que ácerca dos noſſos, quando querem taixar, ou louvar algum homem por ſer mui ſubtil, e dado ao tracto da mercadoria, dizem por elle, he hum Chatim, e por mercadejar chatinar, vocabulos entre nós já mui recebidos. Habitam mais naquella Provincia do Malabar dous generos de Mouros; huns naturaes da terra, a que elles chamam Naiteas, que são meſtiços: quanto aos padres de geração dos Arabios, que no principio começáram habitar, e por parte das madres das Gentias, que tomáram por mulheres: Os quaes como são meſtiços no ſangue, aſſi o são na crença, e logo são conhecidos nos coſtumes, no trajo, e na

peſ-

peſſoa, de que ha tão grande número, que he a quarta parte da gente; porque como os Mouros são libertados per privilegios do Rey, e podem-ſe tocar com todo o Gentio nobre, o que não faz o povo, por razão deſta liberdade, fazem-ſe muitos Mouros. O outro genero de Mouros são os Eſtrangeiros, aſſi como Arabios, Parſeos, Guzarates, e outras muitas nações, que concorrem alli por razão do commercio, que todos são homens de grande cabedal, e tractam groſſamente. Ha ahi tambem muitos Judeos naturaes da terra, que por razão de communicarem com os Mouros, e Gentios, todos são aguados com ſeus coſtumes, e ceremonias, e menos ſabem da ſua lei que das outras: são homens de tracto, e onde quer que vivem, ſempre buſcam a ſombra do favor do Principe por ſerem avorrecidos da gente; e porém os daquella parte são homens de ſua peſſoa, e pelejam mui bem. De todas eſtas gerações a mais belicoſa he a gente dos Naires por terem profiſsão de ſerem homens de guerra; os quaes ſendo do mais nobre ſangue de todo o Gentio na opinião delles, podem-ſe chamar filhos do vulgo: cá não lhe ſabem certo pai, por as mulheres dos Naires ſerem commuas aos de ſuas dignidades. Porém eſta lei ſe guarda ácerca dos mui nobres, ſómente entre o povo

vo delles; e he tão geral, que depois que huma mulher deſte ſangue dos Naires he de idade de dez annos, em que ſe ha por apta de ter maridos, ſegundo certas ceremonias de que elles uſam, póde dar entrada em ſua caſa a quantos Naires quizer, e tambem aos Bramanes, que são os ſeus religioſos, por ſerem licenciados neſtas entradas; e ſendo d'outra linhagem, são havidas por adulteras. E são elles, e ellas tão livres deſte vinculo conjugal, que ſe hum aborrece ao outro, iſto baſta pera ſe apartarem per modo de repudio; porém em quanto ambos eſtam em concordia, elle he obrigado de manter a ella; e vindo de fóra, ſe algum outro Naire eſtá com ella, baſta pera não entrar dentro, e ſaber que eſtá occupada, achar a adarga, e eſpada do outro á porta, ſem por iſſo receber eſcandalo, ou paixão; e daqui vem nenhum delles haver por filho o parto da mulher, nem são obrigados aos manter, e ſeus verdadeiros herdeiros são os ſobrinhos filhos dos irmãos. Dizem que eſta lei he entre elles mui antiquiſſima, e que procedeo da vontade de hum Principe pera deſobrigar os homens dos filhos, e os ter livres, e promptos no exercicio da guerra; e por elles eſtarem obrigados a ella cada vez que os ElRey mandar, tem grandes privilegios, e liberdades: Em tanto, que quan-

quando vai per qualquer parte, vai bradando hum ſeu, ou elle: *Pó*, *pó*, que quer dizer guarda, guarda; e como não for outro Naire, toda outra peſſoa deſpeja a rua, ou o caminho por reverencia de ſua peſſoa, por tambem ácerca delles ſer couſa de grande religião não ſe tocarem com algum fóra da ſua dignidade; e ſe per deſaſtre lhe iſto aconteceo, ha-ſe de mundificar deſta contagião com certas ceremonias. Eſte nome Naire, ainda que ſeja do ſangue delles, não o póde algum ter ſenão depois que he armado Cavalleiro, e porém goza dos privilegios de ſua nobreza; porque como chega á idade de ſete annos, he logo obrigado ir á eſcola da eſgrima, ao meſtre da qual, (a que elles chamam Panical,) tem em lugar de pai pola doctrina que recebem delle; e depois do Rey, ou Senhor a que ſervem, a eſte tem maior reverencia. Eſtes ſeus meſtres não ſómente lhes enſinam o modo de eſgrima de toda a arma, ſaltar, correr, e outras deſenvolturas, mas ainda pera os fazerem mais déſtros, e leves, logo no principio deſta ſua doctrina os quebram, e deſconjuntam á maneira de volteadores, e pera iſſo os untam com azeite de gergelim por os nervos não receberem leſão. Com o qual modo aſſi ſaltam pera trás, como pera diante, e são tão leves no movimento

to do corpo, que parecem humas aves; porque quando cuidais que os tendes arredados de vós, achai-los enroſcados debaixo das voſſas pernas cubertos de ſua adarga. Suas armas são lanças, arco, e fréchas, e a eſpada he de quatro palmos; e peró que ſeja de ferro morto, he aſſi temperado que em córte he aço de Milão, muitas das quaes são em arcadas á maneira dos noſſos terçados, e mui pezadas, e não tem mais guarda do que tem huma maça dos noſſos homens d'armas, que he huma arandela que lhe cobre o punho. E poſto que eſta ſua eſpada tenha ponta, não uſam de eſtocada, todolos ſeus trabalhos he eſgrima floreada ao ſom de humas argolas miudas, que trazem pegadas junto do punho, que dam eſpirito ao eſgrimidor. Na maneira de commetter são mui ouſados, e com ordem; e em fugir não tem alguma, nem he vicio ácerca delles, mas prudencia; porém são tão leaes aſſi na guarda do Senhor a quem ſervem, que ante ſe leixaráõ todos morrer que o deſamparar, ſe com eſte deſamparo a peſſoa delle póde incorrer em algum perigo; e mais lei tem com o Senhor de que recebem ſoldo, que com ſeu proprio pai. E acertando o ſeu Rey, ou Senhor que ſervem de morrer na batalha, e elle ſe não achou naquelle lugar pera morrer com elle,

ain-

ainda que ſeja em Reyno eſtranho, lá vam demandar ſua morte per deſafio. São homens de pouca mantença, e pouco cuſto, porque com duzentos reaes da noſſa moeda por mez ſe acharáõ naquellas partes quantos quizerem. Tanto que he Cavalleiro, o Rey, ou Senhor da terra lhe ha de dar moradia, e póde trazer armas, e acceptar, ou commetter deſafio, couſa entre elles mui coſtumada. A ceremonia de armarem Cavalleiro he ir com todolos parentes, e amigos com pompa, e apparato de feſta á caſa d'ElRey, ou Senhor com que vive, e offerecer-lhe ſeſſenta moedas d'ouro, a que chamam Fanões, cada hum dos quaes póde valer da noſſa moeda vinte reaes, todos poſtos em huma folha de betelle, e o Senhor lhe pergunta ſe quer ſer Cavalleiro, e elle com todolos que o acompanham a huma voz reſpondem: *Si*. Então lhe manda cingir huma eſpada de bainha vermelha, e põe-lhe a mão pela cabeça, dizendo entre ſi certas palavras da religião daquella Ordem; e depois em alta voz diz eſtas: *Paguego Brammena biſquera*, que querem dizer, guardarás os Brammanes, e as vacas; e dito iſto, o Senhor lhe dá dous fanões douro em final, e começo de paga do ſoldo, ou moradia que cada mez ha de ter delle, e eſta he a primeira honra que recebe. Acaban-

bando o Senhor ſua ceremõnia, hum Eſcrivão ſeu em alta voz pergunta pelo nome delle novel Cavalleiro, e de que familia he, e aſſi o aſſenta em o Livro da Matricula dos Cavalleiros, o qual aſſento he teſtemunhado com alguns dos principaes, que com elle vieram em modo de padrinhos. E tirando as peſſoas muito nobres, que ElRey faz por ſua mão, as mais vezes commette eſte armar de Cavalleiro ao proprio Panical meſtre da eſgrima; e ordinariamente todos em quanto podem trazer armas, e certos dias na ſemana por não perderem o exercicio della, são obrigados ir á eſcola deſta eſgrima. Todos em os negocios da guerra he gente tão ſuperſticioſa, que não moverão o pé ſem eleição da hora: e em tanto eſtremo guardam a obſervancia do tempo per eſte modo de eleição da Aſtrologia, que muitas vezes perdem fazenda, e com ella a vida por ſeguir eſta ſuperſtição. E não ſómente eſtes, mas todo o Gentio daquellas partes per Aſtrologia, Geomancia, Pyromancia, Hydromancia, Onomancia, e outras eſpecies deſtas artes, que elles referem ao curſo do Ceo, e Planetas, mas ainda todo genero de agouros per alimarias, aves, e outras feitiçerias, em que moſtram ſerem mais doctrinados, ou por melhor dizer mais familiares do Demonio, do que foram neſta parte os Gre-

Gregos, e Romanos, ſegundo as couſas que fazem, de que tem muitos livros. O maior feito que hum deſtes Naires póde fazer na guerra, he tomar a eſpada a ſeu imigo, e tanto que a toma, per obrigação de lealdade a leva a ElRey, e elle a manda poer na caſa das ſuas Armas, com huma eſcritura que declara quem, e per que modo foi ganhada dos imigos. E quando ElRey recebe eſta eſpada do Cavalleiro que lha apreſenta, alevanta as mãos contra onde naſce o Sol, dando louvores a Deos, pois o fez ſenhor das armas de ſeus imigos, em ſatiſfação do qual ſerviço dá áquelle Cavalleiro huma manilha d'ouro, a qual traz no braço em ſinal de honra. O viver, e habitação deſta gente he junto da caſa do Senhor que ſervem, cada hum apartado per ſi em caſa propria, com quintaes, e vallados, de maneira que lhe fica toda ſua herança de huma cancella pera dentro, e quaſi per eſte modo vive todo o Gentio debaixo dos palmares, e areaes, que he a ſua fazenda de que vivem; donde vem, que a terra em que ha povoados, toda he repartida neſtas propriedades; e são tantos os vallos, que he hum labyrintho andar per os caminhos reaes, poſto que ſejam eſtradas largas, quanto mais per as azinhagas do ſerviço de cada propriedade, de maneira, que quem os quizer

conquiſtar tem mais que fazer em entender os caminhos per onde póde entrar, e ſahir, que em pelejar; e os lugares de grande povoação, em lugar de muro, são cercados de hum genero de arvores de eſpinhos tão fechadas, que ſe não podem entrar, nem menos queimar de verdes. Eſtas são as armas, e gente, com que os Reys, e Principes do Malabar, de que fallamos, fazem ſua guerra, a qual toda he a pé, por entre elles não haver uſo de cavallos, nem a terra ſer apta pera iſſo; e com noſſa entrada na India, principalmente o Çamorij, tiveram grandes ajudas nos Mouros, que os mettêram em artilheria, e outros artificios, e induſtrias, que elles não ſabiam. Quanto a outra guerra que temos com os Reys, e Principes Mouros, aſſi do Reyno Decan, que pelejam a cavallo, como do Reyno de Cambaya, Ormuz, &c. em ſeu tempo daremos relação de ſuas couſas: Eſta noticia em geral baſte ao preſente, e tornemos ao que o Viſo-Rey D. Franciſco d'Almeida fez em Cananor.

CA-

CAPITULO IV.

Como o Viſo-Rey ſe vio com ElRey de Cananor, e, eſpedido delle, chegou a Cochij, onde lhe deram nova que Antonio de Sá Feitor de Coulão era morto pelos Mouros, ſobre o qual caſo mandou logo lá D. Lourenço.

O Viſo-Rey, depois que eſpedio os Embaixadores de Narſinga, (como atrás fica,) por ſer já vindo ElRey de Cananor pera as ſuas caſas, que eſtavam a huma parte da Cidade, ordenou per meio do Feitor Gonçalo Gil, que ſe viſſem ambos, poſto que entre elles houve as primeiras viſitações de ſua chegada. A qual viſta havia de ſer junto do recolhimento, que elle Gonçalo Gil, e os Officiaes com a gente d'armas que alli ficára tinham feito, que era em huma ponta de terra tão aguda, e mettida no mar, que a pudéram elles cortar com huma cava, peró que elle não entraſſe per ella; ao longo da qual cava da parte de dentro fizeram huma eſtacada com entulho, que ficava em lugar de repairo; e nas outras duas faces que levava o mar, tambem tinham feitas eſtacadas quanto era neceſſario pera as caſas de madeira, ſegundo o uſo da terra. Do qual recolhimento té o mais agudo da ponta

ta havia hum eſpaço, que com a vinda de Lourenço de Brito, que alli ficou por Capitão, ſe povoou de mais caſas; e como adiante veremos ſe fundou huma Ermida, que ſe chama *Noſſa Senhora da Victoria*, pola que D. Lourenço filho do Viſo-Rey alli houve. E diante do lanço da cava, que era a ſerventia pera a Cidade, eſtava hum poço d'agua doce, de que os noſſos bebiam, que cauſou elegerem aquelle lugar pera ſeu recolhimento, além de a terra em ſi ſer lavada do mar pelas duas faces, e ficar mui diſpoſta pera iſſo; e entre eſte eſpaço, e a cava tinha cortado algumas palmeiras por deſabafar eſte recolhimento, com que fizeram hum grande terreiro. O qual por ſer eſpaçoſo pera aquelle acto de viſtas, mandou ElRey enramar, e toldar com pannos de ſeda, tudo per ordenança dos noſſos, tão concertado, que ficou huma grande, e graciosa ſala. E no dia que ſe haviam aqui de ver, mandou ElRey pedir ao Viſo-Rey, que quando partiſſe das náos não vieſſe de frécha a eſte lugar, mas direitamente ás ſuas caſas, que eſtavam no cabo da Cidade, pera que dalli ambos juntamente hum per mar, outro per terra ao longo da praia ſe vieſſem metter neſte lugar ordenado. A cauſa deſte requerimento, (ſegundo Gonçalo Gil diſſe ao Viſo-Rey,) era porque queria El-

Rey

Rey vir ao longo da praia, dando-lhe mostra de seu estado, por serem nestas vistas tão gloriosos, que em nenhuma outra cousa querem mostrar seu poder, o qual requerimento o Viso-Rey concedeo por lhe comprazer. Embarcado elle com toda a flor da gente em bateis embandeirados com grandes apupadas dos remeiros, estrondo d'atabaques, e trombetas, quando foi ao espedir das náos, começáram ellas tambem em seu modo denunciar sua partida de festa, rompendo os ares com sua artilheria, de maneira, que huns se não podiam ouvir com estrondo dos outros. ElRey como tinha posto o olho nelle, poz-se em tal ordem, que quando chegou defronte das suas casas estava posto em ordenança ao longo da praia com obra de sinco mil homens, todos armados, huns de espada, e adarga, e outros frécheiros; em meio da qual ordenança vinha elle lançado em hum andor alto sobre hombros de homens, e hum sombreiro de pé segundo seu uso, que lhe tomava o Sol, e alguns servidores, que com abanos altos lhe vinham refrescando o ar. E entre elle, e a gente que vinha diante, e ficava detrás, havia hum espaço despejado, em que esgrimiam certos homens de espada, e cofo, cousa pera muito folgar de ver, porque como eram ligeiros, e leves, faziam saltos, e vol-

voltas, como póde fazer hum deſtro volteadór. Chegados ambos a hum tempo ao lugar onde ſe haviam de aſſentar, eſperou o Viſo-Rey que ſe apartaſſe aquelle grão cardume de gente que vinha diante d'ElRey, á qual como ſahio da ordenança, a mais della por ver o acto do recebimento ſem ordem, quiz occupar a maior parte do terreiro. ElRey poſto já no lugar que eſtava toldado, e entendendo que o Viſo-Rey não ſahia dos bateis polos ſeus deſordenadamente terem occupado o terreiro, mandou per ôs Officiaes de ſua ordenança que os deſpejaſſem de todo, e ficou ſómente acompanhado com as principaes peſſoas que haviam de eſtar com elle. E o Viſo-Rey, viſto eſte deſpejo, leixou toda a gente ao longo da força, que os noſſos tinham feita, poſtos em ordenança, e foi-ſe pera ElRey naquella ordem que requeria ſeu cargo, de porteiros de maça, e trombetas diante, e com alguns Fidalgos eſcolhidos por ver como ElRey tambem ſe expunha naquelle modo; e as peſſoas notaveis que neſte acto entráram com elle, foram ſeu filho D. Lourenço, D. Alvaro de Noronha, que hia por Capitão de Cochij, e Lourenço de Brito, e Gaſpar Pereira Secretario, e Gaſpar da India lingua. Feitas ſuas cortezias, da primeira viſta aſſentáram-ſe ambos em duas cadeiras, que eſ-

tavam cubertas com pannos de borcadinho. E depois que praticáram hum pouco na chegada de cada hum, começou o Viso-Rey dizer a ElRey como vinha pera residir per alguns annos na India, por causa das cousas que eram movidas entre as Armadas del-Rey seu Senhor, e o Çamorij de Calecut, e todolos Mouros que navegavam áquellas partes, por razão do odio que tinham aos Christãos, e principalmente á gente Portuguez, de que elle já teria noticia. Finalmente passadas estas palavras do fundamento de sua vinda, começou de tratar em se fazer fortaleza naquelle lugar, que tinha elegido o Feitor Gonçalo Gil, a qual ElRey prometteo logo, e todolos Officiaes da terra pera isso, e assi prometteo de dar com brevidade despacho á carga de especiaria ás náos, que aquelle anno haviam de vir pera este Reyno. Passada esta prática que durou hum pedaço, se espedíram hum do outro com as dadivas, que se entre elles costumam, em que entravam algumas peças, que ElRey D. Manuel de cá mandava, que se dessem áquelles Principes seus servidores. E porque entre elles ficáram algumas cousas por acabar de assentar ácerca da especiaria, ao seguinte dia mandou o Viso-Rey a Gaspar Pereira Secretario, e ao Feitor Gonçalo Gil com Diogo Lopes Escrivão da sua

náo

náo S. Jeronymo com Gaſpar da India lingua, que levavam huns Apontamentos deſtas couſas, os quaes ElRey concedeo. E entre algumas que elle pedio ao Viſo-Rey, foi, que levaſſe dalli certos homens dos que eſtavam em companhia de Gonçalo Gil por ſerem revoltoſos. E peró que o Viſo-Rey delles lhe quizera dar emenda, elle ſe houve por ſatisfeito em os mandar dalli: e com eſtas, e outras couſas, em que ElRey via com quanta vontade o Viſo-Rey o queria comprazer em ſeus requerimentos, trabalhava elle tambem por lha pagar, mandando fazer com diligencia tudo o que elle queria. O Viſo-Rey porque tinha muito que fazer no deſpacho das náos, e o tempo era mui breve pera a partida dellas, não ſe pode alli mais deter que oito, ou dez dias, em quanto acabou de cortar bem aquella ponta de terra, em que eſtava elegida a fortaleza, e começou de a poer em termos, que ficava pera ſe a gente poder bem defender. E leixando tudo em ordem pera ſe acabar, como a cal foſſe feita em breve tempo com Officiaes que pera iſſo hiam ordenados, tomou a omenage della a Lourenço de Brito Copeiro mór d'ElRey D. Manuel, que, (como já diſſemos,) hia pera Capitão della, ou d'outra, que ſe havia de fazer em Coulão; e Guadalajarra hum Fidal-

go

go Caſtelhano per Alcaide mór, e Lopo Cabreira Feitor, com os mais Officiaes a ella ordenados, que com a gente d'armas podiam ſer cento e ſincoenta peſſoas; e para guarda daquella coſta, e favor da fortaleza, ficáram eſtes dous Capitães, Rodrigo Rabelo em ſua náo, e Bermum Dias Nataforea. O Viſo-Rey, provídas eſtas couſas, partio-ſe via de Cochij, onde chegou o primeiro de Novembro, e em ſeguindo na barra, elle, e Fernão Soares por ſerem melhores na véla que as outras náos, chegou huma caravela das que leixou Lopo Soares, de que era Capitão Chriſtovão Zuzarte, o qual vinha de Coulão, e lhe deo nova que o Feitor Antonio de Sá com todolos Portuguezs que lá eſtavam eram mortos, e poſto fogo á fazenda, e caſas que tinham, de que o Viſo-Rey ficou mui triſte por aquelle deſaſtre. Perguntando pela cauſa deſte caſo, contou Chriſtovão Zuzarte, que no porto de Coulão havia dias que eſtavam quatro náos de Mouros de Calecut, as quaes traziam hum pouco de cravo, e canella, e algum arroz, que vieram de contra o Cabo Comorij; e por o Feitor Antonio de Sá ſaber que vinham ellas alli pera tomar carga de pimenta, e fazer ſua viagem de mar em fóra, caminho do eſtreito de Méca, apartando-ſe da coſta da India por cauſa de noſ-
ſas

ſas Armadas, não ſómente trabalhou per ſeus meios de lhes impedir eſta pimenta, mas ainda lhes mandou commetter que lhe vendeſſem a eſpeciaria que tinham, com fundamento de os fazer dalli partir, ſe lha negaſſem; e leixando-ſe eſtar no porto, de lhe tomar as vélas por ſegurar delles que não tomaſſem a pimenta. O qual negocio elle commetteo depois que João Homem chegou com o recado delle Viſo-Rey, porque como elle era hum Cavalleiro, que todo o ſeu ſer eſtava em pelejar ſem medo, e das outras couſas que pertenciam a Capitão tinha pouco diſcurſo, e cautelas, tanto fez com Antonio de Sá, e elle tambem eſcandalizado dos Mouros, que confiado na grande frota, e gente noſſa, que era entrada na India, e valentias de João Homem, com favor ſeu tomou as vélas ás náos dos Mouros, o que elles ſoffrêram por mais não poder. Porém partido João Homem pera onde leixava a elle Viſo-Rey, chegadas vinte e tantas vélas de Calecut, Cananor, e Cochij, todas de Mouros mercadores, ficáram eſtes eſcandalizados tão favorecidos com ellas, que ordenáram logo de enviar hum delles ao Regedor da terra, que fizeſſe com o Feitor que lhe tornaſſe ſuas vélas. O Regedor, porque folgava de favorecer os Mouros polo proveito que traziam á terra, mandou com eſ-

efte, que lhe trazia o recado, hum criado feu a Antonio de Sá; e foram as palavras que per elle lhe mandou dizer taes, e tão efcandalofas, que fe travâram de tal forte com outras de maior indignação, com que o Mouro defaforadamente apunhou hum terçado pera o Feitor Antonio de Sá, e elle poz-lhe tão rijo as mãos nos peitos, que deo com elle em terra. Ao qual tempo fe chegou hum homem delle Feitor, e com huma efpada deo duas feridas ao Mouro, com as quaes fe elle foi aprefentar ao Regedor, e affi accendêram a furia dos Gentios, e Mouros das náos que eram prefentes, que vieram com aquelle impeto hum grande numero delles fobre os noffos, os quaes por fe defender, fe acolhêram a huma Igreja que tinham feita, que era de pedra, e cal, onde lhe logo começáram pôr o fogo, porque os não podiam entrar. Os noffos vendo-fe mais affrontados do fumo, que das armas delles, fahíram fóra, e começáram entre fi hum furiofo jogo de cutiladas, e peró que faziam affaftar os Mouros, como elles eram muitos, mais canfados das forças que desfalecidos do efpirito, todos ficáram alli mortos entre os córpos dos barbaros, a que elles tinham tirado a vida. Ao tempo da qual revolta elle Chriftovão Zuzarte era chegado com fua caravela

alli

alli com recado do Feitor de Cochij ſobre o negocio da carga; e porque elle eſtava no mar, e não teve modo pera acudir a eſte inſulto, ſe fez á véla per entre as náos dos Mouros, e veio pôr fogo a ſinco que achou apartadas das outras, as quaes quando ſahia do porto leixava em huma labareda. Vendo o Viſo-Rey que no lugar onde lhe convinha ter paz por razão da carga das náos, achava guerra travada com tanto damno recebido, ficou mui confuſo, porque eſſe caſo pedia caſtigo por parte dos Mouros, e por parte das náos que tinha pera diſſimulação. Finalmente determinado no que lhe pareceo mais neceſſario, aſſi como D. Lourenço vinha á véla com a mais frota, não houve mais detença de o mandar, e partir, que em quanto ſe mudou da ſua náo á Flor de la mar, Capitão João da Nova, com muita Fidalguia, e eſtes Capitães, Vaſco Gomes d'Abreu, Manuel Telles, Ruy Freire, e as caravelas de Gonçalo de Paiva, Lopo Chanoca, e João Homem, levando aviſo que viſſe ſe per algum modo podia apacificar a terra pera haverem carga da pimenta, e que pera iſſo déſſe a culpa ao morto, porque depois tempo, e culpas haviam de ter cada dia com que pagaſſem aquelle damno preſente; e quando o Regedor de Coulão não quizeſſe vir em boa paz, então

pu-

puzeſſem mãos ao caſtigo. O que D. Lourenço cumprio, porque chegado a Coulão, mandou diante hum recado ao Regedor, e polo attraher a paz, deo a culpa do caſo aos mortos, os quaes ſe foram vivos, o caſtigo de ſeu pai lhe fora mais aſpero que a meſma morte, por ſerem perturbadores da paz, que ElRey de Portugal ſeu Senhor queria ter com os Principes daquellas partes. Peró nenhuma deſtas branduras, de que D. Lourenço quiz uſar, aproveitáram, ante deram ouſadia aos da terra de tirarem ás fréchadas a quem levava eſte recado. E vinte e quatro náos que eſtavam no porto, como quem ſe punha em defensão, ajuntáramſe todas em hum corpo, moſtrando terem em pouco as offertas, e paz de D. Lourenço. E porque Chriſtovão Zuzarte tinha dito que eſtavam alli algumas náos de Cananor, e Cochij, mandou D. Lourenço notificar, que ſe alli eſtavam algumas deſtes dous lugares, que ſe ſahiſſem da companhia das outras, porque queria caſtigar o damno dos mortos, e a injúria que era feita áquella Armada d'ElRey ſeu Senhor em deſprezarem a paz que lhe dava. Finalmente os Mouros ſe encadeáram todos huns com os outros, e aſſi perecêram todos em huma braſa de fogo, depois que foram bem conquiſtados com a furia da artilheria, e força das

lan-

lançadas dos nossos; e alguns Mouros que escapáram, foram os que se lançáram a nado. Da qual victoria D. Lourenço mandou logo nova a seu pai per João Homem, que no commetter destas náos Deos fez por elle hum milagre, dando-lhe hum pelouro de bombarda nos peitos sobre huma adarga, e não lhe fez mais nojo que cahir aos seus pés. Parece que o seu zelo no acto do primeiro insulto, de que elle foi causa, foi tal que por elle não teve culpa, pois Deos o testemunhou nisto que fez polo salvar; e com tudo assi por este feito, como por outros de pouco governo de Capitão que por elle eram passados, o Viso-Rey lhe tirou a caravela, a qual deo a Nuno Vaz Pereira, hum Fidalgo honrado, que como veremos per meritos de sua pessoa nesta conquista alcançou grande nome. D. Lourenço acabado este feito, partio-se pera Cale Coulão, que será contra Cochij obra de quatro leguas, e alli leixou algumas náos á carga da pimenta per meio de hum Christão da terra chamado Mathias, que a isso deo grande aviamento: cá por razão do proveito que recebiam de nós, em todolos portos onde chegavamos, como nisso não entrevinham Mouros, o Gentio andava em competencias a quem nos ganharia mais a vontade com beneficios, e principalmente com estes

de

de commercio , que era de tanto ſeu proveito.

CAPITULO V.

Como o Viſo-Rey ſe vio com ElRey de Cochij em hum acto ſolemne, em que lhe entregou certas couſas: e como acabada a carga das nãos as eſpedio pera eſte Reyno.

ELRey D. Manuel como tinha ſabido os grandes trabalhos , que Trimumpara Rey de Cochij paſsára na guerra , que lhe o Çamorij de Calecut fez , por lhe gratificar os meritos de quanta fé moſtrou no proceſſo daquella guerra ácerca da guarda da vida dos noſſos , quiz per o Viſo-Rey Dom Franciſco mandar-lhe moſtra da boa vontade que lhe tinha por eſtas obras. E porque ao tempo que elle Viſo-Rey chegou , tinha deſiſtido do Reyno Trimumpara por ſua muita idade , e eſtava recolhido entre ſeus Bramanes , como homem que leixava o Mundo , e em ſeu lugar reinava hum ſeu ſobrinho por nome Nambeadora , quiz o Viſo-Rey informar-ſe do Feitor , e Officiaes de Cochij , como paſſava o negocio do reinado deſte Principe , por lhe dizerem que era por favor delles , e não por lhe pertencer o Reyno. Dos quaes ſoube que o verdadeiro herdeiro de Cochij , (ſegundo o uſo dos

dos Malabares,) era outro ſobrinho do Rey paſſado, o qual andava na ſerra lançado com o Senhor de Repelim; e nas guerras paſſadas dentre ſeu tio, e o Çamorij ſe lançou com elle em odio noſſo, fazendo quanto damno podia a ſeu tio. Pola qual razão, quando o tio deſiſtio do Reyno, declarou eſtoutro por herdeiro, poſto que pertenceſſe a elle por mais velho: e ſobre eſta eleição do tio, e merito da grande amizade que ſempre nos guardou, era elle bem quiſto do commum da gente de todo o Reyno. Porém ácerca de alguns principaes era o desherdado mui favorecido, e com favor delles andava perturbando Nambeadora, ao qual negocio elle Feitor acudio com todolos da fortaleza, e com ſeu favor o tinham entretido em poſſe. O Viſo-Rey como teve eſta informação, poſto que entre elle, e ElRey houve viſitações de ſua chegada, o mais que eſperava fazer guardou pera a vinda de D. Lourenço, por cauſa de quantos Fidalgos, e homens nobres eram idos com elle, os quaes convinha ſerem preſentes á entrega das peças que levava pera ElRey. E ainda pera maior ſolemnidade deſte acto, tanto que D. Lourenço veio de Coulão, mandou elle Viſo-Rey aviſar a ElRey, que vieſſe áquella fortaleza receber certas couſas, e recado, que lhe ElRey de Portugal

ſeu

ſeu Senhor mandava; e juntos todolos Capitães, e principaes peſſoas veſtidas de feſta, foi-ſe com elle a huma grande ramada, que pera eſte acto era feita diante da Igreja dos noſſos com hum eſtrado alcatifado, e paramentado de pannos, e bandeiras de ſeda, onde elle, e ElRey ſe haviam de aſſentar. O qual começou de apparecer em ordenança com ſua gente de guerra diante, e detrás, ſegundo o uſo de ſeus recebimentos de feſta; e elle poſto em hum Elefante, cuberto de pannos de ſeda, e arraiado de borlas, e outras galanterias de entre talhos, que ſervem de louçainha, e paramentos dos Elefantes, principalmente os que são de ſua peſſoa, em que conſiſte todo ſeu eſtado. Porque ſobre ſi não trazia mais que hum panno de algodão mui fino encanchado, a que elles chamam Purava, com que ſe cubria de cinta té meias pernas, e todalas outras partes nuas, ſem mais ornamentos que os couros da ſua carne, e nos braços manilhas d'ouro, e pedraria, e hum barrete alto de borcado. Poſtos ambos no lugar de ſeus aſſentos, e a gente em ordem, e ſilencio, começou o Viſo-Rey em voz entoada propoer o diſcurſo das couſas paſſadas, depois que o Almirante D. Vaſco da Gama deſcubrio a India; e que a tenção principal que ElRey D. Manuel ſeu Senhor ti-

vera neſte deſcubrimento, fora deſejar á communicação dos Reys Gentios daquellas partes; porque mediante ella, e o commercio, que he hum uſo, que procedeo das neceſſidades dos homens, e fica em vinculo de amizade pera ſe communicarem huns com os outros, reſultaria deſta tal communicação, amor, e eſte amor daria as orelhas facilmente aos naturaes, a que a Fé de Jeſus Chriſto Noſſo Redemptor foſſe per elles acceptada, e ſe tornaſſe a renovar no animo dos preſentes, como fora recebida per ſeus antepaſſados per a prégação do Bemaventurado S. Thomé ſeu Apoſtolo, cuja caſa ainda entre os naturaes eſtava havida em veneração, como couſa ſancta que ella era. E porque na vinda dos Capitães, que ElRey ſeu Senhor daquelle tempo té o preſente tinha enviado, naquelle Reyno de Cochij acháram acolhimento, fé, e verdade, e nos outros daquella terra Malabar o contrario, ao menos em padecer tanto trabalho por conſervar eſta amizade, e guardar eſta fé promettida, como tinha paſſado Trimumpara Rey de Cochij, o qual não ſómente aventurou ſeu eſtado, perdendo a maior parte delle, mas ainda dous ſobrinhos. Em remuneração de todas eſtas couſas ElRey ſeu Senhor, como Principe grato a ſeus amigos, lhe mandava tres cou-

ſas

ſas em ſinal de amor, e lembrança do que por ſeu ſerviço fizera. E pois elle leixára por herdeiro a Nambeadora ſeu ſobrinho, que alli eſtava preſente, o qual era conhecido, e recebido por Rey de Cochij; elle Viſo-Rey lhe queria entregar as couſas que trazia, porque quem herdava o Reyno, tambem era digno de receber os meritos delle. A primeira das quaes couſas era aquella coroa d'ouro, a qual elle lhe punha ſobre a ſua cabeça em nome do muito alto, e muito poderoſo D. Manuel ſeu Senhor, Rey de Portugal, e dos Algarves, daquém, e dalém mar, Senhor de Guiné, e da Conquiſta, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Perſia, e India: dizendo as quaes palavras, ſe levantou, e tomando nas mãos a coroa, que lhe tinham diante poſta em hum bacio, lha poz ſobre a cabeça. E proſeguio mais, dizendo, que no acto daquella coroação, elle, em nome d'ElRey ſeu Senhor, o fazia Rey, e legítimo ſucceſſor daquelle Reyno de Cochij, e novamente lho dava, poſto que outra alguma peſſoa pertendeſſe niſſo ter direito, pois já tinha perdido eſta acção na guerra que fez a Trimumpara, como elle tinha declarado per ſua ultima vontade. E em confirmação deſta obra, que elle Viſo-Rey fazia em nome d'ElRey ſeu Senhor, elle per ſi, e per to-

dos aquelles Capitães, Fidalgos, Cavalleiros escudeiros, que presentes estavam, promettia que por honra, defensão, e accrescentamento da pessoa Real, e estado delle Rey de Cochij, offerecer suas fazendas, e pessoas, segundo lhe era mandado nos Regimentos, que trazia d'ElRey seu Senhor. Pera a qual execução, quando necessario fosse, Sua Alteza o mandava com náos armadas, e gente de corações mui leaes, e fieis a residir naquellas partes; e que em memoria do dia da batalha, em que ElRey Trimumpara perdêra seus sobrinhos, lhe apresentava outra peça, que era aquella copa d'ouro, que tinha seiscentos cruzados, e dentro hum Padrão de tença de juro em cada hum anno de outra tanta quantia paga em outra tal copia naquelle dia em os Feitores que alli estivessem, a elle, e a todos os seus successores, e com estas palavras lhe apresentou a copa. Dizendo mais, que a terceira cousa, que lhe ElRey seu Senhor mandava em final de amor por se mais obrigar á defensão daquelle Reyno, era querer ter alli huma fortaleza, que fosse cabeça, e aposento delle Capitão mór, e dos outros que pelo diante fossem no governo da conquista, e commercio daquellas partes, pera que as náos do Reyno alli viessem tomar carga, e não a outro algum porto daquel-

quella terra Malabar, com que o Reyno de Cochij fosse augmentado, e ennobrecido. E por quanto elle Viso-Rey da notificação, e entrega destas cousas havia de enviar certidões a ElRey seu Senhor, pedia a elle Nambeadora Rey, que lhe mandasse passar seus instrumentos como as acceptava, e recebia com aquelle amor, e vontade segundo per elle Viso-Rey lhe eram apresentadas. No fim do qual arrezoamento, como estes Malabares são de poucas palavras, com estas rematou ElRey de Cochij a substancia de todalas de sima. Que os instrumentos que pedia, lhe seriam dados, e que nelles, e vocalmente aos presentes, e ausentes denunciava receber, e acceptar aquellas cousas da mão d'ElRey D. Manuel, como do maior Principe do Ponente, e Rey dos mares do Oriente, e Senhor do coração delle, e de todolos que em diante reinassem em Cochij; e que em todo discurso de sua vida seus serviços seriam testemunha deste amor, e com isto deo com huma palma sobre a outra, como quem acabára. Ao qual termo começáram as trombetas com todolos outros instrumentos a denunciar o fim deste solemne acto; e como as náos estavam esperando por este final, tambem fizeram sua musica da artilheria grossa, e miuda, de maneira, que assi no mar, como

mo na terra, tudo era prazer, e festa desta coroação d'ElRey. O qual acabado aquelle primeiro alvoroço, espedindo-se do Viso-Rey, e per aquelles Fidalgos, com grão pompa foi levado ás suas casas, indo diante delle homens com bacios de prata altos, em que levavam as peças que recebeo, sómente a coroa, que a não tirou da cabeça, depois que lhe foi posta. E porque como ora dissemos no coração de todolos naturaes da terra, este Principe não estava recebido por Rey de Cochij, polo favor que alguns davam ao outro sobrinho d'ElRey, que andava lançado com o Senhor de Repelim: quando víram tão nova cousa, como foi a coroação deste, e que em nome d'ElRey de Portugal era confirmado por Rey com tal solemnidade, não ousáram dizer, ou fazer cousa alguma contra elle em favor do outro, temendo que por isso seriam castigados, e este temor os fez quietos dos reboliços que moviam. Finalmente assi ficou este Nambeadora tão pacífico Rey, que os que lhe de antes eram contrarios, por lhe ganhar a vontade, e os amigos comprazer de o ver naquelle estado, todos juntamente, cada hum em seu modo, trabalhavam polo contentar, principalmente no dar da carga ás náos, que era a cousa em que elle logo quiz mostrar ao Viso-Rey

quão

quão grato era da mercê que tinha recebido. De maneira, que segundo o tempo era curto, o Viso-Rey despachou em breve seis náos, que partíram de lá por todo Dezembro daquelle anno, e em Fevereiro do anno seguinte partíram dous Capitães, Vasco Gomes d'Abreu, e João da Nova, dos quaes daremos depois razão, por invernarem no caminho. As outras seis náos repartio o Viso-Rey em duas capitanías móres; huma deo a Bastião de Sousa, em cuja companhia veio Manuel Telles, e Diogo Fernandes Corréa, cada hum em sua náo; que chegáram a este Reyno em salvamento; e a outra capitanía mór deo a Fernão Soares, com o qual vieram Diogo Correa, e Antão Gonçalves. O qual logo á sahida da India teve tempos contrarios com que fez nova navegação, vindo per fóra da Ilha de S. Lourenço, e elle foi o primeiro que a descubrio pela parte do Sul; e nas aguadas que fez tomou alguma gente que trouxe comsigo, e per este novo caminho fez a viagem tão breve, que chegou a este Reyno a vinte e tres de Maio de quinhentos e seis, da qual Ilha em seu tempo particularmente escreveremos suas cousas.

CA-

CAPITULO VI.

Como El Rey D. Manuel mandou Pero da Nhaya á Mina de Çofala: e do que passou no caminho té chegar ao porto della, onde fez huma fortaleza.

ANte que entremos no anno de quinhentos e seis, por guardar a ordem do tempo, convem escrevermos a partida de oito vélas, que depois que o Viso-Rey D. Francisco d'Almeida partio deste Reyno, partíram tambem a este descubrimento, e conquista: humas em Maio, Capitão mór Pero da Nhaya filho de Diogo da Nhaya, hum Fidalgo Castelhano, que nas guerras de Castella se veio a este Reyno ao serviço d'ElRey D. Affonso o Quinto; e em duas foram Cyde Barbudo, e Pero Quaresma, que partíram em Setembro do mesmo anno. E estes dous Capitães mandava ElRey, que fossem descubrir toda a terra do Cabo de Boa Esperança té Çofala, e parte daquellas Ilhas ver se achavam nova de Francisco d'Albuquerque, e Pero de Mendoça, que sabiam serem desapparecidos naquella paragem, segundo escrevemos: da viagem do qual Cyde Barbudo diremos em seu tempo por continuar com Pero da Nhaya, Como atrás fica, pola fama que o Almi-

mirante D. Vaſco da Gama achou da Mina de Çofala quando deſcubrio a India, mandou ElRey D. Manuel a Pedralvares Cabral, que mandaſſe a ella, quando foi na Armada no anno de quinhentos, que cauſou enviar elle a iſſo Sancho de Toar. Depois a ſegunda vez o Almirante na Armada do anno de quinhentos e dous, per ſi meſmo foi ver eſte reſgate, de maneira, que aſſi per elles, como per outras Armadas, que ſuccedêram nos annos ſeguintes, teve ElRey muitas informações deſte tracto do ouro. Donde ſe cauſou aſſentar elle, que na Cidade de Quiloa ſe fizeſſe huma fortaleza, porque com ella, e outra em Moçambique, e amizade que tinhamos com ElRey de Melinde, ficava toda aquella coſta Zanguebar de baixo do titulo de ſeu commercio, pera mais facilmente ſe ſuſtentar huma fortaleza em Çofala. Porque como as mercadorias, com que ſe havia de reſgatar o ouro, todas vinham de Cambaya ás povoações dos Mouros, que habitavam neſta coſta, ficava o maneio deſte negocio mais corrente pera bem do commercio do ouro, e huma fortaleza ſe favoreceria com as outras, e todas com alguns navios, que andaſſem naquella coſta; e eſta foi a principal cauſa por que mandou a Dom Franciſco d'Almeida, que fizeſſe fortaleza em a Cida-

de

de Quiloa. E como a Armada que elle levava era grande, e podia favorecer o caso de Çofala, determinou de mandar com elle a Pero da Nhaya, pera fazer naquelle resgate huma fortaleza, e ficar alli com officiaes, e homens de armas ao modo do castello de S. Jorge da Mina, que fez ElRey D. João o Segundo, donde tomou o titulo de Senhor de Guiné, (como atrás fica.) Em companhia do qual Pero da Nhaya ordenou irem seis vélas, tres que haviam de passar á India pera trazer carga de especiaria, por serem náos poderosas, e de porte pera isso, era a sua, e as outras em que hiam por Capitães Pero Barreto de Magalhães filho de Gil de Magalhães, e João Leite hum Cavalleiro de Santarem; e das outras tres eram Capitães seu filho Francisco da Nhaya, João de Queirós, e Manuel Fernandes, que havia de servir de Feitor na fortaleza, que se havia de fazer em Çofala, as quaes por serem navios pequenos, mandava ElRey D. Manuel que andassem naquella costa em guarda della, e no maneio das cousas do commercio. Prestes estas vélas ao tempo que podiam partir em companhia de D. Francisco, per descuido do Mestre, que não vigiou a bomba, a náo Sant-Iago, em que Pero da Nhaya havia de ir, subitamente se foi ao fundo, com

o qual

o qual desastre ficou elle Pero da Nhaya sem ir com D. Francisco té dezoito dias de Maio dia da Trindade, que partio em outra náo chamada Sancto Espirito, que lhe aviáram. E sobre este desastre logo no caminho aconteceo outro a João Leite Capitão de huma das náos, o qual por querer á proa fisgar hum peixe, cahio ao mar pera sempre. Seguindo Pero da Nhaya seu caminho, como partio tarde, querendo os Pilotos segurar dobrarem o Cabo de Boa Esperança, foram-se metter em tanta altura, que com frio não podiam marear as vélas, té que os temporaes do mar frio os vieram mettendo no quente, e com o derradeiro que tiveram, Pero da Nhaya se achou com seu filho, e Manuel Fernandes, correndo tanto com elle, que os trouxe ao porto que desejavam, que foi á barra do rio de Çofala, onde elle quiz esperar alguns dias té saber a fortuna dos outros Capitães. Dos quaes João de Queirós padeceo a maior, porque correndo com aquelle temporal, foi ter áquem do cabo das correntes obra de sessenta leguas, onde chamam o rio da Lagôa, e com necessidade de tomar agua sahio em terra em huma ilheta, a qual os nossos chamam das Vacas por algumas, que alli víram andar. A gente de huma povoação, que estava nella, vendo

o na-

o navio, a defpejáram, e João de Queirós parecendo-lhe que nella acharia alguns mantimentos, fahio em terra com té vinte homens, dos quaes efcapáram quatro, ou finco bem feridos, que fe recolhêram ao navio, de que hum delles era Antão de Gá Efcrivão delle, todolos outros foram mortos ás mãos dos negros da aldea. Parece que não foi tanto efte damno polo que João de Queirós hia fazer, quanto polo que tinham recebido de Antonio de Campo, o qual vindo da India fez alli fua aguada, recebendo delles muito gazalhado fegundo fua pobreza, e por efpedida defte gazalhado cativáram alguns delles que trouxeram comfigo. A qual coufa em todo efte decurfo de noffa hiftoria tem feito mui grande mal naquellas partes, cá por mui pequenas cubiças, que alguns dos noffos commettêram com os naturaes da terra, onde foram aportar, os fegundos, que depois alli foram ter, pagáram pelos primeiros. Ficando a gente defte navio de João de Queirós fem Piloto, Meftre, ou peffoa pera lho marear, como Deos provê a todalas neceffidades, veio ter com elles João Vaz d'Almada, a quem Pero da Nhaya tinha dado a capitanía da náo de João Leite defunto, o qual João Vaz proveo efte navio, e o levou comfigo, e affi hum batel, que achou

lá junto de Çofala, em que hia Antonio de Magalhães irmão de Pero Barreto, que ficava no Cabo de S. Sebaſtião, e mandava pedir a Pero da Nhaya hum Piloto, porque o ſeu não ſe atrevia ao metter no porto de Çofala, temendo os baixos dalli, por ſer novo naquella navegação. E neſte batel levava Antonio de Magalhães ſinco Portuguezes, que achou no rio Quiloame, que ſerá dez leguas áquem de Çofala, os quaes lhe entregáram os Mouros dalli já meios mortos, e eram da companhia de outros, que eram paſſados adiante, todos do navio de Lopo Sanches, que partíra deſte Reyno com o Viſo-Rey D. Franciſco. O qual, ſegundo elles diſſeram, ſendo áquem do cabo das correntes quarenta leguas, com alguns temporaes que teve, levava a náo já tão aberta, que não podendo vencer a agua, deram com ella em ſecco, ſalvando ſuas peſſoas, mantimentos, madeira, e pregadura com o mais que era neceſſario pera ordenarem hum caravelão, determinando irem neſte té Çofala; porque como leixavam Pero da Nhaya pera partir, confiavam que chegando alli, tinham ſeu remedio. Porém como Lopo Sanches não era natural deſte Reyno, e aquella capitanía lhe fora dada por meio de D. Diogo d'Almeida Prior do Crato, irmão do Viſo-Rey Dom

Fran-

Francifco, por efte Lopo Sanches andar com elle em Rodes, e fabia bem de galés, e levava naquella náo muita madeira, cá (como dissemos,) de huma das que fe na India fizeffem, elle havia de fer Capitão; tanto que os da náo fe víram perdidos, não lhe quizeram mais obedecer como a Capitão que era. Ante poftos em quadrilhas, huns foram no caravelão com elle, e huns delles per terra; e finalmente poftos nefte caminho, de feffenta que feguíram ao longo da praia, os mais falecêram com trabalho, fome, e perigos que paffáram, dos quaes eram aquelles, que eftavam em Quiloame; e outros vinte, que Pero da Nhaya houve em Çofala ao tempo que fe elle vio com ElRey, que foram ter a feu poder, e deo mais com temor, que com defejo de lhe dar a vida, efperando com elles fazer algum negocio de feu proveito. Porque como pola tomada de Quiloa, e deftruição de Mombaça os Mouros de toda aquella cofta ficáram affombrados, e fobre iffo houve logo fama d'Armada que vinha per alli, vieram eftes Portuguezes que confirmáram tudo, dizendo, que tomáram aquelle caminho, parecendo-lhes que era já alli o Capitão Pero da Nhaya; e dos outros, que fe mettêram no caravelão, não fe foube mais, parece que o mar os comeo por a

va-

vasilha ser pequena. Pero da Nhaya recolhendo estes sinco, que levava Antonio de Magalhães, e provído, como a náo de seu irmão fosse alli trazida, tanto que veio leixou-a com a sua, e com a de João Vaz d'Almada por não poderem ir pelo rio assima, e levou os bateis dellas, e assi o navio de seu filho, e outro, que foi de João de Queirós, de que já era feito Capitão Pero Teixeira morador nas entradas. Surto com estes navios abaixo da povoação dos Mouros, por não poder ir mais avante polo rio ser estreito, e abafado com arvoredo, vieram os principaes da terra ao visitar, e saber da parte d'ElRey o que mandava; posto que pelos nossos perdidos que lá tinha comsigo, aos quaes elles encubríram sua chegada, já sabiam a causa da sua vinda áquelle porto. E porque Pero da Nhaya insistio muito em se querer elle mesmo ver com o Xeque, a que os seus chamavam Rey, a qual vista elles trabalhavam por escusar, dizendo, que ElRey era homem de mais de oitenta annos, cégo, e entrévado, que não podia vir a elle, nem menos elle Capitão era bem que fosse lá, porque daquella povoação á outra onde ElRey estava, era longe, e per o rio assima havia muito arvoredo que impedia o caminho pera lá subirem os navios, todavia concedêram no reque-

querimento delle Pero da Nhaya. O qual, eſpedidos os Mouros com eſte recado, ſe metteo em todolos bateis, e entre louçainhas, e armas foi ter á povoação d'ElRey, que ſería daquellas té meia legua, e haveria nella mais de mil vizinhos, toda de madeira, e ſebes barradas, como elles coſtumam, e cubertas de olla. Sómente as caſas d'ElRey moſtravam ſer do principal da terra com patios, e caſas grandes, a maior das quaes era feita ao modo como uſamos o corpo das Igrejas ſem cruzeiro, ſómente com a Capella no topo da Igreja. Na qual Capella eſtava ElRey lançado em hum catel, e era tão pequena, que a cama, e ſerviço della occupava tudo, quaſi como que fez iſto a modo de eſtrado pera dalli eſtar dando audiencia a todolos que eſtiveſſem na ſala, a qual elle tinha paramentada de pannos de ſeda, que reſpondiam ao leito daquelles que lhe vam da India. Entrado Pero da Nhaya neſta grande caſa, os principaes Mouros que alli eram juntos pera eſta prática, o leváram ao lugar onde ElRey jazia, homem de côr baça, bem apeſſoado; e ainda que a idade, e cegueira o tinham poſto naquelle leito, moſtrava aſſi nos atabios de ſua peſſoa, e prudencia, que era Senhor dos outros. Pero da Nhaya, depois que paſſou com elle a primeira prática de pala-

vras

vras geraes, propoz-lhe que a caufa de fua vinda era, per mandado d'ElRey de Portugal feu Senhor, vir alli fazer huma fortaleza; porque como mandava fazer outras em Quiloa, e Moçambique, e affi Feitoria em Melinde, pera que fuas náos, que andaffem naquelle caminho da India, tiveffem efcala naquelles lugares pera leixar, e tomar as mercadorias a elles neceffarias, e tambem pera refgate do ouro, queria alli ter outra, em que feus Officiaes eftiveffem recolhidos. Da qual elle, e todolos feus haviam de receber muito proveito, e principalmente fegurança de fuas peffoas, e fazenda, por quanto ElRey feu Senhor tinha fabido que ás vezes padeciam infultos da cubiça dos Cafres por fer gente mui barbara, e oufada, os quaes dahi em diante não oufariam commetter com temor da fortaleza, porque a Nação Portuguez, onde fazia affento, fempre defendeo a fi, e aos amigos. Finalmente com eftas, e outras razões Pero da Nhaya trouxe a ElRey a lhe conceder que fizeffe a fortaleza que dizia, moftrando ter muito contentamento diffo pola amizade, que defejava ter com ElRey de Portugal, e que efta fora a caufa delle mandar recolher vinte Portuguezes, que alli vieram perdidos de hum navio, por não recolher mais damno dos Cafres do que tinham recebido, os quaes

mandou logo vir, e eram aquelles que atrás dissemos, que deram muito prazer a todolos nossos, e muito mais a elles em se verem salvos de quanto perigo tinham passado. E além desta mostra, que ElRey deo em folgar com a vinda de Pero da Nhaya, foi mandar logo alli a certos homens principaes, que fossem com elle pera enleger o lugar onde elle quizesse fazer a fortaleza, e assi lhe darem aviamento do necessario a ella. A qual cousa, e assi a entrega dos Portuguezes, Pero da Nhaya gratificou a ElRey com muitas palavras, e algumas dadivas, que lhe presentou, e outras, que deo aos seus acceptos, e com isto se espedio delle, vindo com aquelles Mouros, que lhe ElRey ordenou pera eleição do lugar da fortaleza, que foi ao longo do rio, onde estavam algumas casas dos naturaes da terra abaixo da povoação d'ElRey obra de meia legua, onde era o sitio mais conveniente para ella. Porém se fora per vontade de hum genro d'ElRey chamado Mengo Musaf, não concedêra ElRey tão levemente fazer-se esta fortaleza: cá elle, e outros de sua valia, eram que se defendessem per força d'armas, e não consentir tomarem os nossos hum palmo de terra; e se alguma cousa quizessem de resgate, fosse dos navios, pelo modo que o Almirante D. Vasco fez

quan-

quando alli foi ter. Mas como ElRey era homem, que quanto tinha perdido da vista, tanto cobrava de prudencia pera fazer as cousas com mais astucia do que seu genro, e estoutros tinham, foi-lhe á mão a este primeiro impeto, dizendo, que esperassem que a terra apalpasse os nossos, porque elle tinha por certo, que mais haviam de morrer de febres, que a ferro, se os logo quizessem commetter, por serem homens mui belicosos; porém depois que estas febres lhes debilitassem as forças, per este modo, sem verterem sangue proprio, na casa os podiam tomar ás mãos. Que ao presente elle havia por melhor conselho receber-nos com rosto alegre, e conceder quanto requeressemos por não tomarem suspecta delle, té vir aquella conjunção, que elle esperava, como succedeo, segundo adiante veremos. Porém porque nós ficámos naquella terra mais tempo do que profetava o espirito daquelle Mouro, posto que a terra doentia fosse, como elle dizia, e com a entrada de Pero da Nhaya tomámos posse della, e do tracto do ouro, que se tira das minas, de que he senhor aquelle poderoso Gentio Benamotápa, entraremos neste decimo Livro seguinte fazendo relação dellas, e delle, e depois daremos conta do que Pero da Nhaya mais fez, depois que acabou a fortaleza.

DECADA PRIMEIRA.
LIVRO X.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o fundamento da fortaleza de Çofala, e parte das cousas, que fez o Viso-Rey D. Francisco o anno de quinhentos e seis.

CAPITULO I.

Em que se descreve a região do Reyno de Çofala, e das minas d'ouro, e cousas que nella ha: e assi os costumes da gente, e do seu Principe Benomotápa.

TODA a terra, que contámos por Reyno de Çofala, he huma grande região, que senhorea hum Principe Gentio chamado Benomotápa, a qual abraçam em modo de Ilha dous braços de hum rio, que procede do mais notavel lago, que toda a terra de Africa tem, mui desejado de saber dos antigos Escritores por ser a cabeça escondida do illustre Nilo, donde tambem procede o nosso Zaire, que corre per

o Rey-

o Reyno de Congo. Per a qual parte podemos dizer ser este grão lago mais vizinho ao nosso mar Oceano Occidental, que ao Oriental, segundo a situação de Ptholomeu: cá do mesmo Reyno de Congo se mettem nelles estes seis rios, Bancáre, Vanba, Cuylu, Bibi, Maria maria, Zanculo, que são mui poderosos em agua, a fóra outros sem nome, que o fazem quasi hum mar navegavel de muitas vélas, em que ha Ilha, que lança de si mais de trinta mil homens, que vem pelejar com os da terra firme. E destes tres notaveis rios, que ao presente sabemos procederem deste lago, os quaes vem sahir ao mar tão remotos hum do outro; o que corre per mais terra he o Nilo, a que os Abexijs da terra do Preste João chamam Tacuij, no qual se mettem outros dous notaveis, a que Ptholomeu chama Astabora, e Astapus, e os naturaes Tacazij, e Abanhi. E posto que este Abanhi, (que ácerca delles quer dizer pai das aguas polas muitas que leva,) proceda de outro grande lago chamado Barcená, e per Ptholomeu Coloa, e tambem tenha Ilhas dentro, em que ha alguns Mosteiros de Religiosos, (como se verá em a nossa Geografia,) não vem a conto deste nosso grande lago: cá, segundo a informação que temos per via de Congo, e de Çofala, será de comprido mais de cem le-

leguas. O rio que vem contra Çofala, depois que ſahe deſte lago, e corre per muita diſtancia, ſe reparte em dous braços: hum vai ſahir áquem do Cabo das Correntes, e he aquelle a que os noſſos antigamente chamavam rio da Lagoa, e ora do Eſpirito Sancto, novamente poſto per Lourenço Marques, que o foi deſcubrir o anno de quarenta e ſinco; e o outro braço ſahe abaixo de Çofala vinte e ſinco leguas chamado Cuama, poſto que dentro pelo ſertão outros póvos lhe chamam Zembere. O qual braço he muito mais poderoſo em aguas, que o outro do Eſpirito Sancto, por ſer navegavel mais de duzentas e ſincoenta leguas, e nelle ſe metterem eſtes ſeis notaveis rios, Panhames, Luam guoa, Arruya, Manjovo, Inadire, Ruenia, que todos regam a terra de Benomotápa, e a maior parte delles levam muito ouro, que naſce nella. Aſſi que com eſtes dous braços, e o mar per outra parte, fica eſte grão Reyno de Çofala em huma Ilha, que terá de circuito mais de ſetecentas e ſincoenta leguas. Toda ella no ſitio, mantimentos, animaes, e moradores, he quaſi como a terra chamada Zanguebar, de que atrás eſcrevemos, por ſer huma parte della; porém como ſe vai affaſtando da linha Equinocial, tirando o maritimo della, deſte rio Cuame té o Cabo das Correntes

per

per dentro do ſertão he terra excellente, tem perada ſahida, freſca, fertil de todalas couſas, que ſe nella produzem. Sómente aquella parte do Cabo das Correntes té a boca do rio Eſpirito Sancto, apartando-ſe hum pouco da fralda do mar, tudo são campinas de grandes creações de todo genero de gado, e tão pobre de arvoredo que com a boſta delle ſe aquenta a gente, e ſe veſte das pelles por ſer mui fria com os ventos, que curſam daquelle mar gelador do Sul. A outra terra, que vai ao longo do rio de Cuama, e do interior daquella Ilha, pela maior parte he montuoſa, cuberta de arvoredo, regada de rios, gracioſa em ſua ſituação, e por iſſo mais povoada, e o mais do tempo eſtá nella Benomotápa, e por razão de ſer tão povoada, fogem della os Elefantes, e vam andar na outra de campina, que diſſemos, quaſi em manadas, como fatos de vacas. E não póde ſer menos, porque geralmente ſe diz entre aquelles Cafres, que cada anno morrem quatro, ou ſinco mil cabeças, e iſto authoriza a grande quantidade de marfim, que ſe dalli leva pera a India. As minas deſta terra, onde ſe tira o ouro, as mais chegadas a Çofala são aquellas, a que elles chamam Manica, as quaes eſtam em campo cercadas de montanhas, que terão em circuito trinta leguas, e ge-
ral-

ralmente conhecem o lugar onde ſe cria o ouro, por verem a terra ſecca, e pobre de herva, e chama-ſe toda eſta Comarca Matuca, e os póvos que as cavam Botongas. Os quaes, ainda que eſtam entre a linha, e o tropico de Capricornio, he tanta a neve naquellas ſerras, que no tempo do inverno, ſe alguns ficam no alto morrem regelados, no cume das quaes em tempo do verão he o ar tão puro, e ſereno, que alguns dos noſſos, que neſte tempo ſe acháram alli, víram a Lua nova no dia que ſe deſpedia da conjunção. Neſtas minas de Manica, que ſeráõ de Çofala contra o Ponente té ſincoenta leguas, por ſer terra ſecca, tem os Cafres algum trabalho: cá todo o ouro que ſe alli acha he em pó, e convem que levem a terra que cavam a lugar onde achem agua, pera o que fazem alguns caboucos, em que no inverno ſe recolhe alguma, e geralmente nenhum cava mais que ſeis, ſete palmos dalto, e ſe chegam a vinte, acham por laſtro de toda aquella terra lagea. As outras minas, que são mais longe de Çofala, diſtaráõ de cento té duzentas leguas, e são neſtas Comarcas, Boro, Quiticuy, e nellas, e nos rios, que aſſima nomeámos, que regam eſta terra, ſe acha ouro mais groſſo, e delle em as veas de pedra, e outro já depurado dos enxurros do inverno; e por iſ-

isso em alguns remansos dos rios, como he no verão, costumam mergulhar, e na lama que trazem acham muito ouro. Em outras partes, onde ha algumas alagoas, adjuntam-se duzentos homens, e põem-se a esgotar a metade dellas, e na lama que apanham tambem acham ouro, e segundo a terra he rica delle, se a gente fosse cubiçosa, haver-se-hia grande quantidade, mas he a gente preguiçosa nesta parte de o buscar, ou por melhor dizer tão pouco cubiçosa, que muita fome ha de ter hum daquelles Negros, quando o for cavar. Pera o haver dos quaes, os Mouros que andam entre elles neste tracto, ainda tem artificio de os fazer cubiçosos, porque cobrem a elles, e a suas mulheres de pannos, contas, e brincos, com que elles folgão, e depois que os tem contentes fiam-lhes tudo, dizendo, que vam cavar o ouro, e quando vier pera tal tempo que lhes pagará aquellas peças, de maneira, que per este modo de lhes dar fiado os obrigam cavar, e são tão verdadeiros, que cumprem com sua palavra. Tem outras minas em huma Comarca chamada Toróa, que per outro nome se chama o Reyno de Butua, de que he Senhor hum Principe per nome Burrom vassallo de Benomotápa, a qual terra he vizinha a outra, que dissemos ser de grandes campinas, e estas minas são as

mais

mais antigas que ſe ſabem naquella terra, todas em campo. No meio do qual eſtá huma fortaleza quadrada, toda de canteria de dentro, e de fóra, mui bem lavrada de pedras de maravilhoſa grandeza, ſem apparecer cal nas juntas della, cuja parede he de mais de vinte e ſinco palmos de largo, e a altura não he tão grande em reſpecto da largura. E ſobre a porta do qual edificio eſtá hum letreiro, que alguns Mouros mercadores, que alli foram ter, homens doctos, não ſouberam ler, nem dizer que letra era; e quaſi em torno deſte edificio em alguns outeiros eſtam outros á maneira delle no lavramento de pedraria, e ſem cal, em que ha huma torre de mais de doze braças. A todos eſtes edificios os da terra lhe chamam Symbaoe, que ácerca delles quer dizer Corte; porque a todo lugar onde eſtá Benomotápa chamam aſſi; e ſegundo elles dizem, deſte, por ſer couſa Real, tiveram todalas outras moradas d'ElRey tal nome. Tem hum homem nobre, que eſtá em guarda delle ao modo de Alcaide mór, e a eſte tal Officio chamam Symbacáyo, como ſe diſſeſſemos guarda de Symbaoe, e ſempre nelle eſtam algumas das mulheres de Benomotápa, de que eſte Symbacáyo tem cuidado. Quanto, ou per quem eſtes edificios foram feitos, como a gente da terra

não

não tem letras, não ha entre elles memoria disso, sómente dizerem que he obra do Diabo, porque comparada ao poder, e saber delles, não lhes parece que a podiam fazer homens; e alguns Mouros que a víram, mostrando-lhe Vicente Pegado, Capitão que foi de Çofala, a obra daquella nossa fortaleza, assi o lavramento das janellas, e arcos pera comparação da canteria lavrada daquella obra, diziam não ser cousa pera comparar, segundo era limpa, e perfecta. A qual distará de Çofala pera o Ponente per linha direita pouco mais ou menos cento e setenta leguas, em altura entre vinte, e vinte e hum gráos da parte do Sul, sem per aquellas partes haver edificio antigo, nem moderno, porque a gente he mui barbara, e todas suas casas são de madeira; e per juizo dos Mouros, que a víram parecer ser cousa mui antiga, e que foi alli feita pera ter posse daquellas minas, que são mui antigas, em as quaes se não tira ouro ha annos por causa de guerras. E olhando a situação, e a maneira do edificio mettido tanto no coração da terra, e que os Mouros confessam não ser obra delles por sua antiguidade, e mais por não conhecerem os caracteres do letreiro, que está na porta, bem podemos conjecturar ser aquella a região, a que Ptholomeu chama Agysymba,

on-

onde faz ſua computação Meridional; porque o nome della, e aſſi do Capitão que a guarda, em alguma maneira ſe conformam, e algum delles ſe corrompeo do outro. E pondo niſſo noſſo juizo, parece que eſta obra mandou fazer algum Principe, que naquelle tempo foi Senhor deſtas minas, como poſſe dellas, a qual perdeo com o tempo, e tambem por ſerem mui remotas de ſeu eſtado: cá por a ſemelhança dos edificios parecem muitos a outros, que eſtam na terra do Preſte João em hum lugar chamado Acaxumo, que foi huma Cidade Camara da Rainha Sabá, a que Ptholomeu chama Axumá, e que o Principe Senhor deſte eſtado o foi deſtas minas, e por razão dellas mandou fazer eſtes edificios ao modo que nós ora temos a fortaleza da Mina, e eſta meſma de Çofala. E como naquelle tempo de Ptholomeu per via dos moradores deſta terra Abaſſia do Preſte, a que elle chama Ethiopia ſobre Egypto, eſta terra de que fallamos em alguma maneira era nota por razão deſte ouro, e o lugar teria nome, fez elle Ptholomeu aqui termo, e ſua conta da diſtancia Auſtral. Toda a gente deſta região em geral he negra, de cabello retorcido, e porém de mais entendimento que a outra, que corre contra Moçambiqui, Quiloa, Melinde, entre a qual ha muita, que

co-

come carne humana, e que ſangra o gado vacum por lhe beber o ſangue, com que ſe mantem. Eſta do eſtado de Benomotápa he mui diſpoſta pera converter á noſſa Fé, porque crem em hum ſó Deos, a que elles chamam Mozimo, e não tem idolo, nem couſa que adorem; e ſendo geralmente todos os Negros das outras partes mui dados á idolatría, e a feitiços, nenhuma couſa he mais punida entre eſtes, que hum feiticeiro; não por cauſa de religião, mas polo haverem por mui prejudicial pera a vida, e bem dos homens, e nenhum eſcapa de morte. Tem outros dous crimes iguaes a eſte, adulterio, e furto, e baſta pera hum homem ſer julgado por adultero, ſe o víram eſtar aſſentado na eſteira, em que ſe aſſenta a mulher d'alguem, e ambos padecem por juſtiça, e cada hum póde ter as mulheres que ſe atrever a manter; porém a primeira he a principal, e a ella ſervem todalas outras, e os filhos della são os herdeiros á maneira de morgados. Não póde algum caſar com mulher ſenão depois que a ella lhe vem ſeu mez, porque então eſtá aucta para poder conceber, e neſte dia coſtumam fazer grandes feſtas. Em duas couſas tem modo de religião, em guardar dias, e ácerca de ſeus defuntos, porque dos dias guardam o primeiro da Lua, o ſexto, ſetimo, onzeno,

de-

decimo ſexto, decimo ſetimo, vigeſimo primeiro, vigeſimo ſexto, vigeſimo ſetimo, e o vigeſimo octavo, porque neſte naſceo o ſeu Rey, e daqui tornam fazer outra conta, e a religião eſtá no primeiro, ſexto, e ſetimo, e todolos outros he repetição delles ſobre as dezenas. Quanto aos defuntos, depois que algum corpo he comido, tomam a ſua oſſada do aſcendente, ou deſcendente, ou da mulher de que houveram muitos filhos, e guardam eſtes oſſos com ſinaes pera conhecerem de que peſſoa he, e de ſete em ſete dias no lugar, onde os tem á maneira de quintal, eſtendem pannos, em que põe mezas com pão, e carne cozida, como que offerecem aquelle comer aos ſeus defunctos, aos quaes fazem prezes. E a principal couſa que lhe pedem, he favor pera as couſas do ſeu Rey; e paſſadas eſtas orações, que são feitas, eſtando todos com veſtiduras brancas, o Senhor da caſa com ſua familia ſe põe a comer aquella offerta. O geral veſtido de todos são pannos d'algodão, que fazem na terra, e outros que lhes vem da India, em que ha muitos de ſeda com vivos de ouro, que valem té vinte cruzados cada hum, e porém os taes veſte a gente nobre, e as mulheres. E Benomotápa Rey da terra, poſto que ſeja Senhor de tudo, e ſuas mulheres andem veſtidas

del-

delles, em ſua peſſoa não ha de pôr panno eſtrangeiro, ſenão feito na terra, temendo-ſe por vir da mão de eſtrangeiros, que póde ſer inficionado d'alguma má couſa, que lhes faça damno. Eſte Principe, a que chamamos Benomotápa, ou Monomotápa, he como entre nós Emperador, porque iſto ſignifica o ſeu nome ácerca delles, o eſtado do qual não conſiſte em muitos apparatos, paramentos, ou movel do ſerviço de ſua peſſoa: cá o maior ornamento que tem na caſa, são huns pannos d'algodão, que ſe fazem na terra de muitos lavores, cada hum dos quaes ſerá do tamanho de hum dos noſſos repoſteiros, e valeráõ de vinte té ſincoenta cruzados. Serve-ſe em giolhos, e com ſalva, tomada não ante do que lhe dam, ſenão do reſte que lhe fica; e ao tempo que bebe, e toſſe, todolos que eſtam diante hão de dar hum brado com palavra de bem, e louvor d'ElRey; e onde quer que he ouvida, corre de huns em outros, de maneira, que todo o lugar ſabe quando ElRey bebe, e toſſe. E por acatamento ſeu, diante delle ninguem eſcarra, e todos hão de eſtar aſſentados; e ſe alguma peſſoa lhe falla em pé, são Portuguezes, e os Mouros, e alguns ſeus, a que elle dá iſto por honra, e he a primeira: A ſegunda, que em ſua caſa ſe poſſa aſſentar a tal peſſoa ſobre
hum

hum panno: E a terceira, que tenha portas nos portaes de ſua caſa, que he já dignidade de grandes Senhores, porque toda a outra gente não tem portas; e diz elle, que as portas não ſe fizeram ſenão por temor dos malfeitores, e pois elle he juſtiça, que os pequenos não tem que temer; e ſe as dá aos grandes, he por reverencia de ſuas peſſoas. As caſas geralmente são de madeira da feição de curucheos, muitos páos arrimados a hum eſteo, como pião de tenda, e per ſima cubertos de ſebe, barro, e colmo, ou couſa que eſpeça agua per ſima, e ha hi caſa deſtas feita de páos tão groſſos, e compridos, como hum grande maſto, e quanto maiores, maior honra. Tem eſte Benomotápa por eſtado muſica a ſeu modo, onde quer que eſtá, té no campo debaixo de huma arvore, e chocarreiros mais de quinhentos, com Capitão delles, e eſtes a quartos vigiam por fóra a caſa onde elle dorme, fallando, e cantando graças, e no tempo da guerra tambem pelejam, e fazem qualquer outro ſerviço. As inſignias de ſeu eſtado Real he huma enxada mui pequena com hum cabo de marfim, que trás ſempre na cinta, per a qual denota paz, e que todos cavem, e aproveitem a terra; e outra inſignia he huma, ou duas azagaias, perque denota juſtiça, e defensão de ſeu povo.

De-

Debaixo de ſeu ſenhorio tem grandes Principes, alguns dos quaes, que comarcam com Reynos alheios, ás vezes ſe levantam contra elle, e por iſſo coſtuma elle trazer comſigo os herdeiros dos taes. A terra he livre, ſem lhe pagar mais tributo que levar-lhe preſentes quando lhe vam fallar, porque ninguem ha de ir diante doutro maior, que não leve alguma couſa na mão pera lhe offerecer por ſinal de obediencia, e cortezia. Tem huma maneira de ſerviço em lugar de tributo, que todolos contínos de ſua Corte, e os Capitães da gente da guerra, cada hum com todolos ſeus, em trinta dias lhe ha de dar ſete de ſerviço em ſuas ſementeiras, ou em qualquer outra couſa; e os Senhores a que dá alguma terra que comam com vaſſallos, tem delles o meſmo ſerviço. Algumas vezes quando quer algum ſerviço, manda ás minas, onde ſe cava o ouro, repartir huma, ou duas vacas, ſegundo o numero da gente, em ſinal de amor, e por retribuição daquella viſitação, cada hum delles dá hum pequeno d'ouro de até quinhentos reaes. Tambem nas feiras das mercadorias, os mercadores lhe ordenam hum tanto de ſerviço; mas não que contra algum ſe execute pena ſenão paga, ſómente não poder ir diante delle Benomotápa, que entre elles he grande mal. Todolos caſos da juſtiça, poſto que

haja Officiaes della, elle per ſua propria peſſoa ha de confirmar a ſentença, ou abſolver a parte, ſe lhe parece o contrario, e não tem cadeia, porque os caſos logo são determinados naquelle dia pelo allegar das partes, e com teſtemunha que cada hum apreſenta. Quando não ha teſtemunhas, ſe o réo quer que fique em ſeu juramento, he per eſte modo: pizam a caſca de hum certo páo, a qual moida lançam o pó della na agua que bebe, e ſenão arreveſa, he ſalvo o réo, e arreveſando, he condemnado; e ſe o auctor, quando o réo não arreveſa, quer tomar a meſma beberagem, e tambem não arreveſa, ficão cuſtas por cuſtas, e não ſe procede mais na demanda. Se alguma peſſoa lhe pede mercê, deſpacha per terceira peſſoa, e eſte tal Official ſerve como de apreçador do que ha de dar por a tal couſa; e ás vezes ſe pede tanto por ella, que não lhe acceptam a mercê, e não baſta o que dá ao Principe, mas ainda o terceiro leva ſua parte. Entre elles não ha cavallos, e por iſſo a guerra, que Benomotápa faz he a pé com eſtas armas, arcos de fréchas, azagayas de arremeço, adagas, machadinhas de ferro, que cortam mui bem, e a gente que trás mais junto de ſi, são mais de duzentos cães: cá diz elle que eſtes são mui leáes ſervidores, aſſi na caça, como na guer-

ra.

ra. Todo o esbulho que se toma nella se reparte pela gente, pelos Capitães, e per ElRey, e cada hum leva de sua casa o que ha de comer, ainda que o Principe sempre lhe manda dar o gado, que trás no seu arraial. Quando caminha, onde houver de pousar lhe hão de fazer de madeira huma casa nova, e nella ha de haver fogo sem ser apagado: cá dizem que na cinza lhe podem fazer alguns feitiços em damno de sua pessoa; e em quanto anda na guerra não lavam mãos, nem rosto por maneira de dó, té não haverem victoria de seus imigos, nem menos levam lá as mulheres; sendo ellas tão queridas, e veneradas delles, que qualquer mulher que for per hum caminho, se com ella topar o filho do Rey, ha-lhe de dar lugar por onde passe, e elle estar quedo. Benomotápa das portas a dentro tem mais de mil mulheres filhas de Senhores; porém a primeira he senhora de todas, posto que seja a mais baixa em linhagem, e o filho primeiro desta he herdeiro do Reyno; e quando vem no tempo das sementeiras, e recolher as novidades, a Raynha vai ao campo com ellas aproveitar sua fazenda, e tem isto por grande honra. Muitos outros costumes estranhos a nós tem esta gente, os quaes em alguma maneira parecem que seguem razão de boa policia, segundo a bar-

baria delles, os quaes leixamos, porque já neſtes eſtendemos a penna fóra dos limites da hiſtoria, por tanto entraremos na relação do modo, que os Mouros tiveram de vir povoar naquella parte, e o mais que Pero da Nhaya fez, e paſſou.

CAPITULO II.

Como os Mouros de Quiloa foram povoar em Çofala: e o que Pero da Nhaya paſſou no fazer da fortaleza té eſpedir os Capitães, que haviam de paſſar á India: e do que aconteceo a elles, e a ſeu filho Franciſco da Nhaya.

ESta povoação, que os Mouros tinham feita naquelle lugar chamado Çofala, não foi por força d'armas, nem contra vontade dos naturaes da terra, mas per vontade delles, e do Principe, que naquelle tempo reinava, porque com eſta communicação todos recebêram beneficio, havendo pannos, e couſas, que não tinham, e dando o ouro, e marfim que lhe não ſervia, pois té então per aquella parte da coſta de Çofala não lhe davam ſahida. E poſto que eſta barbara gente não ſaiba ſahir da aldeia donde naſceo, e não ſeja dada a navegar, nem a correr a terra per via de commercio, tem

o ou-

o ouro tal qualidade, que como he posto sobre a terra, elle se vai denunciando de huns em outros té que o vem buscar ao lugar de seu nascimento. E per qualquer maneira que fosse, segundo apprehendemos em huma Chronica dos Reys de Quiloa, de que atrás fizemos menção, os primeiros daquella costa, que vieram ter a esta terra de Çofala a cheiro deste ouro, foram os moradores da Cidade Magadaxo; e como veio a poder dos Reys de Quiloa, foi per este caso. Estando em huma almadia pescando hum homem fóra da barra de Quiloa junto de huma Ilha chamada Miza, aferrou hum peixe no anzol da linha, que tinha lançada ao mar; e sentindo elle no barafustar do peixe ser grande, polo não perder, desamarrou-se donde estava, e foi-se á vontade do peixe, o qual ora que elle levasse o batel, ora as correntes, que alli são grandes, quando o pescador quiz tornar ao porto era já tão apartado delle, que não soube atinar. Finalmente com fome, e sede elle foi ter mais morto que vivo ao porto de Çofala, onde achou huma náo de Magadaxo, que alli vinha resgatar, na qual tornado pera Quiloa, contou o que passára, e víra do resgate do ouro. E porque no contracto do commercio, que havia entre estes Gentios, e os Mouros de Magadaxo, era, que

lhe

lhe haviam de trazer cada anno certos Mouros mancebos pera haverem casta delles; tanto que ElRey de Quiloa pelo pescador soube parte deste tracto, e das condições delle, mandou logo lá huma náo, a qual assentou com os Cafres commercio; e quanto aos mancebos Mouros, que pediam, que por cada cabeça lhe queriam dar tantos pannos; e que se o fazia por causa de haver geração delles, que alli veriam alguns moradores de Quiloa assentar vivenda com Feitoria de mercadorias, os quaes folgariam de tomar suas filhas por mulheres, com que se multiplicaria a sua gente, com a qual entrada os Mouros de Quiloa tomáram posse daquelle resgate. Depois correndo o tempo per via de commercio, que os Mouros tinham com aquelles Cafres, os Reys de Quiloa se fizeram absolutos senhores daquelle tracto do ouro, principalmente aquelle, que chamáram Daut, de que atrás fizemos menção, que per algum tempo alli residio, e depois foi reinar em Quiloa; e dalli por diante sempre estes Reys de Quiloa mandavam Governadores a Çofala, porque tudo se fizesse por mão de seus Feitores. Hum dos quaes Governadores foi Yçuf filho de Mahamed, e era este cego que Pero da Nhaya alli achou, que se tinha intitulado por Rey de Çofala, sem querer obedecer

aos

aos Reys de Quiloa polas revoltas, e differenças que havia naquelle Reyno, segundo atrás efcrevemos. O qual Yçuf vendo que o Vifo-Rey D. Francifco tomára a Cidade Quiloa, temia que por Çofala fer fubjecta a ella, defta aução quizeffe bolir com elle; e efte temor foi a parte principal de elle receber com gazalhado a Pero da Nhaya, querendo-fe per efta via fegurar de nós. E tambem querer-fe aproveitar do noffo favor contra feu genro Mengo Mufaf, que era homem poderofo, e de opinião, e fentia nelle que por fua morte havia de querer tomar aquella herança a feus filhos. Pero da Nhaya, fem faber o que entre elles paffava, como teve elegido o lugar pera a fortaleza, andou bufcando alguma pedra; mas como aquelle fitio era chão apaulado fem haver alguma, ordenou de a fazer de madeira por entre tanto, e depois pelo tempo, fabida a terra, fe faria como levava ordenado per ElRey D. Manuel. E porque a madeira principal, que alli havia pera efte mifter, eram mangues, que fe criam ao longo daquelles alagadiços, páos mui fortes, e pezados, os quaes lhe cuftavam muito a tirar do lugar onde os cortavam, por poupar a gente, e lhe não adoecer naquelle trabalho, a qual elle havia mifter bem difpofta pera as armas, fe as houveffem de

veſtir, provocou a gente da terra a eſte ſerviço, pagando-lhe ſeu jornal nas couſas que levava deſte Reyno. Os Mouros, principalmente o genro d'ElRey, a quem éſta obra não era mui apraſivel, vendo que os Cafres com cubiça do premio acudiam bem ao trabalho que alumiava na obra, per artificios, e modos que tiveram com elles, os auſentáram todos do ſerviço della, com que notoriamente entendeo Pero da Nhaya donde iſto procedia. Pera remediar o qual deſaviamento, metteo-ſe em dous bateis com alguma gente armada, e foi-ſe á povoação ver com ElRey; o qual poſto que ficou aſſombrado, quando lhe diſſeram que o Capitão vinha a lhe fallar naquelle modo com gente armada, não ſe moveo de ſua caſa, antes como homem ſeguro o eſperou. E ſabendo que a cauſa de ſua ida era o máo aviamento, que achava na gente da terra, mandou logo niſſo prover com diligencia per homens ſem ſuſpeita, com que Pero da Nhaya fez a fortaleza de madeira quão forte podia ſer. Em torno da qual tinha huma cava, e com a terra que tiráram della, entulhou os páos da madeira entre hum, e o outro á maneira de taipaes, em altura que foſſe amparo aos que andaſſem per dentro; e per ſima tinha ſuas guaritas, tudo mui bem acabado, pera ſe defender de gen-

te

te mais induſtrioſa, do que eram os Cafres daquella terra, o grão número dos quaes os noſſos temiam mais que os Mouros. Poſta eſta obra em termo que ſe podia eſcuſar a gente das tres náos que haviam de ir pera a India pera a carga da pimenta, eſpedio-as Pero da Nhaya; na ſua ficou por Capitão o Piloto della, que era Gonçalo Alvares, e da ſegunda João Vaz d'Almada, e da terceira era Pero Barreto, que ficou por Capitão de todas; o batel da qual ao embarcar com a mareſia ſe perdeo com o cofre do dinheiro, em que hia o cabedal pera a carga da pimenta, e a maior parte da gente, em que entrou o Contrameſtre da náo, e Franciſco da Gama moço da Camara d'ElRey Eſcrivão della. Partido Pero Barreto com eſtas tres náos, dahi a poucos dias vendo Pero da Nhaya que ficava já pacífico, e ſeguro na terra, leixando hum bargantim, que ſe alli armou pera ſerviço da fortaleza, mandou ſeu filho Franciſco da Nhaya com dous navios pera andar d'Armada ao longo daquella coſta té o Cabo de Guardafu, como levava por Regimento. E tambem pera favorecer todos aquelles lugares, que eſtavam por noſſos, que eram, Moçambique, Quiloa, e Melinde, onde o Viſo-Rey leixou ordenadas Feitorias pera as roupas, e fazenda, que

ſe

ſe alli haviam de haver pera o tracto do ouro de Çofala; no maneio da qual fazenda eſtes navios, que levava Franciſco da Nhaya, haviam de ſervir. O qual foi tão ditoſo neſta viagem, que partindo de Çofala em Fevereiro, quando veio a vinte e ſinco de Março, entrou em Quiloa em hum zambuco em que ſe ſalvou, tendo perdido os dous navios, hum em Moçambique, querendo-o tirar a monte por lhe alquebrar a mingua de não ter apparelhos pera iſſo, e o outro em as Ilhas de S. Lazaro, na qual viagem elle tinha tomado dous zambucos, eſte em que foi, e outro que tinha esbulhado, polos achar com fazenda da que ſe reſgatava em Çofala. Ao qual Franciſco da Nhaya de boa hoſpedage Pero Ferreira prendeo, dando-lhe a culpa da perdição dos navios, e mais por a preza dos outros, e lhe achar algum ouro do que ſe reſgatava em Çofala, que por bem do Regimento d'El-Rey perdia. Pero Barreto partido de Çofala, diante delle, quando chegou a Quiloa hum Domingo de Ramos com as ſuas tres náos, que o achou neſte eſtado de prizão, parece que ou por temer que hum homem, que tão preſtes perdia dous navios cada hum por ſeu modo, tinha ventura pera ſe perder em todolos que ſe metteſſe, ou per outro qualquer reſpeito; quando veio em Maio,

que

que elle Pero Barreto partio com ſuas náos pera a India, não quiz levar Franciſco da Nhaya, entregando-lhe Pero Ferreira com ſuas culpas pera o Viſo-Rey o julgar, nem menos quiz recolher os homens, que com elle ſe perdêram. E Deos, em cujo poder eſtam os juizos deſtas couſas, no tempo em que iſto negou, tambem elle Pero Barreto ſe perdeo na barra, e ficou com o batel da ſua náo, em que ſe ſalvou com ſua gente. E porque as outras duas de ſua conſerva hiam já diante caminho de Melinde, tornou elle a grão preſſa a Quiloa ao concertar, e ao outro dia ſeguio as náos neſte batel, que alevantou com alguma gente da principal que levava, e per eſta maneira ficou em jogo com Franciſco da Nhaya. Porque elle Pero Barreto á ſahida de Çofala perdeo o batel, e o cofre do cabedal com alguma gente, e á ſahida de Quiloa a náo, e partio dalli no batel armado como caravelão, ſeguindo as náos té Melinde, onde eſperava de as tomar, como tomou; e Franciſco da Nhaya entrou em Quiloa em hum zambuco com perda de dous navios, com que ambos ficáram iguaes na ventura, mas não em modo de caridade. E por derradeiro todos foram ter á India, cada hum com ſua parte de culpas, por iſſo ninguem condemne as primeiras de ſeu vizinho, em

quan-

quanto tiver vida, porque ainda tem tempo pera ver as ſegundas em ſua caſa.

CAPITULO III.

Como Pero da Nhaya foi cercado per os Cafres da terra, donde ſe cauſou ir elle matar ElRey: e do que mais paſſou té ſer alevantado hum ſeu filho, que poz a terra em paz.

PEro da Nhaya acabando de aſſentar as couſas da fortaleza, ſem ter ſabido eſta perdição de ſeu filho, começou de entender em as do reſgate do ouro, o qual corria mui pouco com as mercadorias que ſe leváram deſte Reyno, que eram conformes ás que reſgatavam no caſtello de S. Jorge da Mina, e não as que queriam os Negros de Çofala, que todas haviam de ſer das que os Mouros haviam da India, principalmente de Cambaya. E não ſómente as mercadorias, mas té as defezas de algumas couſas, tudo era ordenado ao modo da fortaleza da Mina, que deo logo no principio muito trabalho ao Capitão Pero da Nhaya, e as defezas, (como adiante veremos,) foram cauſa de muito mal. Porém com a vinda das mercadorias, que lhe levou Gonçalo Vaz de Goes, as quaes o Viſo-Rey Dom Franciſco d'Almeida ordenou que lhe foſ-

ſem

ſem das que tomou em a Cidade Quiloa, e Mombaça, (como atrás diſſemos,) por ſerem as proprias que os Cafres queriam, começáram elles a correr a fio com ouro, porque recebiam muito mais proveito da fortaleza, que da mão dos Mouros, e aſſi bom tractamento de ſuas peſſoas, que foi cauſa de os Mouros deſcubrirem o odio que tinham guardado, té verem eſte termo do reſgate, em que elles eſperavam de ſe determinar. A qual paixão não ſómente moveo os principaes, per cuja mão ante da noſſa vinda corria eſte tracto, mas ainda ao genro d'ElRey, que era o maior contrario que alli tinhamos, aqueixando-ſe a ElRey mui gravemente de dar azo a que as couſas vieſſem áquelle termo. ElRey vendo-ſe afadigado delle, peró que lhe tornou repetir as cauſas que o movêram a dar licença a Pero da Nhaya pera que fizeſſe aquella fortaleza, diſſe-lhe, que pois os Portuguezes já eſtavam bem tomados das febres, e doença da terra, ſegundo lhe diziam, elle tinha cuidado hum modo pera todolos que eſtavam nella ſerem mortos ſem nenhum perigo dos ſeus naturaes, o qual modo lhe denunciou, com que elle Muſaf, e os outros de ſua opinião ficáram ſatisfeitos, e foi eſte, que logo poz em execução. Havia dentro pola terra hum Principe Ca-
fre

ſre per nome Moconde, homem mui poderoſo, que ſenhoreava huma Comarca daquella terra de Çofala da mão de Monomotápa, ao qual Moconde ElRey de Çofala notificou, como alli eram vindos homens eſtrangeiros de máo tracto, e viver, que como vádios andavam pelo mar roubando ſem perdoar a alguem, dos quaes roubos tinham alli hum grão theſouro de muitos pannos de ſeda, e ouro, e outras couſas da India, as quaes pertenciam mais a Monomotápa, por ſer Senhor da terra, que a elles. E por elle os ter apertados com os mantimentos, que não conſentia que lhe deſſem, eſtavam poſtos em tanta fome, que entre ella, e febres não tinha força pera ſe defender, e pera os tomar não haveria mais detença que chegar, e levar-lhes as vidas fazenda na mão, o que elle per ſi não queria fazer, ſem primeiro ſaber delle ſe queria ſer neſte caſo, porque determinava de a hum certo dia mandar entrar com elles. Moconde, como vio eſtas offertas, por ſer homem barbaro, cubiçoſo, e ſem cautela alguma, paſſou o rio; e porém com fundamento, que quando lhe não ſuccedeſſe bem o caſo pera que era chamado, dar na povoação dos Mouros, de que levaria alguma preza, com que ſua vinda não foſſe de balde. O qual modo, (ainda que ſe poz em effeito,) alguns

Mouros, que conheciam a natureza dos Cafres, temêram, porque lhes parecia que Moconde havia de commetter alguma cousa em damno d'ElRey, ou ao menos que não viesse a effeito; porque os Cafres tem tão pouco segredo, que por hum panno descubririam tudo a alguns Mouros, que lá andavam por serem omeziados, os quaes por fazerem seus partidos veriam dar aviso a Pero da Nhaya, como em effeito assi aconteceo. O qual aviso elle teve per alguns Mouros, que já viviam derrador da fortaleza, polo beneficio que della recebiam, pedindo-lhe todos, que por quanto temiam a furia dos Cafres, houvesse por bem ao tempo de sua vinda de os recolher dentro comsigo com mulheres, e filhos; entre os quaes requerentes era hum Mouro principal chamado Yacóte de natureza Abexij da terra do Preste João, o qual sendo cativo de idade de dez annos, o fizeram Mouro, o que lhe elle concedeo. Vindo o dia, em que se esperava pela vinda dos Cafres, chegáram com tanto alvoroço do roubo que vinham fazer, que sem temor, ou ordem alguma sinco, ou seis mil delles cercáram aquella fortaleza que os nossos tinham feita, e não faziam mais naquella primeira chegada que quanto lhe os Mouros que os traziam ensinavam, que era encher a cava com ma-

to,

to, o que fizeram em breve tempo pola multidão delles. A qual tanto que foi cheia, chegáram-se aos páos das tranqueiras, delles querendo-os arrincar, outros subir per elles assima, e de quando em quando lançavam huma nuvem de setas perdidas, que faziam sombra na terra, e encraváram alguns dos nossos, principalmente dos Mouros que recolhêram comsigo, que por não andarem armados padeciam mais damno. Peró este seu atrevimento não durou muito, porque como sentíram a obra da nossa artilheria, que juncava a terra com os corpos delles, sem verem que os derribava, ao modo de gado espantado começáram a fugir huns per sima dos outros; mas isto não foi assi tão leve aos nossos, que lhes não custasse muito trabalho. Porque em toda a fortaleza não havia mais que trinta e sinco homens, que pudessem tomar armas, e os outros em tal estado, que se ajuntavam sinco, e seis pera armar huma bésta; e os melhores homens d'armas, que Pero da Nhaya naquelle tempo tinha, e que vigiavam de noite, e de dia a fortaleza, eram dous libreos, que os Cafres mais temiam que a furia da lança, ou espada dos nossos, porque os braços ainda que davam com vontade, não tinham força pera fazer damno. E parece que ainda Deos quiz nestes dous

ani-

animaes moſtrar parte do favor que nos deo contra aquelles barbaros, porque aos de fóra tinham eſte odio; e aos Mouros, que Pero da Nhaya recolheo dentro, eram manſos como a cada hum dos Portuguezes. Pero da Nhaya vendo-ſe neſte primeiro impeto mui afadigado dos Cafres, por lhe não ficar couſa por fazer de Capitão, e Cavalleiro que elle era, com obra de vinte Mouros dos da companhia de Yacóte, e quinze Portuguezes dos melhores diſpoſtos, ſahio fóra aos Cafres; e deo-lhe Deos tanto favor, que á força de ferro das lanças derribou muitos dos que trepavam pela tranqueira aſſima, e finalmente os fez afaſtar, recolhendo-ſe todos a hum palmar, que eſtava de fronte da fortaleza. E em tres dias que alli eſtiveram ſobre ella no commettimento que per vezes fizeram, morrêram tantos, que houveram elles que os Mouros buſcáram aquelle modo de os matar, pois os traziam a pelejar contra Deos ſegundo elles diziam: cá debaixo das arvores, onde eſtavam as caſcas dellas, polo mal que fizeram em commetter aquella ſua gente branca, os matava. Iſto era, porque o pelouro da artilheria ás vezes hia eſcodeando os pés das arvores, onde elles eſtavam apoſentados, com as quaes côdeas, e rachas foram muitos delles mortos, e fe-

ridos de maneira, que não ſabiam onde pudeſſem ſegurar ſua vida. E como gente indignada deſte engano, que lhe os Mouros tinham feito em os trazer áquelle lugar, em que recebêram tanto damno, leixando a noſſa fortaleza de paſſada, roubáram a povoação dos Mouros; e ElRey houvera de padecer algum mal, ſe não provêra ſuas caſas com gente que o defendeo. Pero da Nhaya como os vio partidos, porque ElRey não reinaſſe outra maldade, ſabendo per eſcutas que pera iſſo lançou, como nas ſuas caſas não havia boa vigia, e ſe temiam pouco da fortaleza por todos eſtarem doentes, com alguns que pera iſſo achou bem diſpoſtos, de noite metteo-ſe no bargantim, e levando ſuas eſpias diante, deo nas caſas d'ElRey. O qual ſentindo o que era, poz-ſe detrás da porta, e em Pero da Nhaya vindo com huma tocha diante, que ao entrar da caſa ſe lhe apagou, ſentindo peſſoa junto de ſi, deſcarregou com hum terçado, e alcançou a Pero da Nhaya ſobre o peſcoço, que não ſe deſviando hum pouco mais per acerto, que por fugir do golpe, per o caſo ſer ás eſcuras, ſegundo elle vinha da mão de cego, alli houvera de ficar meio degollado. Mas quiz Deos que a ferida foi pequena, e com a tocha acceza ElRey recebeo maior, que

foi

foi acabar ſeus triſtes dias, e cegueira aſſi da alma, como do corpo, o qual morreo ás mãos de Manuel Fernandes, que era Feitor, e com elle ſe achou João Rodrigues Mealheiro, na qual revolta tambem morrêram alguns Mouros que acudíram. Pero da Nhaya como vio morto ElRey, que era a cauſa de ſua ida, ante que o lugar ſe mais appellidaſſe, temendo que poderia receber algum damno, ſe tornou recolher ao bargantim, e veio-ſe embora á fortaleza. Os filhos d'ElRey, quando ſouberam da ſua morte, e que os noſſos eram poſtos em ſalvo na fortaleza, logo pela manhã com aquella primeira dor ajuntáram a mais gente que puderam, e foram ſobre ella. Mas eſte ſeu impeto, ainda que deo trabalho aos noſſos, não obrou quanto elles deſejavam, porque acháram reſiſtencia, que os fez leixar o lugar, que naquella primeira furia tomáram, chegando-ſe tanto á tranqueira, que tentáram ſubir per ſima. E como a neceſſidade dá animo, e forças, teve eſta tanto poder ſobre as febres dos noſſos, que muitos as perdêram com o fervor de ſe defender, de maneira que a guerra foi a melhor mezinha que tiveram por huns dias, porque fez alevantar a maior parte delles, no qual tempo o Mouro Yacóte, e os outros, que com elle ſe recolhêram, não ſómente como leaes,

mas como valentes homens, ajudáram os noſſos. Os filhos, e genro d'ElRey como não tiveram força pera nos primeiros dous outros dias levarem a fortaleza na mão, convertêram todo ſeu intento ao negocio da herança; e ſobre quem havia de ficar Rey houve logo bandos, com que eſquecidos da morte do pai, começáram buſcar ſuas ajudas. Hum dos quaes chamado Soleimam, por ſer mais amigo da fortaleza, per meio de Yacóte procurou favor de Pero da Nhaya pera o levantarem por Rey, o que elle fez com muita diligencia. E ainda pera eſte negocio haver mais cedo effeito, mandou dar da Feitoria alguma fazenda a Mouros principaes, que eram contra bando, com que eſte Soleimam ficou Rey pacífico, e mui amigo da fortaleza por o favor que della recebeo, e elle ſer homem mancebo, ſubjecto, e obediente ao Capitão Pero da Nhaya, aos quaes leixaremos hum pouco té ſeu tempo, por dar conta das couſas, que o Viſo-Rey D. Franciſco fez, depois que leixámos de fallar nelle.

CA-

CAPITULO IV.

Como o Çamorij Rey de Calecut fez huma grossa Armada, a qual D. Lourenço filho do Viso-Rey desbaratou.

ATrás fica relatado como o Çamorij de Calecut á instancia, e requerimento dos Mouros moradores, e tratantes no seu Reyno, enviou hum Embaixador ao Soldão do Cairo. E posto que ao tempo que o Viso-Rey D. Francisco chegou á India, elle Çamorij tinha já recado de quão bem este seu Embaixador fora recebido, e a grande Armada, que o Soldão promettia ao seu requerimento, com todas estas promessas, em que elle já tinha boa parte de sua esperança pera nos lançar da India, em quanto as não via, quiz segurar-se nas proprias, mandando fazer grão numero de navios pera defensão dos portos, e costa do seu Reyno; parecendo-lhe que a nossa guerra sería ao modo das Armadas passadas, de ir, e vir com carga da especiaria nos tempos de nossa monção, e de caminho fazer algum damno, se achassemos disposição pera isso; porém quando elle soube a entrada do Viso-Rey na India, e o que fizera em Quiloa, e Mombaça, e as fortalezas, que leixava feitas, houve que tanto fundamento faziamos

mos de conquiſtar a terra, quanto do commercio da eſpeciaria. E como quem tinha experiencia de noſſas couſas, todo o ſeu conſelho, e induſtria converteo em fortalecer ſeus portos, e accreſcentar numero de mais navios dos que tinha feito, acquirindo per huma, e outra parte força de gente, e artilheria, não ſómente com tenção de ſe defender, mas ainda de nos lançar da India ante que arreigaſſemos as raizes, que já começavamos lançar. ElRey de Cochij, polo que lhe importava, trazia ſempre em caſa do Çamorij peſſoas, que lhe davam aviſo de todas eſtas couſas; e tanto que o Viſo-Rey chegou a Cochij, depois que ſe com elle vio a primeira vez, lhe deo conta deſtes grandes apparatos do Çamorij, e tambem como algumas náos das que andavam per aquella coſta do Cabo Comorij té Chaul, e Cambaya, em o maneio dos mantimentos, e couſas neceſſarias aos póvos da coſta Malabar, com achaque de ſerem amigos dos Portuguezes, eram roubadas da Armada, que o Çamorij trazia per aquella coſta. De maneira, que eſtava já mui corrente as náos de Coulão, de Cochij, e Cananor, por noſſa cauſa não poderem navegar per aquella coſta, ſenão com grande riſco de ſerem tomados, e eram havidos os póvos deſtes tres Reynos por imigos mortaes do Çamorij,

por-

porque elle aſſi os tratava. O Viſo-Rey, peró que per ordenança de ſeu Regimento levava, que como o verão entraſſe naquella coſta té a fim delle, trouxeſſe ſempre groſſa Armada nella, por cauſa das náos de Méca, e Mouros, que tiráram a eſpeciaria do Malabar, e principalmente por cauſa deſtes damnos, que noſſos amigos recebiam das Armadas do Çamorij, e aſſi do apparato, que elle tinha feito pera ſe defender; ordenou, tanto que deſpachou as náos da carga, que vieram pera eſte Reyno, de mandar ſeu filho D. Lourenço com huma Armada, em que andava: Aſſi pera guarda, e favor das náos de Coulão, de Cochij, e Cananor, em quanto hiam fazer ſuas commutações, e commercio de ſuas mercadorias, humas por outras, ſegundo o coſtume da terra, per aquelles portos té Chaul, que era o lugar a que ſe ellas mais eſtendiam; como tambem pera defender, que as náos do eſtreito de Méca não entraſſem, nem ſahiſſem nos portos de Calecut: cá eſta era a mais crua guerra, que lhe podia fazer. Porque os Reynos, cujo principal eſtado conſiſte em navegação, e que tem entradas, e ſahidas de que vivem, são como o corpo animado, que ſe lhe tiram a entrada, e ſahida das couſas, que o ſuſtentam, não tem mais vida. Apercebida eſta Armada, partio

D.

D. Lourenço com estas vélas; elle em a náo, em que andava por Capitão Rodrigo Rabelo, Bermum Dias em hum navio, e Filippe Rodrigues em outro. Nuno Vaz Pereira, Gonçalo de Paiva, Antão Vaz, Lopo Chanoca, Francisco Pereira Coutinho, cada hum em sua caravela; e João Serrão em huma galé, porque naquelle tempo estes navios pequenos se haviam por melhores pera pelejar. E a tenção de D. Lourenço era ir acompanhando as náos dos nossos amigos, que dissemos, té chegar a Chaul, se necessario fosse; e em quanto elles fizessem suas mercadorias nos portos onde hiam ordenados, daria elle huma vista a toda a costa, e depois os tornaria recolher. Seguindo seu caminho nesta ordem, como foi na paragem de Calecut, porque não achou nova ser sahida a Armada, que se dizia d'El-Rey de Calecut, leixou naquella paragem em guarda da costa a estes dous Capitães, Bermum Dias, e a Francisco Pereira, com os quaes se havia ajuntar mais huma galé, de que era Capitão Diogo Pires ayo delle D. Lourenço, que ao tempo de sua partida de Cochij não estava de todo prestes, e por isso ficou té se aperceber; os quaes ficavam com regimento, que em quanto não sahisse a Armada de Calecut, se leixassem andar tolhendo a entrada, e sahida

das

das náos dos mercadores; e ſahindo a Armada, que ſe foſſem ajuntar com elle. Eſpedido D. Lourenço delles, foi dar huma viſta a Cananor, leixando as náos dos mercadores que foſſem fazer ſeus proveitos, por quanto já hiam ſeguros da Armada do Çamorij; e neſtes dias que ſe alli deteve, veio ter com elle hum Italiano per nome Ludovico Romano, dizendo, que eſcondidamente ſahíra da Cidade Calecut a lhe dar nova da grande Armada que eſtava preſtes pera ſahir, e o muito reſguardo, que ſe tinha aos rios, onde ſe fazia preſtes, que não ſe ſoubeſſe per os Portuguezes; e aſſi diſſe como lá andavam dous Levantiſcos artilheiros offerecendo-ſe aos tirar daquella parte, os quaes eram aquelles, de que já atrás fizemos menção, ſobre que o Çamorij tantas vezes ſe deſavio nos contratos da paz. Contou mais eſte Ludovico outras couſas a D. Lourenço, que lhe conveio mandallo a ſeu pai em a galé de João Serrão; e ouvindo o Viſo-Rey o que dizia, o tornou logo eſpedir pera trabalhar de trazer comſigo os dous fundidores. O qual negocio não houve effeito, porque ſendo elles ſentidos que ſe queriam vir a nós, foram mortos, e todavia elle Ludovico veio ter a eſte Reyno na Armada de Triſtão da Cunha, e daqui ſe foi pera Italia, e lá eſcreveo em lingua

vul-

vulgar toda ſua peregrinação, e eſtas couſas que paſſou com D. Lourenço com muitas daquellas partes, o qual tratado depois ſe trasladou em Latim, e anda encorporado em hum volume intitulado *Novus Orbis*. Da eſcritura do qual, ácerca do que elle diz da ſua ida, e vinda a D. Lourenço, e a ſeu pai, tomámos ſómente o que ſabemos pelos noſſos, o mais leixámos na fé do auctor. Finalmente, do que elle contou ao Viſo-Rey do grande apparato da Armada do Çamorij, depois de o ter já eſpedido, e mandado na galé de João Serrão, em que foi, a grande preſſa mandou aperceber a outra galé de Diogo Pires, que ainda não era de todo provída, e per ella mandou recado a D. Lourenço do que via fazer, e do mais que tinha ſabido per via d'ElRey de Cochij ácerca dos apparatos do Çamorij pelas eſpias que lá trazia. O qual Diogo Pires ſendo na paragem de Cananor, deo em meio de huma grande frota de té duzentas e ſincoenta vélas, a maior parte das quaes eram paráos, todas a ponto de guerra, que ſahíram dos portos de Calecut, onde ſe fizeram preſtes; e poſto que elle Diogo Pires correo aſſás de riſco, todavia a véla, e remo o ſalvou dos paráos, que o ſeguíram hum bom pedaço. Sahindo deſta affronta, foi dar com Bermum Dias, e Franciſco Pe-

rei-

reira, que por lhe falecer agua eram idos a Cananor; e tomada, eſpedindo-ſe de Lourenço de Brito, com o qual houveram conſelho, a grão preſſa foram ter com D. Lourenço, o qual vinha de Anchediva, e trazia comſigo a Simão Martins em o ſeu bargantim, que eſtava em ſerviço da fortaleza, com o qual eram já numero de onze vélas. D. Lourenço com o recado, que lhe Diogo Pires deo de ſeu pai, e nova da viſta daquella grande Armada, teve logo conſelho do modo que teriam no commettimento della; e poſto que o caſo ao parecer dos mais era couſa mui duvidoſa eſperar tamanha frota, quanto mais illa buſcar, todavia pelo recado do Viſo-Rey, que ſobre iſſo eſcrevia a ſeu filho, e aos Capitães, aſſentou-ſe que a foſſem buſcar, e o modo de pelejar com ella, foſſe varejar bem da artilheria ſem abalroar nenhuma náo. Porque ſegundo a eſtimação de Diogo Pires, havia entre aquelle grão numero de vélas té ſeſſenta náos mui ſobranceiras ás noſſas, das quaes ſe não podiam bem ajudar, e que baſtava o damno, que lhe podia fazer a noſſa artilheria; e porém quando o caſo déſſe outro conſelho, então elle meſmo enſinaria o modo. Recolhidos todolos Capitães aos ſeus navios da náo de D. Lourenço, onde ſe iſto aſſentou, começáram de ſe aperceber pe-

ra

ra aquella festa de fogo, e sangue, em que esperavam de entrar, e feitos á véla, foram na volta da terra. D. Lourenço tanto que houve vista delles, trabalhou por se poer a balravento, o que fizeram todos: cá sómente isto tinham por regimento, ter olho na capitánia, e seguilla, porque dalli dependia o conselho do feito; do qual lugar tanto que foram senhores, começou a artilheria varejar per o grande cardume delles, desapparelhando huma, e mettendo outros no fundo, porque como eram bastos, nenhum tiro perdiam, carregando sobre elles de maneira, que por fugirem a nossa artilheria, que os tratava mal, hiam-se cozendo com a terra quanto podiam. E como por razão da ventage, que lhe D. Lourenço tinha no lugar de balravento, elles se não podiam aproveitar das fréchas que levavam, e artificios de fogo pera o tempo d'abalroar, e todo o damno que faziam aos nossos era com sua artilheria, a maior parte da qual por ser de ferro, era de pouca furia em comparação da nossa, começáram com o grande damno que recebiam de se poer mais em modo de salvação, que de peleja. Finalmente D. Lourenço vendo como nosso Senhor lhe mostrava victoria, toda aquella tarde os foi seguindo no modo que levava com elles, sem querer abalroar, no qual alcan-

cance, além dos zambucos, e paráos, que foram mettidos no fundo, fez encalhar ao longo da costa huma entre outra doze náos, porque temendo ellas a artilheria, coziam-se tanto com terra, que davam em secco, e outras de se não poderem suster sobre a agua de arrombadas. As que tiveram melhor véla, vendo que naquelle tempo recebiam mais damno do que o faziam, foram-se todas metter em huma enseada por afracar a viração, e alli se encadeáram todas humas nas outras, com esperança que como viesse o terrenho, de se fazer á véla sobre as nossas, porque ficavam então iguaes no lugar do vento. D. Lourenço pelo modo que vio de todas seguirem, e ampararem huma das náos principaes, entendeo que aquella devia ser a capitánia, na qual estava o governo, e principal força da frota; e posto que o dia d'antes tinha assentado que não abalroassem por o grande numero de vélas, e muitas serem sobranceiras ás suas, visto o modo da peleja dos imigos, que era lançar nuves de setas, e a sua artilheria ser mui fraca, determinou com os Capitães, que ao seguinte dia elle, e Filippe Rodrigues abalroassem esta capitánia cada hum per seu bordo, e Bermum Dias, e Gonçalo de Paiva abalroassem outra náo grande, que estava junto della; e os outros navios, e galés, por se-

ſerem pequenos, e razos, andaſſem de fóra defendendo a outra frota, que não ſoccorreſſe a eſtas duas náos, onde parecia eſtar toda a força da Armada, ſegundo ellas moſtravam nos pelouros da artilheria, que eſpedíram de ſi, e na multidão de gente luzida que apparecia. Concertado eſte modo de commetter as duas náos, tanto que o terrenho de noite começou ventar, os Mouros ſem fazer rumor ſe fizeram á véla, e mandáram aos paráos que ſe cozeſſem com terra por ficarem a balravento das vélas. Peró como os noſſos Capitães a todalas ſuas induſtrias eſtavam cautelados, quando foi ao levantar do pouſo, tanto ſe melhoráram em lhes tomar o lugar de balravento, que por eſta ventage que lhe houveram, e aſſi porque da ponta de Cananor ao paſſar della, onde os da noſſa fortaleza puzeram huma ſerpe, com que os faziam arredar da terra, todos ſe foram metter na companhia dos outros navios grandes, que ao mar andavam em calma na parage de Tramapatam, que ſerá duas leguas de Cananor, por lhes falecer o terrenho, e a viração vir mais tarde. Com a qual, tanto que veio, ſe fizeram na volta da terra, como quem a buſcava por abrigo com o temor que já levavam dos noſſos; e o primeiro ſinal que Dom Lourenço teve de lhe Deos dar victoria,

foi

foi acudir hum pouco de vento Noroeſte tão vivo na véla, que conveio aos imigos ſurgirem com as náos principaes defronte da baya de Cananor. D. Lourenço, como os vio ſurgir, mandou tomar a véla grande, e poer em ordem de aferrar, como já tinha aſſentado com os Capitães; mas iſto não lhe foi facil como elle cuidou, porque os Mouros tanto que víram o arpéo dentro, poſto que a ſua náo capitania foſſe muito ſobranceira á de D. Lourenço, e em munições, artificios de fogo, e numero de gente tiveſſe muita ventage, trabalháram logo de o lançar fóra. Com tudo, deſta chegada ficáram dentro nella ſincoenta homens dos noſſos, peſſoas que neſte miſter trabalhavam por ſer dos primeiros, os quaes eram: Rodrigo Rabelo Capitão deſta náo S. Miguel, Diogo Aires, e Antonio Mendes, e dos outros ſeus nomes não vieram á noſſa noticia. D. Lourenço quando ſe vio deſaferrado, e hum bom pedaço per popa da náo, e que Bermum Dias, e Gonçalo de Paiva, que tambem haviam de abalroar, a força do vento os empachou no tomar das vélas, com que ficáram em vão; e Filippe Rodrigues, que houvera de ſer com elle, tambem ſe embarcou no aferrar: começou a bradar contra Nuno Vaz Pereira, que vinha na ſua eſteira, que ſe chegaſſe a elle, por ter na-

vio

vio pequeno, que o podia atoar. Nuno Vaz como era Cavalleiro, e homem mui diligente neſtes tempos, vendo que dentro da náo dos Mouros ficáram os ſinco homens de D. Lourenço, mandou á Vicente Landeiro meſtre do ſeu navio, que em toda maneira aferraſſe a náo. O qual meſtre por ſer homem de eſpirito, e aſtucioſo nas couſas do mar, ainda que não foi pela parte que elle quizera, todavia a náo foi aferrada, e per modo, e lugar tão perigoſo, que havendo ſer iſto deſaſtre, foi em dita. Porque o navio ficou atraveſſado debaixo da gorja da náo, encaminhado per Deos, que deo vida aos ſinco noſſos, que eſtavam acolhidos aos caſtellos da proa, onde com muito trabalho, e perigo ſe defendiam dos Mouros, que eram todos ſobre elles. E certo, que era couſa mui temeroſa de olhar, quanto mais pera commetter, o que Nuno Vaz fez, porque a comparação que ha da grandeza, e ferocidade de hum bravo touro a hum ardido libreo, havia da náo dos Mouros, que ſería de quinhentos toneis, atulhada delles, e de artificios de fogo, á caravela São Jorge de Nuno Vaz, que era pouco mais de ſincoenta toneis. E ainda a eſte ſeu animo não faleceo boa induſtria delle Nuno Vaz, e diligencia do ſeu meſtre, que cortou com hum machado a amarra da náo,

com que ella defcahio fobre a de D. Lourenço. O qual, tanto que a inveftio, affi por ajudar aos finco noffos, que eftavam bem neceffitados, como por não lhes tornarem outra vez lançar o arpéo fóra, faltou logo dentro com hum golpe dos feus que o feguiam, entre os quaes eram Fernão Peres d'Andrade, Ruy Pereira, Vicente Pereira, João Homem, e affi fe mettêram com os imigos, que feriam mais de quatrocentos homens de peleja, que defapreffáram os finco, e a Nuno Vaz, que com os feus era já na proa, onde elles eftavam. Filippe Rodrigues pofto que perdeo aquella primeira chegada pera aferrar com D. Lourenço, não perdeo a forte de outra náo vizinha defta capitánia, em que tambem teve affás de trabalho, porque duas vezes lhe lançáram o arpéo fóra, té que na terceira fez melhor preza. Bermum Dias, por ter navio grande, com Gonçalo de Paiva pela ordenança que levavam, ambos cumpríram o precepto de feu Capitão, e obrigação de Cavalleiros que elles eram. As galés, e bargantim, por ferem navios razos, padecêram affás de trabalho, e perigo, porque com artificios de fogo, e nuves de fetas os cubriam, e houveram de Simão Martins, e João Serrão de maneira, que não fe contentavam de efcapar de hum perigo, fenão metter-fe em

outro maior, por entreter os navios pequenos dos imigos, que não foſſem impedir a obra que fazia D. Lourenço, e os Capitães que aferráram. Finalmente aſſi eſtes navios de remo, como as caravelas, cada hum em ſeu modo fez tanto per ſi, que difficultoſamente ſe poderia julgar qual dos Capitães neſta batalha, e conflicto teve menos que fazer; baſte ſaber que pelo trabalho que cada hum poz na parte que lhe coube por ſorte, aſſi deo conta de ſi, que os imigos que pudéram eſcapulir ſe punham em ſalvo quanto podiam. D. Lourenço, porque leixava já a náo enxorada dos Mouros, parte eſtirados no lugar onde os tomou a morte, e parte que ſe acolhêram a nado pera terra, ante que as outras vélas ſe alongaſſem mais, começou de as ſeguir com os navios de ſua Armada. E em chegando aos imigos, não fazia mais que metter huns no fundo, com outros dava á coſta, e aſſi os foi decepando poucos, e poucos, té que já no fim do dia não os quiz elle mais ſeguir, e mandou a Nuno Vaz, e a Filippe Rodrigues, e aos Capitães das galés, que lhe foſſem no alcance. Os quaes ao outro dia tornáram bem canſados de ſeguir o fim daquella victoria, que foi a dezoito dias de Março do anno de quinhentos e ſeis, e huma das maiores que ſe naquellas partes houve, conſiderando

a deſ-

a desigualdade do numero das vélas dos imigos, e gente que nella vinha aos nossos. E se nelles houvera tanto animo, como vinham apercebidos de munições, e artificios de guerra, mais sangue de mortos houvera entre os nossos; mas Deos por mostrar que aquella obra fora das suas mãos, ainda que foi á custa do sangue de muitos, principalmente em os da náo de D. Lourenço, em todo furor daquelle feito houve sómente sinco, ou seis mortos. E pera curar os feridos, e dar repouso a todos, elle se recolheo em Cananor, onde foi recebido com grande solemnidade dos nossos, e do Rey da terra, que o veio visitar. Por memoria do qual feito, D. Lourenço primeiro que se dalli fosse, mandou fundar huma Ermida da vocação de *N. Senhora da Victoria* na ponta aguda da terra, onde a nossa fortaleza estava feita, no proprio lugar, em que Lourenço de Brito mandára pôr huma peça contra os imigos polos affastar da terra, como dissemos. A este tempo que D. Lourenço descançava do trabalho deste feito, estava Manuel Paçanha em a fortaleza de Anchediva em grão perigo, cercado de Mouros, e Gentios, que o Senhor de Goa mandou em huma frota de té setenta navios de remo, parte dos quaes estavam em o rio de Cintácora, cuja vizinhança o Viso-Rey

ſempre temeo, e parte vieram de Goa a ſe adjuntar com eſtes. O qual adjuntamento o Sabayo mandou fazer depois qùe ſoube que D. Lourenço chegára a dar viſta áquella fortaleza de Anchediva, e ſe tornára pera baixo contra o Malabar: cá lhe pareceo ſer eſte o melhor tempo de a commetter per conſelho de hum arrenegado, que vinha por Capitão da frota; ao qual, ſegundo ſe depois ſoube, elle tinha promettida a fortaleza de Cintácora, ſe déſſe modo, com que a noſſa de Anchediva foſſe tomada. E eſte arrenegado era aquelle degredado per nome Antonio Fernandes carpinteiro da ribeira, que da Armada de Pedralvares Cabral ficou em Quiloa, (como atrás fica,) o qual ſe paſſou daqui pera a India em náos de Mouros, e foi aſſentar vivenda com o Sabayo, que lhe fez honra, aſſi por ſer homem de ſua peſſoa, como por ſe fazer Mouro, cujo nome era Abedelá; e depois lhe foi muito mais accepto pola induſtria, que deo de tomar eſta fortaleza de Anchediva, pola qual razão lhe entregou a capitanía mór daquella frota. A vinda da qual, por ſer ante manhã, não houveram os noſſos viſta della, ſenão depois que deram na povoação da gente da terra, que eſtava junta da noſſa fortaleza, a qual não tinha mais defenſão que cerca baixa, e huma torre, tudo

de

de pedra, e barro. E como os noſſos em tão fraca couſa não tinham as vidas mui ſeguras, puzeram toda a eſperança da ſua ſalvação na ponta da eſpada, a qual logo os Mouros começáram ſentir; porque achando a deſembarcação franca, pareceo-lhe que outro tanto havia de ſer á chegada da fortaleza; peró a artilheria, e o ferro dos noſſos os fizeram affaſtar. Com o qual damno, que foi mui grande naquelle primeiro impeto de ſua chegada, ſe recolhêram a hum tezo de grande arvoredo, que eſtava ſoberbo ſobre a fortaleza, como gente que dalli queria fazer a guerra; e aſſi a fizeram com tanto damno dos noſſos, que não podiam andar por dentro da fortaleza ſem ſerem feridos de eſpingardas, e fréchas, por ſer mui perto della. Manuel Paçanha vendo que não tinha amparo, ordenou de pôr certas peças de artilheria miuda ſobre a torre, e dalli varejava o lugar da eſtancia delles; e em outra parte poz outras peças groſſas, com que lhe metteo algumas fuſtas, e vaſilhas, em que vieram no fundo do mar: todavia tres, ou quatro dias apertáram tanto com a fortaleza, que mettêram os noſſos em muito trabalho, porque em todo aquelle tempo não tinha eſpaço de comer, nem dormir ſenão em pé; e o que lhes dava maior paixão, era ouvir de noite as couſas,

que

que contra elles dizia aquelle arrenegado conformes ao eſtado, em que elle eſtava. Finalmente vendo os Mouros que naquelles primeiros dias não puderam levar a fortaleza na mão, e que mais damno tinham recebido que feito; e que ao tempo da ſua chegada víram partir dous barcos dos noſſos, que andavam no ſerviço da fortaleza, temêram que foſſem dar aviſo a D. Lourenço, que ſabiam andar naquella coſta de Armada, e vindo elle, ficavam em maior perigo do que os cercados eſtavam. Com o qual temor, e atalaias, que ſobre iſſo traziam no mar, tanto que per ellas ſouberam que os noſſos eram ſoccorridos com a vinda dos navios, que D. Lourenço mandou, com o rebate que lhe os barcos deram, começáram a grão preza levantar o cerco, e puzeramſe em ſalvo. Chegados os Capitães que Dom Lourenço mandava, e provída a fortaleza de algumas munições, mantimentos, e gente, tornáram-ſe a Cananor; e ſabendo elle o eſtado della, e que aquelle commettimento dos Mouros procedêra da vizinhança de Cintácora, onde ſe elles todos acolhêram, determinou de ſe partir pera Cochij dar razão a ſeu pai do perigo, em que aquella fortaleza Anchediva ficava vindo o inverno, por quão vizinha eſtava de Goa, e longe do ſoccorro que lhe havia de ir de Cochij;

e por

e por estas razões, e outras importantes ao serviço d'ElRey, foi dahi a pouco tempo desfeita. E porque de toda a victoria, que D. Lourenço houve da Armada do Çamorij, não se achou cousa de preza de maior preço, que quatro náos, que estavam com carga de especiaria, esta sómente levou comsigo, que apresentou a seu pai em Cochij, como insignias de sua victoria.

CAPITULO V.

Como o Viso-Rey mandou seu filho D. Lourenço descubrir as Ilhas de Maldiva, e Ilha Ceilão: e o que fez nesta viagem té tornar a Cochij.

VEndo os Mouros, que andavam no commercio das especiarias, e riquezas da India, que com a nossa entrada nella não podiam navegar por causa destas Armadas, que traziamos na costa Malabar, onde todos vinham deferir, buscáram outro novo caminho pera navegarem as especiarias, que haviam das partes de Malaca, assi como cravo, nóz, maça, sandálo, pimenta, que haviam da Ilha Camatra em os portos de Pedir, e Pacem, e outras muitas cousas daquellas partes, o qual caminho faziam vindo per fóra da Ilha Ceilão, e per entre as Ilhas de Maldiva, atravessando aquelle

grão

grão golfão té abocar os dous eſtreitos que diſſemos, por fugir deſta coſta da India que lhe defendiamos. O Viſo-Rey como ſoube parte deſte novo caminho que elles faziam, e aſſi da Ilha Ceilão, onde elles carregavam de canella por ſe nella haver toda a daquellas partes, com fundamento do muito que importava ao ſerviço d'ElRey tolher eſte caminho, e ter deſcuberto aquella Ilha, e aſſi as de Maldiva, por razão do cairo que ſe dellas havia, que era o eſſencial de toda a navegação da India, pois delle ſe faz toda a enxarcea, determinou mandar ſeu filho D. Lourenço a eſte negocio, por ſer no tempo de monção daquella paſſagem. O qual levou nove vélas das que trazia em ſua Armada, e pela pouca noticia que os noſſos Pilotos tinham daquella navegação, peró que levaſſe alguns da terra, foram dar com as correntes na Ilha Ceilão, a que os antigos chamam Tapobrana, da qual faremos copioſa relação, quando eſcrevermos o que Lopo Soares fez nella ao tempo que fundou huma fortaleza em hum dos ſeus portos chamado Columbo, que he quatorze leguas aſſima do de Gale, onde D. Lourenço foi ter, que eſtá na ponta da Ilha, em o qual achou muitas náos de Mouros, que eſtavam á carga de canella, e Elefantes pera Cambaya, os quaes quando ſe víram

ram cercados da noſſa Armada, por ſegurarem ſuas peſſoas, e fazenda, fingíram querer comnoſco pazes: e que ElRey de Ceilão lhe tinha encommendado, que quando paſſaſſem pela coſta da India, notificaſſem ao Viſo-Rey, que mandaſſe a elle alguma peſſoa pera aſſentar paz, e amizade com ElRey de Portugal pola vizinhança que tinha com os ſeus Capitáes, e fortalezas, que fizeram na India, e tambem por cauſa da canella, que havia naquella ſua Ilha, e outras mercadorias, que lhe podia dar pera a carga de ſuas náos per via de commutação. D. Lourenço como hia a deſcubrir, e tomar as náos dos Mouros de Méca, que andavam navegando do eſtreito pera Malaca per aquelle novo caminho, e na carga dos Elefantes, que aquelles tinham, com a mais informação que teve dos Pilotos da terra que levava, ſoube ſerem náos de Cambaya, com que não tinhamos guerra, não lhe quiz fazer damno algum: e por tambem entrar com mão armada naquella parte, onde os Mouros tinham lançado fama, que os Portuguezes eram coſſairos do mar, mas ante acceptou o que offereciam da parte d'ElRey. E per meio delles fez vir alguma gente da terra, per cujo aprazimento metteo hum Padrão de pedra em hum penedo, e nelle mandou eſculpir humas letras

co-

como elle chegára alli, e descubríra aquella Ilha; e Gonçalo Gonçalves, que era o pedreiro da obra, peró que não fosse Hercoles pera se gloriar dos Padrões de seu descubrimento, eram estes em parte de tanto louvor, que poz o seu nome ao pé delle, e assi fica Gonçalo Gonçalves mais verdadeiramente por pedreiro daquella columna, do que Hercoles he auctor de muitas, que lhe os Gregos dão em suas escrituras. Os Mouros como víram que D. Lourenço segurou nas palavras, que lhe elles disseram da parte d'ElRey, fingíram irem, e virem com recados a elle, e per derradeiro trouxeram quatrocentos bahares de canella da que elles tinham recolhida em terra pera carregarem, dizendo, que ElRey em final da paz, e amizade, que desejava ter com ElRey de Portugal, em quanto a não assentava per seus Embaixadores, lhe offerecia toda aquella canella pera carregar os seus navios, se quizesse. E porque D. Lourenço disse, que queria mandar recado a ElRey, elles se offerecêram de levar, e trazer as pessoas que elle ordenasse pera isso, as quaes foram, Payo de Sousa, que hia em lugar de Embaixador, e por seu Escrivão Gaspar Dias filho de Martim Alho morador em Lisboa, e Diogo Velho criado de D. Martinho de Castello-branco Veador da fazenda d'ElRey,

que

que depois foi Conde de Villa Nova, e hum Fernão Cotrim, e outras pessoas de seu serviço. Os quaes entregues aos Mouros, que negociavam esta ida, foram levados per tão basto arvoredo, que quasi não viam o Sol, dando tantas voltas, que lhe parecia mais labyrintho que caminho direito pera alguma parte; e andando hum dia todo, os mettêram em hum lugar escampado, onde estava muita gente, e no cabo delle havia humas casas de madeira que parecia cousa nobre, onde lhe disseram que viera folgar, por aquelle lugar ser huma maneira de quintã. No cabo do qual escampado boa distancia das casas, os fizeram deter, dizendo, que não lhe convinha passar dalli sem licença d'ElRey; e começáram de ir, e vir com recados, e perguntas a Payo de Sousa, como que vinham d'ElRey, mostrando ter contentamento de sua ida. Finalmente Payo de Sousa sómente com dous dos seus foi levado áquelle lugar, onde, segundo diziam os Mouros, estava a pessoa d'ElRey; e tanto que chegáram a elle, logo os espedio, mostrando ter contentamento de ver cousas d'ElRey de Portugal, dando graças a elle Payo de Sousa por sua ida, e ao Capitão mór que os mandára a elle; e que sobre a paz, e amizade, que desejava ter com ElRey de Portugal, el-

elle mandaria a Cochij ſeus Embaixadores, e que em ſinal della enviára a canella, e lhe mandaria dar o que houveſſe miſter pera provisão da Armada, e com iſto o eſpedio. O qual modo de Payo de Souſa em ir, e vir per mão daquelles Mouros, e chegada a eſte lugar, e prática que teve com eſta peſſoa, que lhe diziam ſer d'ElRey de Ceilão, tudo foi artificio delles, e quaſi huma repreſentação de couſas que não eram, parte das quaes Payo de Souſa entendeo, e depois ſe ſouberam em verdade. Cá eſte homem com quem elle fallou, ainda que em o tractamento de ſua peſſoa, e gente, que o reverenciava, parecia ſer quem lhe diziam, elle não era ElRey de Ceilão, mas o Senhor do porto de Galé; e outros quizeram dizer que nem elle era, mas qualquer outra peſſoa nobre, que por ſeu mandado, e artificio dos Mouros ſe moſtrou aos noſſos naquelle modo, e lugar, iſto a fim que elles por aquella vez ſeguraſſem ſuas náos; e em quanto andavam niſto, recolherem a fazenda que tinham nellas a terra, como fizeram. D. Lourenço quando ſoube de Payo de Souſa o que paſſava, e ſentia daquelle caſo, diſſimulou com os Mouros; porque como aquella Ilha era de Rey Gentio, (poſto que naquelle tempo não ſe ſabia verdadeiramente de ſuas couſas,) pareceo-lhe que

ora

ora elle fôsse aquelle, com que Payo de Sousa fallou, ou não, podia ser tudo ordenado per elle, por todolos Reys Gentios serem mui superſticiosos no modo de se communicar comnosco, e que per ventura os Mouros o teriam assombrado que o não fizesse; e sem querer mais examinar este caso, porque o tempo lhe não consentio estar naquelle porto em que corria risco, fez-se na volta de Cochij. E porque Nuno Vaz Pereira com o tempo rijo, que os fez alevantar, quebrou a verga grande do seu navio, foi necessario tornar outra vez ao porto, onde achou que o nosso Padrão estava já chamuscado de fogo, como que lho puzeram ao pé; e pedindo razão disso aos Mouros que alli estavam, deram a culpa aos Gentios da terra, dizendo, que por ser gente idólatra se lhe entolharia alguma cousa por onde o fizessem. Nuno Vaz amoestando o caso em modo de ameaças, se naquillo mais procedessem, dissimulou o passado; e concertada a verga do seu navio, tornou-se a D. Lourenço, o qual achou na costa da India em hum lugar chamado Berinião, que he do senhorio de Coulão. E porque alguns Mouros que alli viviam foram na morte de Antonio de Sá, sahio D. Lourenço em terra, e queimou o lugar; em que tambem houve sangue dos naturaes,

e dos

e dos noſſos na reſiſtencia que fizeram ao ſahir em terra, e queimar de certas náos, que alli eſtavam eſperando carga; e tomada eſte emenda do damno que aquelles Mouros tinham feito, partio-ſe D. Lourenço pera Cochij, aonde chegou com ſua frota.

CAPITULO VI.

Da viagem, que fez Cyde Barbudo com Pero Quareſma: e como por cauſa das novas, que elle levou ao Viſo-Rey, que Pero da Nhaya era falecido em Çofala, e divisões, que havia em Quiloa, por ſer morto ElRey Mahamed, elle Viſo-Rey mandou a Nuno Vaz Pereira a prover neſtas couſas, e a ſervir de Capitão em Çofala: e das mais couſas, que ſuccedêram em Quiloa, té que de todo a leixámos.

CYde Barbudo, e Pero Quareſma, (como atrás fica,) partidos deſte Reyno, cuidando que tinham dobrado o Cabo de Boa Eſperança, achâram-ſe na angra das areas, que he áquem delle obra de cento e ſincoenta leguas, e com voltas ao mar, e á terra trabalhoſamente chegáram á aguada de Saldanha, onde fizeram algum reſgate de mantimenros com os Cafres; e aqui ſe paſſou Cyde Barbudo ao navio de Pero Quareſma, por elle levar o cargo deſte deſcu-

cubrimento, e Pero Quaresma á sua náo. Dobrado o cabo, porque os tempos o não leixáram descubrir á sua vontade, principalmente no lugar da suspeita, que era na aguada de S. Braz, sendo a este tempo já apartado de Pero Quaresma, tanto andáram com os tempos hum sobre outro, té que se ajuntáram no lugar, onde o Piloto se affirmava ver estar Pero de Mendoça encalhado, vindo elle por Piloto da náo de Lopo d'Abreu. E por este lugar ser o da suspeita, onde parecia que a náo podia vir á costa, lançou Cyde Barbudo dous degredados em terra, os quaes hiam offerecidos a esse trabalho de correrem ao longo da costa, e saberem dos Cafres se havia alguma gente branca no sertão, os quaes dahi a sete dias tornáram áquelle lugar de suspeita, onde os navios não podiam chegar com os tempos, e deram por nova acharem parte da liação da náo queimada, como que viera ter á costa, sem os Cafres lhe saberem dar razão da gente. Pelos quaes sinaes houveram que a náo era perdida, e tiveram pera si que o fogo fora posto pelos Cafres, por tirarem a pregadura da náo, por entre elles o ferro ser estimado; e o maior damno que fizeram a estes dous degredados, foi despojallos do vestido que levavam. Tornando Cyde Barbudo á sua náo, e Pero

Qua-

Quaresma ao navio, fizeram-se via de Çofala, onde acháram Pero da Nhaya morto, e muita parte da gente, e a outra tão debilitada de doença, que a fortaleza estava na cortezia dos Mouros; posto que Manuel Fernandes, que então servia de Capitão, trabalhasse muito na vigia della. Cyde Barbudo leixando-lhe alguma gente, e provisão do que levava, e a Pero Quaresma em o seu navio pera melhor guarda da fortaleza, partio-se dalli em Junho do anno de quinhentos e seis; e passando per Quiloa, achou que em seu modo estava em tanta necessidade, como Çofala; porque o nosso Mahamed Anconij era morto, e sobre a succesfsão do Reyno estava a terra posta em bandos, assi entre os Mouros, como ácerca do Capitão Pero Ferreira, e Officiaes; e posto que Cyde Barbudo em aquelle negocio fez pouco por não poder mais, fez muito com sua chegada á India. Cá sabendo o Viso-Rey parte do estado em que ficavam estas duas fortalezas, espedio logo a Nuno Vaz Pereira em o navio, em que andava Gonçalo Vaz de Góes, pera vir estar por Capitão em Çofala, e prover em as differenças de Quiloa. E mandou com elle hum navio, de que era Capitão Duarte de Mello de Serpa seu sobrinho, e assi vinha Francisco da Nhaya pera arrecadar

a fa-

a fazenda de ſeu pai defunto , e o ouro , que lhe Pero Ferreira tomou em Quiloa ao tempo que alli veio ter perdido; e aſſi vinha com elle pera ſervir de Alcaide mór da fortaleza de Çofala Ruy de Brito, que era provído por ElRey na vagante de Ruy de Souſa , por a eſte tempo elle ſer já falecido, e Antonio Rapoſo, e Sancho Sanches por Eſcrivães da Feitoria. Trazia mais Nuno Vaz , e a Luiz Mendes de Vaſconcellos da Ilha da Madeira , e Antonio de Souſa, que fora de Çofala com Cyde Barbudo , e Fernão de Magalhães , que depois ſe lançou em Caſtella com a empreza de Maluco ; e aſſi outras peſſoas nobres, por Nuno Vaz ſer homem bem quiſto , e por razão de ſua amizade, folgáram de vir com elle , poſto que era ſem cargos. E o primeiro porto, que tomou no fim de Novembro de quinhentos e ſeis, foi Melinde, onde o Rey da terra os recebeo com muito prazer , e á eſpedida lhe concedeo Nuno Vaz que pudeſſe mandar duas faraçolas, que ſerão trinta e ſeis arrates dos noſſos de contas de Cambaya pera ſe lá reſgatarem a troco d'ouro ; e aſſi lhe deo hum Mouro velho, que trazia por eſcravo, o qual fora tomado em Quiloa por cativo, porque ao tempo que coroavam Mahamed Anconij por Rey , eſte Mouro em deſprezo de

ſua peſſoa lhe fez hum deſacatamento, as quaes couſas Nuno Vaz lhe concedeo por honra de ſua peſſoa. Porém pedio-lhe que lhe déſſe licença que levaſſe o Mouro a Çofala, por ſer homem que ſabia os negocios della, e que de lá lho mandaria polo Feitor, per quem elle enviava as contas de Cambaya; e depois que Nuno Vaz poz eſte Mouro em ſua liberdade, ficou no eſtado que d'antes tinha, que era dos principaes da terra: fazemos delle eſta menção, porque ao diante ſerve ſaber eſte fundamento de ſuas couſas. E porque Nuno Vaz ſoube aqui mais particularmente a cauſa das differenças de Pero Ferreira com os Officiaes da fortaleza, que era a morte d'ElRey Mahamed, donde procedeo deſpovoar-ſe Quiloa, o qual negocio elle trazia mui encommendado do Viſo-Rey, ſerá neceſſario ſabermos o fundamento della, como atrás eſcrevemos. Por razão do Regimento, que ElRey D. Manuel mandou a Quiloa ſobre a guarda da coſta de Çofala, que ninguem tractaſſe com roupa, e fazenda; perque ſe havia ouro das mãos dos Cafres da terra, andavam d'Armada hum navio, e hum bargantim, que Pero Ferreira Capitão de Quiloa ordenou pera eſta guarda; e entre algumas prezas que fizeram foi tomar huma náo, que vinha das Ilhas de Angoxa, em

a qual

a qual ſe achou hum filho d'ElRey de Tirendincunde. O qual, poſto que mui vizinho era de Quiloa, como eſtava de guerra comnoſco por ſer parente de Habraemo Rey que foi della, Pero Ferreira o houve por cativo, e a toda ſua familia. ElRey Mahamed Anconij, como era homem novo, e ſem parentes na terra, deſejando ganhar os vizinhos com beneficios pera os ter no tempo de ſuas neceſſidades, reſgatou eſte filho d'ElRey com toda ſua familia por tres mil miticaes d'ouro, e bem tractado, e veſtido, como filho de quem era, o mandou a ſeu pai. O qual quando o vio livre em tão breve tempo, primeiro que elle niſſo commetteſſe alguma couſa, mandou logo a ElRey Mahamed grandes agradecimentos daquella tão grande obra d'amizade, pedindo-lhe que por quanto elle eſtava em odio com a noſſa fortaleza, e não podia ir a ella, vieſſe ver-ſe com elle, pera praticarem em couſas que muito importavam ao bem d'ambos, dando-lhe a entender caſamentos d'antre filhos; e que quando foſſe, lhe entregaria os miticaes que dera polo filho. ElRey Mahamed polo grande deſejo que tinha de comprazer a eſte, poſto que o Capitão Pero Ferreira o aviſou que não ſe fiaſſe delle, cá pois eſtava mal comnoſco, tambem o eſtaria com elle por ſer

parente de Habraemo, todavia em huns zambucos com alguns ſeus, mais em acto de feſta, e viſtas de amizade, que ſuſpeita de traição, ſe foi ver com o outro, que o matou em pagamento do beneficio que lhe tinha feito, jazendo ElRey Mahamed dormindo em o zambuco em que foi. Tomando por deſculpa deſta maldade dizer, que mais obrigado era ao ſangue, e parenteſco que tinha com ElRey Habraemo, (por vingança do qual elle fazia aquella obra,) que ao beneficio de Mahamed Anconij. Sobre a ſucceſsão do qual ſe armou toda a diviſão que diſſemos, e eſtava a Cidade repartida neſtas duas partes: os Officiaes da Feitoria com alguns Mouros por parte de Agi Hocem filho deſte Mahamed defunto, apreſentavam a Carta do Viſo-Rey D. Franciſco, em que relatava os ſeus meritos ácerca das couſas do ſerviço d'ElRey D. Manuel, e as traições, e maldades de Soltão Habraemo, polas quaes cauſas elle em nome d'ElRey D. Manuel o fazia Rey daquella Cidade de Quiloa com todalas terras, e ſenhorios que tinha, e lhe dava o dito Reyno de juro, e herdade com as condições na doação conteúdas. De outra parte o Capitão Pero Ferreira, e alguns Mouros principaes da terra, e os Cafres da Ilha Songo huma legua de Quiloa, diziam que

não

não era ſerviço d'ElRey de Portugal reinar homem tão baixo, como o filho de Mahamed Anconij; com as quaes divisões polos bandos, e odios que dellas recreſcêram, muitos moradores da Cidade ſe foram viver a Melinde, e a Mombaça, e per toda aquella coſta. Ajuntou-ſe tambem a eſtas differenças as tomadias, que os noſſos faziam por cauſa da defeza do regimento, que defendia que os Mouros não tractaſſem em as couſas que tinham valia em Çofala; e porque elles muitas vezes eram comprehendidos neſta defeza, e os noſſos que andavam em os navios em guarda da coſta, com titulo de ſerviço d'ElRey, ás vezes excediam o modo, deſpovoava-ſe a terra com eſtes rigores. Nuno Vaz ſabendo parte deſtas couſas, como deſejava que Quiloa tornaſſe a ſeu eſtado, perguntando polo remedio dellas, per conſelho de hum Antonio d'Afonſeca, que já eſtivera em Çofala com Franciſco da Nhaya, e aſſi parecer delle meſmo que alli vinha, e de outras peſſoas, que entendiam bem o tracto da terra, mandou notificar em Melinde, Mombaça, e Quiloa, e per toda aquella coſta, que todo o mercador natural de Quiloa ſeguramente pudeſſe vir a ella a tractar em mercadorias que tractava, aſſi, e pola maneira que ſe fazia em tempo d'ElRey Habraemo,

ſem

ſem incorrerem nas penas em que incorriam pela defeza. Com a qual couſa tanto que foi ſabida per toda a terra, começáram os Mouros embarcar com ſuas mulheres, e filhos de maneira, que quando Nuno Vaz chegou á Cidade de Quiloa hiam já em ſua companhia mais de vinte zambucos, todos carregados de povoadores, que levavam muitas mercadorias pera Quiloa, onde chegou meado Dezembro, e alli achou Lionel Coutinho Capitão da náo Leitoa, que com hum temporal ſe perdeo da Armada de Triſtão da Cunha, (como adiante veremos.) E porque todas as divisões da terra procediam da eleição do Rey novo, tanto que Nuno Vaz repouſou de ſua chegada, quiz logo entender niſſo, pera que foram chamados todolos principaes Mouros da terra, e os que com elle vinham de Melinde, e aſſi as partes que contendiam neſte negocio, que era hum Mouro chamado Micante, primo de Habraemo Rey paſſado, e Hocem filho de Mahamed Anconij. Os quaes em juizo mandou Nuno Vaz, que cada hum per ſi allegaſſe de ſeu direito, e moſtraſſe a acção que tinha em ſeu requerimento; e dada primeiro a voz a Micante, como homem favorecido do Capitão, e de Lionel Coutinho, e de outros de ſua valia, com boa parte dos principaes

da

da terra, disse, que a razão que tinha na succesão daquelle Reyno, era ser pedido por Rey por todos os principaes da terra, por elle proceder do real sangue dos Reys, que fundáram, e povoáram aquella Cidade, e ser conjuncto em parentesco com ElRey Habraemo, o qual não sendo desterrado, mas em posse do Reyno, estando em artigo de morte, o denunciára por seu herdeiro, polas quaes razões todos o recebêram sem contradicção por Rey, sómente algumas pessoas, que alli eram presentes. E que assi no estado, em que aquelle Reyno estava, que era em poder d'ElRey de Portugal, a elle por serviço do dito Senhor se lhe devia dar, pola terra estar em paz, e concordia, e não se despovoar polo descontentamento que tinham em estar debaixo da obediencia, e governo de homem, que não era da linhagem dos Reys de Quiloa. Hocem filho d'ElRey Mahamed, quando lhe Nuno Vaz mandou que dissesse de seu direito, respondeo, que elle não tinha mais que dizer, que quanto estava escrito naquella patente, que apresentava do Viso-Rey, em que se resumiam os serviços de seu pai, e os delictos d'ElRey Habraemo: que quanto ao que Micante dizia, que com elle sería a terra mais pacifica, a Cidade não se governava per seu pai, nem menos se havia de

go-

governar por Micante, ſenão pelos Capitães d'ElRey de Portugal ſeu Senhor, que alli reſidiſſem, por aquella Cidade ſer ſua, e a ter ganhada por juſtiça de armas, da qual elle podia diſpôr como de couſa ſua propria. Que ſe os Capitães da fortaleza favoreceſſem a qualquer peſſoa em nome d'ElRey ſeu Senhor, iſto baſtava pera toda a Cidade eſtar em paz, quanto mais ſendo peſſoa, a quem ElRey de Portugal ſeu Senhor tinha concedido a real dignidade: a qual quando per elle foſſe concedida a alguma peſſoa, ainda que defectos tiveſſe, o ſeu querer habilitava a parte; e aquelles que o contradiſſeſſem, deviam ſer ſuſpeitoſos a ſeu ſerviço. Ouvindo Nuno Vaz eſtas, e outras razões, que ſobre eſte caſo per ambas as partes foram allegadas, julgou que ſe cumpriſſe a doação que Hocem tinha, e que per ella elle o havia por Rey de Quiloa, e logo alli o denunciou com ſolemnidade que lhe foi feita. E porque a cauſa principal, que fazia deſpovoar a Cidade, procedia do modo com que os Officiaes queriam executar as penas da defeza do Regimento, e ſobre iſſo era tomada alguma fazenda a tres, ou quatro Mouros principaes; tanto que Nuno Vaz lha mandou tornar com a mais liberdade que concedeo pera que tractaſſem, (ſegundo a no-

ti-

tificação que mandára,) ficáram todos tão contentes, que não se tractou mais na succeſsão do novo Rey, e a Cidade ficou poſta em quietação, com que muitas caſas, que eſtavam fechadas, foram abertas, e povoadas. Aſſentadas eſtas, e outras couſas, que havia pera fazer em Quiloa, em que Nuno Vaz moſtrou ter tanta parte de prudencia, como tinha de cavalleiro, leixando alli por Official a Luiz Mendes de Vaſconcellos, que viera em ſua companhia, partio-ſe pera Çofala. E paſſando per Moçambique achou alli tres náos, e hum navio, de que eram Capitães as peſſoas que adiante veremos, as quaes vélas foram deſte Reyno aquelle anno de quinhentos e ſeis com Triſtão da Cunha, a viagem do qual diremos neſte ſeguinte Livro, leixando Nuno Vaz, que foi tomar poſſe da capitanía de Çofala, aonde chegou a ſalvamento a tempo que ella tinha bem neceſſidade de ſua chegada. Porém ante que entremos neſta relação, porque dahi a poucos dias que Nuno Vaz aſſentou as couſas de Quiloa, ella ſe tornou a revolver ſómente por a ſucceſsão do Reyno, que cauſou desfazer-ſe a fortaleza que alli tinhamos, por não tornarmos mais a ella, procederemos no que ſuccedeo depois. Agi Hocem novo Rey, como nos primeiros dias ſe vio com o favor

de

de Nuno Vaz, que eſtava em Çofala poſto naquelle eſtado, ordenou logo fazer guerra ao matador de ſeu pai: pera effecto da qual ſecretamente mandou a hum Principe Gentio dos Negros chamado Munha Monge, homem poderoſo em gente, que vieſſe per terra com todo ſeu poder ſobre Tirendincunde, e elle iria per mar a hum certo dia pera darem nelle deſapercebido, com que o deſtruiſſem a fogo, e a ſangue. Concertada eſta ida a poder de grandes dadivas, que Hocem deo a eſte Munha Monge, que entre elles quer dizer Senhor do Mundo, deram ambos em Tirendincunde, e deſtruíram toda a terra, levando os Cafres a maior parte da gente cativa, e o ſeu Rey eſcapou. Com a qual victoria elle ficou tão glorioſo, que cauſou todo o trabalho que depois teve, porque dahi em diante começou de ſe querer com a noſſa converſação pôr em maior eſtado do que era a renda, gaſtando quaſi quanto lhe ficou de ſeu pai, e neſte tempo eſcrevia aos Reys de Melinde Zemzibar, e de toda aquella coſta, como homem que ſe tinha em mais conta que elles. E como os Mouros tem niſto grande vaidade, aſſi ficáram eſcandalizados delle, que os ganhou por imigos, e tambem porque muitos vaſſallos delles eram mortos na ida que elle Hocem fez, em que hou-

houve eſta victoria ; os quaes neſte tempo que elle partio eſtavam em Quiloa fazendo mercadorias , e entre rogo , e força os levou comſigo , por razão dos quaes mortos havia muitas lagrimas , e pragas entre todolos Mouros ; e o que elles mais abominavam era ſer elle cauſa de os Cafres levarem tantos Mouros cativos. Finalmente entre inveja , odio , e paixões de ſeu governo , aſſi os que eram contra elle que não reinaſſe , como eſtes Reys noſſos amigos , que nomeámos , que elle ganhou por imigos com a mageſtade de ſeu eſcrever , todos foram em hum animo de o diſpôr , o fim do qual negocio acabou em cada hum deſtes per ſi eſcrever ao Viſo-Rey á India , que ſe queria ter aquella terra em paz , e que ſe não deſpovoaſſe Quiloa , mandaſſe tirar do governo a Hocem , e pôr nelle Habraemo Rey que fora della ; e quando elle não quizeſſe ; foſſe ſeu primo Micante , que já eſtivera electo pera iſſo. O Viſo-Rey vendo tanto requerimento contra Hocem , eſcreveo ſobre iſſo a Pero Ferreira ; e por Habraemo não ſe fiar de nós , não acceptou o governo da terra , e foi alevantado por Rey Micante , e diſpoſto Hocem : o qual vendo-ſe com toda a fazenda , que herdára de ſeu pai , gaſtada na vingança de ſua morte , e que eſtando em Quiloa corria

riſ-

riſco de o matarem ſeus imigos, pedio a Pero Ferreira que o mandaſſe pôr em Mombaça, como fez, onde dahi a pouco tempo acabou ſeus dias mais miſeramente que hum homem do povo. Micante, que o ſuccedeo, poſto que nos primeiros dous annos moſtrou bom governo, damnou-ſe depois em tanta maneira, que deo maior trabalho á terra do que tinha em tempo de Hocem; porque não ſómente era aborrecido dos noſſos por ſe tomar muito do vinho com que fazia grandes males, mas ainda dos proprios Mouros, que ſolicitáram vir elle áquelle eſtado, porque a huns tomava as mulheres, a outros matava, fingindo que o queriam matar, de maneira que andava entre elles como hum açoute por parte de Hocem, diſpoſto daquelle eſtado. E o que damnou mais as couſas deſte Mouro, foi acabar Pero Ferreira de ſervir de Capitão, e ſuccedeo-lhe Franciſco Pereira Peſtana filho de João Peſtana; que como era homem de condição forte, e achou diſpoſição em Micante, accendeo-ſe o fogo na materia, que hum ſe não fiava do outro. No qual tempo eſte Micante, ſabendo que ſeu primo Habraemo deſterrado ſentia muito eſtar elle no governo daquella Cidade, temendo-ſe delle, ordenou de lhe fazer guerra, a qual rompida houve entradas de huma, e

ou-

outra parte, em que os noſſos vertêram ſeu ſangue, e os metteo em grande afronta. Porque ſuccedeo eſta guerra em tempo que na fortaleza não havia mais que quarenta homens que tomaſſem armas, todolos outros eram enfermos: em huma das quaes entradas, que os Mouros da terra firme fizeram na Ilha com grande número de Cafres, de que era Capitão Mungo Cayde irmão de Habraemo, (porque elle nunca ouſou de vir em peſſoa,) Franciſco Pereira lhe cativou hum ſobrinho per nome Munha Came, e matou muita gente ao paſſar do rio, ao qual Franciſco Pereira teve muito tempo prezo. E porque com eſtes trabalhos da guerra, e cuidado de ſe defender, Micante algum tanto andava emendado de ſeus vicios, e pelejava como cavalleiro, e pelo odio que tinha ao primo guardava lealdade á fortaleza, Franciſco Pereira lhe ſofria ſeus deſmanchos. Com as quaes revoltas ſe damnou tanto o fundamento pera que ElRey D. Manuel mandou tomar aquella Cidade de Quiloa, que ſendo aviſado diſſo, principalmente depois que Affonſo d'Albuquerque foi Capitão mór da India, que não favorecia muito as couſas, em que o Viſo-Rey poz algum trabalho, polas differenças que ambos tiveram, (como ſe adiante verá,) que lhe mandou desfazer a for-

a fortaleza de Quiloa, e que Francifco Pereira fe paffaffe pera a de Socotorá, que elle Affonfo d'Albuquerque ajudou a tomar em companhia de Triftão da Cunha, (como logo veremos na entrada do primeiro Livro da fegunda Decada:) affi que vindo efte mandado d'ElRey D. Manuel, defejando Francifco Pereira, ante que fe foffe de Quiloa, difpôr a Micante, e metter em poffe da Cidade a Habraemo, mandou-lhe fobre iffo alguns recados; mas elle não confiava que verdadeiramente Francifco Pereira o queria fazer, ante lhe parecia que os odios dentre elle, e Micante eram artificios pera o haverem ás mãos, por ver que no tempo da guerra, que contra elle fe fazia, eram mui conformes; e mais mandava-lhe por refpofta que lhe tinha prezo feu fobrinho Munha Came, como podia efperar delle o que lhe mandava offerecer. Finalmente eftando Francifco Pereira já embarcado pera fe partir, foltou Munha Came, e Habraemo fe veio ver com elle no mar, e ficou mettido na poffe da Cidade, fugindo della Micante, o qual depois perfeguido defte feu primo, acabou feus dias tão miferavelmente como Agrihocem, e jaz enterrado em a Ilha Quirimba, onde fe elle acolheo. Partido Francifco Pereira pera a India, ficou Habraemo Rey pacifico

re-

reformando a terra em melhor eſtado do que a tinha ante que per nós lhe foſſe tomada ; porque os trabalhos que paſſou o enſináram a governar, encommendando ſempre a ſeus filhos que foſſem leaes ao ſerviço d'ElRey D. Manuel: aſſi que o diſcurſo da vida deſte Habraemo, poſto que foſſe Rey, acabou em huma notavel comedia das voltas do Mundo ; e a morte de Mahamed Anconij, e de ſeu filho Micante em tragedias, que em ſeu modo muito ſervem pera contemplação das couſas delle.

FIM DA DECADA I.

J. C. S.a f.

Barros, Asia T. I. Part. II. no Fim